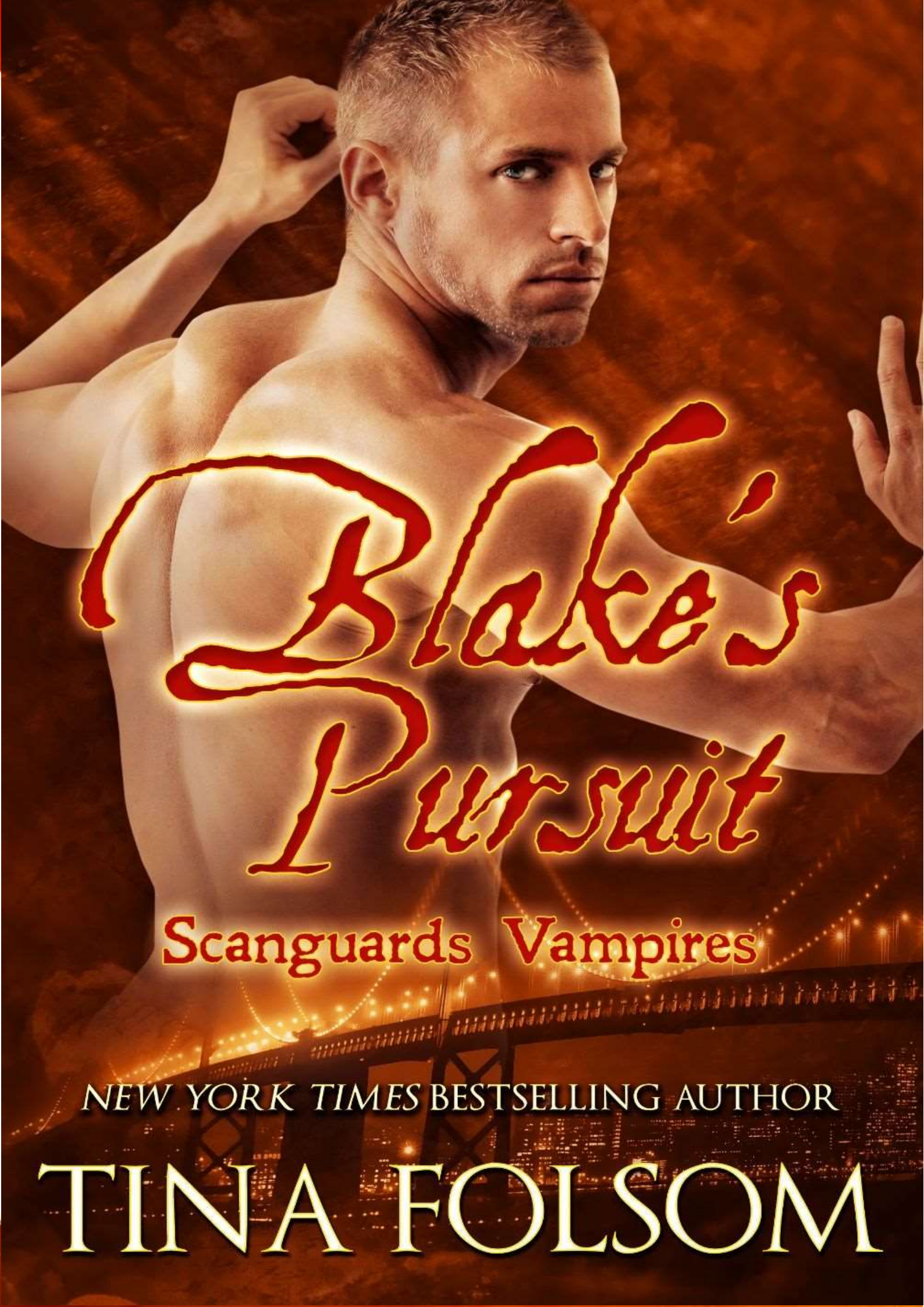




Blake's Pursuit

Scanguards Vampires

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

TINA FOLSOM



P  L
APRESENTA

**A PERSEGUIÇÃO DE
BLAKE**

SCANGUARDS VAMPIRES

11

TINA FOLSOM



STAFF PÉGASUS

LANÇAMENTOS

Tradução: Chayra Moom

Revisão Inicial: Rita

Revisão Final: SRM

Leitura Final: Marci Souza, Edilene

Verificação: Luciana Vaccaro, Silvia Helena, Aline

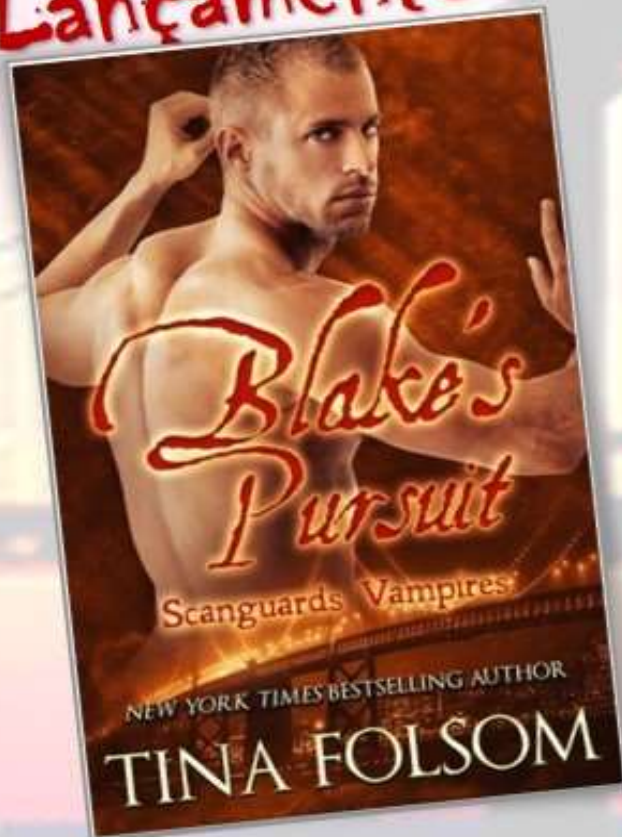
Formatação: Lola



Pégasus Lançamentos Apresenta

Série Scanguards Vampires

Lançamento



Em Breve



Distribuídos

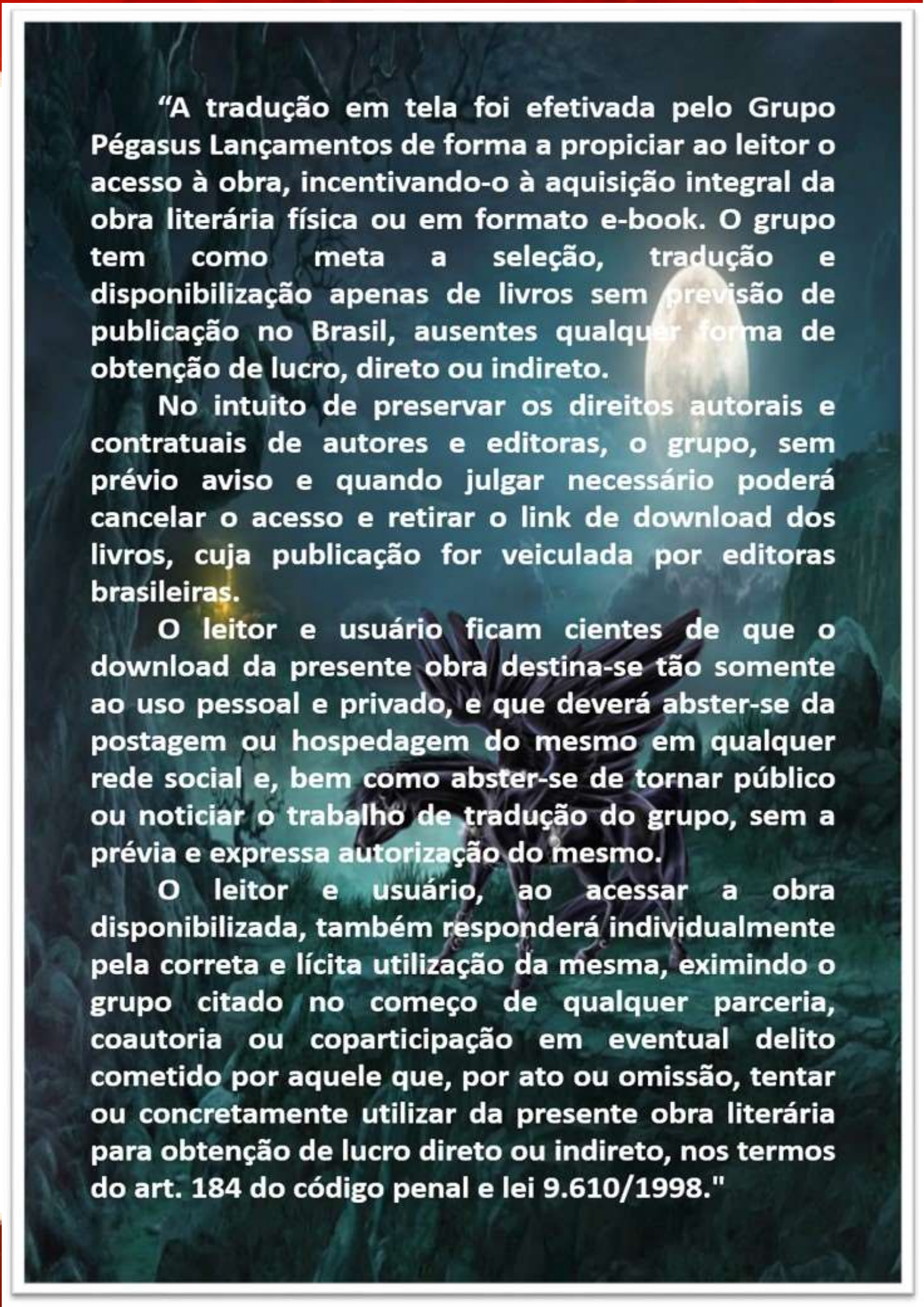


Sinopse

Blake Bond, vampiro e chefe de segurança dos híbridos da Scanguards e Lilo Schroeder, uma humana, se unem quando uma amiga em comum, Hannah, desaparece. Enquanto desvendam o mistério do desaparecimento de Hannah, eles descobrem uma conspiração perigosa de vampiros desonestos que podem colocar em risco a vida de todos os seres humanos.

Não apenas Blake e Lilo precisam ficar uns passos à frente de seus inimigos, como também devem lutar contra a atração mútua.

E apesar de toda a coragem de Lilo frente ao perigo, não há como dizer como ela reagirá quando Blake revelar sua verdadeira identidade...



“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

**Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!**

**Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a
moderação.**

**Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!**

**Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face,
expondo ao grupo de forma
desnecessária.**

**Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do
grupo!**

**Não gostou, leia o livro no
idioma original**

Equipe Pégasus Lançamentos

Capítulo 1

Ela não deveria ter ignorado a ligação.

Lilo olhou pela janela do táxi enquanto caminhava pelo tráfego na hora do rush. Seu voo de Omaha foi adiado devido à neve pesada que caía em Nebraska o avião aterrisou em São Francisco bem depois do pôr do sol. Ansiosa, bateu os dedos sobre o couro suave de sua bolsa e reproduziu a mensagem suplicante de Hannah em sua mente.

— Lilo, você precisa retornar minha ligação. Eu não tenho ninguém para conversar sobre isso e preciso de sua ajuda. Você sempre sabe o que fazer.

Um leve sorriso se desenhou em seus lábios e involuntariamente, ela balançou a cabeça. Sua melhor amiga desde a época da escola, tinha muita confiança nela. Como se Lilo pudesse consertar todas as coisas. Mas e se não fosse capaz de consertar este problema? E se já fosse tarde demais?

Inferno, ela nem sequer sabia o que havia para consertar. Hannah sumiu. Desapareceu da face da terra.

A ligação da Sra. Bergdorf na noite anterior confirmou isso.

"Hannah não ligou no meu aniversário. Lilo, você sabe que ela sempre liga. E agora também não está atendendo ao telefone. Estou preocupada."

E Lilo também estava. Porque apesar de todos seus defeitos, Hannah sempre foi uma filha atenciosa. Se ela não ligou para sua mãe para desejar um feliz aniversário, provavelmente não conseguiu acesso a um telefone. Será que Hannah ficou doente e esqueceu a data importante? Era improvável que uma gripe ou resfriado fosse deixá-la tão delirante a ponto de esquecer o aniversário de sua mãe. Mas talvez pudesse ter sofrido um acidente e estivesse incapaz de se comunicar. Ainda assim, se Hannah fosse levada a um hospital, a equipe médica teria notificado sua mãe e Lilo também, porque ambas estavam listadas com os seus contatos de emergência. Não, algo estava errado, podia sentir isso: algo terrível aconteceu com Hannah.

A culpa se apoderou dela.

Lilo estava com dificuldade para terminar seu mais recente romance de mistério e soterrada sob o estresse do prazo. Seu editor respirava em seu pescoço, então ela se fechou para o mundo exterior para terminar o maldito livro. Mas a que custo? Rompeu a promessa que fez na nona série a Hannah. A promessa de que sempre estariam lá uma para a outra. Ao invés de ligar para a amiga e descobrir o que estava errado, preferiu terminar seu livro para não perder o prazo.

Lilo suspirou. Que tipo de amiga fazia isto? Ela ouviu o tom de súplica na mensagem de voz de Hannah apenas

alguns dias antes do aniversário de sua mãe. Hannah soava tensa, preocupada. Desejava não ter deixado a ligação cair na caixa postal e tê-la atendido, conversado com sua amiga. E se Ronny, seu namorado maldoso e perdedor tivesse machucado? Que outra razão haveria para Hannah dizer que não podia falar com ninguém, somente com Lilo? Ela gostaria de saber mais sobre o relacionamento de Hannah e Ronny, mas sua amiga foi muito discreta sobre isso, não revela muito sobre o que ele fazia como se tivesse vergonha de alguma forma.

A única coisa que sabia era que Ronny era muito possessivo, um traço que Lilo nunca gostou nos homens e uma das razões do por que seus relacionamentos não duravam muito tempo. Ela era independente e confiar em alguém não era algo tão fácil. Talvez seu cérebro de escritora de mistério tivesse algo a ver com isso, já que ela simplesmente conhecia a escuridão da psique humana e estava mais consciente que os outros do que poderia se esconder sob uma superfície.

Após o telefonema da Sra. Bergdorf, Lilo reservou o primeiro voo para São Francisco, determinada a encontrar Hannah e descobrir o que aconteceu. E não voltaria para casa até que resolvesse esta situação. Apenas esperava não ter uma má notícia para dar à mãe de Hannah.

— É aqui. — Disse o motorista do táxi, quando parou na frente de um prédio de três andares. — Número 426.

Hannah adorou o bairro quando se mudou, mas agora à noite e com poucos postes para iluminar a área, Lilo não conseguia entender a atração desta rua íngreme em North Beach. Ao menos o motorista do táxi parou em frente à garagem, para que ela não tivesse que carregar a mala pela subida da entrada.

Depois de pagar pela corrida, Lilo foi até a porta da frente. Havia seis campainhas, uma para cada apartamento. *Bergdorf* estava escrito em uma delas. Tocou-a. Como esperava, não houve resposta. Mas não deixaria um pequeno obstáculo impedi-la. Afinal não era uma escritora de mistério por acaso. E conhecia Hannah melhor do que sua própria irmã. Depois de trancar-se do lado de fora de seu novo apartamento e pagar uma quantia exorbitante para o chaveiro — uma história que sua amiga contou em minuciosos detalhes— Hannah estava determinada a nunca mais ficar sem uma chave e juntas, descobriram o melhor esconderijo para uma chave reserva.

Lilo deixou seus olhos percorrerem a entrada. Bougainville¹ serpenteavam de um lado da parede ao longo de uma treliça, mas ainda não havia flores. Mesmo em São Francisco, onde fazia agradáveis 10°C do lado de fora no início de janeiro, não estava quente o suficiente para a planta florir. As folhas escondiam a maior parte da treliça de madeira, mas Lilo sabia o que procurava: uma corda marrom com uma chave presa no final da mesma, mistura-se perfeitamente



1

—Aqui conhecida como Primavera.



com a parede. Ela puxou a corda. A chave saiu de seu esconderijo, uma fenda profunda na fundação, provavelmente causada por um terremoto.

Com a chave na mão, Lilo andou pelo edifício e encontrou o apartamento de Hannah no primeiro andar ouve sons vindo de dentro, mas nada alarmante. Quando abriu a porta e entrou, enrugou seu nariz, pois o apartamento cheirava a comida estragada.

Acendeu a luz e fechou a porta atrás de si.

O lugar não era nada especial, apenas um apartamento de um quarto com uma grande sala de estar, uma cozinha separada e um pequeno banheiro. Apesar de seu tamanho, o toque de Hannah estava em toda parte. O mobiliário descolado e decorações de todo o mundo eram por excelência a cara de Hannah. Esta era sua casa.

Lilo tirou o casaco e colocou-o sobre uma cadeira se dirigindo até a porta aberta da qual o forte odor emanava. Era a cozinha. A luz sob o balcão estava ligada e a causa do cheiro ficou imediatamente evidente: uma lata de comida de cachorro pela metade estava sobre o balcão da cozinha. Ela olhou ao redor. Havia outra porta, leva de volta para o pequeno corredor que ligava o banheiro e o quarto em uma extremidade, a sala e a porta da frente, na outra.

No chão, perto da geladeira estavam duas tigelas sujas, uma cheia com água e a outra vazia. Um cão comeu nela recentemente. Frankenfurter.



— Frankenfurter?—Ela gritou para o *terrier* de Hannah, mas sem resposta.

Lilo agarrou a lata estragada e jogou-a no lixo, abriu a janela da cozinha para deixar entrar um pouco de ar fresco, antes de voltar para sala de estar.

Hannah alimentou o cão, o levou para um passeio e não voltou? Ou deixou o apartamento com pressa para ficar longe de Ronny, levando Frankenfurter com ela? E se Ronny apareceu no apartamento e lutou com ela? E se a tivesse machucado ou raptado? E se ele a tivesse matado e removido o corpo...

Ela estremeceu com o pensamento, procura por sinais de luta, mas o lugar estava arrumado. Algumas revistas na mesa de café, uma manta no sofá, um brinquedo de mastigar para o cão ao lado da cadeira. Nada fora do comum. Se algo ruim tivesse acontecido, certamente haveria manchas de sangue sob o tapete. Levantou uma borda do tapete velho e viu que não havia nenhuma mancha por baixo dele. Ela suspirou de alívio.

Na mesa de jantar, o computador de Hannah estava aberto. Lilo tocou o mouse para ativar o sistema e uma tela de *login* apareceu dentro de segundos. Mas sem saber a senha de Hannah, não poderia desbloquear o sistema. Até tentou algumas combinações diferentes: Frankenfurter, Bergdorf, *I Love Mom*², mesmo seu próprio nome, mas nenhum deles funcionou. Claramente sua amiga era muito

²No original em inglês = Eu amo a mamãe.



esperta para usar uma senha que pudesse ser facilmente descoberta por qualquer pessoa com um pouco de conhecimento sobre ela.

Se quisesse descobrir o que Hannah estava fazendo antes de desaparecer, precisava acessar o computador. Pensou em verificar seu histórico de pesquisa e sua caixa de entrada para ver se Hannah recebeu algum e-mail preocupante ou mesmo se poderia fornecer uma pista de onde estava.

Antes de tudo, porém, precisava ir à polícia para relatar seu desaparecimento. E faria isso logo depois que tomasse um banho rápido e trocasse suas grossas roupas, que a faziam sentir-se numa sauna e com a pele pegajosa. Sentindo-se cansada da viagem, resolveu que um chuveiro iria reanimá-la, dar-lhe a força que precisava para procurar pela amiga.



Capítulo 2

Blake guardou o celular de volta no bolso de sua calça jeans enquanto percorria a distância entre seu escritório e a sala de conferências, localizada na outra extremidade do longo corredor na sede da *Scanguards Mission*. Apesar do estresse e das longas horas de trabalho, ele adorava. Venerava ser responsável pela segurança das crianças híbridas de alguns dos vampiros mais poderosos na costa oeste, mesmo que isso significasse colocar as necessidades deles antes das próprias. Quando era humano e muito mais jovem, foi um garoto egoísta com um fundo fiduciário e agora tentava tirar o atraso.

Ele acenou para seu irmão Oliver, que estava saindo do elevador.

— Você está chegando agora?—Perguntou Blake, rindo.
— Tentando outro bebê?

Oliver balançou os cabelos escuros, indisciplinado. Seu cabelo não era longo, mas era grosso e espalhava-se em todas as direções.

—Um é o suficiente, muito obrigado. E se você puder brincar de tio e cuidar de Sebastian por algumas horas esta semana, Úrsula poderá arrumar a casa para a visita de seus pais. E eu agradeceria muito.

— Ei, seu filho praticamente vive na minha casa!—Ou melhor, na geladeira que Blake tinha dificuldade em manter abastecida, dada a quantidade de alimentos que um garoto de doze anos podia comer.

Oliver riu.

— Você não deveria ter comprado àquela grande casa. Agora nunca conseguirá se livrar dos jovens. Enfrente isso, todos eles preferem ficar com você que com os próprios pais.

Blake sorriu.

— Apenas porque eu os deixo soltos. —Ele apontou para a sala de conferência. — Zane e o restante são muito rigorosos com sua prole. Disciplina demais não é boa, os garotos precisam de uma folga.

Oliver sorriu.

— Como eu disse você nunca se livrará deles. —Ele virou-se e caminhou na direção oposta.

Por um momento, Blake apenas ficou lá. Ele e Oliver não começaram bem quando se encontraram pela primeira vez há mais de vinte anos atrás, mas se aproximaram porque eram parentes: Quinn Ralston, o quarto bisavô de Blake, era o pai³ de Oliver e eles viveram juntos sob o teto de Quinn e Rose por vários anos. Rose não estava relacionada com Oliver pelo sangue, foi à quarta bisavó de Blake pouco antes de sua transformação e assim, garantiu a sobrevivência do clã Ralston.

³Pai no sentido de foi quem o transformou.

Sorrindo para si mesmo, abriu a porta para a sala de conferências e entrou. Vários membros da equipe Scanguards estavam reunidos ao redor de uma grande mesa que tinha um alto-falante desligado sobre ela.

— Desculpe o atraso. — Disse a ninguém em particular e sentou-se ao lado de Amaury.

O vampiro do tamanho de um *linebacker*⁴, com os cabelos escuros na altura dos ombros e olhos azuis penetrantes reconheceu-o com um olhar de lado, apontando para o telefone enquanto murmurava.

— Donnelly está fazendo o relatório semanal de crimes. Você não perdeu nada.

— O que me preocupa, Samson. — Detetive Donnelly dizia através do viva voz. — É que há mais roubos e invasões a domicílio do que o habitual. Algo está acontecendo.

Samson, fundador da Scanguards, um vampiro alto, com cabelo preto elegante e um rosto e físico esculpido, apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou um pouco mais para o viva voz.

— O que você quer que eu faça Mike? Sabe tão bem quanto eu que a Scanguards apenas se envolve nos negócios da cidade quando se trata de infrações cometidas por vampiros. Esse é o nosso negócio. E pelo que você está nos

⁴ São defensores que se posicionam logo atrás da **linha de defesa**, ficando a umas 4 jardas (3,60m +/-) da linha de **scrimmage** (linha onde a bola fica depois da última jogada). O objetivo geral dos **linebacker** é defender seu território contra passes curtos, fazer **tackles** (tirar a bola do controle adversário, impedir o adversário de ganhar terreno até a linha de gol ou parar a jogada em andamento), principalmente nos **Running Backs** (o jogador que recebe a bola jogada pelo quarterback) do time adversário, e atacar o **Quarterback** rival.

dizendo, a maioria desses crimes são cometidos durante o dia.

A implicação era clara: os crimes não foram cometidos por vampiros, pois estes precisavam da cobertura da escuridão para operar com segurança.

Zane grunhiu em acordo e Blake a lançou um olhar rápido. Como de costume, o vampiro careca parecia estar pronto para arrancar a cabeça de alguém. Os olhos de Zane se abaixaram para o relógio e em seguida, ele empurrou sua cadeira para trás, acenando para Samson.

— O voo é em poucas horas. Tenho que me arrumar.

Samson acenou de volta e depois trocou um olhar com o seu segundo em comando, Gabriel.

Gabriel encolheu os ombros com indiferença, mas a cicatriz que danificava o lado esquerdo de seu rosto se esticou, um sinal certo de que ele estava afetado pelo assunto. A cicatriz se estendia desde a orelha até o queixo, um lembrete terrível da dor física e emocional que sofreu como ser humano.

— Vamos rapazes, a cidade compensará generosamente por seus serviços de consultoria. —Donnelly adicionou. — Apenas desta vez. Basta ter um de seus homens olhando para isso.

Gabriel suspirou e encontrou os olhos de Samson diretamente.

— Que tal John? Talvez ele possa verificar e determinar se há alguma coisa estranha sobre esses assaltos. Não levará mais de um dia ou dois, eu acho.

Quinn, que estava em silêncio até agora, passou a mão por seu cabelo loiro. Ele parecia não ter mais de vinte e poucos anos, embora fosse perto de duas centenas de anos mais velho que Blake.

— Eu posso tirar John da patrulha por algumas noites, mas precisarei de um substituto para ele.

— Leve Grayson. — Samson concordou. — Tenho certeza que ele roerá as unhas de empolgação.

Gabriel riu.

— Você vai deixá-lo lá fora por conta própria?

— Você conhece meu filho tanto quanto eu. Ele tem me atormentando durante meses para ter sua própria patrulha. Talvez esta seja uma boa oportunidade para ver se realmente está pronto.

— Ele tem vinte e um anos, é hora dele puxar seu peso!
— Quinn interveio, rindo.

Amaury balançou a cabeça.

— Espere até que os gêmeos descubram. Eles irão querer sua própria patrulha também. Você está abrindo uma grande lata de vermes aqui.

Os gêmeos de Amaury — Benjamin e Damian— tinham vinte anos de idade e eram apenas um ano mais novos que Grayson e absolutamente endiabrados.

— Você não confia em seus meninos para fazer um bom trabalho? — Perguntou Gabriel.

— Não é com Benjamin ou Damian que eu estou preocupado. Nina é quem não está pronta para deixá-los ir.

Blake sorriu. A companheira de sangue de Amaury era uma força a ser reconhecida. Embora fosse humana, Amaury era uma massa de modelar em suas mãos.

— Você tem que colocar o pé no chão, Amaury.

Os olhos de Quinn brilharam com malícia.

— Tarde demais para isso. É o que acontece quando deixa sua companheira comandar as coisas.

Amaury grunhiu e olhou para Quinn.

— Como se você tivesse mais controle sobre sua mulher do que eu tenho sobre a minha!

Samson levantou as mãos em um gesto conciliador.

— Ei, pessoal vamos voltar aos negócios.

Blake olhou para seu chefe. Sim, Samson estava exatamente no mesmo barco que o restante dos vampiros ligados pelo sangue: eram todos dependentes de suas mulheres e eles não queriam ser de nenhuma outra maneira.

— Então, nós temos um acordo? — Donnelly perguntou no viva voz.

— Sim, nós temos um acordo. Ligarei para John e verificarei as coordenadas com você. Tem quarenta e oito horas. Depois disso, retiro meu pessoal das ruas.

— Certo. Obrigado. — Houve um farfalhar suave de papéis, em seguida, Donnelly continuou. — Agora podemos ir para os arquivos do caso do vampiro? Eu tenho algumas atualizações.

— Vá em frente. — Samson concordou.

Houve uma leve batida na porta, seguido de um rangido quando se abriu uma fresta. Finn, um jovem empregado de Vüber, uma das subsidiárias da Scanguards, colocou a cabeça para dentro. Várias cabeças se voltaram para ele.

— Desculpe. — Finn disse rapidamente. — Mas é importante. Blake, uma palavra.

Blake levantou-se.

— Desculpe-me, um segundo. — Ele caminhou para fora e encostou a porta atrás de si. — O que está acontecendo?

Finn passou de um pé para o outro, parecendo nervoso.

— Bem, eu não tenho certeza. Mas você me disse que se houvesse algum problema com Hannah Bergdorf, deveria informá-lo pessoalmente.

Os batimentos cardíacos de Blake entraram instantaneamente em sobrecarga. Hannah, um dos muitos motoristas humanos que trabalhavam para a Vüber, uma empresa que transportava vampiros ao redor da cidade durante o dia, estava sob sua proteção pessoal.

— Hannah? O que aconteceu?

— Eu não tenho certeza, mas ela não aceitou qualquer das tarefas recentemente. E também não ligou para avisar

que estava doente ou qualquer coisa. —Finn encolheu os ombros.

— Há quanto tempo ela não vem trabalhar?

— Talvez dois ou três dias.

Blake sentiu o calor subir para a cabeça.

— E por que você não me disse antes?

— Eu nem sequer notei. Quer dizer, os motoristas Vüber não têm horários fixos. Eles aceitam as tarefas à medida que chegam. Achei que ela tivesse tirado alguns dias de folga, já que trabalhou durante o Natal.

— Você ligou para ela?

— Ela não atende ao telefone. Vai direto para a caixa postal.

— Alguém verificou sua casa?

Finn balançou a cabeça.

— Não podemos dispensar ninguém agora. Todos estão muito ocupados. Talvez simplesmente esqueceu de definir seu aplicativo para o modo *Ausente*. Eu não quero me intrometer, caso ela esteja apenas dando um tempo.

Blake assentiu, preocupado e ansioso. No entanto, não queria matar o mensageiro.

— Cuidarei disso. Nesse meio tempo, envie os detalhes de sua última corrida para o meu telefone.

— Sim. —Finn virou-se e correu para longe, claramente aliviado por ter sido autorizado a sair.



Blake também não perdeu tempo também e marchou para o elevador, já apertando o botão. Enquanto esperava, tentou se acalmar. Talvez Hannah tivesse apenas esquecido de dizer a equipe de Finn que não trabalharia por alguns dias. Mas tanto quanto queria acreditar nesse cenário, sabia melhor.

Hannah era muito generosa e caridosa para seu próprio bem. Ela provavelmente ajudou alguém e ficou em apuros como resultado. Assim como ela o ajudou naquele dia molhado de março há quatro anos. O dia em que ele teria morrido se não tivesse sido a ação destemida de Hannah.



Capítulo 3

Lilo secou com a toalha seu cabelo loiro, antes de pegar a escova para desembaraçar as mechas úmidas. Normalmente ela deixaria secar naturalmente, mas desde que estava planejando ir até a delegacia mais próxima sem congelar, abaixou-se para o armário sob a pia e puxou o secador de cabelo de Hannah e estava prestes a ligá-lo, quando ouviu um som vindo do outro quarto.

Ela congelou no meio do movimento, seu coração pulando uma batida.

Hannah voltou para casa? Ela tentou ouvir algo na esperança de que fosse sua amiga. Se fosse Hannah, ela veria a mala e saberia que tinha um visitante. A julgar pelas etiquetas adesivas na bagagem de Lilo, etiquetas que Hannah enviou de suas numerosas viagens, também saberia imediatamente quem era.

Lilo esperou mais de dois segundos, mas quem estava no outro quarto não chamou o nome dela. Não poderia ser Hannah.

Era um intruso, provavelmente, um assaltante. Tinha que ser. Ela escreveu romances de mistério o suficiente para saber como isso iria acabar: ele roubaria tudo de valor à vista, incluindo a bolsa e computador e iria deixá-la presa. E

ela já tinha problemas suficientes, para ter que lidar com isso. Ter seus objetos de valor roubados não estava na agenda desta noite.

Ela estendeu a mão em direção à prateleira de vidro acima da pia, pegando seu telefone, mas parou.

Merda amaldiçoou silenciosamente.

Seu celular ainda estava na bolsa na sala de estar, fora de alcance, o que significava que não podia chamar a polícia para pedir ajuda. Não tinha escolha. Teria que tomar a iniciativa e surpreender o cara. A maioria dos assaltantes, pelo que sabia através de suas pesquisas, dava meia volta e corria no momento em que percebiam que não estavam sozinhos. Ela apenas tinha que fazer barulho suficiente para acordar os vizinhos se o cara não fugisse imediatamente.

Agarrando o secador de cabelo com mais força, ela olhou para si mesma. Seria bom se não estivesse vestida com o curto roupão rosa de Hannah. Ah bem... Teria que enfrentar o intruso como estava, já que deixou suas roupas na sala de estar, porque não havia espaço para elas no pequeno banheiro sem arriscar deixá-las molhadas.

Basta fingir que você é Morgan West.

O protagonista, caçador de recompensas de sua popular série de mistério, definitivamente não estaria tremendo em suas botas como ela estava agora. Então novamente em sua defesa, ela não estava usando nenhuma bota, estava descalça. Ótimo, estava prestes a se tornar o personagem principal de um filme de terror: uma loira escassamente

vestida, descalça, correndo por sua vida. Esta situação poderia ficar mais patética?

Pare com isso, repreendeu silenciosamente. Se apenas a sua imaginação não fosse tão ativa, poderia evocar todos os tipos de cenários possíveis para este momento, todas girando para o lado ruim. Às vezes era uma maldição ser uma escritora de mistério porque sabia demais sobre os elementos perigosos e malignos da sociedade. Elementos como o ladrão que agora estava vasculhando a sala de estar. Em poucos minutos, ele iria embora e com ele, sua bolsa e computador.

É agora ou nunca.

Respirando fundo, ela virou a maçaneta com a mão esquerda segurando o secador de cabelo firmemente em sua mão direita. Pelo menos poderia bater no cara com isso se ele se aproximasse dela.

Lilo abriu a porta apenas o suficiente para que pudesse olhar o corredor, mas não conseguia ver ninguém desse ângulo. Cautelosamente, ela abriu mais a porta e deu um passo à frente. Debaixo de seu pé descalço, uma tábua de madeira rangeu. O som pareceu ecoar bem alto. No entanto, poderia ser apenas o resultado de sua imaginação hiperativa.

Outro passo e estava no corredor. A parte da sala que podia ver estava vazia. A mala ainda estava onde a deixou e se alguém tivesse vasculhado o conteúdo, tudo estaria jogado no chão.

O que provava que definitivamente não era Hannah quem entrou no apartamento. Lenta e silenciosamente, Lilo



caminhou para a sala, ficando tão perto da parede quanto possível, espreitando ao virar a esquina para tentar ver a sala inteira. Estava vazia. A pequena luz de leitura que ela ligou mais cedo ainda estava acesa, caso contrário estaria escuro, provavelmente dando ao intruso a impressão que o apartamento estava vazio.

Outro som chegou aos seus ouvidos. O ladrão se moveu para a cozinha. Foi assim que ele conseguiu entrar? Pela janela da cozinha que abriu para se livrar do mau cheiro?

Quando se aproximou da porta aberta para a cozinha, ela hesitou. Se Lilo o surpreendesse naquele pequeno espaço confinado, ele poderia entrar em pânico e agarrá-la. Não, não era inteligente encurralá-lo assim. E se ele revidasse?

Seus olhos caíram sobre a bolsa, cujo conteúdo foi esvaziado na poltrona. Se ela pudesse chegar ao seu celular, poderia ir até a porta da frente e chamar a polícia sem o ladrão ouvi-la e tudo ficaria bem.

Colocando o secador de cabelo no sofá, inclinou-se sobre a poltrona, vasculhando seus pertences. Ela moveu-se involuntariamente. Seu pé pousou em algo macio e um rangido rasgou o silêncio.

Merda! Ela pisou em um dos brinquedos sibilantes de Frankenfurter.

Freneticamente, tentou encontrar seu celular, mas não estava na poltrona. O intruso deveria tê-lo levado.

Merda!



Passos pesados atrás dela a fez virar-se. Era tarde demais. Um homem estranho entrava na sala, olhando para ela como se *ela* fosse o intruso. Luz refletia de algum lugar, fazendo com que seus olhos ficassem vermelhos, como se ele fosse o diabo encarnado.

Porra! Esse cara não era do tipo que iria simplesmente virar as costas e fugir.

Lilo se lançou em direção à porta da frente, desesperada para escapar. Ela sempre podia comprar um novo computador e pedir à sua companhia de cartão de crédito que lhe emitisse um novo. Era melhor correr agora e lidar com as consequências mais tarde.

Sua mão estava na maçaneta da porta quando ela foi puxada para trás por duas mãos fortes segurando seus ombros. O homem virou-a e jogou-a na outra direção. Ela caiu de costas no sofá velho com as pernas no ar.

Levantou-se rapidamente, tentando fugir, mas ele já estava correndo para ela novamente.

— Socorro! Alguém me ajude! —Ela gritou o mais alto que conseguiu, mas no instante seguinte todo o ar foi tirado de seus pulmões quando o intruso apertou suas costas nas almofadas tão facilmente como se fosse uma criança e não uma mulher adulta.

Ela soube imediatamente que apesar das aulas de autodefesa que teve na faculdade, não tinha nenhuma chance contra um assaltante tão forte.

Seu próximo grito por ajuda foi sufocado sob sua palma larga e apenas saiu como um grito abafado. Ninguém iria ouvi-la.

Merda! O que Morgan West faria agora? Como ele sairia dessa situação? Chutar seu atacante nas bolas? Sim, se ela pudesse levantar seu joelho, o que não podia, porque ele a imobilizou com seu peso. Além disso, Morgan não estaria nesta situação, em primeiro lugar.

— Onde está? — Ele resmungou.

Ela ignorou a pergunta, sem entender o que ele estava falando e em vez disso, tentou memorizar seu rosto. Não importava o que acontecesse agora, ela faria tudo o que pudesse para ser capaz de identificá-lo em um reconhecimento mais tarde.

Seus olhos ainda estavam brilhando vermelho, embora isto fosse provavelmente uma ilusão causada pelo medo, uma vez que não havia nenhuma maneira da luz na sala poder refletir em sua íris neste ângulo. Linhas profundas corriam pela testa e sua boca estava em uma linha sombria. Seu cabelo escuro estava bagunçado, o rosto bem barbeado. Ele tinha as maçãs do rosto altas, mas não havia outras marcas que o tornariam fácil de identificar.

O som de uma porta se abrindo a fez mover o olhar do rosto de seu agressor e olhar sobre seus ombros.

Outro homem, um tão alto como seu agressor, vinha em direção a eles.



Oh merda! Poderia sua sorte ficar pior? O ladrão não estava sozinho. Ele tinha um cúmplice. Ora, havia dois deles.

Capítulo 4

Blake se lançou para o atacante. Ele ouviu um grito de mulher vindo de dentro do apartamento de Hannah justamente quando estava alcançando a maçaneta de sua porta.

Não havia dúvida de que o homem era um vampiro. Assim como era evidente que a mulher sendo atacada não era Hannah, mas uma loira em uma roupa escassa e com as pernas nuas balançando debaixo de seu agressor.

Blake agarrou o atacante pelos ombros e empurrou-o tirando-o de cima da vítima. O vampiro hostil se virou, rosnando ferozmente, mas Blake não perdeu tempo e deu um golpe no rosto do rapaz. Ele cambaleou para o lado por um instante, antes de bater de volta. Agora, mais puto ainda por ter sua diversão interrompida, o idiota revidou.

Evitando os socos do homem, Blake não teve a chance de verificar se a mulher estava ferida. Ele apenas ouviu seus gritos assustados e viu um lampejo de algo rosa se mover em sua visão periférica. Ele precisava manter toda sua atenção se quisesse que o atacante ficasse afastado. O estranho tinha uma vantagem sobre Blake porque era mais pesado, embora sua técnica de luta fosse menos refinada. E foi aí que Blake



teve a vantagem. Mesmo assim, o homem ainda conseguiu dar alguns pontapés menores e golpes.

Quando o punho do idiota veio para ele de novo, Blake se esquivou e bateu-o contra a estante. Livros e brinquedos caíram no chão, mas o vampiro não desistiu. Ele pegou a luminária de pé à sua esquerda e jogou-a em Blake, que pulou para longe, deixando-a bater inofensivamente contra a parede.

Mas o atacante não recuou. Ele se afastou da estante e pegou uma cadeira que estava coberta com uma pilha de revistas. Blake sabia exatamente o que o cara planejava fazer com a cadeira de madeira. Mas ele não tinha a intenção de dar-lhe a chance.

— Boa tentativa, amigo! — Blake grunhiu e saltou, derrubando a cadeira da mão do agressor antes que ele pudesse batê-la contra a parede e fazer uma estaca. Quando Blake se virou para dar um soco na cabeça do atacante, um punho fechado bateu-lhe no estômago, fazendo-o dobrar-se por uma fração de segundo.

Mas ele já recebeu algo pior do que isso. Scanguards o treinou bem em combate corpo a corpo. Ninguém iria derrotá-lo tão facilmente, nem mesmo um vampiro que pesava uns bons quinze quilos mais do que ele.

Ele continuou trocando golpes com o agressor, evitando tantos acertos diretos quanto pode, embora o atacante o atingisse com alguns socos bem colocados, assim como ele conseguiu dar alguns golpes decentes no rosto cada vez mais





agitado do homem. Não demoraria muito para que tanto ele como o invasor mostrassem suas presas, apesar do ser humano na sala. Sem saber se a mulher sabia o que eles eram, Blake queria evitar essa complicação.

Isso o impulsionou a ir ainda mais forte sobre o vampiro hostil, usando suas pernas para distribuir chutes poderosos, movimentos que ele aprendeu de várias disciplinas de artes marciais. Mas o assaltante não desistiu. Ele continuou se aproximando, socando e chutando mais ferozmente a cada minuto, como se a luta reabastecesse sua energia. Não havia como pará-lo com meios ordinários. Apenas uma estaca ou uma bala de prata derrubaria este idiota. Mas isso não era uma opção agora, especialmente porque o queria vivo.

Blake apertou os dentes e baseou-se em todas suas reservas, esmurrando o assaltante com a força e a velocidade de um vampiro. Logo o vampiro ficou ainda mais selvagem, deixando seus olhos vermelhos brilharem.

Um grito agudo da mulher na sala distraiu Blake por uma fração de segundo. Ela viu os olhos brilhantes do atacante?

Um punho se conectou com sua têmpora e o fez dar um passo para trás. Blake girou o braço e apontou para o queixo do vampiro hostil, mas quando ele se adiantou novamente para usar todo seu peso contra seu adversário, seu pé ficou preso em alguma coisa e ele escorregou. Parou em meio à queda e saltou para trás, mas o outro vampiro já estava indo em direção à porta aberta.



Frenético, Blake desenroscou o pé do cabo elétrico da lâmpada na qual ficou preso e correu atrás dele. A cozinha era pequena e havia uma segunda porta que levava de volta para o corredor. O agressor estava indo para ela, mas Blake o pegou e girou ao redor dele.

Porém antes que Blake pudesse dar um soco, o atacante se apoiou no balcão da cozinha e chutou com as duas pernas no seu estômago, derrubando-o. Isso deu tempo suficiente ao vampiro hostil para jogar-se sobre a pia da cozinha e pular pela janela aberta.

Blake já estava de pé novamente e indo para a janela, quando algo duro o atingiu de lado. Momentaneamente desorientado, ele girou a cabeça em direção à porta aberta, onde a mulher vestida escassamente estava com um secador de cabelo na mão.

— Merda! — Ele xingou e saltou para o balcão, se lançando em direção à janela. Mas quando olhou para fora, o vampiro já estava há mais de quarenta e cinco metros de distância do edifício e montando uma moto.

Ele fugiu. Apesar de sua visão noturna de vampiro, Blake não conseguia distinguir os números da placa, estava coberta de sujeira.

— Merda! — Ele xingou, batendo a mão contra a parede, antes de saltar para baixo e voltando-se para a mulher. — Por que porra você me bateu com essa coisa? Eu o tinha!

Ela ergueu o queixo.

— Você não o tinha! Ele estava batendo em você. Eu estava tentando ajudá-lo!

— Sim, você foi uma grande ajuda! — Ele rosnou. — Deveria ter ficado de fora.

— Oh sim? E bancar a donzela em perigo? — Ela reclamou.

Ele deu um passo em direção a ela, furioso.

— Você é a donzela em perigo.

Ele respirou fundo e pela primeira vez, realmente a olhou. Sim e que absolutamente bela donzela ela era. Porra, ele não tinha notado, mas com certeza notava agora.

Ela era loira natural, o cabelo da cor do trigo descia pelos ombros e tocava a pele exposta de seu decote, onde seu roupão rosa se abriu. Sob o tecido, os seios saltavam na força de sua respiração pesada, provavelmente do esforço de bater nele e certamente da indignação por sua advertência. Bem, ele não se importava com a vista. Não de tudo, na verdade. Ela era algo para se olhar. Não *pequena*, não frágil, mas alta e atlética.

Seus olhos vagaram para baixo. O robe chegava ao meio da coxa e as pernas que agora ele admirava estavam em boa forma e um pouco pálidas pela falta de sol. Mas poderia imaginar que, no verão a pele iria se transformar em cor de bronze, acentuando seu cabelo dourado. Involuntariamente, mudou de posição, a tensão repentina em sua calça forçando-o a encontrar uma posição mais confortável, antes que a

beleza diante dele notasse que estava ostentando o início de uma ereção e que era por culpa dela.

O xingamento o fez levantar os olhos para seu rosto. Seus olhos *azuis* o examinaram com desconfiança e ele poderia se perder em suas profundezas senão estivessem estreitos para ele.

— Quem é você e o que está fazendo aqui?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

—Quer dizer, além de proteger sua linda bunda daquele idiota?—Ele apontou para a janela.

Um pouco de rosa coloriu suas bochechas.

— Sim, além disso.

— Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa. Porque com certeza você não é Hannah e este é o apartamento dela. Então, o que você está fazendo aqui?

— Que maravilha!—Ela cortou. — Você entra aqui e está *me* perguntando o que eu estou fazendo?

Involuntariamente, ele apontou na direção da porta da frente.

—Se eu não tivesse derrubado a porta, Deus sabe o que esse cara teria feito com você. Estava gritando por ajuda, então me desculpe se eu não toquei a campainha, porra! — Maldição, a mulher podia irritá-lo!

Ela respirou fundo, mas em vez de atacar com outro insulto, pareceu se acalmar.

—Sinto muito, mas tanta coisa aconteceu e eu acho que estou apenas um pouco agitada. Quer dizer, aquele ladrão... Não é como se eu não tivesse o suficiente na minha mente já.

Um ladrão? Isso é o que ela achava que aquele vampiro era? Por enquanto ia deixá-la acreditar nisso, mas tinha quase certeza de que o atacante tinha algo a ver com Hannah não aparecer para trabalhar. Se o estranho fosse humano, então com certeza ele poderia ter sido um ladrão comum, mas um vampiro, quando Hannah trabalhava justamente com vampiros? Isso era muito mais do que uma coincidência.

Lentamente, ele assentiu. Pelo menos a mulher não estava mais combativa. Ele poderia trabalhar com isso.

— Você é amiga de Hannah?

— Lilo. Sua melhor amiga desde criança. Você mora no edifício?

— Não. Sou um amigo. Hannah e eu trabalhamos para a mesma empresa. Diferentes divisões. — Ele estendeu a mão. — Sou Blake.

Lilo hesitou, em seguida, transferiu o secador de cabelo para o outro lado, antes de levantar a mão.

— Ela nunca mencionou você.

— Ela nunca mencionou você também. — Embora ele não tivesse nenhuma razão para acreditar que Lilo estivesse mentindo. — Você a viu?

Lilo piscou antes de responder.

— Não. O apartamento estava vazio quando cheguei mais cedo.

Blake olhou ao redor.

— Ela não apareceu para trabalhar e não avisou que estava doente. Isso não parece ela. Nós estamos preocupados.

— Eu também. Por isso que vim para cá. Acho que algo aconteceu com ela. — De repente, caiu contra o batente da porta, todo o ar deixando seus pulmões.

Instintivamente Blake estendeu a mão, mas ela moveu-se para o lado, entrando na sala de estar.

— Desculpe, não queria... — Ele começou e passou a mão pelo cabelo. — Não foi minha intenção assustá-la. Acho que aquele assaltante fez sua cota. Você está bem?

Ela forçou um sorriso fraco, mas balançou a cabeça.

— Não. Eu não estou bem. Minha amiga sumiu e seu cão também. E ela não atende o celular. Sua mãe está muito preocupada. — Ela puxou o roupão mais apertado ao redor de seu corpo. — E eu preciso apresentar uma queixa de pessoa desaparecida.

— Posso cuidar disso. — Ele ofereceu, embora não tivesse a intenção de ir à polícia. Este era um negócio de vampiros. Era fundamental que ele lidasse sozinho com o desaparecimento de Hannah, sem envolver a polícia.

Ela balançou a cabeça, com veemência.

— Não. *Eu* tenho que ir à polícia. Devo-lhe isso. É minha culpa ela ter sumido.



Blake, instintivamente, aproximou-se.

— O que? Por que é sua culpa?

O belo rosto de Lilo assumiu uma expressão de dor.

— Ela me deixou uma mensagem dizendo que precisava falar comigo. Algo a estava incomodando e eu não respondi. Estava muito ocupada.

— E de que forma isso faz com que seja sua culpa?—Ele balançou a cabeça. — É ridículo.

Lilo estremeceu e ele percebeu que o ar frio vindo da janela da cozinha a estava incomodando. Ele se virou e a fechou. Em seguida, levou-a para o sofá na sala de estar.

Ela levantou os olhos, e seu olhar se chocou com o dele.

— Eu deveria ter ligado de volta quando ela precisou de mim. É minha culpa.



Capítulo 5

— Por favor, sente-se. Você está mais abalada do que eu pensava.

A voz de seu salvador era profunda e melódica e a fez tremer mais uma vez. Lilo percebeu que não tinha sequer lhe agradecido ainda. Em vez disso, insultou-o e tratou-o com suspeita. No entanto, ali estava ele, tirando o secador de cabelo de sua mão, colocando-o de lado e guiando-a gentilmente para o sofá como se fosse frágil e fosse se quebrar a qualquer momento. E talvez fosse. Ela não era um dos personagens bravos de seus livros, que lidava com o crime diariamente e não tinha medo de nada.

— Eu estou...

— O que está acontecendo aqui?—Uma voz masculina vinda da porta da frente perguntou.

Lilo levantou a cabeça em sua direção. No batente da porta estava um homem de meia-idade, vestindo um pijama e



um longo roupão verde-escuro. Ele olhou para o apartamento.

Blake já estava caminhando em direção a ele.

— Nada para se preocupar. Já cuidei de tudo. —Ele chegou à porta e bloqueou sua visão, continuando a conversa com o vizinho preocupado, baixando tanto a voz que ela não podia ouvir o que ele estava dizendo.

Um momento depois, Blake se virou e fechou a porta atrás de si. Eles estavam sozinhos novamente.

Enquanto caminhava em sua direção com um andar confiante, ela aproveitou a oportunidade e o olhou. Ele tinha um pouco mais de um metro e oitenta de altura e era atlético. Seu cabelo era escuro, os olhos de cor azul-celeste. Tinha um queixo forte, quadrado e um nariz longo e reto. Debaixo de sua camisa polo ela podia ver seus flexíveis músculos do peito.

Ele era bonito. Muito. Talvez estivesse nos seus trinta anos. Robusto sim, mas de um jeito romântico. E parecia exatamente como ela sempre imaginou Morgan West, o caçador de recompensas de sua série de mistério, seria na vida real.

Ela balançou a cabeça para tentar voltar à realidade. Não estava vivendo em um de seus livros para variar. Esta era a vida real. Perigo real. E este homem a salvou de uma verdadeira ameaça.

— Eu nem sequer agradei. — Ela começou.



Ele parou na frente dela, sentou-se na beirada da velha mesa de madeira e sorriu.

— Não há necessidade. Estou feliz por ter parado de me bater.

Ela encolheu-se.

— Eu apenas bati em você uma vez. E foi um acidente. Fui atrás do outro cara. Sinto muito.

— Esqueça isso. — Ele se inclinou um pouco. — Diga-me o que aconteceu.

Lilo puxou o roupão que pegou emprestado de Hannah.

— Eu estava tomando um banho rápido após meu voo, me preparando para ir à polícia, quando ouvi alguma coisa e pensei que fosse um assaltante. Então percebi que tinha que expulsá-lo antes que ele roubasse alguma coisa.

— Persegui-lo? Por que você não ligou para 911?

— Eu tentei. — Ela apontou para a poltrona na qual o conteúdo de sua bolsa ainda estava espalhado e percebeu que ainda não podia ver seu celular entre suas coisas. — Mas não consegui achar meu telefone. Acho que ele o pegou antes de ir para a cozinha. E então quando ele me ouviu, era tarde demais. — Ela estremeceu. — Eu não sei o que ele teria feito.

Blake apertou os lábios e balançou a cabeça, franzindo a testa.

— Ainda bem que eu cheguei aqui a tempo. Bem, é melhor você se vestir e arrumar suas coisas. Não pode ficar aqui agora. — Ele se levantou.

Ela sentou-se no sofá.

— Eu não posso simplesmente sair. Preciso ficar aqui. E se Hannah voltar? Como meu telefone sumiu, ela não tem nenhuma maneira de entrar em contato comigo.

— Não é seguro aqui. — Seu tom de voz não admitia recusa.

E irritou-a instantaneamente. — Por causa de um ladrão? Isso acontece o tempo todo nas grandes cidades. Eu não sou uma caipira que...

— Não tem nada a ver com isso. — Ele a interrompeu e olhou para ela. — Isso não foi um roubo aleatório e esse cara voltará. Eu não quero que você esteja aqui quando ele o fizer.

Seu coração começou a trovejar e na parte de trás de sua mente algo tentou empurrar para a superfície.

— Por que acha isso?

— Eu trabalho com segurança e tenho um pressentimento para este tipo de coisa. Confie em mim. Esse cara estava procurando algo específico. — Ele apontou para o conteúdo de sua bolsa. — Por que levou seu telefone, mas não sua carteira? Um assaltante que deixa para trás dinheiro e cartões de crédito?

Lilo seguiu seu gesto. Ele estava certo, sua carteira estava sobre a poltrona, aberta. Ela podia ver que o dinheiro ainda estava lá. E então se lembrou do que o ladrão perguntou enquanto a tinha presa no sofá.

— Ele me perguntou onde está. — Disse em voz alta.

— Onde o que está?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não sei do que ele estava falando. Ele me pressionou para baixo no sofá e disse: Onde está? Apenas isso. Então você entrou.

— Você trouxe qualquer coisa valiosa na mala?

— Não. Apenas meu computador, meu celular, que não consigo encontrar e minha carteira. Eu não tenho joias comigo. Nada de valor para ninguém além de mim mesma. Eu viajo com bagagem leve.

Blake balançou a cabeça olhou ao redor, seus olhos caindo no computador sobre a mesa.

— Isso é seu?

— Não. É de Hannah. Tentei entrar e verificar seus e-mails, mas é protegido por senha.

— Isso é bom. Vamos levá-lo conosco. Vou verificar se ela deixou seu celular ou qualquer outra coisa que possa nos dar uma pista de onde está. Enquanto isso se vista e arrume suas coisas. Você virá comigo. — Sua voz estava comandando, como se ele estivesse acostumado as suas ordens serem seguidas sem questionar.

— Mas eu tenho que ir à polícia e relatar seu desaparecimento.

Por um momento, ele apenas olhou para ela, observando seu rosto. Então ele suspirou.

— Certo. Vamos parar na polícia no caminho.



Ela hesitou, instintivamente puxando seu roupão de banho com mais força ao redor dela.

— Eu não conheço você...

— Eu entendi isso. Mas se eu realmente quisesse lhe machucar, já poderia ter feito isso um milhão de vezes.

Ela olhou em seus olhos azuis e viu sinceridade lá. Lentamente, balançou a cabeça. Ele estava certo.

— Ok, me dê alguns minutos para juntar minhas coisas.

E para se acalmar e recuperar-se do choque de ser atacada além de ser resgatada por um homem que poderia fazer o coração de qualquer mulher vibrar. Mesmo o dela.



Capítulo 6

Enquanto Lilo vestia-se no quarto, Blake usou o tempo com sabedoria e procurou pelo lugar qualquer coisa que pudesse ajudar a identificar o paradeiro de Hannah. Aproveitou e também enviou uma mensagem de texto.

Depois colocou a mala de Lilo no porta-malas de seu Aston Martin⁵, um presente de seus quartos bisavós, Rose e Quinn, depois que detonou seu BMW quatro anos antes em uma forma de provocá-lo. Afinal em seus vinte anos, ele via a si mesmo como o agente secreto britânico James Bond e tentava pegar as garotas com cartões de assinatura de 007. Que patético ele era. Mas agora era muito mais — mais do que jamais sonhou que poderia ser. Um membro de um grupo de vampiros que fizeram de sua missão, proteger os inocentes.

Blake colocou o computador e tablet de Hannah em um saco ao lado de bagagem de Lilo. Ele não encontrou o celular de Hannah, o que poderia ser uma boa notícia. Se estivesse com ele e ligado, seria fácil encontrá-la, o aplicativo Vüber tinha um GPS embutido. Ele não teria sequer que entrar em contato com sua equipe de TI para triangular o telefone.



5

Pode ser qualquer um, há vários modelos, mas esse é igual ao do 007 mais recente.

Blake deu a volta no carro e entrou no lado do motorista. Abriu o aplicativo Vüber no seu celular. Lilo já estava sentada no banco do passageiro. Como gerente da Scanguards, ele tinha a versão administrativa do aplicativo em seu telefone, o que lhe permitia localizar vários motoristas Vüber e identificá-los pelo nome, algo que um usuário comum não podia fazer, a fim de proteger o anonimato dos funcionários.

— O que você está fazendo?

Ele olhou para Lilo, antes de tocar o aplicativo e digitar o nome de Hannah.

— O telefone de Hannah tem um aplicativo de GPS, para que as pessoas interessadas em contratá-la saibam o quão perto ela está.

— Ela me disse que estava trabalhando como motorista. Portanto, este é um concorrente do Uber?

— Na verdade não. Vüber apenas funciona durante o dia.

Lilo franziu a testa.

— Por quê? Isso não parece ser um bom modelo de negócios.

Ele sorriu involuntariamente. Vüber não existia para ganhar dinheiro. Foi criado como uma conveniência para a população de vampiros de São Francisco e a área da baía.

—Nós fizemos um estudo e descobrimos que a maioria dos ataques a motoristas profissionais são cometidos à noite,

mas que a maioria das corridas é necessária durante o dia. Por isso, decidimos criar uma divisão que maximiza tarifas e ainda minimiza ataques a motoristas. —Não era exatamente a verdade, mas era uma explicação razoável, que ele esperava que Lilo comprasse.

— Eu nunca pensei nisso. Isso é realmente muito... Uh, atencioso por parte de sua empresa. — Agora ela apontou para o telefone celular em sua mão. — Ela está aparecendo?

Blake olhou de volta para o aplicativo e viu que a roda parou de girar. *Não encontrado*, a tela lhe disse. Ele levantou os olhos e encontrou o olhar esperançoso de Lilo. Sem dizer nada, ele balançou a cabeça.

Ela suspirou e ele pode sentir a decepção rolando fora dela.

—Acho que teria sido muito fácil.

Ele desconectou e abriu seu aplicativo *Messenger* puxando um contato, antes de entregar o telefone para Lilo.

— Digite seu número. — Disse ele, ligando o carro.

— Para quê?

Ele dirigiu para a rua e ao tráfego leve da noite.

— Se o intruso ainda tiver o aparelho, serei capaz de encontrá-lo por triangulação.

Ela suspirou.

— Eu sei como funciona. Mas por que você faria isso? A polícia pode cuidar de tudo.

— No momento em que chegarmos à delegacia e até alguém entrar no caso, ele pode já ter abandonado seu telefone. Seria tarde demais.

Aceitando sua explicação, ela digitou no aplicativo e entregou-lhe o telefone. Ele o pegou e manteve um olho no trânsito, enquanto transmitia o número, antes de marcar o número de Thomas.

O chefe de TI dos Scanguards respondeu imediatamente.

— E aí?

— Mande uma mensagem com um número de celular. Pode tentar encontrá-lo agora?

— Acho que é urgente e não pode esperar. — Thomas respondeu, com um sorriso na voz.

— Você acertou. Ligue quando você tiver algo.

— Claro que sim.

A ligação foi desconectada. Blake colocou o telefone no suporte de copo e deu a Lilo um olhar de lado.

— Saberemos em breve se o aparelho está ligado e se ele ainda o tem.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você faz muito isso? Quer dizer... — Ela apontou para o telefone. — Encontrar telefones roubados e rastrear os assaltantes?

— Faço o que é necessário.

— Você disse que trabalha com segurança. Que tipo?

Pelo canto do olho, ele a notou observando-o. Justo. Agora que o choque inicial de ser atacada se acalmou, ela começava a sentir dúvidas.

—Segurança pessoal.

— Quer dizer, como um guarda-costas?

Ele assentiu.

— Você mencionou que trabalha para a mesma empresa que Hannah. Ela nunca disse nada sobre trabalhar em uma empresa de guarda-costas.

Ele podia sentir a suspeita rolando fora dela. Pelo menos isso significava que ela tinha seu juízo de volta, embora ele não gostasse do fato de que tinha que lhe dar mais explicações. Quanto menos ela soubesse sobre a Scanguards, melhor.

— Divisão diferente lembra?

— Sim, você disse. Mas isso ainda não me diz muito.

— Não há muito para dizer.

— Engraçado, eu tinha a sensação de que iria dizer isso.

Ele deu-lhe outro olhar de lado. A expressão dela *não venha com besteira para mim* era fácil de ler. Era hora de acalmá-la.

— Ouça Lilo, a empresa na qual trabalho lida com questões altamente sensíveis. Nossos clientes exigem por isso que provavelmente Hannah nunca lhe disse muito sobre seu

trabalho. Mas não se preocupe, nós cuidamos de nossos colaboradores. E quando alguém falta como Hannah, não contamos apenas com a polícia para encontrar essa pessoa. Usamos todos nossos recursos.

Ele parou em um sinal vermelho e soltando o volante, estendeu a mão para a mão de Lilo. Apenas quando sentiu sua pele quente contra a palma da sua e ela segurou a respiração, percebeu o que estava fazendo. Mas era tarde demais para retirar agora. Ele apertou a mão dela, apreciando o toque macio por um breve momento.

— Nós vamos encontrar Hannah. Viva e bem. Prometo-lhe isso. —Embora não tivesse o direito de fazer tal promessa. Por tudo que sabia Hannah já poderia estar morta. Mas não podia compartilhar suas preocupações com Lilo ou ela iria desmoronar. Precisava que ela permanecesse forte.

— Espero que você esteja certo.

Por um momento, seus olhares se encontraram. Ele viu a preocupação em seus olhos e faria qualquer coisa para limpar essa expressão de seu rosto e ver seu sorriso outra vez. Havia tantas coisas que queria ver em seu rosto: a risada, a alegria... Ele inalou... Excitação. Acomodou seu braço através da brecha entre os dois bancos. Ela parecia tão vulnerável... Tão tentadora.

O vampiro nele sentia-se atraído por seu sangue, o homem atraído por sua beleza e a força que sentiu durante a sua discussão inicial. Ela não era fácil, não era uma donzela

em perigo. Longe disso. Era a mulher mais fascinante que ele já conheceu. Uma mulher com os lábios mais tentadores...

A buzina atrás dele o fez empurrar para trás e soltou a mão dela.

Porra!

O que ele estava prestes a fazer? Encontrou-a a menos de uma hora atrás e já não era mais o tipo de homem que tocava uma mulher apenas porque ela era gostosa. E merda, Lilo era gostosa! Mas esse não era o ponto. Ele não tinha encontros de uma noite, não teve em anos. Gostava de conhecer a mulher primeiro antes de se tornar físico, embora em seus primeiros vinte anos fosse o oposto. Ele era rápido e sempre com um: *obrigado senhora*. Mas isso mudou com a idade e suas responsabilidades como Chefe de Segurança dos Híbridos. Agora gostava de levar as coisas devagar. Então, por que porra se inclinou como se fosse beijá-la?

Tenha controle, cara!

Blake limpou a garganta e virou à direita no cruzamento, estacionando na frente da delegacia. Nesta hora da noite, o local estava apenas moderadamente ocupado.

— Esta é a delegacia?—Lilo perguntou com um toque rouco na voz.

Blake apontou para a entrada, sobre a qual as palavras Delegacia de Polícia estavam iluminadas.



Enquanto Blake saía do carro, Lilo se atrapalhou com o cinto de segurança, tremendo. Ela murmurou uma pergunta idiota apenas para escapar do silêncio que se instalou depois que o carro buzinou para que eles se movessem.

Constrangimento queimava em suas bochechas até agora. Ela segurou a mão de Blake, amando a sensação de seu toque suave, quando tudo que queria era confortá-la. Em vez disso, se inclinou atraída para ele por uma força inexplicável. Nunca acreditou em tal coisa, nunca pensou que ela, de todas as pessoas poderia sentir atraída por alguém como se estivesse hipnotizada. Ela que não confiava nos homens porque se decepcionou muitas vezes. Mas seu corpo parecia não se lembrar daqueles momentos em que sua confiança foi quebrada. Em vez disso, seu corpo ansiava por um estranho que a salvou. Talvez fosse a razão para sua atração inexplicável: se sentia grata. Claro, o fato de Blake ser a personificação de seu herói fictício, Morgan West, poderia ter algo a ver com seu lapso momentâneo de julgamento. Apenas teria que ignorar esse pequeno detalhe e tentar não o confundir mais com seu caçador de recompensas.

Lilo finalmente soltou o cinto de segurança e respirou fundo. Podia fazer isso.

Antes que pudesse alcançar a maçaneta da porta, esta se abriu. Lilo saiu do carro e acenou para Blake, que estava segurando a porta do carro para ela. Agarrando sua bolsa ao seu lado, disse. —Vamos fazer isso.

Ela evitou olhar para ele e subiu os degraus que conduziam às portas duplas. Ouviu a porta do carro se fechar, seguido por um sinal sonoro, indicando que Blake trancou-o. Seus passos estavam logo atrás dela e no momento em que chegou à entrada, alcançou e segurou a porta aberta como um perfeito cavalheiro. Nem mesmo Morgan West fazia isso. Ela fez uma nota mental para dar ao herói fictício, melhores maneiras.

A delegacia estava agitada. Algumas prostitutas estavam sentadas em um banco, enquanto vários oficiais embaralhavam papéis atrás de um balcão alto. Em um corredor, um homem embriagado estava sendo levado, enquanto outro bem vestido discutia com um policial em um cubículo. Do fundo do corredor, alguém gritou para outro alguém ficar quieto. Um oficial de polícia feminina se destacava no balcão com um receptor pressionado entre a orelha e o ombro, escrevendo em uma prancheta e simultaneamente, folheando uma pilha de papéis.

— Uhum.— Ela dizia ao telefone enquanto acenava para uma das prostitutas, apontando para a porta do lado esquerdo. A porta se abriu um segundo mais tarde e um travesti saiu, sorrindo de uma orelha à outra. Virou-se para a área de plano aberto e jogou beijos no ar para os policiais que trabalham.

— Saia daqui, Verônica!— Um deles gritou para ela. — Ou vou fichá-la eu mesmo.

Com uma risada, o travesti passou até a porta e saiu.

— Fique bem ali, senhora.

A cabeça de Lilo se virou para a oficial de polícia feminina atrás do balcão, que falava e concordava com gratidão.

Um policial à paisana virou a esquina e se aproximou do balcão.

— Não se preocupe Mandy, cuidarei disso.

Lilo deu um passo mais perto do balcão, Blake a seu lado deu um leve sorriso.

— Sou o detetive Donnelly. Como posso ajudá-los?

Incentivado pelo comportamento amigável do homem, Lilo suspirou de alívio.

— Estou aqui para denunciar o desaparecimento de minha amiga. E também um arrombamento no apartamento dela.

Ele pegou uma prancheta e uma caneta.

— Tudo bem então. Seu nome, por favor.

— Lieselotte Schroeder.

— Vou precisar ver a identidade.

Ela vasculhou sua bolsa, enquanto o detetive da polícia dirigia-se à Blake.

— E o senhor, está com ela?

— Sim.

— Preciso ver sua identidade, também.

Lilo entregou a licença de motorista para o detetive Donnelly.

Ele olhou para cima.

— Você está longe de casa, Srta. Schroeder.

— Voei para cá porque estava preocupada com minha amiga. Hannah Bergdorf. Ela está sumida.

— Certo. — Ele estendeu a mão para identidade de Blake e olhou. — Obrigado, Sr. Bond.

Lilo girou a cabeça para Blake. Seu nome era Bond? E ele dirigia um Aston Martin? Sério? Ela deu uma olhada na identidade dele. De verdade, a identidade dizia Blake Bond. Não apenas se parecia com Morgan West, compartilhava um sobrenome com um agente secreto fictício? Se ela escrevesse algo como isto em um de seus livros, ninguém acreditaria nela.

Exagero, seu editor diria.

Mentiroso, seus críticos iriam escrever.

— Quando foi à última vez que viu sua amiga?—O detetive perguntou.

— Há mais de um ano atrás.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— E apenas agora está fazendo um relatório de pessoa desaparecida?

— Ela apenas está desaparecida há três dias. Voei para cá o mais rápido que pude para tentar encontrá-la. Mas ela

não está em seu apartamento. Seu cão desapareceu. E então esse homem invadiu e me atacou. Ele roubou meu celular também. E depois...

— Você foi assaltada? E há um cão desaparecido? E seu telefone foi roubado?

Ela assentiu com a cabeça.

— Então me deixe ver se entendi. Temos uma pessoa e um cão desaparecidos, uma invasão, um ataque e um telefone roubado. Houve testemunhas para qualquer um desses supostos crimes?

— Supostos? — Ela bufou. Será que este homem não acreditava nela? Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, sentiu a mão reconfortante de Blake em seu antebraço.

— Eu testemunhei o ataque. — Blake disse calmamente. — Posso dar uma descrição do assaltante que invadiu o flat da Srta. Bergdorf e atacou a Srta. Schroeder.

Ela concordou grata pela presença de Blake e acrescentou.

— E eu também acho que sei quem pode estar por trás do desaparecimento de Hannah.

Ambos, o oficial Donnelly e Blake olhou para ela.

— Você sabe? — Perguntou Blake.

— Ronny, seu namorado perdedor. Acho que queria deixá-lo.

— Por que você não me disse sobre ele antes?

Ela olhou para Blake.

— Não tive exatamente tempo para isso. Quer dizer, entre a invasão, o assalto...

— Srta. Schroeder, você pode dar mais detalhes sobre esse Ronny? Qual é o seu nome completo? —Perguntou o policial.

— Eu não sei. Hannah nunca falou muito sobre ele. Mas a partir das poucas coisas que me disse, posso dizer que tipo de pessoa ele é. — E que não era o tipo de homem que era bom para uma mulher doce e generosa como Hannah, que acreditava que todo mundo merecia socorro.

O policial levantou uma sobrancelha, mas Lilo continuou implacável.

— Ele não parecia ter um emprego regular. E era muito possessivo e ciumento. — Algo que abominava em um homem. Era um traço de caráter que apenas levava a problemas.

— Ciúme não é um crime, Srta. Schroeder.

— Mas isso pode levar a um. Estou dizendo, precisa encontrar Ronny. Se alguém sabe onde Hannah está, é ele.

O policial suspirou. — Tudo bem, Srta. Schroeder. Mas vamos começar com os detalhes sobre sua amiga, Srta. Bergdorf.

Durante alguns minutos, Lilo respondeu a perguntas sobre aparência e hábitos de Hannah, que o oficial escreveu diligentemente.

— Você não tem uma foto da Srta. Bergdorf, não é?

— Não comigo. Tenho algumas no meu celular. Mas se foi.

— Não se preocupe. — Blake interrompeu. — Hannah trabalha para a mesma empresa que eu. Posso pedir ao RH para enviar mais de uma foto de seu arquivo pessoal.

Lilo deu a Blake um sorriso agradecido. Foi uma sorte que apareceu e de mais de uma maneira. Ele não apenas fisicamente a salvou, mas também estava ali para apoiá-la em sua busca por Hannah. E agora poderia usar toda a ajuda que pudesse conseguir.

— Bom. — Disse o oficial Donnelly. — Agora, sobre o arrombamento e assalto. Você conseguiu dar uma boa olhada no intruso?

— Consegui. Ele era alto.

— Quão alto?

Lilo apontou para Blake.

— Tão alto quanto ele.

— Um metro e oitenta e dois. — Blake ofereceu.

— Mas mais pesado.

Blake assentiu.

— Cerca de noventa ou noventa e cinco quilos.

— Qualquer marca de identificação? Tatuagens? Cicatrizes?

Lilo balançou a cabeça.

— Nenhum. Ele parecia bastante medíocre. Cabelo castanho.

— Olhos castanhos. — Blake continuou. — Bastante comum.

Comum? Lilo apertado a mão sobre o braço de Blake.

— Olhos castanhos? Você não viu?

Testa de Blake franzida.

— Vi o que?

— Seus olhos estavam vermelhos. Como se ele tivesse uma infecção.

— Quer dizer, como conjuntivite? — Oficial interrompeu.

Ela olhou diretamente para ele.

— Não. Não era a parte branca do olho que estava vermelha, mas a íris.

— Eu nunca ouvi falar de uma doença como essa. — Blake falou, fazendo-a girar para ele. — Talvez fosse apenas um reflexo.

— Isso foi o que eu pensei no início também, mas não havia uma grande quantidade de luz na sala que pudesse ter se refletido em seus olhos.

O oficial limpou a garganta, fazendo-a olhar para trás.

— Então estava escuro, senhorita? Estou surpreso que tenha sido capaz de descrever o homem, assim como o fez. — Ele fez uma nota em seu formulário. — Bem, vamos falar sobre qualquer coisa que esteja faltando. O telefone, certo?



Ela queria protestar, mas e se viu errado? Ela não podia jurar. Talvez fosse um reflexo afinal de contas ou o medo que a fez ver as coisas que não estavam lá. Bem, estava a atacando e seu único pensamento era salvar a si mesma.

Sua mente poderia ter pregado uma peça nela.



Capítulo 7

Meia hora depois, Blake guiou Lilo de volta para o carro.

Donnelly fez bem o seu trabalho. Escreveu o relatório e fingiu dar ao caso sua máxima atenção, quando Blake sabia muito bem que Donnelly rasgaria a papelada no momento em que deixassem a delegacia.

Crimes envolvendo vampiros eram tratados pela Scanguards. Esse era o acordo que tinham com a cidade. Apenas algumas pessoas no governo da cidade sabiam sobre este arranjo: o chefe de polícia e vários policiais, que estavam espalhados ao redor dos vários distritos, para que pudessem alertar a Scanguards quando um crime relacionado com vampiro cruzasse seu caminho.

Enquanto Lilo foi se vestir, Blake alertou rapidamente Donnelly por mensagem de texto, sobre sua presença na delegacia e disse-lhe para fingir que eles não se conheciam. Tudo saiu como o planejado.

Quando Blake abriu a porta do carro, Lilo se virou para ele.

— Você pode recomendar um hotel? Nada muito caro, mas em uma área segura.

— Você não precisa de um hotel. Ficará comigo. Pensei ter deixado isso claro antes. — Tinha certeza de que lhe disse que iria com ele. Por que mais a faria arrumar sua mala?

— Posso ficar em um hotel. Eu realmente não quero ser um fardo. E você não me conhece.

— Você é amiga de Hannah e isso é tudo que eu preciso saber. Além disso, se quisermos encontrar Hannah, precisamos trabalhar juntos.

Ela deu um aceno hesitante, então sentou no banco do passageiro. Ele entrou no carro e ligou o motor. Estava saindo do estacionamento e entrando no trânsito, quando Lilo virou em seu assento.

— Você precisa voltar. Nós não demos a polícia o computador e o tablet de Hannah. — Ela disse de repente. Empurrou uma mecha de seu cabelo loiro atrás da orelha. — Eu não sei como pude ter esquecido isso.

Ele olhou para ela por um breve momento. — A polícia vai sentar-se em seu computador por dias antes de ter um especialista em TI e entrar no e-mail de Hannah. Não temos esse tempo.

— Mas o que você fará com isso? Eu lhe disse que é protegido por senha. E já tentei algumas senhas sem sucesso.

— Terei o departamento de TI da empresa sobre ele. Serão capazes de entrar. — Puxou o celular do bolso, mas antes que pudesse marcar o número de Thomas, o telefone tocou. — Falando no diabo. — Pressionou *aceitar*, em

seguida, apertou o botão de alto-falante. — Ei Thomas, você está no alto-falante. Estou no carro com Lilo, a proprietária do telefone celular que pedi para você rastrear. Alguma coisa nova?

— Ele pingou⁶em uma torre do aeroporto no início da noite. — Thomas respondeu. — Mais nada desde então.

— Isso deve ter sido quando saí do avião e verifiquei as minhas mensagens. — Disse Lilo.

Blake assentiu. — Faz sentido. Thomas monitore-o.

— Enviei uma mensagem de texto e liguei para o número, mas ele vai direto para o correio de voz. Desculpe, mas por agora é um beco sem saída.

Antes que Thomas pudesse desligar, Blake continuou.

— Outra coisa: você pode vir até a minha casa e olhar um laptop e tablet? Eles estão protegidos por senha. Preciso saber o que está neles.

— Agora?

— Quanto antes melhor.

— Desculpe, estou indo para uma reunião em um minuto. — Houve alguns murmúrios, como se Thomas estivesse segurando a mão sobre o bocal. — Certo Eddie se ofereceu. Ele estará lá em breve.

— Obrigado, Thomas.

— Pode apostar.

⁶ Ping é um sistema onde um comando determina a capacidade do seu computador de medir quantos milissegundos um pacote de informações leva para ir até um destino e voltar. Quando o comando é executado, "pinga".

— Seu colega tem uma reunião à meia-noite? Quem trabalha nesse tipo de horário?

Ao ouvir um toque de suspeita na voz de Lilo, Blake encontrou seu olhar e sorriu calorosamente, na esperança de dissipar todas suas dúvidas com seu charme.

— Segurança é um negócio vinte e quatro horas.

Lentamente, balançou a cabeça.

— Acho que eu já sabia disso. — Ela respirou. — O seu colega nem sequer perguntou o que tudo isso era. Você não disse a ele que estamos tentando encontrar Hannah.

— Eu não preciso. Sabe que quando peço ajuda, é importante. Assim é como a empresa funciona. Não questionamos os pedidos dos nossos colegas. Isso vai nos dois sentidos.

— Requer muita confiança. — Ela meditou.

— Em nosso negócio, a confiança é tudo. Às vezes, nossas vidas dependem disso.

— Você quer dizer, quando está protegendo alguém como um guarda-costas?

— Algumas tarefas podem ser perigosas, mas somos bem treinados. — Também ajudava que como um vampiro ele tivesse algumas armas secretas na manga. Melhor do que qualquer espião britânico de ficção.

Mas era hora de parar Lilo e suas perguntas.

— Então, o que você faz em Nebraska, Lilo?

— Sou escritora. — Ela se virou para olhar para fora da janela. — Que bairro é esse?

Blake reprimiu uma risada. Parecia que ele não era o único que não queria responder perguntas sobre seu trabalho.

— Nós estamos dirigindo através de Pacific Heights.

— Oh, eu ouvi falar dele. Bonito.

— O que você escreve?

Ela encolheu os ombros, como se isso não importasse.

— Mistério.

— Você quer dizer mistérios de assassinato?

— Não necessariamente. Nem todo livro é sobre assassinato. Eu escrevo sobre todos os tipos de crimes. Ou melhor, sobre resolução de crimes.

Ele fez uma anotação mental disso. Se Lilo escrevia ficção sobre crimes, tinha que ser inteligente e teria que ficar na ponta dos pés para se certificar de que ela não descobrisse seus segredos. Isto apenas iria complicar as coisas.

— Então, quem é o protagonista? Um detetive?

— Um caçador de recompensas.

Essa resposta o fez lançar um olhar rápido.

— Sério?

— Por quê?

— Bem, você tem uma forte concorrência nesse gênero. Poucos são tão bons como Maxim Holt. Ele tem o mercado monopolizado.

— Você leu a série do caçador de recompensas Morgan West?

Blake assentiu. —Acabei de terminar *Anatomy of a Bounty*⁷.

—E ele teria terminado mais cedo, se não tivesse que atender treze híbridos, que não podiam calar a boca nem por um minuto.

— Então você acha que *ele* é o melhor?

Porra! Ele deveria ter mantido a boca fechada. Nenhum escritor gostava de ouvir alguém falar maravilhas sobre os livros de outro autor.

—Talvez se eu ler um dos seus para comparação...

— Não, não. Isso é bom. Honestamente. —Ela bocejou.

Ótimo, agora estava aborrecendo-a ao ponto da sonolência! Que maneira de tratar uma mulher por quem estava atraído. Sim, exatamente: sentia-se atraído por Lilo. Apesar do fato de que sua mente estava trabalhando horas extras para achar ideias sobre como encontrar Hannah, seu corpo estava ocupado com outras coisas. Coisas que não eram imagens de negócio.

— Estamos quase lá. — Disse rapidamente e virou na próxima rua.

⁷Deixado no original – Em português: Anatomia de uma recompensa.

Entrou na quarta entrada à sua direita e dirigiu-se para a garagem da casa Edwardiana⁸ de dois andares, que estava em um lote da cidade extralargo. Quando parou, abaixou a janela e alcançou através dela o leitor eletrônico que foi construído na parede que corria ao longo da linha da propriedade. Esta parte da calçada estava coberta de modo que durante o dia era seguro abrir a janela do carro sem ser exposto à luz solar direta. Além disso, o scanner podia ser movido para mais perto da janela do carro por um controle remoto que estava instalado no volante de seu carro. E já que havia um alto muro de concreto do lado do motorista, nenhuma luz solar podia entrar no carro daquela direção.

Blake colocou o polegar no scanner. Um momento depois, a porta da garagem começou a se levantar.

— Você tem um sistema de alta segurança, estilo governamental para sua casa? — Lilo perguntou incrédula.

Ele encontrou seu olhar cauteloso.

— É muito prático. Pelo menos eu não perco minhas chaves.

— A menos que você perca o polegar. — Ela respondeu de forma impassível.

— Se isso acontecer, terei problemas maiores do que não ser capaz de entrar em minha casa.

Ele colocou o carro de volta em marcha e se dirigiram para a garagem, estacionando ao lado de seu SUV com vidros



escuros. Atrás dele, a porta da garagem se abaixou novamente, fechando o mundo exterior.

— Vem, vamos acomodá-la.

Ele saiu do carro e abriu o porta-malas. Lilo já estava ao lado dele e pegando sua mala. Mas estendeu a mão para ela ao mesmo tempo. Suas mãos se tocaram e Blake sentiu uma carga elétrica passar por ele. Poderia explicá-la como eletricidade estática, mas estaria mentindo para si mesmo. Isto não era eletricidade, era química. O tipo que poderia entrar instantaneamente em combustão se não tivesse cuidado.

Com um suspiro, Lilo retirou a mão e ele apertou ainda mais ao redor da alça. Não olhou para ela quando disse.

— Por que você não pega o computador e tablet de Hannah?

— Sim, claro. — Sua voz tremia tanto quanto suas mãos quando ela pegou o pequeno saco com os aparelhos eletrônico e afastou-se do carro.

— Ouça Lilo...

Ela parou de andar, mas não se virou.

Talvez tivesse sido uma má ideia levá-la ali. Talvez devesse tê-la levado a um hotel.

— Você não precisa ter medo de mim.

O silêncio prevaleceu. E então, um suspiro. Ela virou-se lentamente e levantou os olhos para ele.

— Você me salvou daquele intruso e me levou para a polícia como eu lhe pedi. O policial o conhecia.

Choque o percorreu. Ela de alguma forma adivinhou que ele e Donnelly se conheciam?

— Quer dizer, anotou os detalhes de sua carteira de motorista. E havia câmeras na delegacia. Se algo acontecer comigo, eles o procurarão. —Ela balançou a cabeça. — Não, eu não tenho medo de você.

— Então por que está tremendo?

— Eu estou tremendo, porque nunca estive em uma situação como esta. Estou assustada.

Lentamente, caminhou para ela, colocou a mala no chão e gentilmente puxou-a em seus braços. Ela não protestou e por um longo tempo simplesmente segurou-a, sentindo calor do seu corpo acariciá-lo. Mulher corajosa que lutou contra seu agressor e verbalmente brigou com ele mais cedo esta noite, agora se sentia frágil e vulnerável. E com isso, seu instinto protetor aumentou.

Ele passou a mão em seus cabelos.

— Tudo ficará bem.

— Obrigada. — Ela murmurou em seu peito e as vibrações de sua voz fizeram todo seu corpo formigar e despertar um desejo que ele sabia que não podia sentir.

Com pesar, a soltou de seu abraço.

— Vamos acomodá-la. Você precisa descansar.

Capítulo 8

Ela não disse a ele toda a verdade.

Sim, estava com medo por sua amiga, mas a razão de estar tremendo era porque estava com medo de sua reação a Blake. Ela nunca sentiu este tipo de intensa atração física por qualquer homem, especialmente por um de quem não sabia nada. Não havia absolutamente nenhuma razão para sentir-se atraída por Blake como uma mariposa pela luz, especialmente considerando seus problemas de confiança.

Enquanto o seguia pela escada para dentro da casa, não podia deixar de admirar suas pernas fortes e os músculos flexíveis de seu traseiro. Merda preenchia um jeans como ninguém. Era a personificação da força e do poder. E tinha um lado doce, que não esperava. Seu abraço foi reconfortante e suave. E quase tão platônico quanto poderia ser. O que a levou para outra realidade: o primeiro homem por quem estava interessada desde seu último relacionamento, há dois anos, não estava interessado nela.

Lilo entrou no corredor enquanto Blake ligava o interruptor de luz, iluminando um grande hall de entrada com uma escada de mogno, um longo corredor e um arco aberto que levava à sala de estar.

— Uau. —A palavra simplesmente saiu.

Atordoada, ela deixou seus olhos vagarem. Sabia que São Francisco, era famosa por sua arquitetura, mas nunca esteve realmente dentro de uma das mansões retratadas em filmes e na TV. Detalhe de época era intrincado e bonito. Dava à casa um calor instantâneo. Este era um verdadeiro lar.

— Você realmente vive aqui?

Colocando sua mala no chão, balançou a cabeça e apontou para a sala de estar.

— Desculpe, ainda parece um pouco nua. Comprei o lugar há dois meses e ainda estou esperando por mais algumas peças de mobiliário a serem entregues.

— É lindo. Suponho que ser um guarda-costas pague bem. — Ela queria dar um tapa sobre a própria boca, mas era tarde demais. Não era educado falar de dinheiro, mas não podia imaginar como um homem com a idade de Blake - perto dos trinta anos — podia pagar uma mansão assim.

— Bem, meu salário não paga por isso. — Disse de repente, olhando para os sapatos, envergonhado. — Eu herdei um fundo fiduciário da minha família. — Ele soltou um suspiro audível. — Bem, que tal eu lhe mostrar o quarto de hóspedes?

— Eu poderia tomar um copo de água primeiro? — Sua garganta parecia uma lixa.

— Claro. — Ele apontou para o fim do corredor, quando um som na porta da frente o fez girar.

Alertado por sua reação repentina, seu coração trovejou e ela virou a cabeça na mesma direção. Um suspiro escapou de sua garganta.

Um homem calvo e alto estava na porta, com um olhar irritado em seu rosto e duas mochilas nas mãos.

Instintivamente, Lilo agarrou o antebraço de Blake.

— Você deveria pegar os garotos na minha casa.— O estranho rosnou e colocou a bagagem no chão.

— Desculpe algo surgiu. — Blake respondeu.

— Sim, eu posso ver! — O homem olhou para ela, antes de pisar de lado para deixar dois garotos no início da adolescência entrar na casa. Uma jovem seguiu-os.

Os garotos imediatamente caminharam em direção à sala de estar.

— Nicholas, Adam, eu não lhes ensinei boas maneiras? — A mulher de cabelos escuros — que não poderia ser sua mãe, a não ser que ela tivesse engravidado aos dez anos - chamou-lhes a atenção.

O garoto mais novo olhou por cima do ombro.

— Desculpe! — Então ele olhou para Blake. — Ei, Blake.

— Ei, Adam. — Blake respondeu.

O garoto mais velho estava parado também, inclinando o queixo na direção de Blake. — Ei Blake, tudo bem se nós jogarmos Xbox?

Blake sorriu e piscou para o homem calvo.

— Apenas se o seu pai disser que está tudo bem. Certo, Zane?

Zane fez uma careta.

— Como se você se importasse com o que os meus filhos são permitidos ou não fazer. Cada vez que ficam com você, eles chegam em casa agindo como se tivessem sido criados por lobos.

— Você exagera. — Blake caminhou em direção à mulher e lhe deu um abraço rápido. — Ei Portia.

A mulher olhou para além dele.

— Você não quer nos apresentar para sua *amiga*?

De repente, todos os olhos estavam sobre Lilo e sentiu como se estivesse em exibição.

Blake girou nos calcanhares.

— Esta é Lilo. Lilo, este é o meu colega Zane e sua esposa Portia. — Ele apontou para a sala de estar. — E seus filhos, Nicholas e Adam.

Zane balançou a cabeça e resmungou um olá rápido, enquanto Portia sorria e dizia.

—Prazer em conhecê-la, Lilo.

Zane virou-se para Blake.

— Se você não tem tempo para cuidar dos garotos, podemos levá-los para Nova Orleans conosco.

— Eu disse que iria cuidar deles. Então o farei.

— Basta dizer. — Zane acrescentou, olhando e avaliando-a. Então ele subiu um lado de sua boca em um quase-sorriso. — Embora ninguém consiga ser uma melhor influência sobre os garotos do que você.

Portia balançou a cabeça e colocou a mão no braço do marido.

— Não dê ouvido a ele, Blake. Ele está apenas chateado que Nicholas e Adam não querem vir conosco. Odeia ficar separado deles.

Zane lançou para sua esposa um olhar zangado.

—Porra, Portia!

Em vez de se encolher, ela acariciou sua bochecha. Diante de seus olhos, o homem intimidante suavizou.

— Eles estarão seguros com Blake. — Portia murmurou.

Lilo nunca viu nada parecido. Imediatamente, ela entendeu seu relacionamento. Eles eram verdadeiros parceiros, um incompleto sem o outro. Isso era o que o amor verdadeiro parecia. Existia. E poderia durar.

Zane assentiu antes de cortar o contato íntimo com sua esposa. Seus olhos encontraram os de Blake.

— É melhor você ter certeza disso ou eu vou esmagá-lo com minhas próprias mãos.

— Saia daqui e tenha um grande momento em Nola. Dê os meus cumprimentos para Caim e Faye. — Disse Blake.

— Nicholas, Adam! — Zane gritou.

Como se os garotos soubessem que isto era um adeus, eles vieram correndo e voaram para os braços estendidos de seu pai.

— Vocês se comportam, está bem? Ou estarei de volta para arrastá-los para Nova Orleans, por suas orelhas. — Apesar da ameaça, a voz de Zane era suave.

— Sim, papai. — Disse Nicholas e Adam repetiu.

A troca afetuosa os fazia parecerem mais jovens e Lilo percebeu que, apesar de suas tentativas óbvias querendo mostrar independência de seus pais por não ir nesta viagem, eles ainda eram crianças que procuraram aprovação e afeto dos pais.

Portia se inclinou e beijou seus filhos.

— Hora de ir. — Ela olhou para Blake. — Obrigada, Blake. É prazer em conhecer você, Lilo. Não deixe que os rapazes a enlouqueçam.

Involuntariamente, Lilo teve que sorrir. Ela gostava da jovem mãe que parecia ter tanto poder sobre o marido e tal confiança em Blake. Quando a porta se fechou atrás deles e os dois garotos já estavam correndo de volta para a sala, Lilo se virou e se viu diante de Blake.

— É agradável você cuidar dos dois garotos.

Blake encolheu os ombros.

— Eles não são realmente nenhum problema.

Ela levantou uma sobrancelha, quando ouviu um dos rapazes gritarem.

— Dê-me o controle remoto! É a minha vez! — Era o garoto mais novo.

— Eu sou o homem da casa quando papai não está aqui e você sabe disso.

Blake riu e piscou para ela.

— Certo, talvez apenas um pouco de dificuldade.

— Blake? — Veio à voz de Nicholas da sala de estar.

— Sim? — Ele respondeu e caminhou em direção ao arco, olhando para a sala.

Lilo seguiu.

— Eu vou ficar no quarto da torre. Adam pode dormir no quarto da frente. — Nicholas anunciou em uma voz determinada.

— Isso não foi o que nós concordamos! — Adam disse com os dentes apertados e chutou seu irmão na canela. — Você disse que iríamos jogar e quem ganhasse o primeiro jogo ficaria naquele quarto. Você é um idiota às vezes.

— Ei rapazes desculpe, mas vocês terão que dividir o quarto da frente. — Blake interrompeu.

Ambos os rapazes olharam para Blake, suas bocas abertas. — Por quê?

— Lilo ficará no quarto da torre.

Nicholas deu um pulo.

— Que? Eu não quero compartilhar com Adam. Eu preciso do meu próprio quarto. Não é possível a sua



namorada ficar no seu quarto? Não é como se você tivesse que fingir para nós. — E o adolescente estufou o peito. — Eu sei sobre essas coisas.

Lilo sentiu o calor subir em suas bochechas. Eles pensavam que era namorada de Blake? Zane provavelmente pensou assim, também. Seu olhar deu a entender isso.

Próximo a ela Blake grunhiu uma maldição baixa.

— Vocês irão compartilhar o quarto da frente. Nenhuma conversa. — Então se virou para olhar para ela e disse em voz mais baixa. — Eu sinto muito por isso. São apenas meninos e não sabem fazer melhor.



Capítulo 9

Blake fechou a geladeira e voltou-se para Nicholas e Adam, que estavam enchendo suas bocas com sanduíches. Isso era a coisa sobre híbridos jovens: eles tinham que comer constantemente. Não apenas alimentos humanos, mas também sangue para manter sua força de vampiro. Não importava que fossem duas da manhã.

— E nenhuma outra observação sobre Lilo e eu. Está claro? — Disse, prendendo Nicholas com os olhos.

O garoto encolheu os ombros e parecia envergonhado.

— Como é que eu saberia que não é sua namorada?

— Esse é exatamente o motivo pelo qual você não faz suposições.

— Ela está com raiva de nós? — Adam interrompeu.

Blake sorriu para ele.

— Acho que não. Um pouco constrangida talvez, mas não irritada. — Pelo menos foi isso que ele entendeu, quando mostrou o quarto em silêncio. Isso foi quase uma hora e meio atrás. — Agora comam e vão para a cama.

Nicholas protestou imediatamente.

— São férias escolares. Estamos autorizados a permanecermos acordados o tempo que nós quisermos.

Blake inclinou a cabeça para o lado.

— Honestamente! — Híbrido de quinze anos de idade insistiu. — Mesmo papai nos permite manter as horas de vampiros quando não há escola.

Adam chutou por baixo da mesa.

— Shh! Você não deveria dizer vampiro quando há um ser humano na casa. — Ele levantou os olhos e encontrou o olhar de Blake, esperando aprovação. — Certo Blake?

— É isso mesmo, Adam. Seu irmão deveria saber melhor.

Nicholas encolheu os ombros, a bronca de Blake deslizando para fora dele como óleo em uma panela com teflon.

— Assim, a gata não descobrirá o que você é, hein?

— Gata? — Perguntou Blake, balançando a cabeça em descrença.

Adam fez uma careta, parecendo todo adulto, apesar de sua idade de treze anos.

— Nikki anda assistindo os filmes de gangster antigos. Você sabe coisas de Al Capone.

— Você não deveria me chamar de Nikki! Estou velho demais para isso.

— Basta pessoal. Se quiserem ficar, terão que se comportar. E isso significa: ninguém chama uma mulher de gata, a palavra vampiro não deve sair de qualquer uma de suas bocas e não haverá nenhuma luta. Eu fui claro?

Adam balançou a cabeça em silêncio, enquanto Nicholas disse.

— E Adam não pode me chamar de Nikki.

Blake suspirou. Não dava apenas para conversar sem ganhar uma discussão com um adolescente.

— Lembre-me porque me ofereci para cuidar de vocês dois, enquanto seus pais visitam Cain e Faye.

O rosto de Adam se dividiu em um largo sorriso.

— Porque você nos ama e nós somos divertidos?

Blake jogou a cabeça para trás e riu.

— Acho que não posso discutir com isso. Agora vá jogar antes que eu mude de ideia.

Ele levantou-se e estava prestes a sair da mesa da cozinha quando ouviu um bip no monitor de segurança da cozinha e o som correspondente da abertura da porta da frente. Ele olhou para a tela: Eddie estava finalmente ali.

Blake saiu para o corredor para cumprimentar seu amigo e colega. Como sempre, Eddie estava vestido à moda de motociclista: couro e mais couro. Com seu cabelo loiro e covinhas profundas, parecia o garoto da casa ao lado.

— Obrigado por vir, Eddie.

— O que eu posso fazer?

Blake conduziu-o para seu escritório.

— Não teve tempo para desfazer as malas, hein? — Perguntou Eddie, apontando para as caixas que foram empilhados contra uma parede.

Blake sorriu.

— Talvez eu tenha Nicholas e Adam me dando uma mão, enquanto estiverem aqui.

Eddie riu.

— Sim, boa sorte com isso. — Ele caminhou até a mesa. — É o laptop que você quer que hackeie?

— Sim, ele pertence à Hannah Bergdorf. Você a conhece.

— Eu a conheço?

— Ela trabalha para Vüber e desapareceu há três dias.

Eddie balançou a cabeça e se esgueirou para a cadeira atrás da mesa. Ele tirou um pequeno dispositivo eletrônico do bolso e conectou-o ao computador e em seguida abriu a máquina. Enquanto esperava, Eddie perguntou.

— Você verificou sua última corrida Vüber para ver se um cliente pode estar envolvido no desaparecimento dela?

— Finn me enviou a informação de sua última viagem, mas tenho a sensação de que é um beco sem saída.

— Por quê?

— Sua última viagem foi para um funcionário Scanguards: Roxanne. Deixei uma mensagem para ela me

ligar, mas você sabe que é sólida. Confio nela com a minha vida.

Eddie balançou a cabeça e começou a digitar no teclado.

— O mesmo aqui. — Então ele ficou em silêncio, concentrando-se em sua tarefa.

Blake foi até a janela e olhou para a escuridão. Em cinco horas, o sol sairia, limitando-o em sua busca por Hannah. Por mais que não precisasse de muito sono, ele não seria capaz de explorar todas as pistas durante o dia. Teria que depender dos outros, principalmente híbridos, a quem os raios do sol não poderiam machucar.

Felizmente, a casa de Blake foi equipada com vários recursos especiais, concebidos pelo especialista em TI da Scanguards, Thomas, que tornou mais fácil esconder sua natureza vampiresca de Lilo. As janelas foram tratadas com revestimento especial UV impenetrável, o que tornava possível para ele se movimentar sem restrições, sem a necessidade de pesadas cortinas fechadas durante o dia. Enquanto Nicholas e Adam não tropeçassem, seu segredo estava a salvo.

— Oi.

A voz feminina tranquila o fez virar. Lilo estava na porta aberta de seu escritório, hesitante. Ele fez sinal para se aproximar e caminhou em direção a ela.

—Entre, Lilo. —Apontou para Eddie. — Este é meu amigo, Eddie.

Eddie ergueu a cabeça por um momento e deu um aceno rápido de reconhecimento.

— Oi. — E em seguida, mergulhou em seu trabalho novamente.

— Pensei que estivesse dormindo.

Ela balançou seus cabelos loiros.

— Eu não consigo dormir. Muita coisa aconteceu.

— Eu sei. Venha, quero falar com você. — Ele apontou para o sofá de dois lugares em um canto do escritório.

Lilo sentou-se e a seguiu.

— Quero saber mais sobre este Ronny. Precisamos encontrá-lo.

— Eu já disse à polícia tudo o que sei.

— Conte-me novamente. Talvez haja algo que você perdeu. Cada detalhe é importante. — Blake se sentou na beirada do sofá e virou de lado, com os cotovelos apoiados nos joelhos, inclinando-se em direção a ela. — Conte-me tudo que Hannah lhe disse sobre ele.

Lilo suspirou.

—Começou talvez seis a oito meses atrás. Não me disse no início, talvez porque soubesse que eu não o aprovaria.

— Por quê?

— Hannah é muito boa. Ela é o tipo de pessoa que pega os gatos vira-latas porque tem pena deles e então acaba como uma senhora dos gatos sem um tostão.

Involuntariamente, Blake sorriu.

— Ela sempre pensa o melhor das pessoas.

— Infelizmente. — Lilo concordou. — Mas isso nunca acaba bem. Eu sabia que Ronny era um perdedor desde o momento em que me falou sobre ele.

— Um perdedor? De que maneira?

Ela bufou.

— Bem, para começar, estava em *transição entre* empregos. — Ela fez aspas no ar com as palavras para enfatizar seu desdém. — Não acho que você pode estar entre postos de trabalho, quando nunca teve um emprego de verdade.

— Então, como é que ele ganha dinheiro?

Lilo encolheu os ombros.

— Eu não sei. Sugando as namoradas?

— Você acha que ele usou Hannah?

— Provavelmente. Ou ele faz algo ilegal. Ela sempre deu desculpas quando eu perguntava por que não conseguiu um emprego.

— Que tipo de desculpas?

— Que não podia trabalhar nas horas que eles queriam que trabalhasse. Que não havia muitos postos de trabalho que lhe permitisse trabalhar no turno da noite. — Ela levantou as mãos. — Quer dizer, quem quer trabalhar no

turno da noite se não for obrigado? Ainda mais se sua namorada trabalha durante o dia. Isso não fazia sentido.

— Hmm. — Blake fingiu pensar sobre isso, enquanto já havia adivinhado a razão pela qual Ronny queria trabalhar no turno da noite. — Hannah mencionou como ela e Ronny se conheceu?

— Através de seu trabalho de alguma forma.

— Tem certeza?

— Acho que ele era um cliente e eles começaram há conversar um dia.

Esta era a ruptura que estava procurando. Excitado, puxou o celular do bolso. Enquanto digitava, disse para Lilo.

— Se ele for um cliente, a Vüber terá sua informação. Ele teria que se inscrever para ter uma conta.

O rosto de Lilo se iluminou com esperança. Ela pegou sua mão e apertou.

— Oh, eu espero que você esteja certo.

A ligação foi atendida.

— É Finn, diga.

— Finn, é Blake. Você pode, por favor, passar pelos registros de clientes da Vüber e encontrar alguém com o nome de Ron, Ronny ou Ronald. Qualquer referência cruzada que encontrar com as corridas que Hannah Bergdorf aceitou nos últimos oito meses? Pode fazer isso por mim?

— Para quando você precisa disso?

— Assim que possível.

— Dê-me cerca de uma hora e meia.

— Obrigado. Ligue-me assim que tiver algo.

— Sem problemas.

Blake desligou o telefone.

—Devemos saber mais em algumas horas.

Lilo balançou a cabeça, descrença colorindo suas feições.

— Estou espantada com todas as coisas que essa empresa pode fazer. Quer dizer, você parece ter mais recursos do que a polícia. E trabalha muito mais rápido do que eles.

Ele sorriu.

— Não diga a eles ou ficarão com inveja.

Ela hesitou, observando-o por um longo momento.

— O que você está fazendo... É legal, não é?

— É claro que é legal. Os registros de clientes pertencem à empresa. Nós decidimos o que fazer com eles, especialmente quando isso significa proteger um dos nossos funcionários. Portanto, não se preocupe com isso.

— Ei, eu estou dentro. —Eddie interrompeu.

Blake levantou-se e correu para o lado de Eddie.

—Vamos ver. Vá para seus e-mails.

Lilo foi até o outro lado de Eddie e olhou por cima do ombro, enquanto ele rolava através da caixa de entrada de

Hannah, examinando com cuidado os e-mails. Durante quinze minutos, todos eles silenciosamente leram suas mensagens, mas não havia nada que desse qualquer pista sobre o paradeiro de Hannah ou sobre o que queria falar com Lilo tão urgentemente.

— Nada. — Blake disse frustrado. Ele passou a mão pelo cabelo. — Que tal sua agenda?

Eddie navegou pelo calendário online. Um segundo depois, ele olhou para cima, surpreso.

— Nenhuma única entrada.

— Hannah era paranoica sobre seu computador deixar de funcionar e perder todas suas informações. — Lilo encontrou o olhar de Eddie. — Ela sempre escreveu em papel. Mantinha um diário.

Blake assentiu.

— Precisamos encontrá-lo. — Ele virou-se na mesa. — Eddie, você pode verificar tudo aquilo que está no computador enquanto vou ao apartamento de Hannah e procuro seu diário? E o tablet também. Arquivos, histórico de navegação, etc.

— Claro que sim, basta ser rápido. — Ele olhou para seu relógio de pulso. — Eu tenho que voltar ao escritório em algumas horas.

— Não se preocupe, eu não demorarei. E mantenha um olho nos garotos enquanto eu estiver fora, está bem?

Blake estava prestes a sair correndo, quando ouviu passos atrás de si. Ele olhou por cima do ombro. Lilo o estava seguindo.

— Eu serei capaz de encontrá-lo mais rápido do que você. Conheço os gostos de Hannah e sei como seu diário é.

— Então o descreva para mim.

Ela cruzou os braços sobre o peito, atraindo os olhos dele para suas curvas tentadoras.

— Eu vou com você.

— Porra, Lilo. E se esse intruso voltar enquanto estivermos lá?

— Nesse caso é ainda mais importante que não vá sozinho.

Ele teve uma reação tardia.

—Você está tentando dar a entender que estaria *me* protegendo?

Atrás dele, ouviu Eddie dar uma risada. Sem tirar os olhos de Lilo, ele rosnou.

—Não é engraçado, Eddie.

Sim, não era engraçado como esta mulher estava ficando sob sua pele com tanta facilidade.

Ou que ele estivesse permitindo isso.

E provavelmente, até mesmo gostando.

Capítulo 10

Lilo sentiu o ar chiar entre eles quando voltaram para o carro, indo para o apartamento de Hannah. Blake claramente não estava acostumado a uma mulher ignorando suas ordens.

— Eu não sou ingrata, sabe. — Ela começou.

Ele não tirava os olhos da estrada.

— Eu não disse que era.

Ela zombou. — Não precisa.

— Eu estou apenas tentando protegê-la. Já é ruim o suficiente que Hannah tenha desaparecido. Como posso encontrá-la e trabalhar normalmente, se eu tenho que me preocupar com você também?

Por um momento ficou sem palavras. Blake achava difícil se concentrar se tivesse que se preocupar com ela? Instintivamente, balançou a cabeça. Isso era impossível. Isso implica que se importava. Com ela. Quando nem sequer a conhecia.

— O que? — Ele perguntou.

Ela olhou para seu perfil e finalmente compreendeu.

— Sinto muito.

— Sente muito por quê?

— Você está tão estressado sobre essa coisa toda como eu estou e apenas estou lhe causando mais dor de cabeça. — Ela olhou para fora da janela lateral e viu as luzes passando. —Você está acostumado a fazer tudo isso sem alguém interferindo e não precisa da minha ajuda para encontrar Hannah. —Ela fungou. — É que... Eu quero ajudar. Quero saber que estou fazendo algo para encontrar minha amiga. Devo-lhe isso. —Sua voz falhou. Merda! Não ia chorar, não agora quando tentou ser tão valente durante toda a noite.

Uma mão quente apertando a sua a fez virar a cabeça na direção de Blake. Encontrou olhando para ela, com amabilidade e compreensão.

— Nós dois queremos a mesma coisa: encontrar Hannah. — Ele sorriu. — E preciso de sua ajuda. Se você não tivesse mencionado que Ronny era um cliente Vüber, não teríamos nenhuma pista.

Ele soltou a mão dela, fazendo-a perceber o quanto o toque inocente a consolou.

— E você está certa: eu não estou acostumado a ter as minhas ordens ignoradas. Por qualquer pessoa. —Ele sorriu. — Não apenas as mulheres.

— Ou adolescentes? —Brincou, suas palavras os colocando à vontade novamente.

Ele fez uma careta.

— Particularmente adolescentes.

Uma vez no apartamento, não demorou muito tempo para encontrar o que eles estavam procurando. Lilo puxou uma agenda de uma prateleira. Tinha uma capa grossa, acolchoada decorada com flores secas.

— Aqui está.

— Vamos ver. — Blake se aproximou e juntos voltaram para a semana do desaparecimento de Hannah. — Ela abrevia muito.

Lilo assentiu.

— Ela faz isso desde que éramos crianças. — Apontou para uma entrada um dia antes de seu desaparecimento. — Levou Frankenfurter ao veterinário aqui. Há um número de telefone.

Blake salvou-o em seu telefone celular.

— Vou ligar para a clínica, logo que abrirem na parte da manhã e descobrir se Hannah manteve o compromisso.

— Talvez Frankenfurter precisasse ficar lá durante a noite. Isso explicaria porque ele não está em qualquer lugar que procurei.

— Talvez. — Mas a dúvida na voz de Blake era audível.

Além de alguns lembretes para pagar as contas, não havia muitas entradas na semana em questão. Semanas antes mostraram uma consulta no dentista, uma nota para

chamar o *dog walker*⁹, várias datas de cinema, provavelmente com Ronny, cabeleireiro e uma visita a academia.

— Nada fora do comum. — Disse Blake, parecendo desapontado. — Vamos levá-lo conosco, apenas para o caso.

Lilo colocou o livro em sua bolsa, enquanto o telefone de Blake tocava.

Ele atendeu imediatamente. — O que você conseguiu?

Ele ouviu por alguns segundos, então disse.

— Envie o endereço dele. E sua foto também. Obrigado, Finn! — Apertou o botão para desligar. — Havia apenas um homem chamado Ronald, que fez corridas com Hannah. — Seu telefone celular tocou indicando a chegada de uma mensagem de texto. Blake apontou para o visor. — E agora temos o endereço dele e como ele se parece.

Lilo bateu na foto para ampliá-la.

— Esse não é o homem que invadiu. — Encolheu os ombros. — Não importa talvez ele tenha enviado um amigo. Ou talvez os dois eventos não estejam conectados depois de tudo. Não vamos perder tempo. Vamos para sua casa. Agora. — Ela exigiu, já indo para a porta.

Blake encontrou-se com ela.

— Nós não vamos sem segurança. Não sabemos com o que estamos lidando. Ele pode não estar sozinho.



— Boa ideia. Vamos chamar a polícia. —Ela puxou do bolso o cartão que Donnelly entregou-lhe, dizendo para ligar para sua linha direta se qualquer outra coisa viesse à tona.

— Não. Se a polícia aparecer, ele vai fugir. Além disso, eles não têm nenhuma causa provável para agir. Vamos dar uma olhada antes. —Ele discou um número em seu telefone. — Vou pegar alguém da empresa para nos ajudar.

— Mas se ele é perigoso, a polícia está muito melhor equipada.

Blake levantou a mão para pedir silêncio.

— Ei Wes, eu preciso da sua ajuda. Você pode me encontrar no Excelsior? — Ele parou por um momento. — Sim, agora. Vou mandar um texto a você com o endereço. E Wes, nós não queremos acordar ninguém e alertá-los da nossa chegada. Traga seu saco de truques, apenas no caso. — Desligou o telefone.

— O saco de truques? — Perguntou Lilo, curiosa.

— O equipamento usual que qualquer guarda-costas tem. Além de alguns extras no caso de termos algum problema.

— Você quer dizer algo para amarrá-lo? Ou você está falando de algo para fazê-lo... Dizer onde Hannah está?

Ele segurou seu cotovelo e levou-a para fora do apartamento. — Nós não somos da CIA.

— Eu poderia ter me enganado, considerando todos os recursos que tem à sua disposição. — Disse.

Ela nunca encontrou uma agência de aplicação da lei ou empresa de segurança privada que trabalhasse da forma contínua e eficiente como a empresa que empregava Blake. E ela pesquisou o campo completamente para sua série de mistério. Então, se a Scanguards era tão boa no que fazia, por que nunca ouviu falar dela?



Wesley, o bruxo residente da Scanguards, já estava esperando por eles, quando Blake parou seu Aston Martin. Wes estacionou seu BMW preto a um quarteirão de distância da casa de Ronny. A placa de licença, WTW - Wesley, o bruxo — era difícil de perder.

Blake estacionou atrás de Wes e desligou o motor.

— Gostaria de pedir para ficar no carro, mas suponho que irá me ignorar. — Ele olhou para Lilo cuja mão já estava na maçaneta da porta.

Ela parou no meio do movimento e encontrou seus olhos. De algum lugar, a luz se refletia neles e por um momento ficou hipnotizado por sua íris *azul*. Deveriam significar inocência, mas em Lilo acentuava seu mistério. Ela disse muito através de suas ações, sua vontade de voar para o outro lado do país para procurar Hannah, sua determinação em colocar-se em perigo se isso a fizesse ficar um passo mais perto de sua amiga. Admirava isso em uma

peessoa e ainda mais em um ser humano que nem sabia o que estava enfrentando.

Mas ele sabia: qualquer que fosse a razão, para o desaparecimento de Hannah, as evidências era crescente de que um vampiro estava por trás disso. O fato de que Ronny era um cliente Vüber confirmou que era um vampiro, porque apenas estes estavam autorizados a se inscrever para o serviço. Então se Hannah estava namorando um vampiro e desapareceu há três dias, por que seu namorado não chamou a Scanguards? Era um segredo aberto na comunidade de vampiros que Scanguards lidava com quaisquer crimes relacionados com vampiros. Ronny teria discrição e não teria que esconder quem ou o que ele era.

— Obrigada...

A voz de Lilo tirou-o de seu devaneio. Seus olhares se encontraram.

—... Por tudo que você está fazendo por Hannah. Sem você, não sei o que faria.

Sentiu que se aproximava, atraído por sua voz suave e seu olhar.

— Ela tem muita sorte em ter um amigo como você. — Lilo continuou. — Alguém que está tomando conta dela. — Levantou a mão como se quisesse tocá-lo.

Uma batida na janela fez Lilo afastar a mão e Blake virar sua cabeça.

Wesley estava no lado do motorista, a cabeça inclinada, os olhos se movendo.

Rapidamente, Blake abriu a porta e saiu.

— Se você queria uma audiência para sua sessão de amasso, deveria ter me contado antes. Eu teria trazido pipoca.

— Isso não era...

Ele deixou a frase inacabada quando Lilo apareceu ao lado dele.

— Lilo, este é Wesley. Também trabalha para Scanguards.

Eles apertaram as mãos.

— Oi, Wesley. Desculpe arrastá-lo para cá. — Lilo se desculpou.

Wes apontou o polegar para Blake. — Estou acostumado a isso vindo dele. — Desviou o olhar. — Então, sobre que é isso?

— Uma de nossas funcionárias Vüber está sumida. Você deve conhecê-la: Hannah Bergdorf.

— A ruiva bonita?—Perguntou Wes.

Blake assentiu.

— É ela. Não foi vista ou ouvida em três dias. Lilo é sua melhor amiga e voou para cá do Nebraska para tentar encontrá-la. Nós já procuramos no apartamento e temos razões para acreditar que seu namorado tem algo a ver com

isso. Ele era um dos clientes Vüber. — Acrescentou a última frase para ter certeza de que Wes entendesse que o namorado de Hannah era um vampiro.

— Ah, entendo.

Blake fez sinal para o final do quarteirão.

— Ronny mora aqui. Nós pensamos em fazer uma visita, ver porque ele não entrou em contato com ninguém sobre o desaparecimento de sua namorada.

— Bem, o que estamos esperando? — Wes sorriu. Amava inspirar um pouco de medo em um homem que não tratava direito sua mulher.

Blake reprimiu uma risada. A esse respeito, eles eram iguais, embora tivessem começado como concorrentes quando ingressaram na Scanguards. Pouco antes deles se encontrarem, Wesley descobriu que era um bruxo. Nos anos que se seguiram, trabalhou diligentemente para ganhar de volta os poderes que sua mãe lhe roubou enquanto era uma criança e agora era um dos bruxos mais respeitados no país. E estava ao lado da Scanguards, embora os bruxos fossem tradicionalmente inimigos dos vampiros.

— Por aqui.

Ele liderou o caminho, enquanto Wes e Lilo o seguiam de perto. A casa de Ronny não era nada especial, uma casa de 1950, estilo fazenda com uma entrada de automóveis curta na frente, uma pequena porção negligenciada de grama e um portão de madeira em ruínas que estava pendurado em apenas uma dobradiça.



Em silêncio, Blake marchou até a porta da frente e ouviu. Era cerca de três horas antes do nascer do sol e nenhum vampiro estaria dormindo essa hora da noite, mas a casa estava silenciosa e escura.

Olhou por cima do ombro e fez sinal para Wes. Ele apenas tinha que apontar para a porta da frente e Wes sabia o que precisava fazer.

Blake moveu-se para o lado para deixar seu amigo fazer sua magia. E magia era o que realmente era: um feitiço simples que destrancava qualquer porta. Enquanto Wes murmurava o verso o mais silenciosamente possível, Blake se virou para Lilo, suas costas largas blindando Wes do seu ponto de vista.

—O que ele está fazendo?—Lilo murmurou.

Blake balançou a cabeça e colocou o dedo nos lábios para indicar a ela para permanecer em silêncio. Pela primeira vez, obedeceu, embora tentasse olhar para obter um vislumbre de Wes. O bruxo, no entanto, já havia terminado. Houve um clique suave e a porta se abriu.

Blake levantou a mão para sinalizar a Lilo para permanecer onde estava, enquanto acenava para Wes e entrava na casa. Ele deixou seus sentidos vagarem. Cheirava a vampiro, mas o cheiro tinha pelo menos um dia. No entanto, procedeu com cautela quando se moveu mais para dentro da casa. Havia dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro. Cada quarto estava vazio.

Ele voltou para o corredor.



— Você pode entrar, não está aqui.

Assim que Wes e Lilo entraram e fecharam a porta atrás deles, Blake ligou o interruptor de luz. Ele não precisava de luz para encontrar seu caminho de volta, mas nem Wes nem Lilo possuíam a visão noturna de um vampiro.

— Ele se foi? — Perguntou Lilo, o desapontamento em sua voz.

— Temo que sim. Mas isso não quer dizer que não voltará. — Blake voltou para a sala de estar. — Ele é desorganizado, mas não parece que se mudou.

— Talvez tenha saído com pressa. — Lilo sugeriu.

— Acho que não. — Disse Wes e apontou para uma mesa. — Ele deixou seu computador e se parece muito com o novo Mac. Mesmo que estivesse com pressa, teria levado isso.

— Wes está certo. — Ele trocou um olhar com seu amigo. — Vamos colocar vigilância sobre a casa no caso dele voltar e levaremos o computador conosco.

Lilo olhou para ele.

— Você vai roubar o computador? Não precisa de um mandado ou algo assim?

Blake piscou para ela.

— Felizmente, nós não somos a polícia. Além disso, vamos devolvê-lo uma vez que não seja mais necessário.

— Vou levá-lo de volta para o escritório para ser checado. — Wes ofereceu.

— Eddie pode fazer isso. — Puxou o celular do bolso e discou. A ligação foi atendida imediatamente.

— Eu estava prestes a ligar para dizer que estou saindo.
— Disse Eddie, antes que Blake pudesse dizer qualquer coisa.

— Eu tenho outro computador para você checar.

— Desculpe, não posso ficar. Traga-o para o escritório e eu darei a um dos meus rapazes para fazê-lo, mas preciso voltar para a Sede. Thomas acabou de ligar.

— Tudo bem. Vou mandar Wes com o computador. Achou qualquer outra coisa no laptop ou no tablet de Hannah?

— Não muito. Vou mandar uma lista de suas pesquisas na web para seu e-mail para que você possa passar por elas e ver o que pode ser importante. Mas não havia nada de significativo em seus e-mails ou qualquer um dos arquivos no computador.

— Obrigado.

— Oh e o que você quer que eu faça em relação a Nicholas e Adam?

— Eles ficarão bem por conta própria por um tempo. Devo voltar em uma hora. Diga-lhes para não atender a porta, enquanto estiverem sozinhos e correr para o cofre se ouvir ou ver algo suspeito. — As crianças sabiam o que fazer. Ele não estava muito preocupado.

— Parece bom. Saindo agora.

— Obrigado, Eddie.



Ele guardou o telefone de volta no bolso.

— Vamos ver se há mais alguma coisa que possa nos dizer se está com Hannah e onde podem ter ido. Lilo, por que você não começa no quarto?

Ela assentiu com a cabeça e desapareceu.

Blake seguiu Wes para a cozinha.

— Wes, outra coisa. — Ele disse em voz baixa, para que Lilo não ouvisse.

— Sim?

— Preciso de você para espionar Hannah. — Vidência era uma habilidade que apenas os bruxos tinham. Uma habilidade que os ajudou a encontrar pessoas desaparecidas.

— Você tem alguma coisa com seu DNA nele?

— Não comigo. Vá para seu apartamento e veja o que pode encontrar.

— Farei logo depois que terminarmos aqui.

— Obrigado.



Capítulo 11

A busca na casa de Ronny não rendeu qualquer coisa, mas confirmou o que Lilo sempre suspeitou: que ele era um perdedor. Não possuía nada de valor além do computador e era um porco, a julgar pelo estado de sua casa. Que Hannah viu nele?

Ela se lembrou da foto que Blake mostrou e teve que admitir que Ronny fosse bonito. Era disso que estava vivendo? De sua beleza? Juntamente com charme e alguma habilidade na cama, sabia muito bem como uma mulher poderia perder seu bom senso e ficar com um homem assim mais tempo do que deveria. Ela viveu uma situação dessa natureza apenas alguns anos antes. Mas aprendeu com isso. Agora escolhia seus namorados com cuidado, na verdade, com tanto cuidado que não saiu com ninguém durante os últimos dois anos.

Talvez o término de seu namoro fosse à razão pela qual Morgan West, seu protagonista, tenha se tornado tão realista e real para ela. Era a personificação do que um homem deveria ser: forte, decisivo, confiável. Um tipo que *assume o controle*. Um homem no qual poderia confiar. Assim como Blake.

Quanto mais o via em ação, mais impressionada ficava com ele. Seus colegas pareciam respeitá-lo e não questionavam nenhuma de suas ordens. Sempre parecia saber o que fazer a seguir, não havia hesitação em suas ações.

Agora, enquanto seguia Blake subindo a escada da garagem da casa dele, não podia evitar, mas encontrava-se admirando seu físico musculoso. Era realmente possível que esse homem tivesse tudo o que sempre quis? Não apenas um grande caráter, mas também um grande corpo? Para não falar no temperamento amável, que veio à tona quando lidou com Nicholas e Adam.

Ela suspirou e entrou no corredor. Da sala de estar a TV soou e Blake se dirigiu para lá. Seguiu e observou-o pegar o controle remoto e desligá-lo. O silêncio desceu sobre o ambiente.

Adam e Nicholas estavam dormindo no sofá.

Blake olhou por cima do ombro, encontrando seu olhar.

— Acho que é hora desses dois irem para a cama.

Ele balançou Nicholas suavemente, até que o garoto abriu os olhos.

— Hmm? O que?

— Hora de dormir.

Enquanto Nicholas levantava-se bastante lento, Blake pegava Adam ainda dormindo em seus braços.

— Você precisa de ajuda? — Perguntou ela.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Por que você não descansa enquanto isso? — Então carregou Adam para o andar de cima, enquanto Nicholas o seguia.

Levou apenas alguns minutos para Blake descer novamente. Lilo ficou parada no arco entre o corredor e sala de estar, vendo-o descer as escadas. Apesar do fato de ficar acordada a noite toda, não estava pronta para dormir. Tanta coisa aconteceu em tão pouco tempo que sua mente não estava pronta para descansar ainda.

— Está tudo resolvido? Perguntou.

Blake parou de frente a ela, balançando a cabeça.

— Você deveria ir dormir também. Desculpe, eu a mantive acordada durante muito tempo. Vai amanhecer em algumas horas.

— Não importa. Posso dormir quando encontrarmos Hannah.

— Não há nenhuma necessidade de ficar acordada. Eu vou cuidar do que precisa ser cuidado. Verificaremos se Ronny tem um carro e se ele tiver, vamos encontrá-lo. Ainda estou esperando para saber se eles encontraram o carro de Hannah. Eddie irá me enviar as pesquisas na web de Hannah agora. Eu vou verificá-la se...

Ela levantou a mão para sua bochecha, tocando-o, surpreendendo-o com o gesto impulsivo.

— Você está fazendo muito. Apenas espero que isso tudo nos leve a Hannah.

Ela estava prestes a afastar a mão quando ele a segurou contra seu rosto. Surpresa prendeu o fôlego. As pálpebras dele se levantaram e o azul de seus olhos de repente ficou mais intenso quando a prendeu neles. Hipnotizada, foi incapaz de se mover ou desviar o olhar. Seu coração batia forte no peito e seu pulso disparou.

— Lilo...

— Eu deveria... — Ela engoliu nervosa. — Ir para a cama. — No entanto, não fez nenhuma tentativa de se mover. Em vez disso, chegou mais perto, confortada pela sua proximidade. Ela passou por muita coisa esta noite. Talvez merecesse apenas alguns momentos de tranquilidade e de paz, o tipo de conforto que os braços de um homem poderiam dar. Era tão errado querer isso?

— Sim, você deveria... — Blake concordou, mas não soltou sua mão.

Ele virou o rosto e deu um beijo em sua palma.

— Blake... — Segurou um gemido quando seus lábios roçaram a ponta dos dedos. — Provavelmente seja melhor se eu for lá para cima...

— Melhor? — Ele balançou a cabeça. — Mais esperto para você, para nós dois, mas não melhor.

Ela sabia exatamente o que estava sugerindo. E o que queria. Deixar-se ir. Aceitar o conforto que estava oferecendo,

mesmo que a mal o conhecesse. Ajudou hoje, fez tudo o que podia para encontrar Hannah, então não era realmente um estranho. Ele era alguém em quem podia confiar mais do que foi capaz de confiar em qualquer um dos seus amantes ou namorados anteriores. Isso não fazia dele um amigo? E os amigos poderiam dar um ao outro conforto, segurar um ao outro por um momento. Sim, isso era tudo o que seria. Apenas um curto abraço no final de uma longa noite.

Se ela se aproximou dele ou se Blake se inclinou, não tinha certeza, mas de repente seu rosto estava a centímetros de distância do dele e seu braço estava ao redor de sua cintura, puxando seu quadril para o corpo dele.

A primeira coisa que sentiu foi o calor que emanava de cada parte dele: a mão na parte inferior de suas costas, sua pélvis roçando a dela, sua respiração sobre a face dela. E então a puxou para mais perto e seu coração pareceu emitir em seu corpo, repete o rápido tamborilar do seu próprio.

— Eu deveria deixá-la ir. — Ele murmurou sua boca se aproximando.

— Não. — Ela levou a mão em sua nuca, sentindo-o estremecer. — Por favor, não.



Seu apelo caiu fundo, fixando-se em sua virilha, adicionando combustível ao fogo que se alastrava por lá. Ele

prometeu não agir, mas quando ela tocou seu rosto, jogou todas suas boas intenções pela janela.

— Como se eu pudesse. — Ele sussurrou as palavras contra seus lábios vermelhos, lábios que o tentaram durante toda a noite. Lábios que se separaram agora, como um convite.

Merda, não tinha nenhuma chance de resistir agora. Ela tinha todas as cartas e estava praticamente implorando que a beijasse. Ele não era o predador neste jogo, não a estava coagindo para algo que não queria. Ele nem sequer a estava seduzindo, Lilo é quem estava *seduzindo-o*. E enquanto segurava em seus braços de vampiro, braços dos quais ela não seria capaz de escapar a menos que permitisse, era a pessoa que o mantém cativo.

— Como se eu pudesse escapar de você agora. — Corrigiu-se e roçou os lábios nos dela.

O toque foi eletrizante. Seus lábios estavam quentes e macios, rendendo-se a ele. Blake hesitou no início, não queria assustá-la, caso tivesse interpretado os sinais incorretamente.

— Você quer isso?—Ele murmurou.

Ela gemeu e o som vibrou em sua pele, fazendo-o estremecer. Seus dedos em sua nuca o puxaram para mais perto. Não havia dúvidas agora: o queria tanto quanto a queria. Toda a hesitação se foi e ele capturou sua boca completamente, mergulhando a língua entre os lábios entreabertos e acariciando a dela.

Uma onda de calor passou por ele, enviando sangue correndo para sua virilha. Porra, isso era pior do que esperava. Pior, porque na rapidez com que estava ficando excitado, teria deitada em cerca de sessenta segundos, empurrando-se contra ela no meio do corredor onde os garotos poderiam surpreendê-los a qualquer momento.

Mas nem mesmo esse pensamento pode impedi-lo de mergulhar mais fundo dentro dela, explorando-a, saboreando-a. E merda, tinha um gosto bom. A sensação era ainda melhor. Ele inclinou a cabeça para conseguir um melhor acesso, concedeu e fez o mesmo. Ela rodou sua língua contra a dele, exigindo que a beijasse mais forte.

Por um momento, afastou os lábios dos dela.

— Merda, Lilo! — Mas apesar do fato de que seu beijo estava provocando o vampiro dentro dele, não podia parar. Esmagando sua boca com a dela, apertou-a contra a parede e prendeu-a lá. Paixão e desejo cresceram dentro dele, buscando uma saída. Respirando com dificuldade, reivindicou a boca com mais força do que planejou. Planejou? Inferno, não planejou nada disso. Apenas aconteceu. Um olhar para aqueles olhos azuis e estava perdido. *Tarde demais para fazer qualquer coisa sobre isso agora.*

Ele empurrou seus quadris contra ela, sentindo sua ereção se esfregando ao longo de seu estômago, embalando-o com seu calor e suavidade. Tentando libertar a fera dentro dele.



Lilo beijou de volta com uma paixão que não esperava, especialmente não de uma mulher que mal o conhecia. Ela era puro fogo, com um desejo desenfreado e estava positivamente descontrolada. Sentiu seu batimento cardíaco acelerar em seu peito e os seios macios esmagados contra ele. Gemidos suaves escaparam de sua garganta quando lhe deu a oportunidade de respirar. Mas o alívio não durou muito tempo. Um mero segundo ela procurou seus lábios novamente, exigindo mais, uma conexão mais profunda, como se não pudesse obter o suficiente desse beijo. Assim como ele não conseguia o suficiente dela.

Seu pau doía desesperado para mergulhar em seu calor e encontrar alívio. Ele deixou as mãos vagarem sobre seu corpo, explorando suas curvas exuberantes, acariciando-a, seduzindo. Sim, sabia o que estava fazendo. Usando sua vulnerabilidade para conseguir o que queria: um gosto desta mulher bonita e corajosa. Deveria ter vergonha de si mesmo para ceder às suas necessidades mais básicas e parar com essa loucura agora. Ele a levou para sua casa para protegê-la, não para usá-la como um animal faminto. Mas seu pau não se preocupava com isso. Não sabia o que era honra. Apenas queria senti-la. Estar com ela.

E ela não fez nada para impedi-lo. Não houve nenhuma resistência. Ele não tinha chance de parar tudo, de fazer a coisa honrada e deixá-la ir para a cama sozinha. Tudo o que podia pensar era como manobrar para cima, para o quarto onde poderiam continuar essa loucura com alguma



privacidade. Onde poderia despir suas roupas e deleitar seus olhos sobre ela, enquanto a levava ao êxtase.

Mas sabia que não seria suficiente. Mesmo encontrando liberação dentro dela, não seria suficiente. Não, sabia com uma certeza que nunca sentiu antes, que apenas quando ele provasse o sangue de Lilo é que iria ficar realmente satisfeito. Saciado. Feliz.

Mas isso significaria expor-se, mostrar-lhe quem e o que era. Como ela reagiria? Será que ainda esfregaria seu corpo sexy contra ele e permitiria que a tocasse? Será que ainda iria querer tocá-lo como agora? Com os dedos quentes acariciando debaixo de sua camisa, suas unhas arranhando suas costas, enquanto ele levava sua mão sob o suéter e tocava a pele suave de seu abdômen? Ele escorrega mais alto, devagar, com cuidado, esperando que ela o impeça. Mas nenhum protesto veio de seus lábios, que estavam ocupados devorando-o.

Apenas mais alguns centímetros e suas mãos estariam em seus seios, embalando aqueles globos perfeitos em suas palmas, provocando os mamilos com os dedos...

— Blake amor, você está...?

Blake girou, respirando pesado, olhando para a pessoa que entrava pela porta da frente.

— Rose? — Ele passou a mão trêmula pelo cabelo. Porra! Era sua quarta bisavó entrando pela porta enquanto ele praticamente transava com Lilo no corredor. Apenas a porra de perfeito! — Pensei que você estivesse em Carmel...



Rose olhou para além dele.

— Oh...

Pelo canto do olho, viu Lilo nervosa arrumando sua roupa.

— Sinto muito. — Sua voz falhou.

Ela olhou para Rose, em seguida, de volta para ele.

— Eu preciso ir. — Ela passou por ele, foi para a escada, até o segundo andar.

— Lilo! — Mas ela não parou.

— Acho que cheguei num momento ruim. — Disse Rose.

— Poderia dizer que sim.



Capítulo 12

Como pode ser tão estúpida?

Lilo fechou a porta do quarto atrás dela e colocou a mala sobre a cama. Correu para o banheiro e agarrou as poucas coisas que desempacotou anteriormente, jogando-as de volta na mala.

Blake tinha uma namorada! Suas palavras atordoadas confirmaram isso.

Pensei que estivesse em Carmel.

Aparentemente, ele não a esperava em casa tão cedo, então pensou que poderia ter sexo enquanto sua namorada estava fora da cidade. Merda! Era tão cafajeste como qualquer outro homem. Apenas Morgan West não era assim, porque ela o escreveu de forma diferente: pelo menos Morgan nunca se comprometeu com uma mulher e sempre deixou suas várias companheiras de cama saberem que ele não era exclusivo. Ele nunca mentia.

Bem, tecnicamente Blake não mentiu, simplesmente *esqueceu-se* de dizer que tinha uma namorada. Uma muito bonita. Ela não parecia ter mais de vinte e cinco anos e era tão impressionante como qualquer modelo. Loira, pequena, feições delicadas. E um sotaque britânico.

Claramente, Blake gostava de loiras. Talvez alguns dias, sem a namorada deixou-o excitado. Talvez precisasse atrair outra loira e ela era uma vítima disposta.

Como ela pode deixar-se ir assim? Estava prestes a despi-lo, jogando toda a cautela ao vento. Mais alguns minutos e teria dormido com um completo estranho, um homem sobre quem não sabia nada. Um homem que estava traindo sua namorada.

Uma batida na porta à fez enrijecer.

— Lilo, por favor, nós precisamos conversar.

Ela zombou. Não tinha nada a dizer a ele.

— Não se preocupe, eu vou embora. Informe a sua namorada...

A porta se abriu, fazendo-a virar. Blake- seus olhos imediatamente correndo dela para a mala na cama, sua surpresa era evidente.

— Você não pode sair. — Ele entrou no quarto e fechou a porta atrás de si.

Instintivamente, ela deu um passo para trás, a parte de trás de suas pernas batendo contra a cama.

— Por favor, diga a ela que eu sinto muito. Se eu soubesse...

— Você acha que Rose é minha namorada?

— Ela apareceu aqui às cinco da manhã e o chamou de amor.

Blake teve a audácia de rir.

— Rose é inglesa. Ela chama todos de amor. Ou querido.

— Por favor, não dê qualquer desculpa. É bastante embaraçoso. Eu não deveria tê-lo beijado...

Ele balançou a cabeça, um sorriso nos lábios.

— Não foi nada errado o que fizemos. Eu queria tanto quanto você. E mais. Eu ainda quero.

Com suas últimas palavras, ela estremeceu.

— Pare!— Apontou para a porta. — Sua namorada está lá embaixo. Como se atreve a dizer essas coisas para mim?

— Rose não é minha namorada. Ela é minha prima.

Lilo franziu a testa.

— Prima? — Não acreditava nisso nem por um segundo. Que prima chegava às cinco horas da manhã e nem sequer tocava a campainha? Balançou a cabeça. — Sua prima o visita nesta hora da noite?

— Ela está ajudando a decorar a minha casa e encontrou algumas antigas banquetas em Carmel que queria trazer logo.

— Às cinco da manhã?

Ele encolheu os ombros.

— Rose fica muito animada quando encontra algo assim e não podia esperar para me mostrar. — Ele se aproximou. — Você pode não acreditar, mas é verdade Lilo. Ou realmente

acha que a minha namorada iria mentir para você e fingir ser minha prima?

É claro que nenhuma namorada faria isso.

— Não, mas...

Ele colocou o dedo sobre seus lábios, lábios que ainda estavam inchados de seu beijo apaixonado.

— Desça comigo. Vamos esclarecer isso tudo. Lamento se fui muito rude. Mas queria beijá-la desde o momento que a vi no apartamento de Hannah. E não sou um homem do tipo impulsivo. Nunca a teria beijado se estivesse em um relacionamento com outra mulher. Eu não faço esse jogo. Não mais. A vida é muito preciosa para desperdiçá-la em coisas que não significam nada.

Ela notou que os olhos dele pararam sobre seus lábios e viu-o engolir em seco.

— Eu prefiro passar meu tempo de forma diferente. — Sorriu. — O que eu senti quando a beijei... Isso é algo que apenas acontece uma vez em um milhão.

Ela segurou a respiração.

Apertou a mão dela, entrelaçando os dedos com os dela.

— Agora venha e deixe-me apresentá-la a Rose. A curiosidade deve estar matando-a agora.

Lilo não tinha escolha além de segui-lo para baixo pela escada, sem soltar sua mão até que chegaram ao corredor, onde Rose estava esperando por eles.

A jovem sorriu para ela, estendendo-lhe a mão em saudação.

— Eu sou Rose e, por favor, deixe-me pedir desculpas. Se soubesse que Blake não estava sozinho, eu nunca teria invadido assim.

Lilo apertou a mão dela.

— Desculpe, eu te dei a impressão errada...

— Oh amor, por favor, não se desculpe. Eu conheço esse rapaz aqui por toda sua vida e ele pode ser um pouco difícil de lidar. Vamos apenas culpá-lo, certo?

— Muito obrigado, Rose. —Blake disse.

Lilo tropeçou em algo nas palavras de Rose. — O que quer dizer que *o conhece* toda sua vida? Não a *dele*. Você é claramente mais jovem do que Blake.

— Oh sim, claro, querida. — Ela fez um gesto de desprezo. — Agora vou sair rapidamente por um momento, mas tenho duas banquetas no meu carro e preciso de uma mão com elas.

— Cuidarei disso. Dê-me as chaves. — Blake ofereceu imediatamente, como se contente em escapar por um momento.

Rose jogou-lhe as chaves e um momento depois, caminhou para fora no escuro e se virou para ela.

— Bem, isso nos dá algum tempo para nos conhecermos.

Lilo assentiu e passou de um pé para o outro.

— Sinto muito, mas tenho que perguntar. Ele disse que você é sua prima, mas vocês não se parecem e seu sotaque é britânico.

Rose segurou a mão dela.

—Blake e eu somos famílias. E eu sei o que vi quando entrei, mas isso apenas me pegou de surpresa. Eu não o vi com uma mulher em um longo tempo. Ele não faz essa coisa de casual.

Lilo ficou confusa.

— Casual?

— Você sabe: sexo casual. Ele está muito ocupado para isso. E nunca mencionou você antes. — A pergunta nas palavras de Rose estava implícita.

— Nós apenas nos conhecemos esta noite. — Imediatamente queria tomar as palavras de volta. — Sinto muito. Você deve pensar que sou fácil. Eu normalmente não faço coisas assim... — Queria afundar no chão, cavar um buraco e se esconder. — Não é o que parece...

— Oh, querida. — Rose de repente soou como uma tia idosa prestes a dar conselhos.

Lilo levantou as pálpebras e encontrou os olhos de Rose. A preocupação estava gravada profundamente neles.

— Então você realmente não sabe ainda. — Rose se inclinou e abaixou a voz. — Blake é um bom homem. Confie nisso, não importa o que aconteça, se ele se preocupa com você, irá protegê-la com sua vida.

Surpresa com essas palavras estranhas, Lilo queria perguntar o que Rose queria dizer, mas Blake entrou nesse momento carregando duas banquetas e colocou-as no chão.

— Está tudo bem aqui? — Perguntou seu olhar indo entre ela e Rose.

— Claro amor. — Rose respondeu. Em seguida, foi até a porta, aceitando as chaves do carro de Blake. Ela olhou por cima do ombro. — Vou para casa. Quinn está esperando por mim. — Ela sorriu. — Foi muito bom conhecê-la, Lilo. Eu espero que não seja a última vez.

— Prazer em conhecê-la, também, Rose. — Ela conseguiu responder antes que a bela loira atraente fosse para fora da casa.

Lentamente Blake se aproximou.

— Nós estamos bem?

— Eu acho que vou dormir. Foi uma longa noite. — Ela evitou seu olhar, mas antes que pudesse passar por ele, Blake a parou e colocou os dedos sob o queixo, fazendo-a olhar para ele.

— Eu não farei nada que você não queira. Tem a minha palavra... Não importa o quão quente começou mais cedo. — Ele a beijou suavemente no rosto. — Boa noite, Lilo. Descanse um pouco. Talvez tenhamos algumas pistas sobre Hannah até amanhã.

Ela sorriu para ele, à vontade novamente. Rose estava certa. Blake era um bom homem. Mas até mesmo os homens



de bem se transformavam em predadores famintos quando provocados. E ela o provocou, tentando-o. Embora não se arrependesse, nem um único segundo. Mas também sabia que precisa levar as coisas mais devagar. O incidente com Rose mostrou que não sabia quase nada sobre o homem que fazia seu pulso correr como um trem bala e o sangue chiar como um ovo sobre o capô quente de um carro. E tanto quanto queria continuar de onde pararam antes que Rose os tivesse interrompido, sabia que era melhor resistir a esse impulso e tentar conhecer Blake melhor, antes que fizesse algo que não podia desfazer.

Capítulo 13

Wesley deixou cair o pingente de cristal no mapa do norte da Califórnia e suspirou com frustração. Ele foi ao apartamento de Hannah, mas não encontrou muito. Descobriu apenas que Hannah era muito limpa e organizada. Ele pegou sua escova de dente na esperança de que tivesse suficiente DNA sobre as cerdas, bem como sua escova de cabelo, que continha apenas alguns fios de seu cabelo. Usando essas duas coisas ele procurou por ela, mas nada.

— Porra! — Ele resmungou.

Vidência era uma das habilidades mágicas mais básicas e ele era mais preparado do que a maioria. Estava ciente de que vidência não funcionava com vampiros, mas Hannah era humana, então deveria tê-la encontrado até agora. Havia duas razões pelas quais ele poderia não conseguir: primeiro era que a quantidade de DNA na escova de dente e de cabelo não era suficiente ou segundo, que ela estava morta. E a última razão ele não estava pronto para aceitar. Porque Blake não iria aceitá-la.

E por este motivo se agarrou a primeira razão. Afinal, a escova de dente parecia bastante nova e limpa, havia encontrado apenas meia dúzia de fios de cabelos na escova

de Hannah. Provavelmente não o suficiente para obter uma leitura particularmente boa se ela estivesse longe.

Seu telefone tocou, interrompendo-o.

— Sim?

— Wes, é Matt. Eu tenho os resultados para você.

— Descendo agora.

Ele precisava limpar a cabeça de qualquer maneira. Talvez conseguisse algo mais tarde.

Wesley marchou pelo corredor de um dos andares do porão da sede da Mission Scanguards, indo para o laboratório de TI. Thomas e Eddie saíram pouco depois que Wes trouxe o laptop do suspeito para o escritório, então a tarefa de invadi-lo e examinar as informações dentro dele foram dados a Matt, um dos seus empregados humanos confiáveis.

Tudo estava tranquilo enquanto caminhava pelo corredor. Os seres humanos e híbridos tripulavam os escritórios principalmente durante o dia. Poucos vampiros estavam ao redor, a maioria deles foi para casa para dormir. Era meio-dia. Assim que o sol de inverno se pusesse, a sede estaria movimentada como uma colmeia novamente. Mas durante o dia, este era o seu domínio: ele era o empregado da Scanguards de mais alta patente no local e gostava que fosse assim.

Sem bater, Wes entrou no laboratório de TI.

Apenas algumas pessoas estavam sentadas na frente das muitas estações de trabalho espalhadas pela grande sala. Incluindo uma pessoa que ele não esperava.

— Isabelle? O que você está fazendo aqui?

A filha híbrida de Samson, de vinte e dois anos, levantou os olhos do computador e sorriu.

— Olá, Wes. — Ela empurrou seu polegar para o homem ao lado dela. — Clark está ensinando programação e outras coisas.

Wes levantou uma sobrancelha.

— Eu não sabia que você estava interessada em TI.

Ela encolheu os ombros, jogando uma mecha de seu cabelo escuro longo por cima do ombro. Ela era tão bonita como a mãe e tão inteligente quanto seu pai.

—Eu não estou. Mas acho que se quiser comandar a empresa um dia, deveria saber o máximo possível sobre como tudo funciona.

Wesley não pode deixar de rir.

— Você não estaria por acaso competindo com seu irmão de novo?

— Qual? — Ela perguntou.

— Ambos, na verdade. — Disse Wes.

Embora Grayson, um ano mais novo que Isabelle, fosse o mais ambicioso de seus irmãos, Patrick, que acabou de completar dezenove anos, era um pouco mais tranquilo e

ainda não estava pensando em como posicionar-se para assumir a empresa de seu pai, quando Samson decidisse se aposentar. Que, considerando o quanto Samson amava o seu trabalho, provavelmente nunca aconteceria.

— Tudo que Grayson quer fazer é sair em patrulha. — Ela zombou. — Se é assim que ele pretende provar a papai que é um adulto, então o deixe. É preciso mais do que músculos para executar Scanguards. — Inclinou seu dedo à têmpora. — É preciso usar o que tem aqui dentro.

Wes balançou a cabeça.

— Você deveria estar se divertindo com os outros jovens da sua idade e em vez disso está sentada aqui trabalhando. Quando eu tinha sua idade, eu me divertia.

Isabelle riu.

— Oh, eu ouvi tudo sobre a diversão que você teve quando era mais jovem. Haven é um bom contador de histórias.

— Meu irmão gosta de distorcer a verdade.

Ela piscou maliciosamente.

— Seu irmão está de pé bem atrás de você.

— Realmente, Isa? Você acha que eu ia cair em um truque tão velho?

Uma mão pesada pousou em seu ombro, fazendo-o girar ao redor. Seu coração quase parou.

— Merda, Hav! Por que porra você tem que deslocar-se sobre mim assim? Não deveria nem estar aqui.

Seu irmão vampiro sorriu de uma orelha à outra.

— Você sabe que nunca deve falar mal de mim pelas minhas costas.

— Eu não estava, mas se quiser, posso falar mal de você bem na sua frente.

Não tinha medo de seu irmão mais velho. Não tinha desde que seu irmão salvou a ele e à sua irmã da morte certa. Desde então, idolatrava Haven, embora nunca dissesse isso ao homem. Muita admiração era ruim para o caráter de um homem.

— Esse é meu irmão. — Disse Haven.

Wes acenou com o queixo. — Você não deveria estar dormindo nos braços de sua linda esposa?

— Eu estaria se John não tivesse me chamado para vir e dar uma olhada neste cara que eles trouxeram.

— Que cara?

— Um suspeito de um dos roubos recentes. Donnelly transferiu-o para nós.

— Então ele é um vampiro.

Haven balançou a cabeça.

— Humano.

— Então porque Donnelly nos enviou? Ele quer que a gente lide com crime humano agora, também? — Olhou para Isabelle. — Talvez você deva adicionar renegociação de contratos com a cidade ao seu currículo, enquanto está nisso.

— Alguma coisa está errada com ele. Donnelly nos pediu para dar uma olhada. E o rapaz está confuso, John não consegue descobrir o que há de errado. Está fazendo alguns testes, mas não terá os resultados antes de algumas horas.

— Que tipo de testes?

— Exames de sangue. Nós poderíamos precisar de sua ajuda.

— Por que isso?

— Parece que ele está sob a influência de alguma coisa. Poderia ser um feitiço, drogas ou o controle da mente. Você está mais bem equipado para descobrir isso.

Wes sorriu.

— Você não tem a sorte de ter um bruxo como irmão?

Haven voltou para a porta.

— Eu tenho sorte de ter um irmão. Você vem?

— Estarei lá em dois minutos. — Ele marchou para uma das estações de computador, onde outro ser humano estava sentado. — Ei, Matt, o que você tem para mim?

Matt olhou para ele através dos óculos John Lennon¹⁰.

— Temo que não seja muito. — Ele pegou algumas folhas de papel. — Imprimi o que achei ser importante, mas também posso enviar-lhe o arquivo eletrônico, que é um pouco mais abrangente.

Wes acenou para as páginas.

— Dê-me um resumo rápido. Olharei os detalhes mais tarde.

— Achei o habitual: compras, coisas do Youtube, jogos on-line. Mas estou um pouco perplexo com isso. — Ele apontou para um lugar na folha. — Eu não posso pronunciá-lo, desculpe. Parece ser alguma erva.

Wes se inclinou mais perto.

— Höllenkraut? — Porra! — Onde encontrou isso?

— No que se parece com um livro de receitas on-line que ele guardou. O que é estranho...

—... Dado que esse cara é um vampiro e não come ou bebe. — Ele bateu Matt no ombro, interrompendo-o.

— Muito bem. Envie o arquivo inteiro com todos os links para o meu e-mail. Irei verificar.

— Certo.

Wes já havia se virado, indo para a porta, quando Matt acrescentou.

— O que é aquela coisa? Esse Höllenkraut?

Ele olhou por cima do ombro.

— Se eu estiver certo e espero não estar, é uma das plantas mais perigosas do mundo.

E se Ronny usou isso em Hannah, de alguma forma, todos os esforços de resgate já poderiam ser desnecessários.

Um momento depois, ele estava marchando em direção à sala de interrogatório. No interior, Haven e John pairavam

sobre um ser humano que estava caído sobre uma cadeira de plástico.

John olhou para cima e reconheceu-o com um aceno de cabeça.

— Vamos ver se você tem mais sorte com ele do que eu.
— Disse ele com seu sotaque de Louisiana.

Apesar de se mudar para São Francisco e se juntar a Scanguards quatro anos atrás, ele não perdeu nada de seu sotaque sulista.

Wes se juntou a seus amigos e observou o suspeito.

— O que sabemos sobre ele?

— O nome dele é Michael Thorland. Ele foi pego por posse de drogas algumas vezes, mas todas as acusações foram retiradas. Sem antecedentes criminais, até que foi pego roubando uma loja de bebidas há dois dias. No início, eles o jogaram em uma cela na esperança de que fosse ficar sóbrio para que pudessem interrogá-lo, mas quando isso não aconteceu, Donnelly percebeu que algo não estava certo e transferiu-o para nós.

John colocou a mão por baixo queixo do rapaz e levantou a cabeça.

— Ele tem estado assim desde que chegou.

Wes olhou mais de perto. Os olhos do suspeito olhavam para ele fixamente.

— Catatônico?

— Parece, não é?—Disse John. — E não responde ao controle da mente também.

Wes levantou uma sobrancelha.

— Eu pensei que todo ser humano respondesse ao controle da mente. — Ele apontou para o suspeito. — Mesmo em um estado drogado.

— Isso era o que eu pensava, também.

— Talvez você esteja apenas cansado. — Wes sugeriu.

John instantaneamente mostrou suas presas para ele.

— Eu não estou cansado, porra!

— Apenas estou dizendo...

— Eu vou tentar. — Haven interrompeu, mas um momento depois teve que admitir, também. — John está certo. Ele não responde ao controle da mente. Muito estranho.

— Algo está errado. Seriamente errado. — Wes murmurou.

O controle da mente funcionava em todos os seres humanos. E este homem era claramente humano.

— Ele pode estar sob um feitiço. — Haven disse. — É uma possibilidade, certo Wes?

— Nós vamos descobrir. Alguém traga a sacola preta do meu escritório. — Ele continha ferramentas básicas de bruxaria. Enquanto Wes mantinha uma coleção mais



abrangente de ferramentas, livros e ervas em sua casa, sempre mantinha o essencial em seu escritório.

— E limpem o lugar. Não será seguro aqui para qualquer um de vocês.

Porque nem mesmo os vampiros tinham qualquer proteção contra magias.

Capítulo 14

Blake saiu do chuveiro e vestiu-se rapidamente. Era meio da tarde e ele dormiu apenas algumas horas, mas recebeu um telefonema da Scanguards vinte minutos antes, dizendo que o carro de Hannah foi encontrado e que estavam transportando-o para a sede para um exame. Queria dar uma olhada no que seria feito, na esperança de que Hannah tivesse deixado uma pista sobre o seu paradeiro.

Ele abriu a porta para sair de seu quarto, quando ouviu sons do quarto que Nicholas e Adam estavam ocupando. Os rapazes estavam ativos. Sabia que não poderia deixá-los à própria sorte, especialmente porque não sabia por quanto tempo ficaria fora.

Ele puxou o celular do bolso e discou o número de Wesley. Levou três toques antes que o bruxo residente da Scanguards finalmente respondesse.

— Sim?

— Ei Wes, como é que a vidência foi?

— Não foi.

— Você não encontrou nada com o DNA de Hannah sobre ele?

—Encontrei, mas não funcionou. O cristal não conseguiu identificar sua localização. Eu não posso encontrá-la.

— O que isso significa? Achei que você pudesse encontrar qualquer ser humano.

— Eu pensava assim também. — Suspirou. — Ouça, eu tenho que voltar para o que estava fazendo.

— Apenas mais uma coisa. — Blake o impediu de desligar a chamada. —Preciso de sua ajuda.

— Estou muito ocupado agora.

— É importante. Eles encontraram o carro de Hannah. Preciso verificá-lo. Você pode cuidar de Nicholas e Adam, manter um olho sobre Lilo, também?

— Você não pode encontrar outra pessoa? Estou examinando alguns arquivos no momento.

— Não é possível esperar?

— Não!

Blake suspirou. — Então por que você não traz os arquivos para casa? Pode trabalhar em meu escritório. Vamos lá, seja um bom esportista.

— Por que é que o seu trabalho tem sempre precedência sobre o meu?

Ele ouviu pesar na voz de Wesley.

—Isso não é verdade. Mas trata-se de Hannah.

Houve uma breve pausa, em seguida, Wes respondeu.

— Blake, eu não quero que você entre em pânico, mas... Há algo que encontramos no computador de Ronny.

— O que você achou? — Seu coração estava subitamente martelando tão alto quanto uma locomotiva.

— É possível que Ronny estivesse experimentando poções.

— Poções? Quer dizer, como o seu tipo de poções?

— Não exatamente. Mais como drogas.

— Fazendo o quê?

— Eu não sei ainda. Há mais uma coisa: hoje Donnelly transferiu um ser humano para nossa custódia. Parecia que ele estava sob um feitiço ou algo assim. Mas quando eu o examinei, não pude encontrar qualquer sinal de bruxaria. O que nos deixa com algo físico.

— Físico?

— Sim, como drogas. Algo que altera a mente. E acontece que me deparei com uma erva hoje que me assusta para caralho.

— Uma erva que assusta tanto assim? Você está exagerando.

— Eu encontrei o nome da erva no computador de Ronny. É por isso que estou repassando esses arquivos. Preciso descobrir o que ele fez. Se ele está utilizando este material, este Höllenkraut, em seres humanos...

— Merda! O que isso faz?

—Não tenho certeza exatamente. Havia outros ingredientes que causam efeitos estranhos em seres humanos. Eu não sei exatamente como ele está combinando-os e qual é o ponto em tudo isso. Mas não gosto.

Blake soltou um suspiro.

— Nem eu. Alguma pista sobre o carro de Ronny?

— Donnelly e sua equipe estão mantendo seus olhos e ouvidos abertos, mas nada até agora. Já falou com o veterinário?

— O escritório não estava aberto ainda quando eu fui dormir. Deixei uma mensagem para Ryder para passar pela clínica durante o expediente e descobrir se Hannah manteve o compromisso que tinha com seu cão.

Ryder era o filho de Gabriel e Maya, um híbrido, o que significava que ele poderia sair no sol sem os raios danificarem sua pele. Mas ele, seu irmão Ethan e sua irmã Vanessa eram diferentes dos outros híbridos aos seus cuidados. Seus pais eram vampiros muito especiais: antes que fossem transformados, eram sátiros. O DNA de sua espécie era tão dominante que, mesmo como vampiros, eles mantiveram alguns dos seus traços de sátiros e os passaram para seus filhos. E enquanto a capacidade dos pais de tolerar a luz solar se extinguiram na transformação, o nascido vampiro sátiro híbrido, assim como o nascido vampiro humano híbrido, Ryder e seus irmãos eram capazes de ficar sob a luz solar sem se transformarem em cinzas.

— Estou esperando ele responder. —Blake agora acrescentou.

— Bom. — Houve uma breve pausa, antes de Wes acrescentar. — Você está fazendo tudo o que pode.

— Isso não parece ser suficiente. — Porque Blake ainda não tinha uma pista sobre o paradeiro de Hannah. E a cada hora que passava as chances de encontrá-la viva e bem diminuían.

Um suspiro soou na outra extremidade da linha.

— Estarei aí em meia hora. Mas é melhor você dizer a esses garotos que preciso trabalhar que não vou aí para sair com eles.

— Você terá isso. Nem vai perceber que eles estão aqui.

— Ok, certo.

Blake desligou o telefone e foi até o quarto de hóspedes. Ele bateu brevemente, em seguida, abriu a porta e entrou, fechando-a atrás de si.

Nicholas estava sentado em sua cama esfregando os olhos. Adam estava debaixo do edredom e murmurando alguma coisa.

— Ei desculpem-me, mas eu tenho que ir para o escritório. Wes vai chegar em breve para ficar com vocês até eu voltar.

Adam sentou-se rapidamente.

— Wes está chegando? Legal!

Blake levantou a mão.

— Agora, apenas para você saber, Wes está trazendo seu trabalho com ele, então não quero que vocês o perturbem a menos que haja uma emergência.

Adam fez uma careta.

— Então qual é o ponto dele vir para cá?

— Para nos vigiar, idiota. — Seu irmão respondeu. — Como se nós fossemos crianças que precisam de uma babá. —Ele bufou.

— Wes não é babá, ele é o guarda-costas de vocês. — Blake o corrigiu. — Vocês deveriam estar acostumados com isso. Sempre tiveram guarda-costas, desde que nasceu.

Nicholas virou os olhos.

— Sim e está ficando chato.

— Não dirá isso quando seu guarda-costas salvar sua vida.

— Nós não estamos em perigo. —Nicholas protestou. — Eu não sei por que todo mundo constantemente faz tanto barulho.

Blake suspirou. Ele teve conversas semelhantes com alguns dos outros híbridos, que em um momento ou outro se rebelaram contra a superproteção dos pais. Ele deu alguns passos para frente e sentou-se na beirada da cama de Nicholas.

— Há sempre perigo, mesmo que você não o veja. Você e seu irmão são híbridos e preciosos não apenas para seus

pais, mas para toda a comunidade vampira. Você pode fazer coisas que um vampiro comum não pode. É mais forte e menos vulnerável, mas há muitos no mundo dos vampiros que consideram sua própria existência uma abominação. Seus pais têm o direito de protegê-lo.

Por alguns segundos houve um silêncio no quarto. Então Nicholas suspirou.

— Bem. Nós vamos apenas ignorar Wes. — Ele balançou as pernas para fora da cama. — Mas isso não é justo. Se eu sou realmente mais forte do que você e menos vulnerável, então por que preciso de proteção?

Com alguns movimentos bem treinados, Blake levantou Nicholas e colocou-o no chão, antes que a criança ainda tivesse a oportunidade de piscar.

— É por isso. Você pode ser mais forte, mas eu sou mais inteligente e habilidoso. Uma vez que for capaz de me derrotar, vou com prazer renunciar ao cargo de protegê-lo. Mas até então, meu caro rapaz, você terá a mim ou alguém da Scanguards como seu guarda-costas.

Da outra cama, Adam riu.

Nicholas levantou a cabeça e olhou para o irmão.

— Não é engraçado, Adam!

Capítulo 15

Lilo hesitou antes de descer a escada. Dormiu surpreendentemente bem e muito tempo — apesar de todas as coisas que aconteceram na noite anterior, o bom e o ruim. No final, ela estava tão cansada que adormeceu no momento em que sua cabeça bateu no travesseiro. Agora, enquanto descia lentamente a escada, sentia-se apreensiva sobre ver Blake novamente. Será que a faísca entre eles na noite passada ainda estaria lá hoje? Ou foi apenas uma reação a todo o estresse sob o qual ambos estavam?

Quando chegou ao corredor, ela ouviu um som vindo do escritório de Blake e caminhou em direção a ele. A porta estava aberta.

— Oi Blake, eu...

Ela se conteve. O homem olhando para cima de trás da mesa não era Blake. Era Wesley, seu amigo a quem conheceu na noite anterior. Ele estava vestido informalmente com uma camisa polo cinza claro combinando com seu cabelo escuro e pele bronzeada. O início de uma barba se mostrava em seu queixo, como se ele não se barbeasse há algum tempo. O crescimento de dois dias parecia bom nele.

— Ei, Lilo. — Ele cumprimentou. — Desculpe Blake não está aqui. Ele precisou ir ao escritório. Eles encontraram o carro de Hannah.

Imediatamente seu coração bateu mais rápido e suas pernas levaram-na para o escritório até que ela ficou bem na frente da mesa.

— E Hannah? — Ela estava com medo de ouvir a resposta, mas sabia que precisava descobrir.

Wesley balançou a cabeça.

— Desculpe nenhum sinal dela ainda. Blake tem uma equipe forense passando um pente fino no carro para ver se há qualquer evidência de... —Ele hesitou, então fez um movimento de desprezo com a mão. — De qualquer forma, eles estão tentando descobrir onde o carro esteve, para que possam, eventualmente, tentar refazer seus passos.

Lilo assentiu.

— Entendo. — Ela suspirou. Seria pouco realista esperar que tivessem encontrado Hannah tão rapidamente.

Ele apontou para sua mão.

— O que você tem aí?

Ela mostrou-lhe o livro em sua mão.

— O diário de Hannah. Pensei em reler para ver se encontro alguma coisa que poderia nos levar a ela. — Ela duvidava disso, mas na noite passada estava cansada demais para passar por isso novamente e hoje tinha olhos descansados. Talvez encontrasse algo.

— Boa ideia.

Ela deu um leve sorriso.

— Qualquer coisa sobre o computador de Ronny?

Wesley apontou para o laptop na frente dele.

— O departamento de TI enviou-me tudo o que encontrou nele. Estou analisando-o agora.

Curiosa, ela deu a volta para olhar para a tela, mas Wesley se levantou e bloqueou sua visão.

— Você deve estar com fome. Os garotos estão na cozinha, pegando um pouco de comida. Por que não se junta a eles? — Ele piscou. — E se eles começarem a ficar turbulentos. Grite e os colocarei na linha. Eles sabem que sou o chefe por aqui quando Blake está fora.

Hesitante ela balançou a cabeça, sentindo-se um pouco surpresa por sua óbvia tentativa de impedi-la de olhar para o que encontraram no computador de Ronny. Ela fez sinal para ele.

— Você me dirá se você encontrar algo ruim, não é?

— Prometo. — Ele sorriu um tipo de sorriso caloroso. — Agora, vá comer alguma coisa, antes que Adam e Nicholas esvaziem a geladeira. Eu a deixarei saber quando tiver algo de concreto.

Com um aceno de reconhecimento, ela virou-se e seguiu sua sugestão.

Lilo empurrou a porta para a cozinha, sentindo-se um pouco estranha sobre andar pela casa enquanto seu anfitrião

estava ausente, mas agora que Wesley tocou no assunto, ela estava com fome. Sua última refeição foi antes de embarcar no avião em Omaha.

Nicholas e Adam estavam sentados à mesa da cozinha.

— Bom dia. — Nicholas fez coro e imediatamente virou-se para o prato na frente dele, empurrando um garfo cheio de ovos mexidos em sua boca.

Adam, que estava sentado em frente a ele, acenou timidamente e murmurou.

— Oi. Não é realmente mais manhã.

— Oi. — Ela respondeu, obrigando-se a parecer alegre e apontou para a geladeira. — Eu ia fazer algo para comer.

Adam apontou para o prato.

— Nós já terminamos com os ovos mexidos que Wes fez. Mas há mais ovos na geladeira.

Ele tentou se levantar, mas ela levantou a mão o parando.

— Não, não, coma, por favor. Encontrarei alguma coisa.

Lilo colocou o diário de Hannah sobre o balcão e abriu a geladeira. Estava bem abastecida -para a geladeira de um solteiro- e não apenas com porcarias. Coisas como leite, ovos e suco de laranja. Assim como iogurtes e queijos, frios e legumes.

Ela tirou tudo o que era necessário para uma omelete saudável e começou a trabalhar.

— Lilo, você quer jogar videogame com a gente depois?
— Adam perguntou de repente.

Ela olhou para ele.

— Oh, eu gostaria, mas não sou muito boa. Temo que apenas atrase vocês.

— Isso não importa.

Nicholas balançou a cabeça, apontando para seu irmão mais novo. — Não se entregue. Ele está apenas à procura de alguém que possa vencer, porque não tem chance contra mim.

— Isso não é verdade! — Adam saltou.

Lilo jogou a mistura de omelete na frigideira quente, antes de olhar para os dois adolescentes.

— Tenho certeza de que você é muito bom. Mas nunca joguei videogame.

— Então o que você faz?

— Leio.

— Parece chato. — Nicholas comentou.

— Não é verdade. Disse Lilo, virando a omelete na frigideira, para que pudesse dourar do outro lado. — Alguns livros podem levá-lo a uma aventura.

Nicholas encolheu os ombros, desinteressado.

— Certo.

Os olhos de Adam se arregalaram um pouco, mostrando que ele não era tão estranho aos livros como seu irmão mais velho.

— Que tipo de livros?

— Eu gosto de mistérios e suspense.

Adam sorriu.

— Você quer dizer com muito sangue e sangue coagulado?

Ela riu alto, percebeu que um adolescente estaria interessado nisso.

— Não necessariamente. Mas com muito suspense.

— Oh sim, bem. — Claramente, ela perdeu o interesse de Adam também.

Mas ela amava um desafio. E talvez houvesse uma maneira de ganhar o interesse de Adam novamente.

Ela jogou a omelete em um prato foi até a mesa, se juntando aos dois rapazes. Após a primeira mordida, disse casualmente.

— Eu escrevo livros para viver.

As cabeças de ambos os meninos se levantaram.

— Você é uma autora? — Perguntou Nicholas, de repente todo ouvido. — Você escreve livros de verdade?

— O que você escreve? — Adam quis saber, seus olhos agora ainda maiores do que antes.

Ela sorriu para si mesma. Um a zero para Maxim Holt! Claro, ela não podia dizer aos garotos qual era seu pseudônimo, já que era um segredo muito bem guardado, especialmente porque ela escrevia sob um pseudônimo masculino, uma necessidade a fim de ser levada a sério no gênero suspense dominada por homens. Se fosse divulgado que o escritor por trás da série Morgan West — o Caçador de recompensas, era uma mulher, milhões de leitores do sexo masculino se sentiriam enganados.

— Eu escrevo suspenses e mistérios. Sabe... — Ela piscou para Adam. — Com quase nenhum sangue e sangue coagulado, mas com muito suspense.

— Uau, isso é legal. — Disse Nicholas. — Então, podemos ler um dos seus livros? Quer dizer apenas para ver como eles são.

— Eu não tenho nenhum comigo agora.

— Você provavelmente pode encomendá-los on-line em algum lugar, certo? — Adam deu-lhe um olhar esperançoso.

— Claro. — O que ela começou? Tudo o que queria era mostrar aos rapazes que a leitura não precisava ser chata e agora eles estavam ansiosos para saber mais sobre seus livros. Ela tinha que pará-los. — Verificarei isso mais tarde.

Adam apontou para um canto onde um laptop estava sentado.

— Você pode usar esse computador. Não há nenhuma senha nele.

Lilo empurrou outra garfada de sua omelete na boca, ganhando um momento antes de responder. Mas logo descobriu que não precisava porque a porta se abriu de repente. Uma jovem mulher asiática e um rapaz entraram.

Ela parou, parecendo surpresa.

— Oh, olá!

— Oi, Sebastian! — Adam gritou e pulou. — Você quer jogar videogame?

Lilo se levantou de sua cadeira e caminhou até a mulher, estendendo a mão e olhando com atenção para ela. Seu cabelo preto era reto e brilhante, e seus olhos amendoados eram escuros e misteriosos. Ela parecia exótica, graciosa e linda.

— Oi, eu sou Lilo. Apenas estou visitando.

— Ela é amiga de Blake. — Nicholas interrompeu. — Ela ficou durante a noite.

Com as palavras de Nicholas, Lilo sentiu como se encolhesse. Esta não era a impressão que queria dar a todos: uma companheira de uma noite que Blake arrumou.

A mulher sorriu e pegou a mão dela, apertando-o brevemente. — Sou Úrsula, cunhada de Blake. Seus olhos seguiram seu filho, que se dirigia para a geladeira. — Sebastian, você acabou de comer.

Ele olhou por cima do ombro. — Sim, mas eu estou crescendo. — Ele abriu a porta da geladeira.

Úrsula fez uma careta. — Não é possível discutir com isso, não é mesmo? — Ela sorriu para Lilo. — Então, você está visitando Blake. Ele não mencionou que estivesse esperando alguém.

— Oh uh, foi muito de última hora. Eu, uh...

Úrsula fez um movimento de mão de desprezo. — Não se preocupe. Não estou curiosa. Apenas queria deixar Sebastian. Ele gosta de passar um tempo com esses arruaceiros aqui.

— Úrsula, você não deve nos chamar de arruaceiros. — Disse Adam num tom rigoroso. — Nós somos muito bem-comportados.

— Com um pai como Zane, quem não seria? — Ela piscou para os meninos, em seguida, virou-se para Lilo. — Não me diga que escolheram você para vigiá-los.

— Não, Wesley está aqui enquanto Blake está no escritório.

As sobrancelhas de Úrsula subiram. — Nesta hora do dia?

Lilo deu-lhe um olhar surpreso. Era tarde. Por que ela iria achar estranho que Blake estivesse no escritório?

— Quer dizer. — Úrsula acrescentou rapidamente. — Eu pensei que ele estivesse no turno da noite.

— Oh sim, ele está, mas nós estamos procurando minha amiga. Hannah. Ela desapareceu. É por isso que estou aqui. Eu vim de Omaha ontem e Blake está me ajudando a encontrá-la.

— Ah, entendo. Eu não sabia que você era uma cliente. Bem, seu caso está nas melhores mãos. — Ela olhou para seu relógio de pulso. — É melhor eu ir. Eu tenho algumas compras para fazer. Estarei de volta em poucas horas para pegar Sebastian.

Um uivo de desapontamento veio de Sebastian, que virou um olhar suplicante para a mãe.

— Pensei que pudesse passar a noite. Eles vão. — Ele apontou para Nicholas e Adam.

— Sim, porque eles de alguma forma conseguiram convencer seus pais a ir para Nova Orleans sem eles.

Nicholas riu.

— Foi um golpe de gênio sugerir para a mamãe que isso poderia ser como uma segunda lua de mel.

Úrsula voltou seus olhos para o teto.

— Que manipulador. — Então ela olhou para seu filho. — Que tal eu buscá-lo à meia-noite? — Ela abriu a porta e saiu.

Surpresa, Lilo a seguiu.

— Qual é a idade Sebastian?

— Doze. Por quê?

— Na sua idade, eu tinha a sorte de ser autorizada a permanecer até as nove.

Úrsula encolheu os ombros.

— São férias escolares. Eu sou muito mais rigorosa quando ele precisa ir para a escola. Mas ele é um garoto com muita energia e precisa sair com seus amigos. Ele é apenas uma criança, sabe.

Na porta da frente, Úrsula parou.

— Espero que você encontre sua amiga.

— É muito gentil da sua parte.

Um momento depois, a porta se fechou atrás da cunhada de Blake. Por um tempo, Lilo apenas ficou ali, perdida em seus próprios pensamentos. Ela acabou de conhecer Blake, mas praticamente já conhecia toda a sua família: Rose, sua prima, Úrsula, sua cunhada e Sebastian, seu sobrinho. Para não falar de seus amigos e amigos com seus filhos. Seu último namorado levou vários meses para relutantemente apresentá-la a seu irmão e quando estava pronto para apresentá-la a sua mãe, Lilo estava pronta para terminar com ele.

Surpresa com a direção que seus pensamentos tinham tomado, ela balançou a cabeça. Um beijo não o fazia um namorado. Era melhor que ela fosse realista sobre isso e se concentrasse no que era importante: encontrar Hannah.

Um barulho interrompeu seus pensamentos. Originava-se da cozinha, onde a julgar pelos gritos, o fechar de portas e gavetas, os três meninos de alguma forma estavam ficando fora de controle.

Capítulo 16

Lilo empurrou a porta da cozinha aberta e entrou no caos. Nicholas estava gritando com os dois garotos mais jovens enquanto eles lutavam pela embalagem de meio litro de suco de laranja.

— Tem o suficiente para os dois! — Nicholas grunhiu. — Seus idiotas!

Imediatamente os dois rapazes olharam para ele.

— Você que é um idiota!—Adam soltou.

Nicholas de repente rosnou como um animal.

— Não fale assim comigo! — Ele investiu contra seu irmão.

— Parem com isso!—Lilo gritou, correndo em direção a eles.

Todas as cabeças se voltaram para ela e várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Nicholas colidiu com Adam, Adam soltou o suco de laranja, batendo o cotovelo no estômago de Sebastian. Sebastian engasgou e também soltou a caixa, a mão instintivamente voando a seu estômago para se proteger.

A embalagem caiu e o líquido alaranjado derramou sobre o balcão, espalhando-se sobre ele.

— Oh, merda! — Adam disse com uma voz leve, os olhos correndo pelo balcão.

Mas Lilo já estava correndo, tentando salvar o que poderia ser salvo. Era tarde demais: o diário de Hannah estava em uma poça de suco de laranja, a capa almofadada absorvendo o líquido, as flores decorativas secas dissolvendo-se em uma confusão pegajosa.

— Oh, não! — Ela gritou.

— Desculpe. — Sebastian disse, afastando-se do balcão para deixá-la passar. Então ele apontou o dedo para Adam e Nicholas. — Mas os dois começaram isso.

— Está tudo bem, está tudo bem. — Ela disse para o rapaz. Repreendê-lo não iria ajudar, agora que o estrago foi feito. Em vez disso, rapidamente pegou uma toalha e levantou o diário, envolvendo-o e absorvendo o máximo de líquido que podia, esperando que as páginas não fossem arruinadas.

Lilo afastou-se para o balcão da cozinha que estava seco e pegou uma toalha, ainda tentando recuperar o livro. Atrás dela, Nicholas assumiu o comando dos esforços de limpeza.

— Pingou no chão também. — Disse ele. — Adam, dê-me outra toalha.

Seu irmão não expressou nenhum protesto, mas Lilo não estava prestando muita atenção nos garotos agora. Seu foco estava em salvar as páginas do diário de Hannah e preservar a escrita dentro. Cuidadosamente, enxugou os lados do livro com a toalha seca, esperando que o suco de laranja não tivesse danificado muito. Quando parecia que a

toalha tinha absorvido todo o líquido, ela deixou-a de lado e abriu o livro no meio.

Um pouco do líquido umedeceu cerca de três centímetros para dentro do livro, mas não causou qualquer dano na escrita. Ela folheou o livro e suspirou de alívio, antes de fechá-lo novamente. E foi quando viu que a capa traseira acolchoada estava começando a descascar. Ela virou o livro e de repente notou um inchaço debaixo da capa. Delicadamente, descascou o preenchimento danificado.

Um suspiro escapou dela.

Ali, preso na capa dura do livro, escondido debaixo de estofamento pesado, estava um fino pendrive. Em seu invólucro brilhante, a letra H estava escrito com uma caneta rosa.

— Hannah. — Ela murmurou para si mesma. Apenas Hannah poderia ter colocado lá.

Nicholas estava subitamente de pé ao lado dela, olhando com curiosidade para o diário. Ela encontrou seu olhar, mas não disse nada.

Depois de um momento de silêncio, ele olhou por cima do ombro.

— Ei Adam, Sebastian, que tal jogar videogame?—Então ele levou os dois garotos mais novos para a sala.

Quando a porta se fechou atrás deles, Lilo respirou fundo. Talvez agora ela descobrisse o que causou problemas

para Hannah. Para sua amiga esconder um pendrive em seu diário, algo sério estava acontecendo.

Ela estendeu a mão para o pendrive. Estava um pouco úmido, então o secou. Lembrando o comentário de Adam que ela poderia usar o laptop na cozinha, caminhou até o canto, sentou-se na frente do computador e moveu o mouse para a tela acender.

Enquanto inseria o pendrive em uma porta USB, todos os tipos de ideias sobre o que os dados iriam revelar percorreram sua cabeça. Hannah se deparou com alguma corrupção do governo ou testemunhou um crime? Será que tinha posse de documentos importantes que a colocaram inadvertidamente em perigo? Ela estava envolvida com algum tipo de crime organizado, como a máfia, russos ou outra coisa?

Finalmente, uma janela se abriu, exibindo o conteúdo do pendrive: um único arquivo. Um vídeo. Ela deu duplo clique nele, em seguida, estendeu a imagem em tela cheia.

Ela reconheceu imediatamente. Era o apartamento de Hannah. O ângulo em que a gravação foi feita sugeria que a câmera estava colocada na estante, quase como uma câmera para bebê ou para cachorro. Hannah não mencionou alguns meses antes que ela queria manter um olho em Frankenfurter durante o dia enquanto estava trabalhando? Ela comprou uma câmera escondida para fazer exatamente isso?

Bem, agora não importava. O que importava era o que o vídeo mostrava. Não havia áudio. No entanto, era evidente que os dois homens na sala de Hannah estavam discutindo. Um deles era Ronny, ela reconheceu-o a pela imagem que Blake mostrou. O outro estava de costas para a câmera, impedindo-a de ver seu rosto.

Por que Hannah escondeu este pendrive, quando tudo o que mostrava era seu namorado discutindo com outro homem? Sem som, ela não poderia nem mesmo dizer sobre o que eles estavam brigando. Talvez um leitor de lábios conseguisse decifrar algumas das coisas que Ronny estava dizendo, mas as respostas do outro homem permaneceram desconhecidas.

Com um suspiro de frustração, ela se concentrou no vídeo novamente, assim que Ronny moveu-se em direção à porta. O outro homem agarrou seu ombro, virando-se para a câmara e empurrando-o de volta. Agora ela podia ver os rostos dos dois homens. E ela reconhecia o outro homem agora: era o homem que a atacou no apartamento de Hannah. Ronny e o outro se conheciam!

Ela tinha que dizer a Blake. Em sua mente, isso praticamente confirmava que Ronny e este estranho tinham algo a ver com o desaparecimento de Hannah.

Ela estava prestes a saltar para cima, quando algo na tela chamou sua atenção de volta. Os dois homens olharam um para o outro, seus olhos como raios de luz vermelhos.

— O que... — Ela engasgou com a palavra seguinte. O que estava acontecendo na frente de seus olhos não era possível. Não, ela estava alucinando. Piscou, tentando limpar sua visão. O que estava vendo era impossível, era contra todas as leis da natureza.

Ronny e o assaltante foram se transformando em criaturas que não poderiam existir: criaturas com olhos brilhantes vermelhos e presas brancas afiadas que mostrava um para o outro em um show de agressão.

Vampiros.

Não. Não podia ser.

Ela voltou o vídeo alguns segundos para o ponto onde o desconhecido agarrou o ombro de Ronny e observou a sequência inteira novamente, desta vez focando nas inconsistências do vídeo que podiam indicar que foi manipulado. Mas estava perfeito. Este não era falso, não eram dois vídeos editados, esta era uma gravação contínua.

O que apenas pode significar uma coisa: os dois homens no vídeo eram vampiros. Vampiros reais.

Seu coração batia em sua garganta e suas mãos começaram a tremer. Isso era do que Hannah estava com medo. Ela descobriu que seu namorado era um vampiro. E para proteger seu segredo, ele teve...

— Oh Deus. — Ela murmurou, batendo a mão sobre a boca para impedir um grito, quando um suspiro atrás dela a fez girar ao redor, enviando o seu batimento cardíaco para a estratosfera.

— Wesley. — Ela ofegou.

Mas ele não estava olhando para ela. Estava olhando para além dela, para a tela.

— Onde você conseguiu isso?

Automaticamente, ela apontou para a agenda arruinada no balcão da cozinha.

— O diário de Hannah. Ela escondeu lá dentro.

Lágrimas encheram os olhos dela.

— Isso não pode ser verdade. — Ela olhou de volta para a imagem que congelou no último quadro. As presas brancas dos dois vampiros pareciam saltar fora da tela. — Mas deve ser. Wesley, eles são vampiros. O homem que me atacou. E Ronny, o namorado de Hannah. — Uma lágrima que ela não conseguiu impedir rolou por seu rosto. — O que faremos agora? Hannah descobriu sobre eles. Eles devem tê-la machucado para proteger seu segredo.

O segredo de que os vampiros existiam. Que eles não eram apenas ficção.

Wesley sentou ao lado dela.

— Vamos olhar para isso de forma racional. — Ele apontou para a tela. — Isto provavelmente é falso. Deve ser. Há muita coisa que você pode fazer hoje em dia com software de edição de vídeo.

— Isto não é editado, é uma gravação contínua. Wesley, eles estão se transformando em vampiros bem na frente dos meus olhos. Você não vê isso? — Por mais difícil que fosse

reconhecer este fato, ela não podia negar o que via com seus próprios olhos.

Wesley suspirou.

— Eu sei que parece isso, mas temos que ponderar todas as possibilidades em primeiro lugar, antes de tirar conclusões precipitadas.

Ela balançou a cabeça, batendo o punho na mesa.

— Mas eu sei o que estou vendo. Tudo faz sentido agora. Esse cara... — Ela apontou para o estranho no vídeo. — Quando ele me atacou, pensei ter visto seus olhos brilhando vermelhos. No começo achei que fosse apenas um pouco de luz que estava refletindo fora de sua íris, mas não era isso. Ele estava prestes a mostrar seu lado vampiro. Se Blake não tivesse aparecido quando o fez, ele teria me mordido!

— Lilo, acalme-se. Você não pode saber disso!

— Eu não sou louca, Wesley!

— Eu não estou dizendo que você é louca.

— Você está insinuando. — Ela bufou. — Merda, por que você não olha para a tela? — Ela apontou para a tela uma vez mais. — Ronny e seu amigo são vampiros e foi isso que Hannah descobriu. Ela acidentalmente os gravou. Ela temia por sua vida. É por isso que ela escondeu isso em sua agenda, assim se algo acontecesse com ela, iríamos encontrá-lo e descobrir quem a feriu. — Ela fechou o laptop e arrancou o drive USB. — Eu vou levar isso para a polícia.

— Não. — Wesley protestou.

Ela deu-lhe um olhar.

— Quer dizer, eles apenas vão olhar para você como se fosse louca. Eles nunca acreditarão que isso é real e não apenas um vídeo feito por algumas crianças para o Dia das Bruxas. Pense nisso por um momento, antes de fazer qualquer coisa.

— A polícia precisa ver isso. — Ela deu um pulo.

— Pelo menos espere até que Blake volte. Talvez ele possa dar sentido a isso.

— Não há tempo. Eu não posso esperar cada segundo conta. Se Hannah ainda estiver viva e rezo para que ela esteja, então nunca me perdoaria se esperasse um minuto sequer quando esta informação pode nos ajudar a encontrá-la. — Empurrou o pendrive em seu bolso da calça.

Ela deu alguns passos em direção à porta e Wesley a seguiu. Agarrou o braço dela, fazendo-a olhar por cima do ombro.

— Nenhum policial vai acreditar em você. É uma perda de tempo.

Lilo balançou a cabeça.

— Ligue para Blake e diga-lhe que estou a caminho da delegacia. Diga o que encontramos, mas preciso ir. Detetive Donnelly já tem um relatório sobre o desaparecimento de Hannah. Ele já está trabalhando nisso. Quando vir este vídeo, saberá o que fazer.



Pelo menos ela esperava que sim, porque não sabia mais o que fazer. Ela nunca teve de lidar com algo assim em sua vida.

Vampiros!

Não apenas sua existência era um choque que ela não poderia nem começar a entender, mas o horror de saber que Hannah estava neste tipo de perigo a encheu de dor, a ponto de paralisá-la. Precisava de ajuda. Não podia esperar por Blake. Quem sabia quando ele voltaria? Além disso, estava acompanhando outras pistas sobre o paradeiro de Hannah. Não, a polícia iria ajudá-la com isso. Eles teriam que usar todos os seus recursos agora para trazer Hannah de volta e proteger o resto da cidade desses monstros.





Capítulo 17

Levou quase vinte e cinco minutos para chamar um táxi. Ela precisou andar dois quarteirões para chegar a uma área mais movimentada, onde mais carros estavam circulando. Apenas agora, à luz do fim da tarde, percebeu que onde a casa de Blake estava localizada, era uma área exclusiva, longe do tumulto da cidade. Mas agora ela não tinha tempo de sentir qualquer apreço por seus arredores, porque todas suas crenças acabaram de entrar em colapso.

Vampiros! Como poderiam existir?

Culpa explodiu através dela mais uma vez. Ela falhou com Hannah. Não estava lá quando sua amiga mais precisara. O quanto à amiga precisara de ajuda apenas agora se tornou evidente. E o que fez? Preocupou-se com o prazo de entrega do seu livro! Como se isso importasse!

O vídeo brilhou na frente de seus olhos novamente. Como ela iria esquecer o que viu? Monstros, criaturas vis, matando. O pensamento enviou um arrepio através de seus ossos. E se já fosse tarde demais para Hannah? E se a tivessem sugado e matado?

Lilo segurou as lágrimas. Não, ela não podia permitir-se chorar. Tinha que manter a esperança de que Hannah estava viva.

— Aqui estamos. — O motorista de táxi anunciou, parando em frente à delegacia que Lilo visitou ontem à noite.

Ela pagou o motorista e saiu. Seus joelhos tremiam enquanto subia a escada para a porta da frente. Por um breve momento parou ali, respirando profundamente.

Dentro da delegacia de polícia, olhou em volta. Várias pessoas estavam esperando, uma agente estava falando com uma pessoa e vários outros foram se aglomerando ao redor deles, conversando animadamente. Atrás do balcão, vários policiais uniformizados e à paisana estavam fervilhando por ali.

Ela esticou o pescoço para olhar sobre as pessoas à sua frente para ver se o oficial Donnelly estava sentado em um dos cubículos.

— Detetive Donnelly? — Ela gritou.

A policial no balcão deu-lhe um olhar irritado.

— Você vai ter que esperar sua vez, senhora. Sente-se.

— Mas eu preciso falar com o Detetive Donnelly. Ele me conhece.

— Seja como for, como pode ver, estamos ocupados aqui.

— Donnelly não estará de plantão até hoje à noite. — Um policial de trás do balcão disse, enquanto passava.

— Oh, não! — Ela chamou a atenção do policial. — Isso é urgente. Eu fiz uma queixa de pessoa desaparecida para ele

na noite passada. E tenho uma pista sobre quem poderia ter sequestrado minha amiga.

O policial parou e olhou para ela.

— Ouça senhora, é só esperar a sua vez e alguém estará com você em breve.

Ela apertou até o balcão.

— Por favor, oficial, eu não posso esperar. Cada minuto conta. Quanto mais tempo minha amiga estiver sumida, menos provável será encontrá-la viva. Por favor! —Desta vez, ela permitiu que as lágrimas enchessem seus olhos.

O policial suspirou.

— Tudo bem. — Ele acenou para a porta do outro lado.

Enquanto caminhavam até lá, várias das pessoas na sala de espera resmungaram sobre ela furar a fila. Mas ignorou. Se eles soubessem o que descobriu...

O policial abriu a porta e deixou-a entrar.

— Eu sou o oficial Carter. Qual seu nome, senhora?

— Sou Lilo Schroeder. Eu estive aqui ontem à noite.

Ele apontou para um dos cubículos. Enquanto ele se sentava na cadeira atrás da mesa, Lilo se esgueirou para o lado dele.

— Então, no que posso ajudá-la?

Lilo se inclinou para frente.

— Acho que sei quem levou minha amiga.

— Então, nós estamos falando de um sequestro?—Seu olhar era firme e quase desinteressado.

— Sim bem, eu fiz uma queixa de pessoa desaparecida na noite passada, mas agora tenho certeza de que foi sequestrada.

— Como é isso, senhorita Schroeder?

— Eu vi o homem que me atacou em seu apartamento.

— Você foi atacada no apartamento de sua amiga?

Assentiu com a cabeça ansiosamente.

— Sim, sim, eu disse ao detetive Donnelly tudo sobre isso na noite passada. Anotou em seu relatório. —Ela apontou para o computador. — Está tudo aí dentro.

— Hmm, bem veremos então. —Ele colocou os dedos no teclado. — Você não tem o número do processo?

Ela balançou a cabeça.

— Não se preocupe. Qual o nome da pessoa desaparecida?

— Hannah Bergdorf.

O oficial começou a digitar, em seguida, olhou para a tela.

— Hmm. — Ele olhou para ela. — Hanna com *h* ou sem *h* no final?

— Com *h*.

Ele digitou novamente, pressionando os lábios.

— Hmm. Isso é estranho. Não há nada aqui. Talvez ele tenha sido arquivado em seu nome.

— Lieselotte Schroeder.

Ele entrou com seu nome, em seguida, sacudiu a cabeça. — Nada. Você disse que esteve aqui ontem à noite e apresentou uma queixa?

— Sim. — Ela se inclinou para frente para olhar para o monitor. — Deve haver alguma coisa. Eu também relatei a invasão.

— Uma invasão?

— Sim, no apartamento da minha amiga. Pelo cara que me atacou.

O policial lhe lançou um olhar cético. Será que ele não acreditava nela?

— Por favor, você precisa me ajudar. Acho que sei quem levou minha amiga. — Ela cavou em seu bolso da calça e tirou o pendrive, mostrando a ele. — Está tudo aqui. É em vídeo. É horrível. — Ela olhou para o balcão, onde os civis estavam ficando impacientes. — Mas você precisa assistir em algum lugar privado. Se as pessoas olhar o que está aí, haverá pânico.

Ele estendeu a mão, levando o pendrive dela.

— Mm-Hmm. — Sua voz estava um pouco mais suave do que antes, como se ele estivesse tentando acalmá-la.

De repente, uma mão mergulhou e pegou o pendrive.

— Por que eu não assumo a partir daqui?

Ela girou a cabeça para o homem, que tinha falado e suspirou de alívio.

— Detetive Donnelly.

— Senhorita Schroeder.

— Donnelly, o que você está fazendo aqui?

Donnelly deu de ombros.

— Pensei em vir mais cedo. Ouvi dizer que estava cheio.

— Sim, você pode dizer isso de novo. — O policial parou por um momento, então apontou para a tela. — Não foi possível encontrar o relatório de pessoa desaparecida sobre o qual a Srta. Schroeder estava falando.

Donnelly limpou a garganta.

— Sim, meu sistema caiu ontem à noite. Terei que inserir novamente todos os dados. — Então ele se afastou de seu colega. — Agora, Srta. Schroeder, por que não vamos para o meu escritório? Tem muito falatório aqui fora para se tiver uma boa conversa.

Aliviada, ela deixou cair os ombros, relaxando um pouco. Donnelly iria ajudá-la.

Quando Donnelly fechou a porta de seu escritório atrás deles, deixando de fora as vozes de sala de espera, o ambiente pareceu reconfortante.

— Então, o que está acontecendo, Srta. Schroeder? Aconteceu alguma coisa desde a noite passada?

Ele apontou para a cadeira e sentou-se, enquanto encostava-se à mesa.

Ela apontou para o pendrive em sua mão.

— Achei isso no diário de Hannah. Acho que ela estava escondendo no caso de algo acontecer.

— O que é isso?

— Um vídeo. Ele mostra seu namorado discutindo com o homem que me atacou na noite passada.

Ele se endireitou.

— Oh. Isso é um achado. E você reconhece o homem com cem por cento de certeza?

— Sim. É ele. Não há dúvidas. Mas há algo mais. É horrível. No começo, eu não conseguia nem acreditar em meus próprios olhos. Mas não há nenhuma dúvida.

— Sobre o quê?

Ela apontou para o drive.

— Veja por si mesmo.

Ele caminhou ao redor da mesa e inseriu o pendrive em uma porta USB, em seguida, concentrou-se na tela.

Lilo torceu as mãos, esperando ansiosamente. Se ela tivesse dito a Donnelly abertamente que o vídeo mostrava dois vampiros, ele provavelmente teria a dispensado como louca e a conduzido para fora da delegacia de polícia o mais rápido possível. Mas se visse por si mesmo, sem ela sugerir nada, então ele teria que acreditar.

O levantar de ambas as sobrancelhas indicava que ele chegou à parte no vídeo onde os dois homens mostravam seus intensos olhos vermelhos, presas brancas afiadas. Segundos depois, ele desviou o olhar da tela e encontrou seus olhos.

— Isso é impossível. — Disse ele. — Eu sei o que parece na tela, mas acho que nós dois estamos sendo enganados aqui.

— Mas você viu também, não é? Aqueles dois homens estão se transformando em vampiros. Ali.

— Vou levar isso como evidência e ter os nossos especialistas de TI verificando se o arquivo foi adulterado ou se é genuíno.

— Mas não temos tempo. Minha amiga Hannah está nas mãos deles. Estão machucando-a. Não podemos perder tempo. — Apontou para a tela. — E agora que você sabe como meu atacante se parece, terá uma melhor chance de encontrá-lo. Ele tem Hannah. Ele e Ronny, eles estão com Hannah!

— Nós não sabemos com certeza. — Quando ela tentou protestar, ele levantou a mão. — Mas vou scanear a imagem de ambos os homens por meio de nosso sistema para ver se podemos identificar quem são.

— Obrigada. — Então se lembrou de algo. — O cara eu sei quem é. Ronny Clifford. Ele vive no distrito Excelsior.

O Detetive Donnelly levantou uma sobrancelha.

— E como você sabe disso?

— Meu amigo, o Sr. Bond, descobriu. — Disse ela rapidamente. Então percebeu que isso poderia parecer como se estivesse retendo informações da polícia. — Eu ia lhe dar todas as informações para que você pudesse procurá-lo.

O celular de Donnelly tocou, ele puxou do bolso e digitou algumas palavras. Em seguida, guardou de volta.

— Faremos tudo o que pudermos, posso assegurar Srta. Schroeder. — Notou que ele olhava para o relógio na parede. — Mas vamos repassar todos os detalhes, mais uma vez. Eu não quero perder nada que possa nos ajudar a encontrar a sua amiga. — Ele ressaltou seu pedido com um sorriso caloroso.

Lilo sentiu um pouco de tensão sair de seu corpo e suspirou.

Capítulo 18

— E você não tentou impedi-la? — Blake rosnou.

Se Wesley estivesse de pé na sua frente, ele o teria pela garganta. Mas enquanto isso, Wes estava razoavelmente seguro na outra extremidade da linha.

— Eu tentei, mas sua nova namorada é muito determinada.

— Ela não é minha namorada. — Blake grunhiu.

— Oh, desculpe. Pensei que era porque ela está dormindo em sua casa... Não é como se convidasse cada cliente para se hospedar com você.

— Ela não tinha nenhum lugar para ficar. Eu não poderia deixá-la ficar no apartamento de Hannah, onde as fechaduras estão quebradas.

— Claro que não.

Blake se afastou da equipe forense que estava examinando o carro de Hannah em um dos níveis subterrâneos da sede da Scanguards.

— Onde está agora?

— Com Donnelly. Vai segura-la até que você possa chegar lá.

Blake olhou para o relógio.

— Ainda a luz do dia por mais de meia hora.

— Ele sabe disso. Mande uma mensagem quando você sair. Vai levar mais de meia hora de qualquer maneira para atravessar o tráfego.

Desligou.

Wesley estava certo, claro, mas isso não diminuía a sensação de impotência que surgiu nele. A única coisa sobre ser um vampiro da qual não gostava era quão limitado era durante o dia.

Ele apertou o botão do elevador e esperou impacientemente, batendo com o punho contra a moldura.

— Vamos!

Ele não podia sequer imaginar o que Lilo estava pensando no momento. Todo ser humano reage de forma diferente quando confrontado com o conhecimento de que os vampiros existem. Viu os dois lados, desde a aceitação calma e eficiente até a negação. *Estou alucinando*. Não tinha ideia de que lado Lilo iria ficar. Mas não importando qual, tinha duas opções: ser sincero e explicar tudo ou limpar sua memória, então ela nunca saberia o que viu no vídeo.

As portas do elevador se abriram de repente e quase colidiu com John, que estava correndo.

— Blake. — John cumprimentou-o, passando a mão pelo cabelo. — Não foi possível chamar Wesley, a linha estava ocupada o tempo todo. Então, vim atrás de você.

— Acabei de falar com ele. Wes está na minha casa. — Blake correu para o elevador e apertou o botão para o nível onde seu carro estava estacionado.

— Recebemos do laboratório os resultados dos exames.

— Os exames de sangue? — As portas já estavam começando a fechar.

— Sim, do ser humano que Donnelly transferiu para nós. Wes vai querer saber de imediato.

Blake estendeu o braço e parou as portas do elevador antes de fechar.

— O que você encontrou em seu sangue?

John encolheu os ombros.

— Algumas ervam estranhas. O técnico de laboratório disse apenas que Wes saberia. Ela tinha um nome estrangeiro. Algo que soava alemão.

— Höllenkraut?

John deu-lhe um olhar surpreso.

— Sim. Como você sabe?

— Apenas um pressentimento. Chame Wes, você deve ser capaz de falar com ele agora. E envie Ryder para minha casa para cuidar dos híbridos. Wes vai querer voltar para seu laboratório na sede

— Farei isso.

Blake tirou a mão para permitir que as portas se fechassem.

—Obrigado.

Momentos depois, ele estava em seu carro e acelerando fora da garagem subterrânea da Scanguards, mergulhando na movimentada Mission Street. O sol estava bem baixo no horizonte, mas as janelas especialmente cobertas de seu Aston Martin o protegia de seus raios ardentes. O vidro foi coberto com um filme UV impenetrável. Além disso, foi reforçado para que, em caso de um acidente ocorrer durante o dia, às janelas não quebrasse expondo o vampiro dentro.

Esta melhoria foi necessária após um incidente há quatro anos, quando uma janela traseira danificada tinha quase lhe custado à vida. Mas pensamentos como este só o distraiam da tarefa pela frente: se certificar que Lilo — de propósito ou não — não anunciasse a existência de vampiros para alguém que não estava autorizado a lidar com esta informação. Assim que ele contivesse essa ameaça, então teria que tomar a decisão de dizer Lilo a verdade ou limpar sua memória.

O pensamento de fazer o último deu um nó em seu estômago desconfortavelmente. Ele nunca tirou as lembranças de alguém, usou sua habilidade apenas para proteger a si mesmo e sua família: Scanguards. Mas hoje estava relutante em até mesmo cogitar a ideia. Lilo era uma mulher valente, veio a São Francisco para procurar à amiga.

E apenas com a ajuda dela, eles fizeram progressos. Descobriram sobre Ronny e tinham uma imagem do cara que levou Hannah do apartamento e atacou Lilo. Assim que colocasse as mãos no pendrive, faria Thomas passar no programa de reconhecimento facial para identificar o agressor.

Será que ele realmente puniria Lilo tirando suas lembranças, apenas por ter visto algo que não deveria? Esse tratamento era justificado?

Blake agarrou o volante com mais força. Talvez não tivesse que chegar a esse ponto. Talvez ela fosse razoável e levasse tudo na esportiva. E eventualmente, aceitaria os fatos: que não apenas Ronny e seu atacante eram vampiros, mas que ele, o homem que a beijou na noite anterior, também era.

Talvez fosse o beijo que o ajudasse a chegar a uma decisão.

Parou no estacionamento e imediatamente mandou uma mensagem a Donnelly, enquanto o sol se punha. No momento em que foi finalmente capaz de sair do carro, Lilo já estava saindo pela porta dupla da delegacia. Ele correu em direção a ela, encontrando-a no meio da escada.

— Blake! —Praticamente se jogou em seus braços.

— Lilo. Vim assim que Wes me disse. — Envolveu-a em um abraço apertado, sentindo como seu corpo tremia. Instintivamente pressionou um beijo no topo de sua cabeça e balançou em seus braços.

— Ficaré tudo bem.

Ela levantou a cabeça, olhando para ele, com os olhos cheios de dúvida e medo.

— Disse a você o que está no vídeo?

Assentiu.

— Faça-me um favor Lilo, espere no carro por mim, enquanto eu rapidamente falo com o policial.

Ela fungou e assentiu.

— Sim, veja por si mesmo. Se eu não tivesse visto isso, eu mesma não acreditaria. — Se afastou de seu abraço.

Blake sinalizou para o carro.

— Eu levarei um minuto.

Blake a observou caminhar até seu carro e entrar, em seguida, correu para dentro do prédio. Donnelly já estava esperando por ele e o conduziu para seu escritório na parte de trás. Quando a porta se fechou, Blake deixou escapar um suspiro.

— Porra!

Donnelly assentiu.

— Essa foi por pouco. Vocês tiveram sorte que eu não estava muito longe e consegui chegar até a delegacia antes que ela pudesse mostrar o vídeo a um dos meus colegas.

— Eu sei. Devo-lhe uma. — E então apontou para o computador. — Mostre-me.

Os dois caminharam para a tela e Donnelly reproduziu o vídeo. Era como Wes descreveu: dois homens discutindo e se transformando em vampiros. Vampiros agressivos. *Merda!* Este não era o tipo de apresentação de vampiros que ele iria querer que qualquer ser humano enfrentasse. Muito menos Lilo. As primeiras impressões eram difíceis de esquecer. Isso tornaria ainda mais difícil conseguir sua aceitação, uma vez que ele revelasse a verdade sobre si mesmo.

— Pelo menos agora sabemos como o atacante de Lilo se parece. Posso procurá-lo através do reconhecimento facial.

— Eu já enviei uma cópia para Thomas e também para você. Imaginei que gostaria de saber quem é esse cara. — Disse Donnelly.

— Você é o melhor.

— Eu sei. — Donnelly respondeu secamente e puxou o pendrive de seu laptop. — É melhor você levar isso. Não é seguro na delegacia.

Blake pegou o pendrive dele, empurrou-o no bolso da calça e se virou para sair.

— O que você fará agora?

Blake hesitou na porta e olhou por cima do ombro.

— Tentar fazer Lilo entender que não somos de todo ruins.

— Você vai dizer a ela a verdade sobre Scanguards e sobre si mesmo?

— Eu tenho uma escolha?



Donnelly suspirou.

— Temos sempre uma escolha. A questão é: o que é menos doloroso? Esclarecer ou apagar o que ela viu?

— Doloroso para quem? — Blake murmurou para si mesmo e saiu do escritório.

Capítulo 19

Eles mal se falaram no carro.

Blake disse à Lilo que iriam conversar uma vez que estivessem em casa. Afinal, o carro não era o lugar certo para confessar que os vampiros realmente existiam e que era um deles. E se ela entrasse em pânico e saltasse para fora do carro, tentando fugir? Não, tinha que levá-la para casa antes, acalmá-la e delicadamente lhe dizer a verdade. Ele apenas podia esperar que entendesse.

Blake abriu a porta que ia da garagem para o corredor e conduziu Lilo para dentro, na frente dele. As vozes dos meninos vinham da sala de estar.

— Ryder? — Ele gritou.

O híbrido de vinte anos de idade apareceu quase imediatamente. Ele era maduro para sua idade, um dos mais sérios e responsáveis dos seus encargos híbridos. Ryder era menos selvagem do que os gêmeos de Amaury menos teimoso do que Grayson filho mais velho de Samson. — Você voltou.

Blake apontou para ele, enquanto olhava para Lilo.

— Lilo, este é Ryder, um dos nossos guarda-costas em treinamento.

Lilo assentiu seu *Prazer em conhecê-lo* soando automático e distraído.

Ryder sorriu.

— O mesmo. — Ele chegou mais perto. — Verifiquei com o veterinário como você me disse. Acontece que Hannah, de fato, manteve o compromisso do cão. Quer saber o que ela fez?

Blake levantou uma sobrancelha curiosa.

— O que você quer dizer?

— Ela implantou um chip GPS em seu cão. Sabe um daqueles que você pode rastrear no caso do animal se perder.

— Bom trabalho. — Elogiou o jovem híbrido. — Vamos ver se podemos encontrar o cão. Talvez esteja com ela.

Próximo a ele, notou Lilo se aproximar, esperança iluminando suas feições.

— Eu já fiz um pedido para conseguir a informação do chip. Devemos tê-la em breve e então vamos segui-lo. — Ryder relatou.

— Obrigado Ryder, eu realmente aprecio isso. — Então ele fez um gesto para a sala de estar. — Você pode me fazer um favor?

— Certo.

— Leve os meninos para fora, para comer uma pizza. Eu preciso conversar com Lilo sozinho.

Ryder lançou um rápido olhar para Lilo, depois assentiu.

— Não é um problema. — Então gritou. —Nicholas, Adam, Sebastian! Nós vamos sair para comer uma pizza!

Enquanto os meninos vieram correndo, Blake perguntou.

— Sebastian está aqui também?

— Sua mãe o deixou mais cedo. — Disse Lilo.

Sebastian já vinha na direção deles. Blake o puxou para um abraço.

— Ei amigo. Bom te ver.

O menino sorriu de volta para ele.

— Ei tio Blake.

— Nós vamos sair mais tarde, ok? Apenas tenho que fazer algumas coisas, enquanto vocês comem uma pizza, ok?

— Sim claro.

— Bem pessoal, vamos lá. — Ryder ordenou. — Posso levar a van?

Blake assentiu.

— As chaves estão dentro.

Momentos depois, a casa estava em silêncio. Ele olhou para Lilo que estava tremendo e com um brilho aguado nos olhos.

— Venha, vamos conversar.

Ela fungou, endireitando seus ombros.

— Eles são feios, maus e uns monstros. — Levantou o rosto para olhar para ele. — Vai machucá-la. Eu sei que sim.

— Lilo, por favor, você precisa se acalmar.

— Acalmar? Eu não posso. Você não vê o que está acontecendo? Nossa própria existência está sendo ameaçada por estes... Essas criaturas vis. Eles são abominações! Eles nem deveriam existir. Blake, por que isso está acontecendo?

Lágrimas se derramavam de seus olhos e não podia suportar vê-la assim. Sem pensar duas vezes, puxou-a em seus braços e a embalou.

— Oh bebê, tudo ficará bem. Eu prometo.

— Como pode? — Ela lamentou. — Como pode qualquer coisa ficar bem novamente quando criaturas terríveis como essas existem? Vampiros! Sanguessugas! Eles vão matar todos nós.

As palavras esfaquearam seu coração como lâminas. Não seria fácil convencê-la de que nem todos os vampiros eram maus. Que, na verdade a maioria dos vampiros que conhecia eram pessoas boas e decentes. Pessoas que juraram proteger a humanidade.

Blake deu um beijo no cabelo de Lilo.

— Vamos olhar para a prova primeira. Nós realmente não sabemos o que eles fizeram. — Ainda que estivesse certo de que estes dois estavam por trás do desaparecimento de Hannah. — Por que não conversamos?

Ela balançou a cabeça e colocou os braços apertados em torno de sua cintura.

— Eu não quero falar. Quero esquecer. Não quero pensar sobre o que vi. Queria nunca ter visto isso. Como é que vou dormir de novo? Como serei capaz de me sentir segura de novo?

— Algumas coisas nem sempre são como parecem. — Ele tentou acalmá-la.

— Não estamos seguros, Blake. Nós nunca estaremos seguros novamente. — olhou para ele, seus olhos redondos e cheios de lágrimas.

Ver o medo gravado tão profundamente em suas características machucou-o.

— Você sempre estará segura comigo.

Ela levantou uma mão e estendeu para seu rosto, acariciando sua bochecha com os dedos.

— Quando estou com você, quase posso acreditar. — Ela trouxe seu rosto mais perto. — Quando você me abraça, o pesadelo parece ser menos real.

Ele sentiu o calor do sangue na sua proximidade, seu lado vampiro registrando a mudança em seu comportamento. Onde o medo reinava apenas momentos antes, a esperança estava florescendo e a excitação estava crescendo.

— Talvez se você me abraçar, podemos fazer esse horror desaparecer. Talvez então vá acordar deste pesadelo.

Seus lábios o chamaram, parecendo mais atraentes do que nunca. Ele já sabia o gosto que tinham e esse fato fez o resistir ainda mais difícil.

— Lilo, isso não fará com que desapareça. Eu tenho algo para contar...

— Por favor, Blake, eu sei que você me acha atraente...
— Ela fungou. — Senti quando você me beijou.

Ele suspirou.

— Esse não é o ponto Lilo, mas você está vulnerável agora. Não seria justo se eu tirasse vantagem...

— Você não está se aproveitando. — Ela levantou-se na ponta dos pés, levantando sua cabeça para a dele, seus lábios ainda mais perto. — Estou me aproveitando da sua bondade. Por favor, faça amor comigo. Preciso disso agora, preciso esquecer.

O coração de Blake trovejou fora de controle.

— Lilo, por favor, você não me conhece e pode se arrepender.

— Lamentar ir para a cama com um homem que tem feito tudo ao seu alcance para ajudar uma amiga? Não, eu não vou me arrepender disso. Ela tocou os lábios nos dele.

— Lilo... — Ele murmurou, ainda tentando segurar seu controle.

— A menos que você não me queira...

— Claro que eu quero você! — Mas não sou quem você pensa que sou. — Mas ele era um homem, um que não podia



negar que a atração sexual entre eles estava queimando como fogo agora. Um fogo que não seria capaz de apagar.

— Então, faça amor comigo. Porque amanhã podemos estar todos mortos. Mortos por essas coisas más.

Apesar de seu melhor juízo, puxou-a para ele.

— Nós não devíamos fazer isso. — Disse antes de capturar sua boca em um beijo ardente.

Não, eles não seriam mortos amanhã, mas amanhã Lilo saberia que era um vampiro e então nunca permitiria que a tocasse novamente. E o pensamento de que nunca poderia descobrir o que sentiria ao perder-se no corpo de Lilo e encontrar o êxtase com ela, era algo que não podia suportar. E, embora soubesse que era errado, levantou-a nos braços levou-a para seu quarto, nem por um único segundo deixa de lado seus lábios famintos.

Ele sabia que iria pagar por esse pecado em pouco tempo, mas agora não se importava.

Neste momento era todo homem e todo vampiro, com fome de uma mulher que o tentava como nenhuma outra.



Capítulo 20

Blake fechou a porta do quarto com o calcanhar e a levou para sua cama. Ele sabia que estava além de parar agora. Em breve Lilo o odiaria pelo que estava prestes a fazer, então o mínimo que poderia fazer neste momento, era dar-lhe mais prazer do que ela já experimentou. Mais tarde talvez, quando descobrisse a verdade, ao menos se lembraria de quão suave seu toque foi. Não como um vampiro, mas como um homem a adorando.

Ele a deitou sobre os lençóis e soltou sua boca. Um gemido decepcionado veio de seus lábios e o puxou de volta com uma mão em sua nuca.

— Não pare. — Ela murmurou.

Ele tirou uma mecha loira da testa e olhou para seu rosto ruborizado.

— Não vou parar até que você e eu estejamos completamente satisfeitos, confie em mim. Nada menos que isso. Mas ele também queria estabelecer uma coisa pela primeira vez. — Mas não vou apressar isso.

Ele se afastou um pouco mais, deslocando-se na cama para que não a esmagasse com seu peso e deixou seu olhar viajar pelo seu corpo. Ela usava uma camisa de manga longa

com botões na frente. Sob o tecido macio, o contorno do sutiã aparecia. Quando levantou os olhos para o rosto dela, percebeu que estava puxando o lábio inferior entre os dentes, segurando a respiração.

Não rompendo o contato visual, moveu a mão para baixo, deixando seus dedos lentamente se arrastarem sobre sua frente até atingir seu seio esquerdo. Ali, parou e começou a circular o mamilo. A ingestão aguda da respiração confirmou que seu toque tinha a reação desejada.

— Sim! — Ela deixou escapar.

Com orgulho masculino florescendo, segurou seu seio na mão e apertou a carne sensível, sentindo o mamilo duro contra sua palma. Se ela respondia com tanto entusiasmo a este toque suave, estaria gritando em êxtase assim que a deixasse nua e a acariciasse a sério.

Agora, estava ainda mais contente por ter enviado Ryder para passear com os híbridos. O que estava prestes a acontecer neste quarto não era adequado para os ouvidos de adolescentes impressionáveis. Sua audição híbrida — tão sensível como a de um vampiro — iria pegar cada som. E não queria ou precisava de ninguém testemunhando ele fazendo amor com Lilo. Isto era apenas entre os dois. Privado e íntimo.

— Eu vou despi-la agora. — Ele queria que ela soubesse o que estava fazendo em cada momento. Não haveria mal-entendidos entre eles, não quando se tratava de fazer amor. — Você tem certeza que quer isso?

Deus o ajudasse se dissesse não. Porque mesmo se o fizesse, não seria capaz de deixá-la ir agora, seu pau estava cheio de sangue, dolorido por alívio. Se eles não estivessem ainda vestidos, já estaria dentro dela, empurrando em direção ao seu primeiro orgasmo. Mas tinha que pensar em Lilo, em suas necessidades e seus desejos. E ela não precisava rápido, duro. Precisava gentil e amoroso. Precisava de um sonho, um que fosse fazer a realidade mais fácil de suportar. Leu isso em seus olhos. Em suas lágrimas.

— Blake... —Ela levantou a perna e envolveu-a ao redor de sua coxa, puxando-o para mais perto. — Eu quero você.

— Oh, você me tem, Lilo.

O que isso significava, não poderia nem imaginar. Nem poderia explicar porque mal entendia ele mesmo. Mas sabia que, se a tivesse agora, não haveria como voltar atrás. Ele não voltaria a ser o antigo Blake. Iria mudar irrevogavelmente por causa da mulher em seus braços. Nunca acreditou antes no destino ou que as coisas aconteciam por uma razão. Mas agora, sabia que até mesmo seu acidente de carro há quatro anos aconteceu para que pudesse conhecer Lilo.

— Você tem tudo de mim, bebê. — Ele repetiu e tocou sua boca com seus lábios entreabertos, absorvendo seu perfume inebriante como se Lilo fosse o único alimento que precisasse. E talvez um dia fosse...

Lentamente, começou a abrir os botões de sua blusa. Cada botão que se abria, mais de sua pele era revelado, até que finalmente pode tirar a parte de cima para longe de seu



corpo e então, retirá-la completamente. Ele passou os olhos sobre ela, absorveu a beleza de sua pele brilhante, seus músculos do estômago firmes e seus seios exuberantes. Seu mamilo duro empurra através do sutiã de renda preta, convida-o a se aproximar.

Blake abaixou a cabeça para lamber a ponta sob o tecido, tirando um gemido sufocado dos lábios de Lilo.

— Você não viu nada ainda. — Prometeu e começou a trabalhar no fecho frontal de seu sutiã.

Quando este se abriu, afastou as taças e deixou seus seios se caírem em suas mãos que estavam à espera.

— Oh bebê.

Ele enterrou o rosto entre seus seios, deleitando-se com a suavidade de sua pele quente. Respirou fundo e sentiu suas presas coçarem em resposta. Oh Deus, isso era pior do que pensava. Teria que usar cada milímetro de sua força para lutar contra sua transformação. Tinha que manter o animal sob controle e se certificar de que não escorregasse, passando suas defesas. O vampiro nele não iria encontrar nenhuma satisfação esta noite, porque o homem precisava que Lilo confiasse nele.

Blake levantou o rosto e passou os lábios ao redor de um mamilo duro, chupando-o profundamente em sua boca. Tentação de afundar suas presas em sua carne macia saborear seu sangue era forte, mas ele empurrou-a de volta lambeu o broto duro com sua língua, deslizando sobre ele



uma e outra vez, apreciando como Lilo se contorcia sob ele em óbvio delírio.

A mão dela segurou forte sua nuca e a sentiu, provocando arrepios em sua espinha. Um disparo correspondente de adrenalina foi direto para suas bolas e seu pau, fazendo-o engolir uma maldição. Droga deveria ter mais controle do que isso! Por que seu corpo reagia como se nunca tivesse sido tocado por uma mulher?

— Oh, Blake, isso é bom. —Lilo murmurou sua outra mão acaricia seu traseiro e o aperta.

Instintivamente ele empurrou seus quadris, esfrega sua ereção dura como ferro contra a junção das pernas dela. Lilo ofegou, um som tão vibrante que não pode impedir a si mesmo e empurrou, mais uma vez, enquanto chupava mais forte seu mamilo.

Ele levantou a cabeça e encontrou o olhar dela.

— Quer-me dentro de você?

— Sim. — Sua voz era um mero eco, mas enviou um arrepio tentador através de seu corpo.

— Em breve...



Cuidadosamente, ele tirou o sutiã, joga a roupa ao pé da cama e continuou acariciando seu seio explora cada centímetro de seu peito, o vale profundo entre os seios, os altos picos coroados com mamilos duros e rosados e todo o

resto: o vale do seu umbigo e as curvas onde sua cintura afinava antes de ir para os quadris.

Tal perfeição. Tanta beleza. Ele não se cansava de tocá-la, de ouvir seu batimento cardíaco, até começar o galope em direção ao clímax inevitável, de cheirar o seu sangue correndo em suas veias como uma corrente seguindo o caminho esculpido de um rio pedregoso.

Todo o tempo seu próprio sangue estava trovejando em seu corpo, toma partido na guerra silenciosa que se alastrava dentro dele: a batalha entre o homem e o vampiro. Por agora, o homem ganhava.

Blake acariciou os seios de Lilo, beijou, chupou e lambeu cada centímetro exposto de sua pele deliciosa, mas não era suficiente. Ele escorregou uma mão por seu corpo, indo para a cintura de sua calça.

— Quero tocar sua boceta. — Alertou e abriu o botão.

Sentiu-a prender a respiração e seu quadril se inclinou em direção a sua mão. Era um convite inconfundível e ele desceu o zíper leva seus dedos por baixo da calcinha estilo biquíni. Foi recebido por uma leve camada de pelos e um calor tão abrasador que quase o chamuscou.

Lilo inclinou os quadris, gemendo.

Delicadamente, ele se moveu mais abaixo, seus dedos encontrando o local onde a umidade quente escorria dela. Avidamente, ele banhou o dedo na sua excitação, fecha os olhos para deixar-se cair mais fundo no encantamento que

Lilo tece ao redor dele. Um homem podia perder-se para sempre na rede que ela tecia tão facilmente.

— Tocar você é tão bom. —murmurou contra seu seio, plantando beijos em sua carne. Beijou o lado de seu pescoço, sente o latejar de seu pulso sob os lábios. Como um farol que chama por ele, tentando-o para estender suas presas para que pudesse acalmar a fome que assolava seu corpo. Mas não podia ceder. Ganhar a confiança de Lilo, mostrando-lhe que era um amante generoso e que o prazer dela vinha antes do dele, era mais importante.

Cuidadosamente começou a acariciar suas dobras molhadas, acariciando ao longo de sua fenda, provocando gemido após gemido e suspiro após suspiro de seus lábios vermelhos.

Em sua orelha, ele sussurrou.

— Imagine que é o meu pau.

Ela ofegou levantou os quadris, as mãos de repente ajudando a empurrar sua calça e calcinha mais abaixo para lhe dar melhor acesso. Ele permitiu que movesse as peças para o meio da coxa e depois a parou. Era melhor que não pudesse abrir amplamente as pernas por enquanto ou isso seria rápido demais.

— Ainda não bebê. — Deu um beijo abaixo do lóbulo da orelha. — Isto basta por agora. — Ele deslizou seu dedo médio profundamente em seu canal apertado, até não poder ir adiante.

— Ohhhh! — Ela arqueou para fora da cama e seus músculos se apertaram ao redor de seu dedo.

— Calma bebê relaxa. — Ele disse.

Lilo abaixou de volta para os lençóis e puxou sua cabeça para ela. Seus lábios estavam famintos quando tocou sobre os seus. Deus, como amava uma mulher que assumia o comando e não tinha medo de mostrar a um homem o que esperava dele.

Lentamente, puxou o dedo de volta e foi para seu centro de prazer. Quando esfregou sobre o seu clitóris, pela primeira vez, Lilo gemeu em sua boca. Ele engoliu o som inebriante e fez isso de novo, gentilmente desenha pequenos círculos ao redor do precioso órgão. Sentiu sua necessidade de mover-se com ele, balançar contra a mão dele, mas colocou sua coxa sobre as pernas dela para contê-la. Quando quis protestar, afastou os lábios dos dela.

— Nós temos que ir devagar bebê ou isso não vai durar.

Sem lhe dar tempo para responder, tomou sua boca novamente e continuou seu beijo apaixonado, enquanto mais abaixo, acariciava-a com mais ternura, diminuindo a pressão em seu clitóris quando sentiu a pulsação se tornar errática e sua respiração ofegante, negando-lhe o desafogo que ela desejava, apenas para prepará-la para uma satisfação mais maciça.

Toda vez que se afastava, Lilo gemia em frustração, mas no momento em que continuava suas carícias aquecidas,

ronronava como um gatinho. Não havia visão mais bonita do que uma mulher em êxtase.

Blake soltou seus lábios e beijou ao longo de seu rosto indo para o pescoço. Ela estava pronta agora para experimentar do que ele podia lhe dar.

— Você quer gozar, não é, Lilo?

— Sim!—Ela gritou.

Ele beijou seu pescoço e continuou acariciando-a. Mas desta vez não parou quando sentiu o corpo tenso. Não retirou a mão e não a privou do que ela precisava. Desta vez, ele aumentou seu ritmo, acariciou-a com mais pressão, ouve seu corpo para saber quando era a hora.

Os tremores que atravessaram o corpo de Lilo quando chegou ao clímax foi à coisa mais pura da qual fez parte. Sua mão parou sobre seu sexo, permitindo que os tremores que a sacudiam se estendessem a ele e enviassem pequenas ondas de choque através de seu próprio corpo e ao seu pênis.

Logo, ele prometeu. Assim que Lilo estivesse realmente pronta.

Quando levantou a cabeça do seu pescoço e olhou para ela, seus olhos estavam fechados. Abriu-os, encontrando seu olhar. Sua mão subiu e ela correu-a através de seu cabelo. Ele capturou-a e deu um beijo na palma da mão, antes de levantar-se.

Antes que pudesse sentar-se, já estava em seus pés, livrando-a de seus sapatos e meias, puxando sua calça e

calcinha para baixo, até que ficou nua na frente dele. Ele notou como levantou a cabeça e pegou o edredom como se quisesse cobrir-se, mas já estava posicionando-se entre suas pernas, afastando-as.

— Não se esconda de mim. Você é linda. — Então abaixou a cabeça para a união de suas coxas. — Eu quero lhe provar. — Ele encontrou seu atordoado olhar. — Diga-me você quer isso.

— Mas... Você já me fez gozar. — Disse ela, com a voz um pouco instável e um rubor vermelho-escuro espalhando-se por seu rosto.

Ele não pode reprimir seu sorriso.

— Sim e agora farei você gozar com a minha boca. Algo de errado com isso?

Ela respirou algumas vezes de forma irregular, mas finalmente balançou a cabeça.

— Não, nada de errado. Nada mesmo.



Capítulo 21

Lilo olhou para o cabelo escuro de Blake quando abaixou a cabeça para a união de suas coxas e enterrou o rosto em seu calor. Sua respiração quente soprava sobre sua carne e um momento depois, sua língua lambeu seu sexo, acalmando-a.

— Oh, Blake.

Ela não podia acreditar no que estava fazendo. Não apenas a tocava com tanta paciência e habilidade que definitivamente explodiu, mas até agora ainda não tinha dado prazer a si mesmo. Em vez disso, chupava com tal fervor que ela não tinha certeza se estava sonhando, porque nenhum homem era tão generoso. Talvez tivesse desmaiado.

Mas as fortes mãos sobre suas coxas, mantendo as pernas abertas e a língua quente a lambendo, eram muito reais para ser um sonho. Ela estendeu a mão, passando-as por seu cabelo escuro e espesso e sentindo-o estremecer sob seu toque.

Por um momento, ele levantou a cabeça e seus olhares colidiram. Em seus olhos, leu a promessa que estava fazendo a ela: de banhá-la com prazer.

Sentia-se segura agora. Com Blake ao seu lado, o medo foi recuando e desvanecendo-se. Se isso iria ficar lá, não

sabia, mas por agora, pela próxima hora ou duas, talvez pudesse respirar novamente.

Ela se divertia com as sensações que Blake desencadeava nela. Euforia. Luxúria. Prazer. Sua excitação ainda aumentava tudo graças à língua hábil e a boca magistral de Blake. Não havia nada de mecânico ou superficial em suas carícias. Não, cada golpe, cada mordida, cada lambida parecia ser para lhe dar tanto prazer quanto possível, se os gemidos guturais provenientes de sua garganta fossem prova disso.

Ele vertia tal paixão terna em todas as mulheres? Por alguma razão egoísta, queria acreditar que era a única que tocou e fez amor deste jeito. Ela nunca conheceu um homem como ele. Nem mesmo Morgan West era assim: um amante generoso com energia e habilidade ilimitada. Não podia inventar um homem como Blake nem se tentasse. Ninguém iria acreditar nela. Mas Blake era real.

E já estava levando-a para outro orgasmo, mas sabia que precisava de mais desta vez. Queria experimentar este voo alto com ele dentro dela. Era a única maneira de compartilhar verdadeiramente como ele a fazia se sentir.

Lilo colocou as mãos no rosto dele e levantou-o.

Olhou para ela, surpreso. — Você não gosta?

— Eu amo isso. —Apressou-se a assegurar-lhe. — Mas quero você dentro de mim. Quero senti-lo.

Ele se levantou para se sentar.

— Você tem certeza que quer isso?

Ela se sentou, balançou a cabeça e estendeu a mão para os botões de sua camisa, desfazendo-se do primeiro, depois do segundo, até que pode tirá-la sobre seus ombros e livrar-se dela.

Havia apenas uma camada leve de pelos escuros em seu peito, um peito que atestava seu estado físico em forma. Ele era musculoso e bem tonificado, a pele em um tom de bronze bonito. Fascinada por tanta perfeição masculina, passou a mão sobre os cumes duros de seu tórax e abdômen e sentiu que inalava. Sua pele era lisa e macia. Abaixo dela, seus músculos flexionaram. Adorava a maneira como ele reagia ao seu toque, sentado totalmente imóvel, enquanto seu coração trovejava sob a palma da mão.

— Lilo...

Ela levantou as pálpebras, afastando seus olhos do seu peito nu.

— Sim?

— Tire. Minha. Roupa.

Ela sorriu ao pedido. Blake voltou-se para o lado, chutando os sapatos que caíram ao lado da cama, antes de se deitar de costas.

Sem hesitar, se inclinou sobre ele. Seus olhos caíram sobre a protuberância que se formava sob sua calça. Um suspiro involuntário escapou antes que pudesse conter.

Uma risada veio de Blake, fazendo-a encontrar seu olhar.

— Eu não tenho certeza se peço desculpas ou agradeço pelo elogio. — Disse ele com um sorriso. Sua mão se aproximou e acariciou com seus dedos sua bochecha. — Não se preocupe, serei muito gentil.

Ela sentiu suas bochechas coradas com o calor.

— Eu sei disso. — Assim como ele foi gentil quando a tocou. Embora talvez não quisesse suave. Talvez quisesse algo mais.

Corajosamente, abriu o botão da calça de Blake, desceu o zíper, agarrou a cintura e puxou, enquanto Blake levantava os quadris para que pudesse libertá-lo de sua roupa. Ela jogou a calça no chão no meio do quarto, antes de ajudá-lo com suas meias e quando o olhou, viu que estava lá apenas com sua cueca boxer, o tecido esticado sobre sua virilha. Lentamente, puxou completamente e apenas agora pode admirar o verdadeiro tamanho de sua ereção. Sua boca se abriu e involuntariamente lambeu os lábios. Ele era o espécime mais surpreendente de macho excitado que já viu.

Um gemido ricocheteou nas paredes do quarto.

— Porra Lilo, não faça isso ou vai me fazer gozar antes de eu sequer estar dentro de você.

— Fazer o que?

— Olhar para mim como se quisesse me devorar.

— Eu não estou...

Blake se sentou e colocou a mão em sua nuca, puxando seu rosto para ele.

— Você está. E normalmente eu amaria que olhasse para mim assim. Mas quando lambe os lábios desse jeito, minha mente imagina todo tipo de coisas... E todos os tipos eu quero fazer com você.

— E isso é uma coisa ruim?—Brincou ela, sentindo sua confiança crescer no conhecimento de que Blake a desejava.

— Sim, muito ruim. Porque isso significa que eu não serei capaz de fazer amor tanto tempo quanto quero.

— Já ouviu falar de segunda rodada?

Ele riu alto.

— Graças a Deus por isso! — Então capturou os lábios e deslocou-se para pressioná-la de volta para os lençóis rolando sobre ela.

As pernas de Lilo se abriram, dando espaço para ele. Seu pau duro empurrou contra seu centro, enviando um pico de adrenalina através de seu núcleo com o contato de pele com pele. Chamas pareciam inflamar dentro dela. Blake inclinou seu quadril e ajustou sua ereção.

Lilo afastou sua boca da dele.

—Preservativo. — Ela ofegava. No calor do momento, quase esqueceu.

Ele congelou no meio do movimento, afastando-se um pouco. Solta o ar, antes de mover a cabeça de um lado para o outro.

— Sinto muito. Eu não tenho nenhum. — Hesitou e depois se afastou mais. — Eu não... Estou saudável. A empresa... Eles nos testam regularmente.

Ela tentou dar sentido a sua explicação. Ele estava falando sobre doenças sexualmente transmissíveis. Mas isso não era sua única preocupação.

—Não estou tomando pílula. — Não havia qualquer necessidade já que não esteve com um homem por um longo tempo.

Ele pareceu relaxar um pouco.

— Se você está preocupado com uma gravidez, não fique. Eu sou estéril.

— Estéril?

Ele encolheu os ombros.

— Acontece com o melhor de nós.

— Oh. — Seria verdade? Ela hesitou, deixando as palavras penetrarem.

Blake se sentou em seus calcanhares.

— Talvez esta fosse uma má ideia. —Ele pegou o edredom, puxando-o a meio caminho sobre ela. — Eu nem sequer tenho preservativos na casa. O que estava pensando? Claro que você não quer dormir comigo sem proteção adequada. Você não me conhece. —Ele passou a mão pelo cabelo. — Você não tem nenhuma razão para acreditar em uma única palavra do que estou dizendo. — Saltou da cama. — Eu vou deixar você se vestir.

Ela observou-o virar, dando-lhe uma visão de sua bunda tonificada.

— Blake! — Ela saiu da cama e pegou seu braço, sua decisão de repente clara.

Ele virou-se, dando-lhe um sorriso arrependido.

— Se você diz que é saudável e que não pode me engravidar, eu acredito. — Puxou-o para mais perto dela. — Faça amor comigo. Deixe-me sentir você.

— Você tem certeza?

Havia um brilho selvagem em seus olhos, que provocou algo primitivo nela.

— Sim. De qualquer maneira que você queira. — Não dava carta branca para homem algum, mas Blake a fez querer fazer tudo e qualquer coisa.

No instante seguinte, Blake levantou-a do chão e alguns segundos depois, ela encontrou-se com as costas contra a parede, as pernas abertas, suspensa no ar, segura apenas pelas mãos fortes de Blake. Mas não teve tempo de se maravilhar com sua força, porque ele estava baixando-a sobre seu pau, entrando profundamente dentro dela com um impulso contínuo.

— Ohhhhh! — Ela gritou de surpresa. Fechou os olhos, tomada pela sensação de como a enchia tão completamente. Seu canal esticava-se para acomodá-lo e todas as suas terminações nervosas formigavam agradavelmente.

— É muito? — Murmurou.

Ela abriu os olhos e olhou para ele que estava cerrando os dentes, os músculos em seu pescoço se projetavam, pulsando sob a tensão, uma borda dourada ao redor sua íris da luz que refletia da parede.

— É perfeito. — Conseguiu dizer. — Você é perfeito.

Como se estivesse à espera de sua aprovação, afastou seus quadris, deslizando seu pau e deixando tão somente a cabeça ainda submersa, antes de mergulhar de volta para ela. Seu impulso poderoso roubou-lhe o ar para respirar. Ela puxou o oxigênio.

— Sim! Oh, Blake, sim. Bem desse jeito.

Porque de repente se transformou em uma mulher que gostava de ser fodida com força e rapidamente contra uma parede, não tinha ideia. Mas, com Blake tomando-a assim, empurrando dentro dela com movimentos poderosos, ela não podia imaginar nunca querer qualquer outra coisa. Nunca em sua vida se sentiu tão desejada.

— Bebê. — Ele grunhiu contra seus lábios, enquanto mergulhava tão fundo que pensou que estivesse tocando seu útero. — Você é tão gostosa...

Ele beijou os lábios como se quisesse comê-la viva. Sua língua mergulhou através dos lábios entreabertos, explorando-a, tomando posse dela, fazendo-a submeter-se a seus desejos.

Ela se entregou voluntariamente, abrindo seu corpo para ele, dando-lhe o que queria. E tomou o que precisava, também. Absorveu tudo o que estava disposto a dar. A faísca



que se acendeu entre eles na noite anterior estava agora queimando como um rastro de pólvora. Fora de controle. Quente. Selvagem. Ela nunca sentiu nada parecido antes. Nunca soube que fazer amor pudesse ser assim, como se cada célula de seu corpo pudesse cantarolar com prazer.

Blake afastou os lábios, olhando-a, para assegurar-se de que estava bem.

Ele estava ofegante, mas não estava a ponto de abrandar. Seu corpo estava brilhando com suor agora e seus músculos estavam flexionando com cada movimento que fazia.

— Tão perto. — Ele murmurou.

Ele abaixou o rosto para a curva de seu pescoço e beijou-a ali. Ela estremeceu com o contato e inclinou a cabeça para lhe permitir um melhor acesso.

— Sim.

O gemido de Blake passou por ela como um arrepio, enquanto seus lábios acariciaram a pele sensível de seu pescoço. Arrastou beijos de boca aberta ao longo de sua carne quente e ao mesmo tempo suave e inflamando-a novamente. Então, sentiu os dentes esfregar contra sua pele e um tremor correspondente percorrer o corpo de Blake.

— Porra! — Ele gritou e com mais alguns golpes, seus quadris batendo em seu clitóris, sentiu o jato quente de seu sêmen enchê-la.



Seu clímax seguiu o dele dentro de um segundo e ela se sentiu relaxar contra a parede com Blake ainda a segurando. Durante vários segundos, tudo o que podia fazer era recuperar o fôlego. Não parecia estar se saindo muito melhor.

Lentamente, levantou a cabeça e encostou a testa contra a dela, exalando.

— Isto foi muito mais do que eu jamais esperei. — Ele deu um beijo suave nos lábios. — Você é incrível, Lilo. Realmente incrível.

Sorriu. Pensava que era incrível? Não fez nada. Foi o único que transformou isso em uma experiência *fora deste mundo*.

Ela passou a mão pelo cabelo.

— Blake, eu nunca senti nada tão bom. Você é...

Ele riu.

— Eu não estava buscando elogios. — olhou-a, o azul em seus olhos mais vibrante do que nunca. — E realmente espero que esta não seja a última vez que você me deixe fazer amor com você.

O comentário pareceu um pouco fora do lugar, considerando que era o homem mais confiante que já conheceu ainda mais confiante do que seu arrogante personagem fictício, Morgan West.

— Segunda rodada, lembra-se? — Brincou ela.

— Sim, segunda rodada. — Ele tocou os lábios nos dela, e beijou-a. E desta vez, o beijo foi lento e suave. A ternura

com que adorava sua boca era inesperada, mas aproveitou, assim como aconteceu com sua paixão anterior.

Uma eternidade pareceu se passar antes que ele finalmente tirasse seu pau de dentro dela e a colocasse de volta em seus pés.

— Que tal eu ligar o chuveiro?—Perguntou.

— Eu gostaria disso.

Ele a soltou de seus braços e atravessou a sala em direção ao banheiro.

— É uma casa velha. A água quente demora alguns minutos.

Ela observou-o desaparecer no banheiro, admirando seu físico musculoso. Poucos homens pareciam grandes, tanto com roupas como sem elas. Blake era um deles.

Ainda em um estado de êxtase, afastou-se para longe da parede e lentamente, atravessou o quarto, quando seu olhar caiu sobre a mesa de cabeceira. Ali, na prateleira do meio, havia um livro. Sorriu para si mesma. Era um romance sobre o caçador de recompensas Morgan West, um de seus livros. Se Blake apenas soubesse que era o autor que escreveu o romance que estava lendo no momento. Talvez devesse dizer a ele. Ambos poderiam rir disso.

— A água está esquentando. —Blake chamou do banheiro.

Ela se virou e continuou andando, mas com seu próximo passo, o pé dela pousou em algo afiado e involuntariamente exclamou.

— Ai!

Levantou o pé e viu no que pisou. Ela congelou, em seguida, curvou-se lentamente. Isso era o que achava que era? Não, podia ser. Mas não havia dúvida. O *H* rabiscado no pequeno item brilhava para ela.

— Você vem, Lilo?

Ela recolheu o item que estava ao lado da calça de Blake. Talvez tivesse caído do bolso quando jogou a calça no chão, enquanto o despia? Lilo se virou, voltando-se para o banheiro, onde Blake agora aparecia no batente da porta.

— O que é isso? — Ergueu o pendrive, o mesmo que deu ao Detetive Donnelly. — Por que você tem isso? O que está acontecendo?

Blake olhou para o pendrive na mão dela, os olhos arregalados.

— Sinto muito. Eu ia dizer.

— Dizer o que?—Em seus próprios ouvidos, sua voz de repente soava estridente. Mentiu para ela.

— A verdade.

Capítulo 22

Blake pegou suas roupas e desceu para deixar Lilo se vestir sozinha.

Agora, estava andando na frente da lareira na sala de estar, a culpa explodindo através dele. Fez besteira. Das grandes. Por que porra ele não disse tudo a no momento que Ryder saiu com os híbridos? Sabia exatamente por que: seu pau pensou por ele.

— Porra! — Bateu com o punho contra a parede.

Transar com Lilo piorava as coisas uma centena de vezes. Não apenas se sentiria traída, mas também tinha certeza agora que não poderia deixá-la ir. Ele nunca sentiu tanto prazer em sua vida como quando gozou dentro dela e sentiu seus músculos internos apertando-o, como se quisesse prendê-lo. Mas as chances de segurá-la em seus braços novamente acabaram de cair para zero. O olhar magoado que lhe deu antes que deixasse o quarto disse tudo.

Sendo sincero agora, ficar nu diante dela, era sua única chance de redenção perante seus olhos. Mas, mesmo se pudesse fazê-la entender por que precisou manter segredos, não havia nenhuma maneira de saber como reagiria ao descobrir que era a própria criatura que achava tão repugnante.

Seus ouvidos sensíveis ouviram passos na escada. Respirando fundo, se preparou. Este era o momento da verdade e muito dependia da forma como lidaria com os próximos minutos.

Quando a ouviu na porta, se virou lentamente. Ela ficou ali entre o corredor e sala, totalmente vestida, suas bochechas ainda coradas, os cabelos bagunçados.

Ele apontou para o sofá.

— Por que você não se senta?

— Prefiro ficar de pé.

— Acredite em mim, irá querer sentar-se para isso. O que vou dizer não será fácil.

Ela olhou para ele.

— Por quê? Porque será outra mentira?

Encolheu-se.

— Mereço isso. Mas o que vou dizer agora é a verdade. — Ele suspirou. — Eu queria dizer mais cedo e foi por isso que mandei Ryder e os meninos saírem, mas as coisas... — Limpou a garganta. — As coisas aconteceram. E não estou orgulhoso de como me comportei.

Ele a olhou.

— Mas eu sou apenas um homem e é difícil resistir a algo que você quer demais.

Ignorou o comentário dele e caminhou até o sofá, sentando-se em um canto. Blake permaneceu de pé perto da lareira, sentindo que Lilo não queria que se aproximasse.

— Lilo, eu quero que você entenda uma coisa. Não era minha intenção tirar vantagem de você, mas nunca tive a chance de resistir. Você é corajosa e inteligente. E muito bonita.

Ela não engoliu isso. Apertou os lábios.

— Você pode não acreditar em tudo o que tenho a dizer. Mas há uma coisa que precisa acreditar: nunca irei machucá-la. Vou protegê-la com a minha vida, se chegarmos a isso.

Ela fez um movimento brusco com a mão, interrompendo-o.

— Vá direto ao ponto. — Jogou o pendrive na mesa de café. — Eu dei isso para a polícia. Como você o conseguiu?

Ele balançou a cabeça, tentando encontrar o jeito certo para começar. Talvez as coisas fáceis primeiro. — O que eu lhe disse sobre mim é verdade. Sou um guarda-costas da Scanguards. Mas o que não mencionei é que Scanguards tem um contrato de consultoria com o departamento de polícia. Eles confiam em nós para resolver casos que eles não podem.

Estreitou os olhos em suspeita.

— O que isso deveria significar?



Apontou para o pendrive.

— O vídeo que está lá. É real. Vampiros existem e sei disso há muito tempo. Assim como o chefe de polícia e alguns policiais selecionados que atuam como nossas ligações.

— Como Donnelly?

— Sim. Ele é um dos poucos que sabem com o que está lidando e sempre que um caso em que vampiros parecem estar envolvidos entra em contato com a Scanguards e nós assumimos.

Podia ver sua mente processar a informação que lhe dava. Sua testa franzida. De repente, balançou a cabeça.

— Você fingiu não conhecer Donnelly quando me levou para a delegacia naquela noite. E ele fez a mesma coisa. Acredito não ser uma coincidência que você me levou a essa delegacia em particular?

Blake balançou a cabeça.

— Você insistiu em ir à polícia e eu não podia deixá-la ir para qualquer lugar. O conhecimento público sobre vampiros precisa ser contido ou haverá pânico em todos os lugares. Então enviei uma mensagem para Donnelly.

— Não! Não tente me confundir. Você não poderia saber naquele momento, que estávamos lidando com vampiros. Eu apenas encontrei o vídeo hoje.

Ele deu alguns passos mais perto e abaixou-se para sentar-se na mesa de café a poucos passos dela.

— Lilo, soube imediatamente que o homem que a atacou era um vampiro.

— Quando?

Ele encolheu os ombros, não estava pronto para contar o seu segredo ainda. Precisava explicar muito mais antes que estivesse pronta para ouvir isso.

— Posso identificar vampiros. Mas não poderia contar a você. Estava assustada o suficiente e precisava que mantivesse a calma.

— Então você mentiu para mim? — Seus lábios tremeram.

— Eu não menti. Apenas não contei algumas coisas para você. Precisei fazer isso. — Passou a mão pelo cabelo e jogou a cabeça para trás. — Mas você ganhou o direito de ouvir a verdade agora. Sem sua ajuda, nós não saberíamos quem é seu atacante. E com o vídeo seremos capazes de encontrá-lo no banco de dados, tenho certeza.

— Banco de dados?

—A Scanguards construiu um banco de dados de vampiros conhecidos.

Ela balançou a cabeça novamente.

— Eu não posso acreditar nisso. Uma empresa que presta consultoria para a cidade? Que caça vampiros? Isso é loucura.

— Eu sei que soa como isso. Mas é o que Scanguards faz.

— E o banco de dados? Por quê? Quer dizer, se você sabe que é um vampiro, então porque não os matar imediatamente?

Era como se tivesse enfiado fisicamente uma faca através de suas costelas, tal a dor que queimava através dele.

— Lilo, nem tudo são pretos e brancos.

— Eu não...

— Nem todos os vampiros são maus. Na verdade, a maioria são cidadãos honrados com famílias e...

— Não, isso não é possível. São criaturas vis. Sugam os humanos. Matam.

— Não, os vampiros que eu conheço são pessoas honradas. Protegem os seres humanos.

— Eles mordem os seres humanos e tomam seu sangue!

Se ela soubesse do eufórico sentimento que a mordida de um vampiro poderia causar... Mas da forma como as coisas estavam agora, nunca descobriria por si mesma.

— Por favor, ouça. Quero lhe falar sobre os vampiros que eu conheço.

— Quanto você conhece? — Perguntou.

— Muitos. Eles têm famílias, crianças, cães...

— Crianças?

— Híbridos para ser exato. Meio-vampiro, meio-humano.

— Ele podia ver sua mente trabalhando.

— Mas isso significaria... — Começou arregalando os olhos.

Esta era sua oportunidade de contar a ela sobre sua espécie e que não precisavam ser temidos. — Sim. Isso é exatamente o que significa. Vampiros podem se relacionar com seres humanos. Por toda a vida.

— Por que um ser humano concordaria com isso?

— Por muitas razões: o amor é mais forte. E as vantagens para o ser humano é sem igual: através de seu vínculo de sangue- o ser humano se alimenta da imortalidade do vampiro.

— O ser humano torna-se imortal? Não. Quer dizer que o ser humano é transformado em um vampiro, certo?

— Não. O ser humano continua sendo humano. De quem o vampiro se alimentaria, se ele transformasse seu companheiro humano em um vampiro? Não, precisa permanecer humano, porque apenas ele pode alimentar seu companheiro. Apenas irá se alimentar de seu companheiro humano.

— Eu não entendo. Não mordem outros seres humanos?

— Não poderiam, mesmo que quisessem. O laço de sangue é tão forte que ficaria doente por tomar o sangue de outro ser humano.

— Isso ainda deixa todos os outros vampiros. — Ela apontou para a porta indicando o mundo fora de suas quatro paredes. — Os que não são tão domesticados. Aqueles que

não têm companheiros humanos. — Estremeceu visivelmente, como se o pensamento desse nojo. — Os vampiros como Ronny e o que me atacou.

Lentamente Blake assentiu.

— Sim, há esses. — Olhou para ela, procurando seus olhos, certificando-se que tivesse toda sua atenção. — É por isso que a Scanguards existe. Para proteger os seres humanos dos vampiros ruins.

Ela agitou as mãos, nervosa.

— Mas como? Eu senti o quão forte esse vampiro era. Como pode um ser humano, eventualmente, ter uma chance contra algo assim?

— Um ser humano não teria. — Esperou, deixando as palavras penetrarem.

— Mas se um ser humano não pode, então... — Seus olhos se moveram sua íris alargando-se, engolindo a maior parte do branco em seus olhos.

— A Scanguards foi fundada por um vampiro chamado Samson Woodford. Atualmente ele ainda dirige a empresa, mesmo depois de mais de duzentos anos da fundação. Muitos dos funcionários são vampiros que já comprometeram suas vidas para proteger os seres humanos sob seus cuidados.

A cabeça de Lilo moveu-se de um lado para outro, deixando cair à cabeça.



—Não, não posso ouvir mais isso. É uma loucura. Isso não pode ser verdade. Por favor, me diga que nada disso é verdade.

Ele encontrou seu olhar suplicante.

— Queria poder. Mas há mais uma coisa. Algo que eu queria lhe dizer antes de acabarmos na cama. — Hesitou, mas não havia caminho de volta agora. Merecia saber. — Lilo, eu sou um deles. Eu sou um vampiro.



Capítulo 23

O coração de Lilo parou. Seus pulmões pararam de funcionar. Seus músculos congelaram. Paralisada, olhou para Blake, sentado na beirada da mesa de café, cotovelos sobre os joelhos, as mãos unidas. Suas palavras ainda ecoavam em seus ouvidos, mas não podia ser verdade.

Sua boca apenas poderia formar uma palavra.

— Não.

Talvez se dissesse o suficiente, isso se tornaria verdade e o pesadelo em que se encontrava acabaria.

— Sinto muito Lilo, mas é a verdade. Eu me tornei um vampiro há catorze anos.

Ela continuou balançando a cabeça, não querendo acreditar em suas palavras. Porque acreditar significaria admitir que beijasse um vampiro, tocou e fez sexo com ele.

Blake se inclinou mais perto e involuntariamente se encolheu em seu canto do sofá. Imediatamente ele fez um gesto de apaziguamento com a mão, retrocedendo de volta.

— Eu não tenho nenhuma intenção de assustá-la ou feri-la de qualquer forma. Pelo contrário. Quero que você saiba tudo sobre mim. Quero que me entenda e é por isso que precisei esconder as informações. Preciso que confie em mim.

— Confiança? — Riu histericamente. — Confiar em um vampiro? Como Hannah confiou em Ronny? — Soltou um suspiro irritado. — Veja onde isso a levou! Provavelmente já está morta! — Lágrimas encheram os olhos dela, mas forçou-as de volta. Não, chorar não ajudaria. Tinha que permanecer forte. — Hannah nunca teria se envolvido com um vampiro, se soubesse o que Ronny era. Nunca!

— Hannah conheceu Ronny através de seu trabalho. Ela sabia o que ele era.

— Não! Ele mentiu para ela, assim como você mentiu para mim!

— Hannah trabalha para a Vüber. A Scanguards criou a Vüber com o único propósito de fornecer transporte seguro para vampiros durante o dia. Cada cliente é um vampiro e os motoristas humanos sabem disso. Nós equipamos seus carros para torná-los seguro para vampiros. Hannah sabia quem estava transportando e sabia o que Ronny era antes de começarem a namorar.

Lilo pressionou a mão sobre a boca para se impedir de gritar.

— Hannah entrou neste relacionamento com os olhos abertos. Ronny não mentiu para ela. — Suspirou. — Temo que não possa reivindicar o mesmo para mim. Mas eu sabia que por sua reação quando a peguei na delegacia de polícia, que você nunca me deixaria fazer amor com você se soubesse o que eu era. — Passou a mão trêmula pelo cabelo. — Merda, por te dizer isso eu provavelmente estou deixando as coisas

ainda piores para mim. — Deu-lhe um olhar suplicante. — Mas eu não posso mentir para você por mais tempo. Quero você, Lilo. O pensamento de nunca mais tocá-la, de beijá-la, fazer amor com você, está me matando.

— Como Ronny queria Hannah?—Ela grunhiu. — Como se eu não soubesse o que isso significa. Você sabe quantas vezes Hannah reclamou da possessividade de Ronny? Sua natureza exigente? Seu ciúme? Tudo faz sentido agora. Ele é um vampiro, um animal. Assim como você.

Encolheu-se e rapidamente fechou os olhos, mas ela viu, no entanto: a cintilação vermelha em sua íris, como se estivesse prestes a perder o controle.

— Você está certa, Lilo. — Levantou-se e virou-se de costas para ela. — Eu sou um animal. E vou dizer o porquê: eu amo minha família e faria qualquer coisa para protegê-los. Por isso que pedi para minha quarta bisavó me transformar. Apenas assim eu poderia proteger aqueles que amo. Scanguards é minha família. Os garotos que você encontrou aqui, Sebastian, Adam e Nicholas, eles são meus encargos. São híbridos. Os filhos da gerência sênior da Scanguards. Treze meio-vampiros, dez meninos e três meninas, que confiam em mim com sua segurança quando seus pais estão ocupados com outras coisas. Sim, eu sou um animal, porque vou protegê-los até a morte.

As palavras chocaram até o âmago. Tal paixão. Tal devoção. Tal honra. Poderia um vampiro realmente possuir essas características? Podia realmente viver por tal código?

— Eu também sou um animal. — Continuou. — Devido à minha necessidade de sangue. Não posso negar isso. Mas isso não faz de mim um monstro e não me faz ser mau. Porque posso controlar essa necessidade. Eu fiz isso mais cedo.

Sua respiração parou e virou-se lentamente, olhando para ela.

— Quando você estava em meus braços, eu não apenas queria fazer amor com você. No entanto, por Deus, era o meu maior desejo. Mas também queria provar seu sangue. Queria afundar meus dentes em sua pele e beber de você.

Seus olhos de repente começaram a brilhar como ouro e agora ela percebeu que era o mesmo brilho que viu antes, quando a tomou contra a parede.

— Oh, Deus. — Gemeu.

Seu olhar abaixou.

— Sim, eu queria afundar meus dentes em seu seio e beber de você lá, enquanto levasse a nós dois a um clímax de abalar a terra. Mas não o fiz, porque você não me deu permissão. E eu nunca violaria ninguém assim.

Seu coração batia em sua garganta.

— Como se alguém pudesse dar permissão a um vampiro para mordê-los! Por que alguém iria permitir isso? — Gritou. — Apenas um louco faria isso.

— Uma vez que encontrarmos Hannah, você pode perguntar por quê.

— Hannah nunca...

O balançar lento de sua cabeça a silenciou.

— Ela está namorando Ronny há vários meses. Posso lhe garantir que permitiu que a mordesse. Talvez não imediatamente, mas eventualmente. — Parou por um momento. — Mordida de um vampiro é praticamente indolor, o anfitrião não sente mais do que uma alfinetada. Mas uma vez que um vampiro experimenta a veia do ser humano, o ser humano sentirá uma sensação de euforia, de prazer tão intenso que ofusca qualquer orgasmo. E se um vampiro escolhe morder seu amante durante o sexo...

Ele não terminou a frase e nem precisava. O olhar em seu rosto dizia tudo o que precisava saber.

— É por isso que um ser humano dará permissão ao amante vampiro para mordê-lo. — Ele murmurou. — Assim, podem experimentar este êxtase supremo juntos. Uma conexão especial.

Lilo levou a mão ao peito. Era muito para entender. Não podia processar toda a informação que lhe deu. Como poderia saber o que era verdade e o que não era? Não tinha nenhuma prova de nada. Apenas suas palavras.

— Quero ver. — As palavras saíram antes de perceber que tomou a decisão.

— Ver o que?

— Você. Quero ver o verdadeiro você. — Então pelo menos uma pergunta seria respondida de uma vez por todas e poderia entrar em pânico de verdade.

— Acho que você tem o direito a isso, depois de tudo o que aconteceu. — Se levantou e colocou distância entre eles. — Eu não quero que tenha medo do que está prestes a ver. Estarei no controle o tempo todo. Nunca poderia lhe machucar.

Será que Ronny disse essas palavras para Hannah, também? E se e também declarou que nunca a machucaria e em seguida a feriu de qualquer forma?

Engoliu em seco, preparando-se para o que estava prestes a acontecer. Sentiu as palmas das mãos suadas e esfregou-as em sua calça. Seu coração estava batendo fora de controle, mas não havia nada que pudesse fazer para acalmá-lo.

— Estou pronta.

Seus olhos focaram no rosto de Blake. Nada aconteceu, então seus olhos começaram a brilhar dourado. Levaram vários segundos antes de o tom dourado virar laranja, depois vermelho, até que a íris finalmente brilhou escarlate, como dois faróis.

Ela prendeu a respiração, enquanto seu olhar era atraído para sua boca. Seus lábios se abriram lentamente, revelando seus dentes brancos perolados. Ele abriu mais e exalou visivelmente, enquanto ao mesmo tempo, os caninos alongavam-se em presas afiadas como navalhas.

— Oh, meu Deus. — Murmurou para si mesma, com as mãos segurando suas coxas como se sua vida dependesse disso.

Mas evidentemente, Blake não terminou, porque agora ergueu os braços e a fez olhar para suas mãos, enquanto seus dedos se transformaram em garras afiadas, garras que poderia rasgar um elefante em pedaços. Ofegou. Ele a tocou com aquelas mãos, quando poderia facilmente ter rasgado sua garganta com um único golpe. Não havia como negar isso por mais tempo. Blake era um vampiro.

E estava presa no meio de uma batalha em que os vários lados ainda não foram identificados. Não sabia quem era bom e quem era mau. E não sabia de que lado iria encontrar-se no final. Se vivesse o suficiente para tomar partido.

— Lilo, ainda sou eu. —Blake disse suavemente. — Ainda sou o homem que fez amor com você. Homem cujo toque você gostou, cujos beijos você correspondeu. Eu ainda sou esse homem.

Ela levantou os olhos para o rosto dele e viu-o voltar a ser um homem. Seus olhos eram de um azul vibrante novamente e seus dentes eram uma bela linha reta de perfeição branca. Nada demonstrava o que estava escondido debaixo daquela bela fachada. O que o tornava ainda mais perigoso.

Juntou toda sua coragem e levantou o queixo.

— O que você está planejando fazer comigo, agora que eu sei?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Fazer com você?

— Sim, agora que eu sei seu segredo. Seu e da Scanguards. Como sabe com certeza que não vou falar?

Para sua surpresa, soltou uma risada suave.

— Oh, Lilo. Você realmente acha que eu a mataria? —
Balançou a cabeça. — Poderia limpar sua memória, é claro.

Ela sacudiu.

— O que?

— É uma habilidade que cada vampiro possui: limpar um evento da memória de um ser humano mantendo o segredo sobre os vampiros. Poderia fazer isso. Mas não irei. Quero que você saiba a verdade sobre o que está acontecendo. Não quero que fique no escuro por mais tempo. Você é muito mais útil em ajudar na minha busca por Hannah se souber de tudo.

— Você está realmente procurando por ela?

—Desde o momento que descobri que ela desapareceu, eu fiz tudo ao meu alcance para encontrá-la. Não vou descansar até nós a trazermos de volta, sã e salva. —
Prometeu.

— Por quê? Ela é apenas um ser humano. Não significa nada para você.

— Eu não faço distinção entre o humano e vampiro quando escolho meus amigos. E Hannah é minha amiga.

A sinceridade em sua voz era inegável, como era o olhar honesto em seus olhos.

Lentamente, balançou a cabeça.

— E uma vez que a encontrarmos, então...?

— Isso é com você, Lilo. Será sua decisão. Pode voltar para casa e fingir que nada aconteceu ou aceitar este novo mundo e torná-lo seu. Eu já sei o que escolheria, se tivesse uma palavra a dizer sobre isso. — Passou um olhar queimando sobre ela que a fez estremecer involuntariamente. — Mas seja lá que você decidir no final, estará bem. Ninguém a machucará enquanto meu coração bater.

Lilo apenas podia olhar para ele sem acreditar. Estava realmente ouvindo um vampiro fazendo uma promessa, que estava inclinada a acreditar? Procurou seus olhos para encontrar a verdade neles. Manteria sua palavra?

O toque de um telefone celular cortou o silêncio da sala. Blake puxou-o do bolso e olhou para a tela.

— Desculpe, tenho que atender. — Atendeu a ligação. — Wes?

Lilo não podia ouvir as palavras de Wesley, apenas a única resposta de Blake.

— Nós estaremos lá em breve. Obrigado.

Ele desligou o telefone e olhou diretamente para ela.



— Wesley está chamando para uma reunião na sede.
Descobriu o que Ronny tem feito.

Capítulo 24

Blake desacelerou o Aston Martin e entrou no bem iluminado estacionamento subterrâneo da Scanguards, enquanto dava para Lilo, que estava sentada no banco do passageiro, uma rápida olhada.

— Estamos aqui.

Ela assentiu com a cabeça.

— Bom.

Enquanto entrou no carro sem protesto, sabendo que não podia deixá-la sozinha em sua casa, Lilo tinha o cuidado de evitar tocá-lo, sempre mantendo distância entre eles. Seus olhos eram vigilantes em todos os momentos, observando-o por um sinal de que iria atacar. Sem dúvida, sacudiu-a com sua confissão, embora ficasse satisfeito ao ver que não estava histérica e aceitou suas revelações com graça estoica. E um pouco de apreensão, embora não medo. O medo era uma palavra muito forte, não achava que Lilo o temia. Era muito inteligente e muito corajosa para isso.

Mas apenas porque ela não sentia medo dele, não queria dizer que o recebeu de braços abertos. Como conseguiria reconquistar sua confiança, não sabia. Mas estava disposto a tentar qualquer coisa, porque não fazer amor com Lilo novamente não era uma opção.

Blake estacionou em sua vaga e desligou o motor. Lilo já estava estendendo a mão para a maçaneta da porta, mas ele colocou a mão em seu antebraço.

Lilo gritou e girou a cabeça para ele, choque iluminando seus olhos.

— Eu não queria assustá-la. — Tirou a mão de seu braço, lamentando a perda do contato físico. — Quando estivermos no escritório, quero que você fique perto de mim. Não perambule por lá. O edifício está cheio de vampiros e sem um crachá de funcionário, eles vão assumir que você é uma intrusa. Estou rompendo algumas regras levando-a para dentro e algumas pessoas não vão gostar disso.

— Certo.

Blake saiu do carro e observou Lilo fazer o mesmo. No elevador, se virou para Lilo, que o seguiu.

— A maioria dos meus amigos é como cordeiros, uma vez que você começa a conhecê-los.

— Bem, desculpe-me se eu não levar isso tão a sério. — Disse sarcasticamente e lançou lhe um olhar de *estou nem aí para você*.

— Tudo bem, talvez não como cordeiros, mas realmente caras tranquilos.

Ela inclinou a cabeça para o lado. Não estava comprando essa ideia.

Ele balançou sua cabeça.

— Certo você me pegou. Cada um dos meus amigos é um alfa. Incluindo os guarda-costas do sexo feminino.

Pela primeira vez na última meia hora, o rosto de Lilo se iluminou com interesse genuíno.

— Guarda-costas do sexo feminino? São vampiras?

— Sim. Por que a surpresa?

As portas do elevador se abriram e a conduziu para dentro.

— Eu apenas pensei... Você disse que vampiros se unem com mulheres humanas para ter filhos. —De repente, congelou. — Você me disse que era estéril. Mas admitiu que os vampiros pudessem gerar filhos com mulheres humanas. Isso quer dizer que você...

— Menti sobre ser estéril? Não. Eu sou estéril. Por enquanto. Cada vampiro não vinculado é. Apenas quando for vinculado por sangue, um vampiro é capaz de engravidar uma mulher e somente sua companheira. Não que um vampiro vinculado queira tocar outra mulher que não seja sua companheira.

— Entendo.

Mas não terminou de falar ainda. Esta era sua oportunidade de contar sobre seu mundo.

— Vampiros machos podem naturalmente, também se relacionar com vampiras. E ter filhos.

— Você quer dizer crianças nascidas como vampiros? Mas como?



Ele entendia onde ela estava indo.

— Bem, na verdade, eles ainda seriam híbridos, metade vampiro, metade humana.

— Eu não entendo isso. Onde é que eles obtêm a sua parte humana, se não de sua mãe?

— Isso é onde a ciência entra. Por natureza, fêmeos vampiros sempre foram estéreis e elas ainda são. Mas Maya, a esposa do segundo em comando da Scanguards, Gabriel Giles, era uma médica antes de se transformar. E ela fez de sua missão encontrar uma maneira para as vampiras terem filhos. E conseguiu.

— Como?

— Implantando células-tronco humanas no útero da vampira para que ela pudesse engravidar e levar a criança durante a gravidez.

— Estou surpresa.

— Por quê? Maya é uma médica brilhante.

Lilo balançou a cabeça.

— Não sobre isso. Mas sobre o fato de uma vampira passar por tantos problemas para ter filhos.

Ele sorriu.

— Vampiras são como as outras mulheres. Algumas delas querem uma família tanto quanto as humanas. Não são diferentes a esse respeito.



— Mmm. —Ela assentiu com a cabeça. — Acho que eu gostaria de encontrar uma vampira. Não consigo imaginar como uma mulher assim deve ser.

— Você conheceu na outra noite: Rose.

— Sua prima?

Blake fez uma careta. Outra mentira que tinha que esclarecer.

—Rose não é minha prima.

Os olhos de Lilo se estreitaram em suspeita.

— Rose é a minha avó. — Apressou-se a dizer.

— Avó?

— Minha quarta bisavó para ser exato. Em 1814, quando Rose ainda era humana, deu à luz minha terceira bisavó. Rose foi transformada logo depois disso e desde então tem vigiado sua linhagem humana de longe, até que teve que a revelar para mim para salvar minha vida.

Lilo o encarou em silêncio atordado.

— Oh meu Deus, ela deve ter mais de duzentos anos!

Blake piscou para ela, sorrindo.

— Vovó não parece, não é?

Quando Lilo riu inesperadamente, acrescentou.

— Não diga que eu a chamo de vovó ou vai enfiar uma estaca em mim.

Ele notou Lilo engolir em seco. — Assim, a lenda é verdadeira: a estaca no coração pode matar um vampiro.



Ele balançou a cabeça lentamente. Deveria ter cuidado em revelar como um vampiro poderia ser morto? E se ela usasse esse conhecimento contra ele? Mas quando olhou em seus olhos, o que viu não foi à mulher intrigante, mas a escritora, a pessoa que queria entender o processo.

— Uma estaca não é a única coisa que pode nos matar. Prata pode fazer isso também.

— Sério?

Ele acolheu a vontade de aprender que demonstrava. Iria ajudá-la a compreendê-lo melhor.

— Bala de prata queima um vampiro de dentro para fora. Uma bala no cérebro ou no coração é quase instantaneamente fatal, mas em outras partes do corpo a prata perfura a carne e o osso. Porém, se a bala for extraída em tempo, há uma boa chance de recuperação. Dê sangue humano e sono o suficiente, um vampiro vai se curar em poucas horas.

— Então, quando você se machuca, pode curar a si mesmo?

Ele sorriu.

— Nossos corpos são feitos dessa forma. Qualquer lesão será curada durante o nosso ciclo de sono restaurador. Ferimentos graves precisam de sangue humano para ajudar o processo de cura.



— Então o sangue humano é seu cura-tudo? — Não havia nenhuma acusação em seu tom. Era uma pergunta simples que um pesquisador faria.

— Da mesma maneira que o sangue de um vampiro pode curar um ser humano, o sangue humano pode curar um vampiro.

De repente, desviou os olhos e olhou para a parede do elevador brilhante.

— Simbiose perfeita...

Nunca pensou nisso desta maneira, mas agora que ela pronunciou as palavras, não podia negar que a vida das raças humanas e vampiras estavam interligadas para benefício de ambas. Não teve a chance de concordar com Lilo, porém, porque as portas do elevador se abriram no andar executivo.

Ele entrou no corredor, fez uma verificação rápida, antes de olhar por cima do ombro para Lilo.

— Se você puder suportar meu toque de alguma forma, eu gostaria de segurar sua mão. Isso deixará claro para todos que você está comigo.

O leve cheiro de sexo que ainda se agarrava a ela, bem como nele, deixaria igualmente claro para todo vampiro ou híbrido que Lilo era sua. Mas queria ter uma conexão física com Lilo, apenas no caso de encontrarem um dos jovens filhotes que eram suscetíveis por não ter seus hormônios sob controle e ele precise manobrá-la para sair de uma situação delicada rapidamente.

Quando Lilo finalmente deslizou a mão na sua, soltou um suspiro de alívio. Pelo menos não estava tão repugnada que não conseguisse nem segurar sua mão. Era um passo na direção certa.

— Sala de conferências é deste lado.

— Parece um verdadeiro escritório. — Disse, apontando para um nicho com uma máquina copiadora.

— *É um* escritório real. — Ele sorriu para ela. — Todos nós levamos nosso trabalho a sério. Sem nós, as pessoas morrem.

Ela olhou para ele então. — Estou começando a entender isso.

— Ei Blake, espere! — Ao ouvir a voz de Amaury, Blake parou e se virou, soltando mão de Lilo no processo.

Amaury, um dos diretores da Scanguards, caminhou em direção a ele. Como outras vezes, estava vestido com uma camisa e calça jeans solta. Construído como um tanque, o francês com longos cabelos escuros e a voz grave era um dos vampiros mais fortes que ele já encontrou.

— Amaury.

O olhar de Amaury deslocou-se para Lilo e um flash de reconhecimento encheu seus olhos por um momento. Parou a alguns metros de distância.

— Espero que você tenha uma boa explicação para isso.

Seu superior não precisava esclarecer ao que estava se referindo. Blake conhecia as regras bem o suficiente: seres

humanos não eram permitidos no andar executivo. Bem, seres humanos que não fossem os companheiros humanos da diretoria da Scanguards.

— Eu sei: nenhum ser humano aqui. —Blake se inclinou para Lilo. —Lilo, este é Amaury LeSang. É um dos diretores da Scanguards. Um vampiro, no caso de você estar se perguntando.

Amaury respirou afiado.

— O que p...

— Lilo sabe a verdade. É vital para este caso. Sem ela, duvido muito que Wesley teria sido capaz de descobrir o que está acontecendo nesta cidade.

Amaury passou os olhos sobre Lilo, avaliando-a.

— O caso das drogas?

— Sim.

— Drogas? — Disse.

Blake olhou para ela.

— O desaparecimento de Hannah envolve drogas.

Ele pegou Amaury erguendo as sobrancelhas.

— Eu não sabia que você estava nesse caso. Pensei que estivesse cuidando de Nicholas e Adam durante a semana.

— Ryder está cuidando deles por agora.

— Por que não chamou os gêmeos? Deixe-os fazer sua parte e ajudar Ryder.

Blake assentiu. — Agradeço. Mandei Ryder comer uma pizza com os meninos. Peça-lhe para chamá-lo para ver onde está agora.

Enquanto Amaury pegava seu telefone celular, Blake levou Lilo para a sala de conferência.

— Que gêmeos?—Lilo sussurrou.

— Amaury tem dois garotos. Estão em treinamento para se tornar guarda-costas.

— Então é vinculado por sangue. Com uma humana ou uma vampira?

— Você aprende rápido. Ele tem uma companheira humana, Nina. É uma mulher forte. — Sorriu. — Muito parecida com você. Loira. Muita coragem. E tem Amaury envolvido ao redor de seu dedo mindinho com tanta força que o pobre homem não tem nenhuma chance de lhe negar qualquer coisa.

Lilo olhou por cima do ombro. — Não parece uma presa fácil para mim.

Blake riu. — Como eu disse anteriormente: cordeiros mansos.

Ela virou a cabeça de volta para ele e fez uma careta, mas seus lábios se curvaram para o início de um sorriso caloroso.



Capítulo 25

Lilo parou na porta aberta para a sala de conferências com Blake ao lado dela.

Sabia exatamente o que estava fazendo: uma conversa trivial para colocá-la à vontade e tinha que admitir que estivesse funcionando. A súbita vontade de Blake de responder a todas suas perguntas, não apenas com um sim ou não superficial, mas com uma explicação completa, fez compreender melhor as espécies de vampiros e ajudou a acalmar seus nervos.

Apesar do fato de que estava agora na cova do leão ou toca do vampiro, se era assim que poderia chamar, se sentia estranhamente segura. O edifício em que estavam parecia um prédio de escritórios comum e esse ambiente quase estéril ajudava a dar a impressão de que a Scanguards era realmente apenas outra empresa de segurança.

Até agora, nenhuma das pessoas que encontrou em sua caminhada para a sala de conferência mostrou quaisquer sinais exteriores de serem vampiros: sem presas, sem olhos vermelhos brilhando, sem garras em vez de dedos. Todos pareciam... Civilizados.

Ela olhou para a sala de conferência. Pela sua estimativa, podia caber cerca de trinta pessoas e estava atualmente quase cheia.

— Pronta? — Blake sussurrou ao lado dela.

— Tão pronta como nunca estarei.

Ela sentiu a mão na parte baixa das costas, gentilmente guiando-a para frente. O toque não era desagradável, assim como não foi desagradável quando segurou sua mão antes. Mesmo tendo visto no que suas mãos poderiam se transformar, agora apenas podia sentir a maciez de seus dedos enquanto a conduzia para uma cadeira vazia ao redor da mesa oval.

— Aqui, sente-se. Preciso ter uma palavra rápida com Wes. — Apontou para um canto da sala onde Wes estava conversando com outro homem.

Instintivamente, estendeu a mão para o braço. — Eu não conheço mais ninguém aqui.

— Só vou por um momento. — Se inclinou mais perto, colocando o rosto em seu ouvido. — Vou deixá-la com um segredo: um vampiro é o animal mais rápido do planeta. Levaria apenas um segundo correr para seu lado se você precisar de mim.

O coração dela de repente martelou fora de controle. Ele podia ouvi-lo? A lenda era verdade, que um vampiro tinha audição mais sensível do que a de um ser humano?

— Certo.

Observou Blake caminhar para Wes e bater-lhe no ombro. Os homens trocaram algumas palavras e Wes olhou em sua direção, levantando a mão em saudação. Assentiu com a cabeça reconhecendo-o e em seguida, olhou ao redor da sala mais uma vez. Não podia evitar captar os olhares furtivos que os homens e mulheres na sala deram para ela, embora ninguém se aproximasse para confrontá-la sobre sua presença.

Mais pessoas entraram na sala, tomando mais dos lugares vazios, enquanto outros continuaram de pé. Amaury agora estava entrando. Ele a viu e caminhou em direção a ela. Instintivamente, congelou. Deixou-se cair na cadeira ao lado dela.

Nervosa, juntou as mãos no colo.

— Então Blake lhe disse sobre nós. —Começou sem preâmbulos.

Sua garganta estava de repente seca como o Saara. — disse.

— Ele te explicou que não vamos tolerar ninguém espalhando nossos segredos?

Ela ergueu o queixo. — Não teve que fazer. Percebi quando me mostrou suas presas e as garras.

— Ah, você teve uma demonstração. Gostou?

— O que você está fazendo, Amaury?

Respirou aliviada ao ouvir o som da voz de Blake atrás dela.

— Apenas conversando com sua namorada. — Disse casualmente.

— Ela não é minha...

— Eu não sou namorada dele. — Lilo disse.

—... Namorada. — Blake terminou.

— Opa!—Amaury levantou as mãos em um show de rendição e se levantou. — Meu nariz não me traiu ainda. E com certeza não está mentindo agora também. — Sorriu triunfante e se virou.

Lilo girou em sua cadeira e enfrentou Blake, que agora se sentava na cadeira do outro lado dela. — O que quis dizer com isso?

Blake passou a mão pelo cabelo escuro, tinha uma expressão de constrangimento em seu rosto. — Olfato de um vampiro é dez vezes melhor do que o de um cão. Amaury pode sentir o meu cheiro em você e o seu em mim. Ele sabe que tivemos relações sexuais.

Lilo sentia como se estivesse afundando no chão. — Oh merda!

— Você realmente se arrepende tanto assim?

Havia um toque de dor em sua voz que a fez encontrar seu olhar. Seus olhos se encontraram. Arrependia-se de ter dormido com ele? Se pudesse voltar no tempo, iria desfazê-lo? Se soubesse tudo o que sabia agora, ainda iria permitir-lhe fazer amor com ela e se entregar em seus braços? Seria sensata e ficaria longe dele — exatamente como Hannah— se

apaixonaria por um vampiro, mesmo sabendo que nada de bom poderia vir disso? Que um dia também poderia desaparecer.

— Bem-vindos!

A voz de Wesley vindo ao longo dos alto-falantes na sala a salvou de ter que responder, tanto para Blake como para ela mesma. Desviou o olhar de Blake e olhou para frente da sala, onde Wesley estava de pé em um púlpito, falando em um microfone. Atrás dele, a área de trabalho de um computador estava sendo projetada em uma tela na parede.

— Vamos todos nos acalmarem. Precisamos começar. Há muita coisa das quais todos precisam ser atualizados. — Wesley insistiu. Ele esticou o pescoço em direção à porta, onde mais homens entravam. — Está todo mundo aqui?

Reconheceu outra pessoa: Eddie, o homem que analisou o computador de Hannah estava entrando com um homem loiro ao lado dele. Quando ambos foram para o outro lado da sala, Lilo notou a mão do outro homem descansando na parte inferior das costas Eddie.

Um momento depois, ela sentiu a respiração de Blake perto de sua orelha.

— Você quer que eu diga quem são todos?

Ela assentiu com a cabeça automaticamente.

— O homem loiro com Eddie é Thomas, seu companheiro vinculado por sangue.

— Dois homens?

— Eles foram humanos uma vez, sua transformação não mudou sua orientação sexual. — Então apontou para o homem de cabelos escuros que ela viu falar com Wesley quando entraram na sala. — Esse é Samson, o fundador da Scanguards.

Lilo olhou para ele. Era alto, bonito e exalava autoridade. Então era assim que um vampiro de mais de duzentos anos de idade parecia.

Blake dirigiu seu olhar para um homem que parecia ser uma cópia mais nova de Samson.

— Esse é seu filho, Grayson. Cabeça quente. Acha que é invencível. — Ele apontou para a jovem sentada ao lado dele. — Sua irmã mais velha, Isabelle. Um deles vai dirigir a companhia um dia. Meu dinheiro está em Isabelle.

— Certo, sentem-se. — Disse Wesley, tocando no microfone. — Pedi esta reunião porque temos um problema sério em nossas mãos.

O silêncio caiu sobre a sala, os olhos de todos sobre Wesley.

—Primeiro de tudo, antes que todos morram de curiosidade, Blake pediu-me para fazer uma rápida apresentação. A mulher humana sentada ao lado dele é Lilo Schroeder. Porque está aqui se tornará evidente em breve. Apenas deixe-me dizer o seguinte: vocês podem falar livremente na presença dela. Blake lhe disse quem é e o que fazemos. —Ele apontou para Blake, em seguida, continuou. —Agora, deixe-me começar com isso.

Ele tocou o mouse e abriu um arquivo para que todos pudessem ver uma imagem de grandes dimensões na parede. Um mapa de São Francisco. Dezenas de pontos vermelhos estavam espalhados por toda parte.

— John, que tem trabalhado com o Departamento de Polícia de São Francisco neste caso, vai começar.

De um dos lugares na frente, um homem alto levantou-se e marchou ao púlpito. Wes deu um passo para o lado, dando espaço para ele.

— Obrigado, Wes. — Disse. Lilo detectou um ligeiro sotaque sulista. — Então, aqui está a essência: ao longo dos últimos meses, a taxa de criminalidade em São Francisco disparou. O índice de invasões e roubos, tanto comerciais e residenciais, aumentou mais de 200%. Isso é astronômico. Curioso, porém, é que o pico ocorre durante o dia, sugerindo que os crimes não estão relacionados com os vampiros. No entanto, Donnelly, a nossa ligação no Departamento de Polícia de São Francisco nos pediu para olhar isso. Fiquei feliz por tê-lo feito.

Ele trocou um olhar com Wesley.

—No começo eu não consegui compreender, mas depois que a polícia prendeu um suspeito em um recente assalto a uma loja de bebidas, isso mudou. Estava completamente drogado. Nós achamos que estava sob o controle de um vampiro para estar tão fora de si.

Lilo deu à Blake um olhar interrogativo. Inclinou-se e cochichou.

— Controle da mente.

Mas antes que pudesse perguntar mais, John continuou.

— Nós estávamos certos, de certa forma. Mas vou deixar Wes explicar esses detalhes para vocês. — Se afastou e voltou ao seu lugar.

Wesley clicou em algo na tela e uma imagem de uma erva apareceu.

— Quando examinei o suspeito do roubo na loja de bebidas, encontrei vestígios de Höllenkraut em seu sangue. O que estão vendo na tela é a erva em questão.

— Holleno quê? — Perguntou um homem.

— É alemão, significa erva do inferno.

Lilo inclinou-se para Blake, ficando tão impaciente como alguns dos vampiros reunidos.

— O que tudo isso tem a ver com Hannah?

— Paciência. — Blake pediu.

— Eu fiz um pouco de pesquisa. — Wesley continuou. — Em um dos meus velhos livros encontrei algumas informações interessantes. Acontece que a Höllenkraut, quando combinada com algumas outras ervas, se transforma em uma droga muito potente que deixará o usuário altamente suscetível a sugestões. Em outras palavras: controle da mente. Agora, isso não seria nada novo, uma vez que qualquer vampiro já tem este poder. No entanto, com esta droga, o vampiro pode controlar o humano sem estar em

qualquer lugar perto de sua vítima. Esta é a forma como pensamos que um grupo de vampiros vem executando esses crimes: usando os seres humanos que nem sequer sabem o que estão fazendo, como lacaios. Quando saem de seu estado induzido por drogas, eles não têm ideia do que fizeram ou quem os fez fazer isso.

Vários homens amaldiçoaram.

— Há mais. — Wes continuou. — Nós temos uma vantagem. Ou melhor, duas. Aqui é onde a Srta. Schroeder foi fundamental. — Ele abriu um arquivo de imagem e de repente o rosto de Hannah estava bem ali na tela. — Alguns de vocês devem conhecer Hannah Bergdorf, uma das nossas motoristas Vüber. Desapareceu há vários dias. Ambos, Blake e a Srta. Schroeder foram à procura dela e graças aos seus esforços, descobrimos o seguinte. — Abriu outro arquivo de imagem: Ronny agora sorrindo para eles na parede. — Este é Ronny Clifford, o namorado de Hannah. Ele é um vampiro e um de seus clientes Vüber. Nós invadimos a casa de Ronny e em seu computador encontramos evidências de que está pesquisando ou trabalhando com Höllenkraut, a mesma substância que torna um humano maleável. Considerando a quão rara e perigosa Höllenkraut é, acreditamos que estes dois casos estão relacionados.

Ele clicou no botão de reprodução de um arquivo de vídeo. Os olhos de Lilo se arregalaram. Era o mesmo vídeo que mostrou para Donnelly. Ela virou-se para Blake e ele se inclinou mais perto.

— Donnelly enviou uma cópia para os nossos rapazes de TI no momento em que deixou a delegacia. —Blake explicou, antecipando a pergunta.

Surpresa ao ver como estava em sintonia com ela, apenas olhou para ele, mas Wesley já estava continuando com suas explicações.

— A Srta. Schroeder encontrou este vídeo escondido entre os itens pessoais de Hannah. Parece que foi filmado em segredo no apartamento de Hannah. E por alguma razão que não tenho certeza ainda, Hannah o escondeu. O homem à direita é Ronny, seu namorado. O outro homem foi identificado como Steven Norwood. Ele está em nosso banco de dados. E ouçam isso. — Mudou para outra aplicação. O rosto de um homem apareceu na tela. — Luther, você está dentro.

— Ei. — O homem de aparência rude na tela, disse. Estava usando equipamento anti motim preto¹¹, como se trabalhasse para os militares ou um esquadrão anti-bombas.

Cumprimentos ecoaram pela sala.

— Steven Norwood foi libertado da prisão vampira de Grass Valley há oito meses. —Luther continuou. — De acordo com seu arquivo, ele não era um problema. Serviu seu tempo em paz e sossegado.



Estava ouvindo corretamente? Havia uma prisão vampira?

— Eu já enviei seu arquivo para Thomas. Há um endereço antigo em São Francisco, mas duvido que Norwood tenha voltado para lá. Gostaria de lhe emprestar um dos nossos rastreadores, mas nós temos nossas mãos cheias aqui agora e não podemos poupar ninguém.

Samson se levantou e pegou o microfone de Wes.

— Não se preocupe Luther, obrigado. Qualquer outra coisa que você possa nos dizer sobre o cara?

Luther folheou o arquivo.

— Nada realmente. Não tem nada extraordinário escrito sobre ele. — Fez um sinal para alguém fora da câmara. — Desculpe pessoal, tenho que ir. Nós temos uma situação aqui.

— Obrigado, Luther. — Samson respondeu e voltou para a assembleia, enquanto atrás de si a tela escureceu. — Vamos falar sobre como vamos encontrar os caras e colocar um fim em sua operação. Equipes táticas reúnam os seus melhores e mais inteligentes. Quero sugestões apresentadas para mim em duas horas.

— Que tal encontrar Hannah? — Lilo murmurou para si mesma.

Sentiu a mão de Blake em seu ombro.

— Essa é a minha prioridade. Eu prometo.

Capítulo 26

No momento em que os funcionários da Scanguards se dispersaram, Samson caminhou até ele. Blake já esperava isso.

— Meu escritório, agora. Ambos. —A voz de Samson embora não carregasse ameaça, soava firme.

Blake notou Lilo se arrepiar e imediatamente agarrou seu cotovelo. Ela lhe deu um olhar apreensivo, mas permitiu que a guiasse para fora da sala de conferências. Queria tranquilizá-la de que nada de ruim aconteceria com ela, mas estava dentro do alcance da audição de Samson e sabia que não deveria dizer nada antes que descobrisse o que seu chefe queria. Assim, permaneceu em silêncio e acariciou seu polegar ao longo do braço de Lilo onde estava segurando e esperava que encontrasse conforto em seu toque.

Samson entrou em seu escritório, uma grande sala sem janelas e Blake seguiu com Lilo. Quando as portas se fecharam atrás deles, Samson se virou e deu um olhar avaliador em Lilo.

— Senhorita Schroeder, como você pode ou não estar ciente, Blake a trouxe aqui contra nossas regras.

Blake abriu a boca para explicar, mas Samson o silenciou, levantando a mão.

— Entendo porque Blake fez isso. Obviamente, se preocupa com você. Dito isto, quero ter certeza de que entende as regras pelas quais vivemos.

Lilo assentiu sem palavras.

— Temos operado nesta cidade por muitas décadas sem exposição. Nosso segredo foi mantido não somente por nossa própria espécie, mas também por membros da sua. Os seres humanos que trabalham para nós e sabem o nosso segredo, são leais. Eles fizeram um juramento para proteger o nosso segredo. No entanto, tem havido circunstâncias e fomos forçados a aceitar que nem todo ser humano pode guardar um segredo. Quando isso acontece, nós agimos.

Blake sentiu Lilo endurecer ao lado dele e pegou a mão dela, apertando-a. Estava gelada.

— Então você os mata. Entendo. — Murmurou, com a voz trêmula.

— Matar?—Samson franziu a testa e desviou o olhar para Blake. —Que porra você disse a ela sobre nós?

— Temo que Lilo descubra sobre vampiros algumas horas atrás. Eu ainda não fui capaz de convencê-la totalmente que não matamos pessoas.

— Ahh. —Samson respirou suas narinas dilatadas agora, seu olhar encontrando Blake. — Muito bem. Vejo que você tem seu trabalho dividido por si mesmo. — Com um sorriso, ele se dirigiu a Lilo. — O que eu quero dizer é: nós não matamos. Não inocentes de qualquer maneira. Mas se um ser humano não puder manter nossos segredos, temos

que limpar sua memória. É um processo indolor e torna a vida mais fácil para todos os envolvidos. Eu quero que você saiba que esta opção está aberta para você.

— Não!—Blake protestou, atraindo ambos os olhares atônitos de Samson e Lilo para ele. — Quer dizer, eu tenho certeza que não será necessário. — Não queria que a memória de Lilo fosse apagada. Isso significaria que não se lembraria dele. E queria que se lembrasse dele. Inferno queria que ela soubesse tudo sobre ele, confiasse nele.

— Você conhece as regras, Blake. A todo ser humano que acidentalmente descobre o nosso segredo é dada uma escolha, se as circunstâncias o justificarem. E acho que neste caso, a senhorita Schroeder merece uma escolha. Se quiser sua antiga vida de volta depois que tudo isso acabar e nós encontrarmos sua amiga e o culpado, você terá que deixá-la decidir.

— Obrigada por me dizer. —A voz de Lilo era firme e determinada. — Eu sei muito agora. E não sei se posso voltar a ser ignorante para não ver o que está bem na minha frente. Mas não importa o que eu decidir, não é nenhum perigo para você ou seus segredos.

— Espero que você fique bem, Srta. Schroeder. — Disse Samson.

— Há mais alguma coisa, Samson? — Perguntou Blake.

—Por enquanto não. Eu verei ambos quando nos reunirmos em duas horas. —Ele caminhou até a mesa e sentou-se.

Blake se virou e conduziu Lilo para a porta.

— Ah e Blake. — Acrescentou Samson. — Consiga para sua namorada um crachá de visitante para que não seja incomodada.

— Não é minha...

— Eu não sou...

— Claro que não. — Samson silenciou-os com o seu comentário sarcástico. — Meu erro.

Blake manobrou Lilo para fora do escritório e fechou a porta atrás deles. —Sinto muito, Lilo. Eu sei que deve ser embaraçoso para você ser constantemente lembrada do que aconteceu entre nós.

Ela suspirou.

— Está bem. Mas acho que uma vez que os seus colegas não parecem acreditar que não somos namorados, talvez nós devêssemos apenas segurar nossa respiração e deixá-los pensar o que eles quiserem.

Ele sentiu seus lábios se curvarem para cima em um sorriso.

— Eu não tenho nenhum problema com isso. Vão chegar às suas próprias conclusões de qualquer maneira. — Conclusões que, no fim seriam provavelmente mais perto da verdade do que os seus protestos e os de Lilo de que eles não estavam namorando.

— Ei Blake!

Blake virou a cabeça na direção da voz e viu Yvette, a beleza de cabelos escuros que era vinculada por sangue com Haven, o irmão vampiro de Wesley vindo em sua direção. Ela estava vestida com calça de couro e um top rosa que acentuava seus seios perfeitos. Haven era um sortudo filho da puta.

— Yvette, o que está acontecendo?

Yvette acenou para Lilo e em seguida, se dirigiu a ele.

— Haven me pediu para lhe dizer que o ser humano que temos em custódia saiu de seu estado drogado. Vou para lá agora se você quiser interrogá-lo.

— Absolutamente. — Apontou para Lilo. — Lilo, esta é Yvette, cunhada de Wesley. Ela é um dos nossos melhores guarda-costas. Ela está com a Scanguards por décadas.

Yvette deu-lhe um olhar de lado.

— Você me faz parecer velha. — Sorriu para Lilo. — Prazer em conhecê-la, Lilo. Eu conheço sua amiga. Levou-me algumas vezes. Rezo para que esteja bem.

— Obrigada. — Lilo suspirou e olhou para ele novamente. — Onde está acontecendo esse interrogatório?

Yvette e Blake trocaram um olhar rápido e em seguida, Blake balançou a cabeça.

— Sinto muito, mas por razões de segurança não posso permitir você dentro da sala de interrogatório. Por que não espera por mim em meu escritório?

Um olhar de decepção no rosto.

— Mas eu...

Seu protesto foi cortado por Yvette.

— O V lounge¹² pode ser uma ideia melhor. Nina e Delilah estão lá agora. Eu tenho certeza que elas ficarão felizes entretendo Lilo enquanto cuidamos disso. —Arqueou uma sobrancelha para ele.

— Excelente ideia. —Sorriu. Uma vez que tanto Nina e Delilah eram humanas e vinculadas por sangue aos vampiros, seriam as interlocutoras ideais para Lilo. Poderiam responder a quaisquer perguntas que Lilo pudesse ter e dar uma perspectiva diferente: o de um ser humano que amava um vampiro. — Vou levá-la até lá. —Ele acenou para Yvette. — Eu a encontro na sala de interrogatório em cinco minutos.



Depois de apresentá-la às duas mulheres em uma sala que parecia pertencer a um hotel de cinco estrelas, Blake a deixou.

Delilah, uma mulher muito bonita de cabelos escuros com curvas, deu um tapinha na almofada do sofá ao lado dela.

— Por que não se senta? Vai demorar um pouco antes que um dos homens terminarem seu trabalho.

— Obrigada.

¹² Espécie de sala de estar.

Lilo sentou-se e olhou para a outra mulher, que estava sentada de frente. Portanto, esta era Nina companheira de Amaury? Mulher que tinha seu homem envolvido ao redor de seu dedo mindinho. Tinha o cabelo loiro curto e uma figura atlética.

— Você deve estar exausta. — Disse Delilah e acenou para uma das garçonetes que circulavam. — Que gostaria de beber?

A garçonete se aproximou.

— Senhora?

— Um copo de vinho tinto, talvez? — Lilo perguntou hesitante, olhando para os copos na frente de Delilah e Nina.

— Da coleção particular de Samson. — Delilah instruiu a garçonete.

A mulher assentiu com a cabeça e saiu.

— Seu marido bebe vinho? — Por alguma razão, assumiu que os vampiros não consumissem alimentos ou bebidas humanas.

Delilah riu.

— Não, ele não bebe, é claro. — Piscou para Nina. — Apesar de que tenho certeza que Amaury não se importa com um ocasional copo.

Nina sorriu.

— Amaury gosta de muitas coisas. — Ela piscou para Lilo. — A maioria das quais recebe de qualquer maneira. Realmente não tem nada a reclamar. Mas não, os nossos

homens não comem comida humana ou bebem nada mais do que sangue.

Instintivamente, o olhar de Lilo foi para o pescoço de Nina. — Quantas vezes eles... Você sabe se alimentam?

— Diariamente. — Disse Delilah, ao lado dela.

Lilo engoliu em seco.

— Blake mencionou... Quer dizer, é verdade...?

— O que é verdade, Lilo?—Perguntou Delilah.

— Você não precisa ser tímida conosco. — Acrescentou Nina. — Tenho certeza de que suas perguntas não são diferentes das que eu tive quando descobri que Amaury era um vampiro.

— Aham. — Disse Lilo, deslocando-se no sofá. — Eu não quero me intrometer ou qualquer coisa.

De repente, sentiu a mão quente de Delilah na dela.

— Querida, estou com Samson por cerca de vinte e três anos e não há nada que eu não saiba sobre vampiros. O mesmo vale para Nina. Estivemos lá. Aposto que nós tivemos as mesmas dúvidas e preocupações.

Foi por isso que Blake lhe levou ali? Para que essas duas mulheres aliviassem suas preocupações sobre vampiros? Sobre ser íntima com um?

— Como é? A mordida? —Ela finalmente pergunta sufocada.

Delilah e Nina trocaram risadas suaves.

— Você quer ou eu devo? — Delilah perguntou a Nina.

Nina fez sinal à sua amiga com um brilho em seus olhos.

— Vá em frente. Eu realmente não sei como descrevê-la.

Com um sorriso que brincava nos lábios, Delilah virou meio caminho em direção a ela, dobrando uma perna e colocando-a no sofá para ficar mais confortável.

— Não há nada comparável no mundo humano. Dizer que é como um orgasmo, não estaria fazendo justiça. É mais do que isso. Não apenas o prazer físico, mas a bem-aventurança que toca sua alma, que enche o seu coração e o aquece. É uma conexão em um nível profundo. — Suspirou. — Claro, é mais intensa quando acontece entre um casal ligado por sangue, como em nossos casos. — Apontou para Nina e ela mesma. — Mas mesmo uma refeição casual é algo fora deste mundo. E durante o sexo... — Deixou a frase inacabada.

Blake disse isso, mas ouvir isso de uma mulher, um ser humano, que experimentou a mordida, as palavras tinham muito mais peso.

— E o seu marido, ele morde você todos os dias?

— Sim, precisa. Bem, apenas pode tomar o meu sangue, de nenhum outro ser humano. Isso o deixaria doente.

— Mmm... — Lilo murmurou, contemplando suas palavras. — Mas se apenas pode tomar seu sangue porque você é ligada por sangue, como é que fazem dois vampiros

que são ligados por sangue? Eles não podem beber sangue humano mais? Como sobrevivem? Bebem um do outro?

Delilah riu baixinho. — São muitas perguntas, mas deixe-me ver se podemos explicar tudo isso sem aborrecê-la.

Aborrecê-la? Isto era fascinante.

— Então, quando dois vampiros são ligados por sangue, como Yvette e Haven ou como Eddie e Thomas, eles naturalmente precisam tomar sangue humano para sobreviver. A mudança que acontece em um vampiro quando se liga a um ser humano, não acontece quando o vínculo é entre dois vampiros. Não me interprete mal, sua ligação é tão forte e sua devoção é tão profunda quanto a nossa, mas eles são fisicamente capazes de tomar sangue que não vem de seu companheiro. O que naturalmente, não os impede de morder uns aos outros. — Delilah piscou. — Principalmente durante o sexo...

Fascinada, Lilo ficou boquiaberta. Mas Delilah não terminou ainda.

— É diferente para um vampiro ligado a uma humana. Ele é totalmente dependente dela para sua sobrevivência. Precisa dela. É claro que, durante a minha gravidez, Samson restringiu-se a beber de mim apenas uma vez em poucos dias. Ele queria ter certeza que eu mantivesse minha força.

Nina bufou.

— Sim, porque Samson é um cavalheiro. Amaury? Não muito! Ele estava mais sexualmente excitado do que um marinheiro enquanto estava grávida de Damian e Benjamin.

Ele disse que eu tinha um brilho forte e não me deu um momento de descanso.

Embora, a julgar por suas bochechas coradas, Nina não deve ter se oposto muito aos avanços de seu marido.

Quando Delilah começou a rir, Lilo não se conteve e riu.

— Bem, todos nós conhecemos Amaury. — Disse Delilah e piscou para Lilo. — Você o conheceu?

— Eu o encontrei no corredor do andar superior. Não ficou muito satisfeito ao ver-me. Disse que seres humanos não eram permitidos lá em cima.

Delilah encolheu os ombros.

— Sim, essa regra foi quebrada mais vezes do que posso contar com ambas as mãos. Ele vai superar isso.

Lilo moveu a cabeça de lado a lado.

— Vocês duas parecem não ter medo deles. Não estão preocupadas que um dia eles possam se transformar e atacar? Eles são muito mais fortes do que vocês e muito mais poderosos.

— Eles são como qualquer outro homem. — Nina disse. — Querem a mesma coisa. Uma mulher que vá amá-los e que nunca olhe para outro homem novamente. Uma vez que tem essa certeza, vão conceder-lhe todos os desejos em seu poder. — Nina sorriu maliciosamente. — São realmente muito capacitados.

O queixo de Lilo caiu.

— Você está me dizendo que manipula Amaury?

Nina riu.

— Eu não diria isso. Tudo que eu faço é dar o que ele anseia e que felizmente coincide exatamente com o que desejo também. E se me der um banho de presentes no topo disso, quem sou eu para reclamar? Eu tenho dois belos filhos inteligentes e um marido que mataria para me proteger. Que mais poderia querer da vida?

— Não se esqueça da parte sobre não envelhecer. — Delilah interrompeu.

— Oh sim, isso não é muito ruim. Eu tinha vinte e sete anos quando conheci Amaury. — Ela passou as mãos pelo corpo dela. — E olhem para mim agora, vinte e dois anos mais tarde. Não muito gasta para uma loba.

— Nino, eu não acho que você seja uma loba. Você teria que sair com um homem mais jovem para isso. E apesar de sua aparência jovem, Amaury há muito tempo ultrapassou a marca de quatrocentos anos.

Lilo engasgou.

— Quatrocentos?

Nina piscou para ela.

— E antes de você querer saber, não, o desejo sexual de um vampiro não diminui com a idade.

Lilo sentiu o rosto corar.

— Agora, não há necessidade de ser tímida. — Disse Delilah. — Scanguards é como uma cidade pequena onde todo mundo sabe sobre todos os demais negócios e rumores estão

circulando rápido. Falei com Rose um tempo atrás. Mencionou que a conheceu na casa de Blake. Então, como você pode imaginar, todo mundo está curioso sobre você. Blake não é o tipo de homem de entrar em relações casuais.

— Não mais de qualquer maneira. — Acrescentou Nina. — Ele semeou sua aveia quando estava na casa dos vinte anos, mas depois disso ficou sério.

— Para ele ter ficado com uma mulher, bem... — Delilah hesitou. — Ele deve se preocupar com você.

— Eu apenas estou ficando com ele para que o trabalho de encontrar Hannah se torne mais fácil. Você deve ter ouvido...

Delilah fez um movimento de mão de desprezo.

— Nós ouvimos. E se alguém pode encontrar sua amiga, é a Scanguards.

Nina assentiu.

— Mas sua estadia com Blake não tem nada a ver com isso. Você tem ficado com ele porque Blake quer você por perto.

— E ficará com ele. — Delilah acrescentou. — Porque quer estar perto *dele*. Ou será que aceitaria o convite se não fosse tão bonito e charmoso?

Lilo abriu a boca para responder, mas a mentira não iria atravessar seus lábios. Delilah estava certa: aceitou o convite de Blake, porque gostava de sua companhia e estava atraída por ele.



Delilah sorriu conscientemente.

— E então, querida? Você ainda sente o mesmo agora que sabe o que ele é?

Ela encontrou os olhos verdes de Delilah e contemplou a questão. Mas não estava pronta para admitir para Delilah, Nina ou para si mesma. Muitas emoções conflituosas guerreavam dentro dela e estava exausta demais para analisá-las.



Capítulo 27

Eles ficaram mais tempo na sede do que Blake previu e agora, enquanto dirigia em direção ao Presídio Heights, estava perto do nascer do sol.

O interrogatório do humano que tinham em sua custódia não gerou resultados. Como Wesley relatou um humano drogado com Höllenkraut — mistura que Wes ainda tinha que encontrar a fórmula — não tinha lembrança de suas ações. Nem mesmo a capacidade de Gabriel de mergulhar na memória de uma pessoa e ver o que eles viram, foi de grande ajuda. Aparentemente, o cérebro humano não podia formar lembranças claras enquanto drogado e, portanto, não podia reproduzi-las.

Quando se reuniram novamente, várias ideias boas foram compartilhadas sobre a forma de encontrar Hannah e os vampiros por trás da droga perigosa. Equipes foram formadas e quando a noite chegou ao fim, todos os vampiros foram para casa, deixando os híbridos encarregados de executar as partes dos planos que não podiam ser adiadas.

Blake entrou em sua rua. Ao lado dele no banco do passageiro, Lilo estava sentada com os olhos fechados. Não podia culpá-la. Foi uma noite longa e estressante e não

estava acostumada aos horários dos vampiros. Não podia negar que também precisava de algum descanso.

Quando diminuiu a velocidade ao se aproximar de sua casa, notou as latas de lixo que estavam na frente da calçada, bloqueando o acesso à sua garagem. Blake grunhiu uma maldição. A governanta de seu vizinho estava ficando desleixada e claramente não considerou que estava bloqueando sua garagem. Uma lata de lixo foi virada pela rajada de vento e o conteúdo estava espalhado em frente à sua garagem.

Lilo se ergueu.

— O que está errado?

— Nada para se preocupar. Apenas não posso estacionar na garagem agora. — Parou na frente de sua casa e estacionou o carro na calçada. — O carro terá que ficar aqui.

Poderia pedir que Ryder ou os meninos removessem o lixo e as latas mais tarde e em seguida, estacionar o carro para ele. Mas com apenas quinze a vinte minutos até o nascer do sol, não estava com vontade de passar algum tempo fora.

Blake desligou o motor, saiu e caminhou ao redor do carro indo para o lado do passageiro, antes que Lilo tivesse a chance de abrir a porta. Alcançando-a, ele a ajudou a sair e fechou a porta do carro atrás dela.

— Obrigada.

Sorriu agradecida e não pareceu se importar quando colocou a mão na parte inferior de suas costas e a guiou para subir a escada. Ao chegarem ao patamar, um sensor de movimento acendeu a luz do lado de fora da porta da frente. Blake deu um passo para o scanner, o mesmo tipo que foi instalado na garagem. Mas antes que pudesse alcançá-la, um som do outro lado da rua o fez virar a cabeça para o lado.

Houve um clarão, seguido de um estrondo.

Seus reflexos chutaram instantaneamente. Blake girou e se lançou para Lilo, cobrindo-a com seu corpo enquanto caía. Simultaneamente, uma dor lancinante atravessou seu ombro.

Ele gritou em agonia. Este tipo de dor era causado por apenas uma coisa: uma bala de prata.

Outra bala passou zunindo por sua cabeça e bateu na porta.

Abaixo dele, Lilo estava tremendo.

— Você está machucada?

Ele a ouviu murmurar *não* e deu um suspiro de alívio. Mas o perigo não acabou. O atirador ainda estava do outro lado da rua. Se não conseguisse colocar Lilo e ele mesmo dentro da casa, estaria morto. Não carregava uma arma em uma base regular, mas dentro de casa, no corredor atrás de um dos painéis de madeira, mantinha vários tipos de armas para emergências.

— Fique aí. — Ele advertiu Lilo e virou a cabeça lentamente na direção do atirador.

E ali, do outro lado da rua escondido atrás de uma árvore, estava ele. Um vampiro, sem dúvida.

— Covarde!—Blake amaldiçoou.

O insulto fez o que era suposto: por apenas uma fração de segundo, o atirador olhou pelo tronco da árvore.

— Ronny. —Blake disse.

Lilo engasgou e ele sentiu seu medo aumentar.

— Fique aí, não importa o que aconteça. — Sussurrou para ela e levantou-se, virando seu corpo para que pudesse lançar-se para o scanner. Sua mão atingiu a superfície lisa e ele pressionou o polegar. Mas antes que o scanner pudesse reconhecê-lo, a porta da frente se abriu e alguém atirou na escuridão.

Blake caiu no chão e rolou para onde deixou Lilo, mas ela se foi. Seu coração parou.

— Eu a tenho! — Ryder gritou, alcançando-o com uma mão, enquanto Damian passava correndo por ele com uma arma de pequeno calibre na mão. O filho de Amaury sabia onde Blake escondia suas armas e reagiu rapidamente. Mas Blake não iria deixar o híbrido se atirar de cabeça no perigo.

— Não Damian, entre! É muito perigoso! —Blake gritou.

— Eu o tenho coberto. — Benjamin, que veio correndo com uma arma na mão, asseguraram. Seguiu seu irmão em busca do atirador.

— Deixe-os ir. —Ryder aconselhou, arrastando-o para o corredor e batendo a porta atrás de si.

No interior, Blake nem sequer olhou para seu ferimento, apesar da dor que lhe causava. Em vez disso, seus olhos procuraram Lilo.

— Lilo!

Ela estava levantando-se do chão depois de ser empurrada por Ryder ou um dos gêmeos para tirá-la do caminho do perigo. Blake tentou mover-se em direção a ela, mas não conseguia se levantar. Prata já estava tomando seu preço em seu corpo, causando danos graves.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Em vez de uma resposta, correu para ele, agachando-se, seu olhar em sua ferida no ombro, sua expressão horrorizada.

— Oh meu Deus, feriu você!

— Antes eu do que você.

Lilo encontrou seus olhos e por um momento o tempo parou. Lilo estava segura.

— Vamos tirar isso de você. — Puxou o braço bom para fora da manga do paletó, avaliando seu lado ferido. — Oh meu Deus! — Puxou a camisa de lado, arrancando um botão fora do tecido, antes de abaixar a cabeça para ele. — Sem ferida de saída.

Quando ela olhou para ele, concordou.

— Eu sei. Bala de prata ainda está dentro de mim. — É por isso que os vampiros preferiam armas de pequeno calibre a algo mais poderoso: a probabilidade de uma bala

permanecer presa no corpo da vítima é maior com uma arma menos potente.

— Nós temos que impedir o sangramento. — Ela apertou a mão contra a ferida.

Passos na escada de repente o alertou e levantou a cabeça. Nicholas e Adam vieram correndo, seus olhos arregalados.

— Blake? — Nicholas gritou de horror. — Você está ferido!

Blake virou a cabeça para Ryder.

— Coloque os meninos na sala segura. Agora! — Então olhou para cima em direção ao segundo andar, sentindo um aperto frio ao redor de seu coração. — Onde está Sebastian?

— Úrsula o pegou. — Ryder disse rapidamente.

Aliviado Blake assentiu, quando outra onda de dor lancinante destruiu seu corpo. Apertou os dentes.

— Ryder, agora! Leve-os para a segurança.

— Meninos, movam-se! — Ryder ordenou e conduziu-os a uma porta no final do corredor.

Sabendo que os garotos estariam seguros, Blake olhou para o ombro, pela primeira vez, tentando avaliar os danos.

— Deixe-me ver. — Disse à Lilo e ela tirou a mão do ferimento.

A ferida de entrada não era grande, mas quando viu pequenas bolhas subindo com o sangue que jorrava a partir dele, sabia que era ruim.

— Você está sangrando muito. — Ela apertou a mão sobre a ferida, sem medo. Sua valente Lilo.

Ele tentou um sorriso e falhou a dor aumentando a cada segundo.

— A bala precisa sair. — O mais cedo possível.

— Nós temos que levá-lo para o hospital. Agora. — Insistiu.

Ele balançou a cabeça, encontrando seu olhar preocupado.

— No momento em que chegar a um hospital, estarei morto.

Ele tinha talvez dez ou quinze minutos até que a prata comesse o suficiente da sua carne e osso para envenenar seu sangue e enviar partículas de prata dissolvidas direto para o seu coração.

Uma respiração ofegante que quase soou como um soluço veio de Lilo e apertou os lábios.

— Pegue uma faca e uma toalha na cozinha.

Lilo olhou para ele, com a boca aberta.

— Oh meu Deus, você não pode estar falando sério. Não pode cortar-se assim.



— Não, eu não posso. — Engoliu em seco. — Mas você pode. — Ele ofegou através de outra onda de dor, tentando sem sucesso conter o grito que estava se construindo em seu peito. — Uuuughhhh! Pegue a faca Lilo, por favor. — Tirou a mão dela da sua ferida e apertou a sua própria sobre ela. — Por favor!

Finalmente Lilo levantou-se e correu na direção da cozinha e ele soltou seu controle. Tudo diante de seus olhos ficou vermelho e sentiu a boca encher com suas presas quando estas se estenderam ao seu comprimento total. Seus dedos se transformaram em garras, afiadas e mortais.

A dor o paralisou, tornando-o incapaz de se mover. Ele apenas podia esperar agora que Ryder e Lilo soubessem o que fazer.

Ou a prata iria comê-lo vivo.



Capítulo 28

Lilo estava correndo com adrenalina pura. O pânico deu-lhe asas. Pensou-se que passou através de um espremedor nos últimos dois dias, então pensou errado. O perigo estava apenas começando. E agora chegou à porta de Blake.

Estava feliz por dizer o que a prata fazia com um vampiro. Suas palavras enviaram um frio em suas veias: *no momento em que chegar a um hospital, eu estarei morto.*

Ela não podia deixar isso acontecer. Devia-lhe muito. Ele a empurrou para fora do caminho da bala. Era culpa sua estar ferido.

Lilo puxou uma faca afiada do bloco de madeira no balcão da cozinha, pegou alguns panos de prato limpos de seus ganchos e correu de volta para o corredor, enquanto Ryder estava arrastando Blake para a sala de estar, o braço bom de Blake sobre o ombro de Ryder e o braço de Ryder em sua cintura, apoiando seu peso. Ela seguiu-os e observou Ryder colocá-lo no sofá, onde sua cabeça caiu contra as almofadas.

Um suspiro escapou quando viu o rosto de Blake. Era todo vampiro agora: olhos vermelhos brilhantes, presas estendidas e os dedos transformados em garras. Para sua

própria surpresa, a visão não a assustou, porque viu outra coisa em seu rosto: pura agonia. Seu coração sangrou por ele. Ninguém deveria sentir tanta dor, nem mesmo um vampiro.

— Eu tenho a faca. — Disse Ryder virou-se para ela. — Dê-me.

Lilo ficou feliz por ele estar no comando. Entregou e ficou ao lado de Blake no sofá rasgando a camisa ainda mais, dando um acesso claro à ferida que parecia maior agora do que antes, evidências de que a prata estava consumindo sua carne.

— Faça uma incisão profunda. —Blake disse entre dentes.

Ryder balançou a cabeça em silêncio e colocou a faca na ferida. Lilo virou o rosto. Não podia ver isso. Agarrou a mão de Blake, não se importava que seus dedos fossem como farpas afiadas que poderiam cortá-la em pedaços. Apertou sua mão quando Blake virou o rosto olhando para ela com surpresa grata.

Um grito saiu de sua garganta.

— Sinto muito, Blake!—Ryder soltou. — Mas não terminei.

Lilo segurou uma mão de Blake, enquanto cobria o rosto com a outra. Ele encontrou seus olhos então.

— Eu não me arrependo. — Confessou ela, respondendo à pergunta que fez muitas horas antes. — Eu nunca poderia me arrepender.

Por um breve momento, o vermelho em seus olhos diminuiu, abrindo espaço para o brilho dourado que viu antes.

— Lilo. — Blake murmurou.

— Eu não posso ver a bala. É muito profundo. — Ryder interrompeu.

Lilo soltou a mão de Blake e se inclinou sobre a ferida. — Há muito sangue. — Pegou um pano de prato e pressionou contra a ferida, tentando absorver o máximo de sangue possível, antes de tentar removê-la novamente. Pelo canto do olho, notou Blake apertando os dentes.

— Eu sinto muito.

— Acho que já posso vê-la. — Disse Ryder. — Vou ter que usar meus dedos. — Já estava colocando dois dedos na ferida.

— Não! — Blake protestou, empurrando-o para longe. — Você não! Prata... Vai te machucar.

Lilo compreendeu imediatamente. Prata não apenas era tóxica para um vampiro, mas também para um híbrido. — Eu farei isso. Afaste-se.

Ryder não protestou.

— Segure-o e mantenha-o imóvel. — Instruiu.



Ryder seguiu seu comando segurou Blake com ambas às mãos. Com um olhar de desculpas, levou sua mão para a ferida aberta. Era tudo pele e músculos danificados, cobertos de sangue e ainda mais saindo da ferida a cada segundo. Viu o osso, também e ali mesmo, na articulação do ombro algo brilhou. A bala de prata.

Reprimindo a náusea crescente com a visão de tanto sangue, se obrigou a manter a calma. Precisava fazer isso. Colocou um dedo na borda da ferida, puxando-a para abrir um pouco mais, enquanto coloca o indicador e o dedo médio da mão direita na carne de Blake.

Ele rugiu ao mesmo tempo, mas se forçou a ignorá-lo. Não podia se distrair.

Sentiu as várias texturas diferentes: tendões, músculos, sangue, mas agora não tinha nenhuma linha clara de visão. Era somente sangue quente e a viscosidade que revestia seus dedos fazendo seu estômago revirar. Mas seguiu adiante. Ali! Os dedos atingiram algo duro. Osso? Tinha que ser. Ela explorou com as pontas dos dedos, esfregando ao longo até que encontrou uma protuberância.

— É isso aí! — gritou em triunfo. — Encontrei a bala.

— Agarre-a!—Ryder encorajou-a.

Lilo captou o olhar preocupado de Ryder, em seguida, olhou para Blake. Seu rosto estava distorcido pela dor, com a boca aberta, dentes aparecendo como se estivesse pronto para atacar.



— Ele não pode segurar por mais tempo. — O híbrido murmurou para ela. — Faça!

Concentrando-se, moveu o dedo médio, empurrando o indicador em direção a ela, tentando criar um alicate humano para agarrar a bala de prata. Ela puxou e seus dedos saíram da ferida. Mas não havia nada entre os dedos, nenhuma bala de prata, apenas mais sangue e tendões. Blake uivou de dor.

— Ela escorregou! — Gritou suor gotejando em sua testa, seu pulso martelando. Suas mãos estavam tremulas agora. Quanto tempo se passou? E se não pudesse fazê-lo? — Oh Deus!

— Mais uma vez, Lilo!—Blake disse. — Precisa colhê-la!

— Colher? — Era isso! — Apenas um segundo. — Ela levantou-se e correu para a cozinha, empurrando a porta aberta, indo para o balcão. Arrancou várias gavetas abertas, até que encontrou o que estava procurando e correu de volta para a sala, com o prêmio na mão.

Ryder olhou para o item em sua mão.

— Uma colher?

Lilo ansiosamente concordou.

— Vai funcionar. Segure-o de novo.

Ryder pressionou um Blake ofegante de volta para as almofadas, imobilizando o ombro de modo que Lilo pudesse continuar. Engolindo em seco, com a mão tremendo, ela mergulhou a colher na ferida, orientando-a para o local onde sentiu a bala. A colher bateu contra algo.

— Eu ouvi. — Disse Ryder. — Você a tem. Será fácil agora.

Ela assentiu com a cabeça para si mesma e guiou a colher até alinhá-la com o osso, onde a bala de prata estava presa.

— Estou lá. Segure-o agora. Isto vai doer.

Usando o cabo da colher para uma retirar, aplicou peso e empurrou a parte redonda da colher por baixo da bala. A bala foi desalojada e com ela toda a pressão diminuiu e a colher saiu da ferida com violência, catapultando a bala dentro da sala, que pousou na mesa de café e bateu na tigela chinesa ornamental que ali estava.

Ela nunca ouviu um som mais doce do que o barulho da prata quando a mesma parou no meio da tigela.

Respirando com dificuldade, olhou para o rosto de Blake. Seus olhos estavam fechados. Seu coração parou.

— Blake, não!

— Ele está vivo. — Ryder garantiu, envolvendo o pano de prato ao redor de sua ferida. — Mas não podemos deixá-lo dormir ainda.

Antes quer Lilo soubesse o que Ryder estava planejando, ele já estava batendo no rosto de Blake.

— Acorde Blake! Você não pode dormir. — Ele bateu-lhe novamente, desta vez com mais força.

Os olhos de Blake se abriram e sua cabeça empurrou para frente, presas à mostra.

— É isso aí, olhe para mim, Blake! Sou eu, Ryder. —Ele virou a cabeça para olhar para ela. — Lilo, na despensa, na parte de trás, há um frigorífico. Traga-me duas garrafas de sangue que está lá dentro. Rápido.

Ela não o questionou, não perguntou por que haveria sangue em garrafas, mas correu o mais rápido que pode e encontrou a geladeira assim como ele disse. Abriu-a. Filas e filas de garrafas de meio litro cheios de líquido vermelho estavam lá.

Seu queixo caiu. Isto era irreal. As garrafas estavam marcadas com códigos curtos como *AB-Neg* ou *O-Pos*. Todos os diferentes tipos de sangue. Ela pegou duas garrafas, não se importando com as etiquetas e correu de volta para a sala, onde Ryder ainda estava segurando Blake.

— Aqui. — Torceu a tampa fora de um frasco e entregou-o a Ryder.

O jovem híbrido balançou a cabeça.

— Você terá que alimentá-lo. Preciso contê-lo. Ele está perto de perder o controle.

Perto? Ao julgar pelo olhar selvagem nos olhos de Blake, diria que já perdeu. Mas por alguma razão, não sentia medo. Blake não iria machucá-la de forma alguma, sabia disso.

Lilo deslizou no sofá ao lado dele e levou a garrafa aos lábios. Suas narinas e sua cabeça balançaram para frente. Um pouco do sangue derramou, mas ela conseguiu inclinar a garrafa de modo que o líquido escorreu para dentro da boca de Blake.



Ele engoliu em seco e com alívio, ela viu que o sangue pareceu acalmá-lo. Então, levou a mão debaixo de seu queixo e continuou alimentando-o, até que avidamente esvaziou a garrafa. Jogou no sofá, então torceu a tampa da segunda garrafa.

— Calma, meu amor. — murmurou e pressionou a segunda garrafa nos lábios.

Blake não parecia vê-la. Parecia delirante, mas continuou bebendo, engolindo o líquido vermelho rapidamente e completamente, até a segunda garrafa também estar vazia.

Ela trocou um olhar com Ryder.

— E agora?

Ryder levantou a cabeça na direção de Blake e deitou-o lentamente. Blake não se moveu, em vez disso, sua cabeça descansou contra a almofada e os olhos lentamente se fecharam.

— Ele pode se curar durante seu sono restaurador.

— O que mais?

— Eu não sei. Nós teremos que deixá-lo dormir até que ele acorde sozinho.

Ela tremia agora. Seus olhos caíram sobre o sangue que encharcou não apenas roupas de Blake, mas também as de Ryder e dela própria. Onde quer que olhe, havia sangue.



— Ele vai fazer isso?—Lágrimas subiram para os olhos e sabia que não poderia segurá-las por mais tempo. Pelo menos Blake não teria de vê-la assim.

— Ele fará isso. Graças a você. — Ryder olhou para ela, a admiração em seus olhos evidente. — Estou contente por não ter medo de nós.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto agora, mas tentou sorrir através delas. — Como posso ter medo de algum de vocês, quando vejo como vocês amam e protegem um ao outro? Como uma família.

Ryder sorriu.

— Somos uma família. — Ele lançou um olhar para Blake. — Blake é como um irmão mais velho para mim e para todos os híbridos. — Ele se levantou. — Vou levá-lo para cima e colocá-lo na cama. Você deve se limpar, também.

Mas antes de Ryder levantar Blake do sofá, eles ouviram o som da porta da frente se abrindo e depois se fechando novamente. Um segundo depois, os gêmeos idênticos apareceram na sala de estar.

— O perdemos. Desculpe. — Disse um deles.

— Como ele está?—Perguntou o outro.

— Ele vai conseguir. Tiramos a bala. Bem... Na verdade, Lilo tirou a bala. — Disse Ryder.

Os gêmeos olharam para ela com surpresa.

— Uau. É totalmente como a mamãe, você não acha Damian? —Um deles disse.

Seu irmão espetou-lhe com o cotovelo.

—Tão corajosa quanto. Eu estou lhe dizendo, não é verdade o que dizem sobre as loiras. —Ele sorriu, acenando para ela. — Nossa mãe é loira também. E muito inteligente.

— Ei, pessoal. —Ryder interrompeu. — Vocês podem me dar uma mão com Blake? Precisamos levá-lo para cima para que possa descansar.

— Claro. — Disse Damian. — Benjamin pode pegar suas pernas que seguro sua cabeça. Você deve seguir o protocolo, notifique a sede e em seguida, tiramos os garotos daqui.

Ryder assentiu.

— Protocolo? — Lilo ecoou.

Enquanto Damian e Benjamim levantavam um Blake inconsciente e o levaram para fora da sala, Ryder se virou para ela. — Quando um ataque como este acontece, há um protocolo rígido que temos que seguir: o primeiro passo, salvar a vida do vampiro ferido. Agora precisamos colocar tudo em movimento. Preciso tirar os menores de sua casa, então vou levá-los para casa dos meus pais. Eles estarão seguros lá. Uma vez que já é dia, a sede vai enviar dois guardas humanos para vigiar a casa para que Blake possa se recuperar. E nós vamos montar uma equipe para capturar o assaltante.

— Foi Ronny. — Ela disse. — O namorado de Hannah. Blake viu. Ele foi o único que...

Ryder interrompeu.

— Estou ciente sobre o caso. Deixarei a sede saber. Eles vão caçá-lo. Com certeza estava em um carro ou outro meio de transporte nas proximidades, de outra forma não teria se arriscado a ficar tão perto do nascer o sol. Vou descobrir onde Benjamin e Damiano perderam.

Ela balançou a cabeça lentamente. — E o que eu devo fazer?

Ele soltou um suspiro. — Você já fez o suficiente por uma noite. Por que você não toma um banho e descansa?

— Mas Blake, eu preciso cuidar dele.

— Não há nada que possa fazer agora. Ele vai dormir um sono muito profundo, serão horas antes que acorde. Aproveite este tempo para descansar. Tenho certeza de que, uma vez que estiver acordado, não haverá tempo para descansar até nós termos esse filho da puta.

Ela olhou para si mesma. Sim, precisava tomar banho e lavar o sangue. O sangue de Blake.

— Tem certeza de que eu não posso fazer nada?

Ryder sorriu.

— Você realmente é como Nina. — Ele apontou para o teto, onde ela agora podia ouvir os passos dos gêmeos colocando Blake em seu quarto. — Você é uma mulher e tanto. Blake é um homem de sorte.

Ela abriu a boca, mas o protesto automático de que não era sua namorada não saiu dos seus lábios. Em vez disso, sorriu.



— Obrigada.

Capítulo 29

Depois que Ryder e os gêmeos saíram com os meninos mais jovens, o silêncio desceu sobre a casa. Pouco depois, a sede da Scanguards confirmou que dois guardas humanos estavam estacionados fora da casa, um na frente, outro atrás, garantindo que ninguém fosse capaz de surpreendê-los. Ryder tinha lhe deixado um número direto para chamar se tivesse qualquer preocupação.

Lilo tomou um banho e vestiu roupas confortáveis, camiseta solta e calça de moletom. Também comeu e arrumou a cozinha para matar o tempo. Mas o tempo tinha uma maneira de rastejar como passos de caracol quando se estava à espera de alguma coisa. No final, cochilou em algum momento adormeceu com seu corpo e mente esgotada.

Ainda estava claro quando abriu os olhos novamente.

Lilo se levantou rapidamente do sofá. Depois de limpar o sangue o melhor que pode, jogou um cobertor sobre as manchas. Mas agora, ouviu os sons que a acordou. Acima dela, uma tábua rangeu. Seu coração bateu como um tambor fazendo com que ela corresse para o corredor. Tudo estava quieto lá. Ninguém entrou.

Ela subiu a escada. A última vez que verificou Blake foi há três horas e estava em sono profundo.



Na porta do quarto, fez uma pausa e virou a maçaneta com cuidado. Se ainda estivesse dormindo, não queria acordá-lo prematuramente. Abriu a porta e entrou no quarto, deu dois passos para que pudesse olhar a cama. Que estava vazia. O som de outro ranger do chão fez com que ela se virasse.

Blake estava na porta do banheiro, com apenas uma curta toalha enrolada na parte inferior do corpo, seu cabelo e a parte superior do corpo úmido. Ele nunca pareceu mais viril em seus olhos.

— Você está acordado.

Sem pensar, caminhou para ele com olhos fixos em seu ombro. Onde apenas algumas horas atrás, existia uma ferida profunda, agora a pele estava quase perfeita, embora ainda não totalmente curada.

Ela esticou o braço e passou a mão sobre sua lesão. Sob seu toque, ele estremeceu.

— Não deveria ter curado completamente? — Levantou os olhos para o rosto dele.

Seus olhos azuis a prenderam, o olhar ardente que lhe deu fazendo seus joelhos ficarem fracos. Quando fez amor com ela a olhou assim. E a lembrança fez suas entranhas ficarem em chamas e umedecer a junção entre as coxas.

— Leva mais tempo com sangue engarrafado. Não é muito potente.



Sua voz estava forte novamente. Mas suas palavras deixaram-na curiosa.

— Pensei que as garrafas contivessem sangue humano.

— Sim. Mas quando ele é engarrafado perde um pouco de sua potência. Sangue vindo diretamente de um ser humano é preferível em um caso de lesão grave. —Blake encolheu os ombros. — Mas como você pode ver, estou recuperado. E graças a você.

Lilo balançou a cabeça.

— Por que você não disse alguma coisa? Eu poderia ter doado a você.

O dedo sobre os lábios a impediu de falar.

— Exatamente por isso que não fiz. Eu quero seu sangue, mas não como um ato de caridade. E não quero que você se sinta obrigada a me dar seu sangue.

Ela segurou seu pulso.

— Mas você salvou minha vida. Levou um tiro por mim!

Ele soltou um suspiro.

— A bala era de prata, Lilo. Era para mim, não para você.

— Você não pode saber disso. E quando Ronny atirou você não sabia que era de prata. No entanto, se jogou sobre mim para me proteger. A meu ver, ainda salvou a minha vida.

— Inclinou o queixo para cima em desafio. Será que este homem tinha que irritá-la assim? Não podia simplesmente aceitar a verdade dura e fria, o fato de que era um herói?

— Mulher, você sempre tem que ser tão teimosa?

— Eu não sou teimosa. Eu sou...

— Valente. — Ele sorriu para ela. — Minha valente Lilo. — Suspirou. — Podia sentir a bala no meu osso. Sabia que estava presa lá. Eu tinha uma chance em um milhão de sobrevivência. Mas você fez isso. — Riu, balançando a cabeça. — Com uma colher.

Ele serpenteou um braço ao redor da cintura dela e puxou-a.

— Você me deu força quando precisei. Disse o que eu estava ansiando ouvir. — Seus olhos começaram a brilhar dourados. — Ou eu tive alucinações quando ouvi você dizer que não se arrependia?

Ela passou a mão até seu bíceps e por cima do ombro.

— Não, você não alucinou. É a verdade. Não lamento termos feito sexo.

— Nós fizemos amor. — Ele corrigiu suavemente.

— Isso, nós fizemos amor. — Ela repetiu, sentindo aumentar o calor em suas bochechas. — Eu queria que você soubesse disso, porque não sabia se conseguiria sair dessa e nunca me perdoaria se não tivesse dito.

— Ah, minha bela e corajosa Lilo. E agora? Você me viu no meu pior. Uma fera fora de controle. Poucos já me viram assim. Não deve ter sido uma visão bonita. No entanto, ainda está aqui. Você não fugiu.

— Por que eu iria fugir? Com você estou mais segura do que já estive em toda minha vida. E agora que sei como o mundo realmente é e o que se esconde no escuro, preciso saber que há alguém que possa me manter segura. — Sorriu. — Além disso, eu ainda tenho que te agradecer por salvar minha vida.

Ele fez uma careta com frustração.

— Pensei que tivesse apagado isso. Eu não salvei sua vida. Você salvou a minha.

— Tudo bem. — Admitiu, percebendo que não iria ganhar este argumento com ele. — Então talvez *eu* devesse dar um pequeno agradecimento a você.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— O que você tem em mente?

— Prometa-me primeiro que você vai me dar o que eu pedir.

Ele inclinou a cabeça para o lado, ponderando seu pedido.

— Dado que eu não estaria aqui se não fosse por sua valentia, realmente não posso recusar-lhe qualquer coisa. Você pode ter o que quiser. Meu carro? Minha casa?

Ela saiu do seu abraço e apontou para a cintura dele.

— Eu gostaria da toalha, por favor.

Ele olhou para si mesmo.

— *Essa toalha?*

Ela assentiu, reprimindo um sorriso. Conseguiu surpreendê-lo.

— Sim, *essa toalha*. E gostaria que fosse agora. Você não pode me negar um presente tão barato.

— Não, eu não posso. — Ele estendeu a mão para o lado onde a toalha estava presa e desfez o nó, puxando-a para longe de seu corpo e entregando a ela.

Lilo a pegou e jogou atrás de si com apenas um olhar.

— Obrigada.

— Já cansada de seu presente, eu vejo. — O comentou, apontando para a toalha descartada no chão.

— Eu nunca fui muito afeiçãoada a embalagens. — Disse caiu de joelhos segurando seu pau envolvendo a mão ao redor dele, sentindo-o crescer a cada segundo. — Sempre gostei do que estava dentro. — Olhou para ele e se deleitou com seu olhar aquecido.

— Lilo, eu espero que você saiba o que está fazendo. — Alertou.

— Não se preocupe. — Ela murmurou. — Acho que sou muito boa nisso.

Ela levou seu rosto mais perto e guiou sua ereção para a boca, lambendo a cabeça.

— Porra, Lilo!

— Shhh. — Ela soprou contra sua carne aquecida. — Deixe-me fazer isso. — Levantou os olhos para olhar para

Blake e colocou os lábios na ponta acariciando para baixo até que não pode ir adiante.



Se ele não soubesse, diria que morreu do ferimento à bala e foi para o céu, porque Lilo de joelhos na frente dele com seu pau na boca era mais do que esperava em seus sonhos mais selvagens. Particularmente não tão rápido. Depois de ter confessado ser um vampiro menos de vinte e quatro horas antes, esperava que fosse precisar de mais tempo para aceitar o que era e não imediatamente querer ir para baixo dele e adorá-lo com sua boca divina.

Mas o prazer intenso que estava desencadeando com os lábios macios e sua língua perversa era muito real para ser um produto de sua imaginação. Não, estava realmente acordado e Lilo estava fazendo amor com ele com sua boca. Seus olhos estavam fechados e ela suspirou baixinho, sua respiração provocando sua carne inchada, enviando uma sensação de formigamento para baixo de seu eixo fazendo suas bolas se apertar em resposta.

— Lilo, bebê. — Ele gemeu e colocou as mãos em seu cabelo, não para forçar a si mesmo mais profundamente em sua boca, mas para afastar-se um pouco. — Vá com calma ou você vai me fazer gozar muito rápido.

Ela abriu os olhos e levantou seu olhar enquanto continuava chupando-o e lentamente se retirava.

Ele nunca viu nada mais erótico do que a cena que se desenrolava à sua frente. Seus lábios eram macios e vermelhos, envolvidos firmemente ao redor de sua ereção. O calor e a umidade de sua boca o faziam se sentir como se estivesse mergulhando em um paraíso. Ela era toda suavidade feminina enquanto o lambia com tanta devoção.

— Tão linda. — Ele murmurou.

Como se para lhe agradecer pelo elogio, levou uma mão para suas bolas e acariciou-as.

Uma onda de calor o atravessou quase lhe roubando qualquer controle que ainda tinha — o que não era muito para começar — e forçou um gemido por entre seus lábios. Se continuasse assim, iria derramar em sua boca em trinta segundos. E não queria que isso acontecesse.

Mas ele não podia resistir à tentação de empurrar seus quadris em sua próxima descida, pedindo mais atrito. Lilo envolveu a mão com mais força ao redor da base de seu pau, enquanto acariciava suas bolas com a outra e passava sua língua do lado de baixo de seu pênis, provocando a carne sensível.

— Porra!—Afastou-se dela e puxou-a para ficar de pé. — Tire a roupa. Agora! E deite-se na cama!

— Mas eu não acabei... — Disse ela provocante.

— Oh não, você acabou. — Ele insistiu. Não havia nenhuma maneira dele poder aceitar mais um segundo de sua tortura sensual. — Agora tire! — Porque se o fizesse, rasgaria suas roupas.

Sorrindo, Lilo puxou a camiseta sobre a cabeça e jogou-a no chão. Ela não usava sutiã e automaticamente, ele estendeu a mão para os seios, tocando os globos perfeitos, amando o peso em suas mãos. Mas recuou e andou em direção à cama, virando as costas para ele, parando longe. Observou quando ela enganchou seus polegares no cós da calça e empurrou-a para baixo de suas pernas, deixando-a cair para seus pés descalços, antes de sair delas completamente.

Ela usava uma tanga pequena de renda que não escondia nada de seu olhar faminto. Como um tigre, caminhou em sua direção. E como se soubesse o que queria, deitou sobre a cama em suas mãos e joelhos, seu traseiro atraente para cima. Sua boca ficou seca e perdeu a capacidade de falar. Não poderia nem mesmo dizer quão sexy parecia, porque seu cérebro não estava funcionando mais. Todo o sangue foi às pressas para seu pau, levando-o ao ponto de ruptura.

Ele deu um passo atrás dela, pegou sua tanga e sem palavras a rasgou. Nem sequer piscou, não mostrou nenhum sinal de que se opunha ao seu tratamento áspero. Quando agarrou seu quadril com ambas as mãos e levou um joelho ao colchão enquanto permanecia de pé atrás dela, não tentou fugir. Lilo estava oferecendo-se a ele, apesar de tudo o que viu: suas presas afiadas, seus olhos brilhantes e suas garras mortais.

— Não me faça esperar. — Murmurou, olhando por cima do ombro.

O jeito como olhava para ele, com paixão e desejo em seus olhos, quase o desfez. Empurrou para frente e mergulhou no calor úmido, entrando em sua boceta. Era tudo o que se lembrava e muito mais. E desta vez era diferente. Desta vez, sabia que não precisava esconder seus desejos, não precisava se segurar, porque Lilo o entendia agora.

Saboreando cada segundo, saiu devagar para depois entrar inteiramente em seu núcleo quente. Respirou forte para buscar forças, antes de entrar novamente, desta vez mais suave, tentando tomar seu tempo. Não queria que acabasse depressa demais, porque estar dentro de Lilo, sentindo seus músculos internos como uma braçadeira, como se não quisesse deixá-lo ir, afugentou o horror que passou antes, quando a prata começou a comê-lo vivo.

— Eu preciso de você, Lilo.

Nunca antes precisou de alguém como precisava dela. Se admitir isso lhe dava poder sobre ele, não importava.

Blake diminuiu suas estocadas e moveu-se dentro e fora com mais ternura. Soltou seu quadril e passou a mão ao longo de seu traseiro bem torneada, acariciando-a, deleitando-se com a suavidade de sua pele. Seus cachos loiros caíam sobre suas costas e ombros, movendo-se para frente e para trás, para os lados, com cada impulso que dava.

Mas tê-la desta forma não era mais suficiente. Precisava de uma conexão mais profunda com ela, olhar em seus olhos

enquanto ambos gozavam, para saber que ela o via, o vampiro.

Blake saiu de seu canal apertado e virou-a de costas. Ela olhou para ele com os olhos nublados de paixão. Seu peito ofegava, seu coração batia tão alto que seus sentidos de vampiro não tiveram problemas para captar o som. Um brilho fino de suor cobria todo seu corpo, deixando-a ainda mais bonita. Um longo cacho enrolou-se ao redor de seu mamilo duro a acariciando. Estendeu a mão para o cacho e libertou o pequeno botão de rosa, deixando seu dedo passar sobre ele.

Um gemido saiu de sua garganta e arqueou para fora do colchão.

— Por favor. — Ela implorou, colocando as mãos nos quadris dele e o puxando para si, até que ficou pairando sobre seu centro. Estendeu a mão para seu pau e acariciou.

Ele ficou tenso. — Lilo, oh Deus, você está me matando.

Sorriu para ele, com malícia em seus olhos. — Eu não sabia que um vampiro era tão sensível.

Ele colocou a cabeça de seu pau em sua entrada úmida.

— Tudo o que sinto é amplificado. — Mergulhou de volta, observando com satisfação quando todo o ar saiu apressado de seus pulmões, soltando gemidos que saltavam nas paredes de seu quarto.

Ele manteve o ritmo lento, querendo prolongar o ato amoroso, porque desta vez queria mostrar a Lilo quão perfeita as coisas poderiam ser entre eles. Seus corpos se moviam



como se tivessem feito isso uma centena de vezes, em perfeita sintonia um com o outro. O quadril de Lilo inclinava em sua direção sempre que mergulhava mais fundo, convidando-o para sua deliciosa boceta. Seus tornozelos cruzaram seu traseiro para segurá-lo perto dela e adorou a sensação de seus calcanhares nele, assim como as unhas cravando em suas costas.

— Eu quero que você me veja. — Disse ele. Havia um entendimento neles. Ela sabia o que queria fazer.

— Sim Blake, meu amor.

A palavra afundou nele e encheu-o de orgulho. Queria uivar, mas ao invés disso abriu a boca e alongou suas presas até que ficaram totalmente estendidas.

Ela olhou, enquanto ele continuava se movendo dentro e fora, lento e constante, para mostrar que estava no controle.

Lilo levantou a mão, seu rosto uma máscara de fascínio.

Quando percebeu o que estava prestes a fazer, puxou a cabeça para trás alguns centímetros.

— Tem certeza que quer tocá-las?

— Sim, por favor. — Ela levou a mão mais perto e ele parou seus movimentos.

— Você deve saber algo antes.

Ela deu-lhe um olhar curioso.

— As presas são a zona mais erógena de um vampiro. Ao tocar-me, me fará gozar rapidamente.





Ela sorriu.

— Então nós vamos ter que ter uma segunda rodada mais tarde.

— Eu gosto do jeito que você pensa.

Lilo moveu seu dedo mais perto e permaneceu totalmente imóvel. A ponta de seu dedo roçou o lábio inferior, antes que ela corresse sobre os dentes, deslizando para trás até chegar às presas. Ao contato, um choque passou por ele que empurrou seu pau profundamente dentro dela, gemendo alto.

Seu dedo escorregou de sua presa, mas foi pego em sua ponta. Ele sentiu que perfurou sua pele.

— Oh! — Ela deixou escapar em uma exclamação atordoada.

O cheiro de sangue subiu-lhe pelas narinas e fez todo o seu corpo endurecer.

—Porra, Lilo! — Sabia que era uma má ideia a deixar tocá-lo ali. Porque agora não poderia resistir mais. Sua língua lambeu a gota de sangue da ponta do dedo, fechando a pequena incisão instantaneamente.

Quando o sangue passou por suas papilas gustativas na parte de trás de sua língua e em seguida, para baixo de sua garganta, ele rosnou. Automaticamente, seus quadris começaram a se mover em um ritmo sobre o qual não tinha controle. Duro e rápido, a fodia, movendo seu pau





implacavelmente, enquanto tentava segurar os últimos vestígios de seu controle.

Abaixo dele, Lilo gemeu apesar do jeito áspero com que a estava tratando. Ela colocou a mão em sua nuca e puxou-o para ela, pressionando os lábios nos dele, mesmo que suas presas estivessem totalmente estendidas. *Ela não tinha medo de se machucar?*

Ele tentou se afastar, mas então, ela mergulhou a língua entre os lábios, passando-a ao longo de seus dentes. Quando a superfície lisa de sua língua quente tocou uma das suas presas, ele entregou-se ao prazer que Lilo estava concedendo-lhe e não combateu por mais tempo.

Suas bolas se apertaram e sêmen quente atravessou seu pau, explodindo na ponta. Mas isso não retardou seus impulsos. Continuou mergulhando nela até que, finalmente sentiu-a estremecer sob ele, seus músculos internos o agarrando como um punho e apertando.

Ele retraiu suas presas e assumiu o beijo, derramando a sua alma nela, até que ambos ficaram sem fôlego.



Capítulo 30

Blake rolou de costas e imediatamente puxou Lilo sobre seu corpo, amando a sensação de seu peso sobre ele, com uma perna estendida sobre sua virilha, uma mão em seu peito, enquanto sua cabeça repousava em seu ombro. Por alguns momentos, tudo o que podia fazer era recuperar o fôlego. Lilo também respirava com dificuldade.

Ele deu um beijo no topo de sua cabeça.

— Eu não posso nem mesmo dizer o que significa ter você na minha cama.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele.

— Saber que você me aceita pelo que sou. — Ele fechou os olhos. — Sentir você lambe minhas presas. Eu nunca me atrevi a esperar por isto.

Lilo delicadamente colocou o dedo sobre os lábios.

— Nunca vi nada mais erótico do que quando você me mostrou suas presas e me deixou tocá-las.

Seu coração trovejou na revelação.

— Você não sentiu medo.

— Você disse que não iria me machucar.

— E confia em mim, apesar de tudo o que aconteceu. — Ele mal podia acreditar. Mas viu em seus olhos. Lilo tinha fé nele.

Pegou seu dedo e o beijou.

— Sinto muito por cortá-la com minha presa.

— Não foi culpa sua. — Lilo desviou o olhar. — Você gostou?

— De seu sangue?

Ela assentiu com a cabeça.

— Como não poderia? Lilo, você não tem ideia de como é. Meu olfato é tão hipersensível que até agora posso cheirar seu sangue. E você sabe o que isso faz comigo?

Ela levantou o rosto para encontrar seu olhar.

— O que faz?

Ele pegou sua mão e guiou-a para sua virilha e a colocou sobre seu pau duro.

— Isso é o que faz.

Sua boca se abriu.

— Como você pode estar duro de novo?

Ele riu.

— Por sua causa. Essa pequena gota de sangue que eu lambi de seu dedo está me fazendo querer mais. É por isso que o vampiro dentro de mim está se preparando para você. O vampiro dentro de mim quer seduzi-la com sexo até que você permita que a morda.

Ele sabia que não deveria dizer isso, mas estava farto de esconder as coisas dela. Se tivesse uma boa chance de conquistá-la, precisava ser honesto sobre todos os aspectos de si mesmo. Chance de conquistá-la? O pensamento de repente o atingiu. Será que realmente a queria em sua vida? Quando tomou esta decisão?

Quando ela não respondeu, desceu a mão sob seu queixo e olhou profundamente em seus olhos.

— Eu nunca iria forçá-la. Quero que saiba disso. Mas deve saber que cada vez que fazemos amor, o meu desejo de tomar seu sangue aumenta.

Compreensão brilhou em seus olhos.

— É por isso que você acha que Hannah deixou Ronny mordê-la?

Ele acariciou a mão sobre a cabeça e puxou-a contra seu peito.

— Você disse que eles estão namorando há pelo menos seis meses. Nenhum vampiro, não importa quão civilizado e manso seja, ficaria com uma mulher durante esse período de tempo sem mordê-la. Com ou sem sua permissão. Embora duvide que Hannah se negasse. Sabia o que a mordida de um vampiro implicava, antes mesmo de conhecer Ronny.

— Sabia como?

— Porque eu a mordi.

Lilo subiu para uma posição sentada.

— O que? — Seus olhos estavam arregalados com o choque. — Você e Hannah? Vocês eram amantes?

Ao seu olhar horrorizado, não pode deixar de rir alto — Hannah e eu? — Ele sentou-se e puxou Lilo, mas ela o empurrou de volta. — Hannah e eu nunca fomos amantes. Nós nunca nos sentimos atraídos um pelo outro. Nem por um segundo.

Ela franziu a testa, obviamente não acreditando que ele.

— Então por que você a mordeu?

— Você está com ciúmes?

— Não seja ridículo! — respondeu.

Mas sabia que atingiu um nervo e esse fato fez seu coração bater fora de controle. Lilo tinha um traço forte de possessividade que não esperava. Mas não teve tempo para deleitar-se com isso, porque precisava acalmá-la e garantir-lhe que a mordida não teve nada a ver com sexo.

— Hannah ofereceu seu sangue para salvar minha vida.



Ainda cética, procurou seus olhos. Estava dizendo a verdade? E por que deveria importar que Blake tivesse mordido sua melhor amiga? Não era seu problema.

Oh, por favor, basta admitir que você não pode aceitar o fato de que ele mordeu Hannah e não você. A voz em sua cabeça disse.

— Eu tive um acidente. — As palavras de Blake perfuraram seus pensamentos.

Lentamente, ela balançou a cabeça.

— O que aconteceu?

Ele estendeu a mão e puxou-a para seu colo, de modo que montou nele antes que pudesse protestar. Bem, talvez não quisesse protestar porque gostava do fato de que procurava uma conexão física com ela.

Blake acariciou suas costas suavemente.

— Bebê, nunca houve nada entre Hannah e eu, mas salvou minha vida, assim como você me salvou na última noite. E mesmo estando muito grato a Hannah, nunca a toquei da maneira que não consigo parar de tocar em você. — Ele roçou os lábios dela em um beijo leve como uma pluma.

Então se encostou à cabeceira da cama.

— Eu procurava um suspeito numa noite e estava perto do nascer do sol. A estrada estava molhada e dirigia muito rápido. Não houve tempo para pedir reforços. Sabia que precisava pegá-lo antes que se fosse para sempre. Era uma estrada sinuosa em uma área arborizada e o perdi atrás de uma curva na estrada. Ou assim pensava, até que percebi que ele conseguiu virar para um caminho de terra para se

esconder. Quando vi os faróis no meu retrovisor, soube que me enganou.

Com seu coração batendo rapidamente, perguntou.

— O que ele fez?

— Atirou em mim. A janela traseira se quebrou, mas meu assento e encosto eram banhados em aço e ele não sabia disso. Mas percebeu muito rapidamente que não podia me eliminar ficando atrás de mim, então me alcançou e ficou ao meu lado. Sua caminhonete era maior e mais pesada do que o meu BMW. Ele me bateu. Eu fiz tudo que pude para manter o controle do carro, mas na próxima curva, havia obras rodoviárias. A caminhonete conseguiu passar, mas meu carro capotou e rolou morro abaixo, virando várias vezes.

Ela engasgou.

— Meu Deus!

— Eu ficaria bem, mesmo durante o dia, enquanto esperava por ajuda, porque as janelas do meu carro tinham um revestimento especial UV impenetráveis. Algo que Thomas, um dos nossos gênios inventou. Mas a janela traseira estava destruída. E no ângulo que o carro pousou, o sol nascente teria me fritado. Eu estava à mercê da natureza.

Blake passou a mão pelo cabelo e em seguida, colocou de volta em suas costas e continuou acariciando-a.

— Por que você não saiu do carro e se abrigou em algum lugar?

— Eu não conseguia mover minhas pernas. A frente do carro foi esmagada e o motor estava praticamente no meu colo. Estava sangrando. Tentei me livrar, mas não estava forte o suficiente. Meus ferimentos foram drenando minha força e enquanto normalmente teria sido capaz de empurrar as peças do motor e ficar livre, neste meu estado lesionado estava impotente.

Ela sentiu as lágrimas em seus olhos transbordarem.

— Se Hannah não estivesse passeando com seu cachorro, eu não estaria aqui hoje. Frankenfurter encontrou meu carro e alertou Hannah. Quando me encontrou, ela tentou ligar para a emergência, mas não conseguia sinal e meu telefone tinha o mesmo problema. Nós não poderíamos chamar ninguém e o sol estava prestes a nascer. Não tive escolha a não ser dizer a verdade. Estava quase morto de qualquer maneira.

— Não diga isso!

— É a verdade. Eu não tinha como saber como Hannah reagiria. —Ele balançou a cabeça. — E estava muito fraco para exercer qualquer tipo de controle da mente em Hannah para fazê-la me ajudar. Mas tudo o que ela disse foi: *Como posso ajudar?* Imagine minha surpresa. Não sentia medo. Na verdade, parecia animada.

Lilo riu involuntariamente.

— Essa é Hannah. Para ela tudo é um jogo, uma aventura. Sempre foi. Precisa da excitação em sua vida. Uma corrida constante de adrenalina.

Blake sorriu para ela.

— Essa foi minha sorte. Quando eu disse a ela que precisava de sangue humano para me curare ganhar força suficiente para soltar minhas pernas e sair do carro, não hesitou. Tomei apenas o que precisava. O sangue diretamente da veia de um ser humano vivo é muito mais poderoso do que qualquer sangue engarrafado. Mas claro, eu não tive tempo para avisar Hannah sobre os efeitos colaterais. A excitação sexual. O fato de que minha mordida era erótica, embora o sexo fosse à última coisa em minha mente. —Ele suspirou. — Com seu sangue, eu fui capaz de reunir força suficiente para me libertar. E o sol já estava nascendo, então Hannah pegou um cobertor que encontrou no meu carro e fomos capazes de correr para uma velha cobertura que tinha visto em sua caminhada com Frankenfurter. Nós nos abrigamos lá.

— E Hannah, como sentiu a mordida?

— Ficou atordoada, como era de se esperar. E viciada, mas isso foi algo que eu não soube por um tempo.

— Viciada? Quer dizer que ela se apaixonou por você?

Blake passou os dedos sobre sua bochecha, um gesto que a confortou.

— Não. Ficou viciada na mordida, na sensação que lhe deu. Nós conversamos enquanto esperávamos o anoitecer. Eu disse a ela sobre a Scanguards, sobre o que faço. Quem eu sou. E disse a ela que eu lhe daria qualquer coisa que quisesse por salvar a minha vida.

— O que ela quis?

— Muito pouco. Ela é realmente boa demais para este mundo. Tudo o que quis foi um emprego. Bem, foi despedida no dia anterior e por isso passeava na floresta com Frankenfurter. Para pensar sobre o que queria fazer com sua vida. Foi o destino que a levou lá.

— Então você lhe deu um emprego.

Blake assentiu.

— Poderia ter arrumado praticamente qualquer trabalho que quisesse nesta cidade. A Scanguards tem muitas conexões. Mas não queria trabalhar para qualquer empresa humana. Ela queria trabalhar para os vampiros. Não acho que Ronny foi seu primeiro namorado vampiro. Acho que namorou vários dos que conheceu como parte de seu trabalho. Suspeito que estava sempre perseguindo o que sentiu quando eu a mordi.

Ele passou os dedos pelos cabelos.

— É por isso que me sinto responsável por ela e farei de tudo para salvá-la. Não apenas porque salvou a minha vida, mas porque fui o único que a empurrou para o mundo dos vampiros. Tudo o que aconteceu com ela, aconteceu porque eu a apresentei a esta vida em vez de limpar a memória do acidente e de como me salvou.

— Por que não limpou sua memória?

— Ela me implorou para que não fizesse isso. Disse que queria se lembrar de tudo. — Blake acariciou seu rosto suavemente e calor espalhou-se dentro dela. — E você? Quer



se lembrar, agora que sabe o perigo que corre por apenas ter esse conhecimento?

A decisão era fácil.

— Eu quero me lembrar de tudo. Cada pequeno detalhe.
— Mudou de posição em seu colo, erguendo-se sobre os joelhos e reajustando seu núcleo para alinhar com seu pau.
— E quero mais lembranças. Você vai me ajudar com isso?

Ele roçou os lábios nos dela, sorrindo.

— Pensei que nunca pediria.



Capítulo 31

Lilo abaixou-se para seu pau e levou-o dentro dela. Ele não achava que iria ter o suficiente disso. Como um casulo, seu calor e umidade o tomaram, fazendo instantaneamente todo o resto desaparecer.

Mordiscando o lábio superior, Blake empurrou seus quadris para cima, entrando ainda mais profundamente. Ela suspirou de prazer e jogou a cabeça para trás, expondo sua garganta vulnerável. A tentação veio, mas ele não agiu. Lilo não tomou a decisão ainda de lhe conceder o prazer de mordê-la. E ele não iria apressá-la nisso, porque se o fizesse, ela apenas iria se ressentir.

Em vez disso, abaixou o rosto em seus seios e colocou um mamilo duro na boca, chupando, fazendo Lilo tremer sob seu toque. Sim, era assim que ele iria ajudá-la a se decidir: regando-a com paixão e prazer, com ternura e cuidado. E com amor. Ele congelou. *Amor?* Era essa a sensação que estava controlando seu corpo e mente? *Amor?* Poderia ser? Poderia acontecer depois de tão pouco tempo? Como poderia saber ao certo?

Sua voz o fez levar sua atenção de volta para ela.

— Oh sim, Blake, por favor, bem desse jeito. — Disse ela, montando-o mais rápido agora.

Ele a ajudou segurando seus quadris e levantando-a sempre que ela ia cima e puxando-a para baixo quando afundava de volta. Apesar da lubrificação abundante de seu sêmen e seus sucos, a fricção foi aumentando e ele sentiu seu orgasmo se aproximando.

Blake continuou chupando seus seios, alternando entre os mamilos, enquanto mergulhava seu pau profundamente dentro dela.

— Sim, monte-me com força. — Ele murmurou contra sua carne firme.

Ele levantou a cabeça para olhar para seu rosto, um rosto que brilhava com paixão. Seus olhares se encontraram, fundindo-se.

Lilo de repente levantou a mão e afastou o cabelo para longe de seu pescoço, inclinando a cabeça para o lado. Ele olhou para a pele delicada e pode ver a veia abaixo de seu pulso no ritmo do ato de amor. Quantas tentações mais ele teria que resistir?

Lilo inclinou-se, passando a mão pelo lado exposto de seu pescoço, parecendo mostrar-lhe o caminho.

Ele gemeu em voz alta.

— Porra, Lilo. Isso é bastante difícil.

Ela não rompeu contato visual.

— Eu sei. Posso sentir. —E para enfatizar sua declaração, ela moveu-se mais rápido, praticamente empalando-se sobre seu pau duro como pedra.

Ele moveu a cabeça para trás, tocando a cabeceira da cama. — Se você não parar de me provocar...

Ela o interrompeu, esmagando sua boca na dele. Sua língua lambeu seus lábios e ele os separou incapaz de resistir. Quando lambeu ao longo de seus dentes para fazer com que suas presas descessem, sabia que estava perdido.

Um som de toque chegou ao seu ouvido. Ele já estava delirando com o conhecimento de que em poucos segundos, estaria perfurando a pele de Lilo e colocando suas presas dentro dela. Já estava tão longe?

O toque não parou. Finalmente, percebeu o que era: o telefone celular. Estava em seu criado-mudo e o toque era um que não poderia ignorar.

Ele afastou a boca de Lilo.

— Desculpe Lilo, mas preciso atender.

Um gemido decepcionado saiu de seus lábios, mas parou de se mover para cima e para baixo sobre ele. Blake pegou o telefone, mas antes que atendesse, disse.

— Confie em mim, estou mais desapontado com esta interrupção do que você.

Seus olhos brilharam com suas palavras e ele apertou seu quadril tranquilamente enquanto atendia a ligação.

— John?

— Fico feliz em ouvir que está acordado. — Respondeu seu colega. — Você está totalmente recuperado?

Apesar do fato de seu ombro ainda estar dolorido, respondeu.

— Estou cem por cento.

— Bom, porque nós temos uma pista sólida.

Lilo, que estava inclinando-se para ouvir o que John dizia, respirou.

— Meu Deus!

— Deixe-me colocá-lo na viva voz. Estou aqui com Lilo.

—Ele apertou o botão de alto-falante.

— Oi, Lilo. Então, aqui está o que nós temos: encontramos o cão de Hannah em um abrigo para animais. E ouça isto: quem você acha que levou o cão para lá na noite do desaparecimento de Hannah?

— Quem?—Perguntou Lilo.

— Ronny.

— Por que ele...

Blake cortou.

— Tem certeza de que era ele?

— Positivo. O recepcionista de plantão naquela noite o reconheceu pela foto que mostramos.

— Será que também viu como saiu? A pé, de carro? Ninguém estava esperando por ele lá fora?

— Não. — Disse John. — Mas adivinhem: há um posto de gasolina na esquina do abrigo. E eles têm câmeras de

vigilância. Uma delas mostrou que Ronny estava em uma velha picape.

— Uma picape? Pensei que o carro que estávamos procurando fosse uma Toyota Corolla.

— Correto, mas ele não estava dirigindo aquele carro.

— Por favor, me diga que a câmera pegou a placa.

— Pegou. Já está sendo rastreada. Parece que está registrada em um endereço em Napa. Nós olhamos no Google Maps. Uma área remota, no fundo da floresta. Ideal para esconder uma operação ilegal.

— Vamos reunir a equipe, agora. — Blake ordenou.

— Já está feito. Estamos apenas esperando por você.

Ele verificou o relógio digital em seu criado-mudo. Não apenas mostrava a hora atual, como também foi programado para a contagem regressiva para pôr e nascer do sol.

— O pôr do sol é em uma hora. Estarei na sede antes disso.

— Bom. Estaremos esperando.

Blake desligou o telefone e olhou para Lilo.

— Eu gostaria de não ter que fazer isso, mas...

Ela colocou um dedo sobre os lábios.

— Você não tem que explicar nada. Temos que ir. Vamos nos vestir.

— Nós? — Ele balançou a cabeça. — Oh não, você não vai comigo neste momento.

— Mas...

— Nada de, mas! Não sabemos o que está nos esperando lá. Você deve estar louca se acha que eu deixaria que ficasse em perigo.

Ela apoiou as mãos nos quadris, zombando.

— Você está me chamando de louca?

— Apenas da melhor maneira possível.

— Não há nenhuma porra de melhor maneira possível.

Ele agarrou seus quadris.

— Mesmo que me deixe duro quando fica irritada assim, temo que não vá ganhar esta discussão. Ficaré aqui e irá me esperar. E para ter certeza que fará isso, vou pedir para a minha família para te fazer companhia.

— Você não pode fazer isso!

— Eu posso e vou! —Furioso por não obedecer, ele empurrou seus quadris para cima, forçando seu pau profundamente dentro dela.

Suas pálpebras se agitaram e pode ouvir seu pulso acelerando. Bem, talvez garantisse sua submissão por outros meios já que não foi capaz por um pouco de manipulação. E ninguém iria se machucar por causa dele.

Deslizando a mão entre seus corpos, ele encontrou seu clitóris bem lubrificado por seus sucos combinados e esfregou o dedo sobre ela.

— Isso não é justo. — Gemeu e deixou cair à cabeça para trás.

— A vida não é justa. Agora seja uma boa menina e goze para seu grande vampiro mau.

Enquanto mergulhava dentro e fora dela, constantemente esfregava o dedo sobre o clitóris, aumentando a pressão e o ritmo a cada segundo, até que finalmente sentiu Lilo endurecer em seus braços. Um segundo depois, um tremor tomou conta de seu corpo e ela caiu contra ele, seus músculos interiores apertando sua ereção. Mas não se deixou gozar. Em vez disso levantou Lilo de seu colo e colocou-a na cama.

Ele deu um beijo em seu umbigo. — Agora é uma boa menina.

— Você é um vampiro mau. — Murmurou, mas não havia nenhum calor na acusação. Conseguiu cansá-la pelo menos, tempo suficiente para que pudesse se preparar para sair.

Blake se levantou e sorriu para ela.

— Exatamente como você gosta bebê.

Capítulo 32

Blake deixou seu Aston Martin na garagem da Scanguards e estava andando em uma das vans com blackout com Samson e John. Amaury e Wesley estavam seguindo com Oliver em uma segunda van, enquanto Haven e Yvette seguiam em seu carro. Era incomum para Samson participar de uma missão nos dias de hoje, mas dadas as graves implicações de uma droga que podia controlar os seres humanos, decidiu ficar intimamente envolvido em todos os aspectos do caso. Samson foi informado sobre todos os detalhes e agora sabia tanto sobre o caso quanto Wesley e Blake.

A ponte que atravessava a baía estava congestionada e enquanto John se concentrava no tráfego da hora do rush, Samson, que insistiu para que ambos sentassem na parte de trás, perguntou para Blake.

— Como a senhorita Schroeder está levando tudo isso?

— Acho que você pode começar a chamá-la de Lilo.

Samson levantou uma sobrancelha.

— Vejo então que eu não estava errado.

— Ela me viu no meu pior quando fui baleado. Eu não consegui controlar a fera dentro de mim, mas não hesitou

nem fugiu. —Blake sorriu com a lembrança de como cuidou de sua lesão, embora tivesse se comportado como um animal selvagem.

— Ela é corajosa. — E isso era a coisa que mais admirava.

Samson riu.

— Lembra-me de alguém que conheço. —Ele fez uma pausa. — Na verdade, me lembra de algumas mulheres que conheço. Mulheres muito especiais.

— A mim também.

— Você confia nela?

Ele nem sequer teve que pensar em sua resposta.

— Com a minha vida. Ryder te disse como tirou a bala de prata?

Samson sorriu.

— Muito engenhoso. Estou feliz que você esteja bem. — Então ficou sério. — Algumas coisas sobre este caso não fazem sentido para mim, ainda.

— Apenas algumas? — Na mente de Blake, havia muitas coisas que não faziam sentido.

— Há algo sobre este Ronny que não me soa verdadeiro. Nós acreditamos que esteja por trás do desaparecimento de sua namorada, da fabricação e da distribuição da droga. Mas o que não coincide com a imagem, é por que passar pela dificuldade de deixar o *terrier* de Hannah em um abrigo de animais?

— Estive pensando sobre isso também. —Blake encolheu os ombros. — Talvez ele seja um amante dos animais.

— É possível. Eu apenas não o vejo sendo o tipo carinhoso, especialmente considerando que atirou em você, o que por sinal é outra coisa que não faz sentido. Por que atacá-lo?

Involuntariamente Blake esfregou o ombro onde a bala entrou.

— Estava pensando a mesma coisa. Primeiro achei que talvez estivesse atrás de Lilo, mas considerando que a bala era de prata, acredito que fosse para mim. Talvez tenha nos seguido depois que saímos do apartamento de Hannah ou mesmo vigiando.

— Sim, mas para quê? Seu sócio Norwood, já esteve lá antes.

— É verdade, mas saiu de mãos vazias. Bem, ele tem o celular de Lilo. Mas pelo o que sei, não encontrou o que estava procurando, já que perguntou onde isso estava? Apenas posso supor que queria o pendrive. Talvez para cobrir seus rastros.

— Isso significa que sabia que o pendrive existia. Mas como será que descobriu sobre isso? —Samson esfregou a nuca.

— Assumindo que Ronny não sabia sobre a câmera, a única pessoa no apartamento de Hannah que poderia ter dito a Norwood ou Ronny sobre isso era ela mesma.

O que poderia realmente ser uma boa notícia. Samson parecia pensar assim também.

— Eles não a mataram. Talvez nem tenham a intenção de matá-la. — Disse o chefe dele.

— Você acha que eles estão usando-a? Como usaram os outros seres humanos para seus crimes? — O pensamento enviou um arrepio pela espinha e gelou até os ossos. — Se for assim, eles estão usando a droga nela.

— Para fazê-la cúmplice, sim é possível, embora pudessem fazer isso com o controle da mente, também. Não há necessidade de desperdiçar a droga nela. — Disse Samson.

Blake assentiu e ficou em silêncio novamente. Esperava que no bosque em Napa fossem encontrar não apenas Ronny, mas também Hannah. Ronny não retornou à sua casa em Excelsior desde que ele, Wes e Lilo foram lá, então deveria estar escondido em outro lugar. E que melhor lugar para manter uma vítima de sequestro do que em uma cabana remota, onde ninguém iria ouvir os gritos de Hannah pedindo ajuda?

— Quanto tempo mais, John?—Perguntou Blake.

— De acordo com meu GPS, estamos quase lá.

Blake olhou para fora da janela. A vegetação densa se alinhava na estrada estreita em ambos os lados.

— Onde estamos?

— Na fronteira entre o condado de Napa e o condado de Sonoma. É escassamente povoada. Muitos ex-presidiários vivem aqui pelo que eu ouvi. John informou. — Provavelmente foi por isso que Ronny escolheu esta área.

Samson assentiu.

— Vinte, trinta, anos atrás, havia muitos plantadores de maconha aqui. Os federais realizaram uma tonelada de ataques nesse local, mas nem sempre eram bem-sucedidos. Os produtores escolheram lugares muito isolados. Isso foi antes da legalização da maconha, claro. Agora não há necessidade de explorá-la em segredo. Isso abriu espaço para outras operações ilegais.

Blake grunhiu. — Bem, vamos expulsar o bastardo.



O GPS os levou até uma estrada de terra que culminou em um beco sem saída estrada pavimentada. Não havia nenhum sinal de uma casa ou qualquer tipo de estrutura habitável, embora de acordo com o mapa mais recente, este era para ser um endereço legítimo. Não que qualquer carteiro fosse encontrá-lo porque não havia um número fixado em qualquer lugar e nenhuma caixa de correio também.

Blake saiu do carro e olhou em volta. Seus colegas se juntaram até que todos os oito estavam reunidos. Talvez tantos seguranças treinados fosse um exagero, mas sem

saber quantos cúmplices Ronny tinham além daquele que identificaram como Norwood, Samson insistiu nos melhores e mais duros homens (e mulheres) a seu serviço. Era uma pena que Zane ainda estivesse em Nova Orleans. Gabriel estava comandando a sede na ausência de Samson, enquanto Quinn concordou em cuidar de Lilo. Ele e Rose chegaram à casa de Blake assim que ele saiu. Chamem-no de excessivamente cauteloso, mas não iria correr nenhum risco quando se tratava da segurança de Lilo.

— Espalhem-se. — Samson ordenou. — Se virem uma estrutura, notifique a equipe por texto. O celular de todo mundo no modo silencioso. Agora.

Blake verificou seu telefone, então suas armas. A arma de pequeno calibre estava no coldre da cintura, uma faca de prata escondida em sua bota e uma estaca escondida no bolso interno da jaqueta, embora ele esperasse não ter que usá-la. No entanto, não se importaria de causar um pouco de dor com sua faca de prata, para explicar como se sentiu em uma linguagem que Ronny compreendesse.

Com todos seus sentidos em alerta, Blake caminhou na escuridão, consciente de seus amigos ao redor, embora todos fossem cuidadosos por onde andavam tentando permanecer tão silenciosos quanto possível.

Cerca de um quilômetro e meio de distância da estrada principal, Blake viu uma luz fraca. Cuidadosamente se aproximou seus olhos procurando o terreno para possíveis armadilhas que podiam alertar Ronny. Cerca de noventa



metros do que parecia uma velha cabana caindo aos pedaços, ele parou e mandou uma mensagem informando sua posição para seus amigos.

Com sua visão noturna superior, avistou-os poucos momentos depois, enquanto circulavam o prédio fechado. Blake levantou a mão para dizer-lhes para permanecer onde estavam e aproximou-se do local de onde uma luz fraca vinha. Era uma janela. E embora as cortinas estivessem fechadas, alguém foi negligente, deixando uns centímetros descobertos. Blake moveu a cabeça mais perto do vidro e olhou para dentro. Uma sala de estar. Vazia.

Blake mudou seu ângulo, mas tudo o que podia ver era uma porta, mas não para onde conduzia ou se alguém estava lá. Eles teriam que calcular suas chances. De repente, um som veio de dentro. O coração de Blake parou e sua mente tentou analisar o que ouviu: o ressoar de talheres contra metal. Alguém estava comendo, o que significava que não era Ronny ou estava tentando fazer um sinal.

Virou-se e fez sinais para alertar seus amigos de que pelo menos uma pessoa estava dentro do local. Acenou para Wes e o bruxo se juntou a ele. Tinham discutido anteriormente o que fazer e desta vez, Wes não diria o feitiço em voz alta para abrir a porta. Se Ronny estivesse lá dentro, poderia ouvi-lo, pois no deserto não havia nenhum ruído ambiente. Em vez disso, Wes tinha uma poção que abria qualquer fechadura sem emitir um som. Ele derramou sobre a maçaneta colocou a garrafa vazia de volta em sua pequena



mochila e deu um passo para trás como se dissesse: *É todo seu.*

Blake fez um gesto para seus amigos cobrirem as janelas no caso de Ronny correr para elas e acenou para John, que agora estava lhe dando cobertura. Sacou a arma e sem mais pensar, chutou a porta aberta e invadiu.

Ouviu um som vindo de um dos quartos, foi para onde se dirigiu, ouvindo seu amigo correr pela casa atrás dele. Chutou a porta do quarto aberto apontou a arma para a pessoa dentro da grande cozinha.

— Merda!

— Ronny!

O estúpido abaixou os utensílios que estava limpando e se lançou para a porta que dava para a sala seguinte.

— Não me faça atirar em você. — Blake avisou calmamente, sabendo que seus amigos estavam cortando uma possível rota de fuga de Ronny. — Prata dói como uma cadela.

Mas Ronny não parou e correu direto para Amaury que o agarrou e bateu-o contra a parede mais próxima, segurando-o lá, suspenso.

— Deixe-me ir! Porra! — Ronny gritou, lutando, mas Amaury era mais forte.

— Você quer cuidar disso, Blake? — Seu amigo do tamanho de um *line backer* ofereceu.

— Com prazer. — Grunhiu e bateu seu punho no rosto de Ronny, batendo a cabeça com tanta força na parede que as ripas e gesso racharam. — Isso é pela a bala de prata que você deixou no meu ombro. — Bateu novamente e desta vez emitiu um gancho no queixo de Ronny. — E isto é por Hannah!

O sangue escorria do nariz de Ronny e as presas de Blake automaticamente se estenderam. Seus dedos se transformaram em garras e ergueu a mão, pronto para outro soco. Mas suas garras não se conectaram com o rosto de Ronny. Em vez disso, alguém o segurava por trás.

Blake virou a cabeça para o lado.

— É o bastante. Nós precisamos dele vivo. — Disse Samson, antes de soltar seu pulso.

Blake respirou fundo e deu um passo para trás. Então olhou para os outros que entraram na cozinha.

— Encontraram Hannah?

Eles balançaram a cabeça.

— Nada. — Disse Haven.

Blake se voltou para Ronny, estreitando os olhos.

— Onde ela está?

— Eu não sei!

— A porra que você não sabe! — Blake disse. — Vou perguntar novamente: onde está Hannah? Onde você a está escondendo?

— Eu não a tenho. — Ronny respondeu. — Eles a têm. Eu não sei onde ela está.

— Seu saco de merda! Mentiroso!

— Eu não estou mentindo. Por favor, deixe-me ir. Se souberem que você me achou, irá matá-la.

— Quem são eles?

Ele apontou para a grande mesa na cozinha, onde estava trabalhando com várias taças e ervas.

— Os vampiros por trás de tudo isso.

Blake zombou.

— Você está tentando-me dizer que é apenas um peão? O quão estúpido acha que sou?

— É a verdade! Eles estão usando-a para me obrigar a fazer o que querem. Mas se descobrirem que eu não tenho mais nenhum uso, não terá razão para mantê-la viva.

Blake se aproximou, mostrando suas presas.

— É melhor estar dizendo a verdade. — Ele se virou para Samson. — Vamos levá-lo para a sede para interrogá-lo.

— Não! — Ronny protestou. — Tenho que terminar este lote. Se não estiver pronto quando eles precisarem dele...

— Vamos amigo. — Amaury interrompeu e levou-o para fora do quarto.

— Eu ficarei. — Wes anunciou de repente. — Hav, você pode deixar seu carro?

— O que você fará?—Perguntou Blake.

Wes apontou para a mesa.

— Vou verificar o que ele estava fazendo. Isso pode me ajudar a entender como a droga funciona.

— Ficar bem por sua própria conta? — Perguntou Haven, a preocupação gravada em seu rosto. — Quer que eu fique com você?

— Posso ficar também. — Yvette ofereceu.

Wes balançou a cabeça.

— Isso vai aborrecê-los até a morte. Então, não. Basta ir para casa. Eu ficarei bem.

— Certo. — Haven admitiu.

— Não se preocupe. — Apontou para a mochila. — Eu tenho toda a proteção que preciso comigo. Vou trancar a porta quando terminar.

Oliver levantou uma sobrancelha.

— Trancar? Eu diria para incendiar o lugar.

— Ainda não. — Wes respondeu. — Nós ainda podemos precisar de alguma coisa daqui mais tarde. Além disso, se o que Ronny nos disse for verdade, é melhor manter as coisas como estão até termos Hannah. Colocarei um feitiço de bloqueio na casa quando sair.

— Parece bom. — Samson concordou, então disse aos outros. — Vamos levá-lo.

Blake acenou para Wes, em seguida, seguiu Samson e os outros para fora. Ele esperava que Ronny tivesse dito a



verdade e que Hannah ainda estivesse viva. E que permaneceria viva, enquanto seus captores acreditassem que ele estava cumprindo suas ordens. Mas até agora ele não acreditava em Ronny. Precisava de provas.

Capítulo 33

Wesley esperou até que seus colegas saíram e o silêncio desceu sobre a casa. Um rápido olhar lhe disse que teria pouco tempo antes que deixasse este lugar. Havia muitas coisas a investigar. Mas apenas no caso dos comparsas de Ronny aparecessem sem avisar, decidiu colocar feitiços de proteção que o alertasse de qualquer intruso. Uma vez que os cristais mágicos estavam no lugar, um fora da porta e um em cada janela começou a trabalhar. Apenas outro bruxo sentiria as proteções, um ser humano ou um vampiro não iriam nem perceber os cristais até que fosse tarde demais.

Wes virou-se para a mesa, onde Ronny estava misturando as várias ervas. Havia vários sacos cheios de estranhas folhas seca colher de medição e vários frascos de metal, além de outros utensílios. Ele olhou em volta na cozinha. No fogão estava um grande pote de barro com tampa.

Wes caminhou para o pote e levantou a tampa, mas instantaneamente cambaleou para trás. O cheiro que emanava do aparente lodo preto nojento era vil. E não era imune a odores estranhos. Fabricou poções de cheiro terrível o suficiente em sua vida, mas essa mistura era demais.

Não havia nenhuma maneira de testar a bebida ali. Ele teria que pegar amostras e levar para seu laboratório. Wes abriu a mochila e tirou um frasco, pegou uma colher limpa de uma das gavetas da cozinha e colocou um pouco da lama preta dentro do frasco e em seguida, selou-o com força e guardou em um recipiente de plástico para que não se quebrasse.

— Bem, então. — Ele murmurou para si mesmo e começou a examinar cada erva na tabela individualmente. Reconheceu o Höllenkraut imediatamente. Nas últimas vinte e quatro horas leu tudo o que pode encontrar sobre a planta. E quanto mais encontrava mais se preocupava. Algumas das outras ervas pôde identificar visualmente, outras por seu cheiro. Ele catalogou cada uma delas em seu bloco de notas e coletou amostras. Infelizmente várias ele não conhecia. Felizmente, pensando no futuro, colocou seu livro *Herbal Companion* em sua mochila, que poderia ajudá-lo.

Ele o folheou foi capaz de identificar todas as ervas que Ronny usou. Algumas pareciam bastante inocentes: camomila, por exemplo. Ele balançou a cabeça. Que efeito teria uma erva inócua como camomila nessa mistura perigosa? Claramente ela fazia alguma coisa, mas não poderia descobrir apenas olhando a erva. Teria que encontrar o livro de receitas de Ronny. Em algum lugar, deve ter escrito as proporções exatas de cada erva que utilizava na fabricação da droga.

Mas não importava quantas gavetas abrissem, quantas coisas revirasse e quantos livros folheassem, em nenhum

lugar encontrou qualquer coisa remotamente semelhante a uma receita. O mais próximo que chegou de uma receita foram às notas on-line que Matt descobriu no computador de Ronny. Mas era evidente que a receita no computador era um estudo antecipado da droga e que estava incompleta. Inútil, como as outras que viu sobre o Höllenkraut.

Estava arrumando sua mochila com as várias amostras que pegou, quando houve um súbito clarão fora da janela da cozinha. Era a proteção que colocou, alertando-o para um visitante. Wesley entrou em ação imediatamente, puxando a arma da mochila e saindo. Mas pelo tempo que correu ao redor da casa, quem tocou na proteção desapareceu.

Ele congelou por um momento e olhou para a escuridão. Wes não tinha a audição ou a visão sensível de um vampiro, mas como uma criatura sobrenatural, podia sentir auras. Era como ele reconhecia os vampiros. E como vampiros reconheciam-no como um bruxo.

E como um bruxo, podia sentir a impressão fraca da aura da pessoa que ainda permanecia ali. Uma criatura sobrenatural, sem dúvida, embora não pudesse dizer se era um vampiro. No entanto, ele começou a correr esperando que a pista durasse o suficiente para conseguir pegá-lo.

Wes correu pela floresta, não se importa que soasse como uma manada de elefantes pisoteando através das árvores. Não importava. A trilha da aura tornava-se mais forte a cada minuto que perseguia o desconhecido, o que significava que seu treinamento de resistência na Scanguards

estava finalmente valendo a pena. Quem quer que fosse Wes estava ganhando.

No entanto, apesar do luar que brilhava agora por entre a vegetação menos densa, ele ainda não conseguia ver ninguém. Podia ouvi-lo agora, porém. Galhos secos estavam se quebrando sob os pés da pessoa. Wes usou esses sons e a trilha da aura para se manter bem atrás de seu alvo, levando mais ar a seus pulmões enquanto continuava a perseguição.

O estranho estava correndo colina acima e do que podia ver e ouvir chegou ao topo. O luar que brilhava sobre esse ponto deveria recortar a silhueta dele contra o fundo, mas Wesley não viu nada. Absolutamente nada.

— Impossível. — Murmurou para si mesmo e correu para cima.

Quando chegou ao local, onde estava a pessoa alguns segundos antes, olhou para o outro lado da colina e viu galhos e folhas voando, como se alguém estivesse arremessando-os ao descer o morro depressa, mas não havia ninguém. Ninguém visível de qualquer maneira. Wes desceu a colina, tomando cuidado para não cair. Se ele quebrasse o pescoço, não ajudaria ninguém.

Mais embaixo, finalmente viu para onde a pessoa estava indo. Uma cabana de madeira. A porta bateu. O estranho entrou. Wes correu em direção a ela, chutando a porta com um pé, enquanto apontava sua arma para o meio da cabana de madeira. Mas esta não era uma cabana comum, ele percebeu imediatamente. Na outra extremidade tinha uma

parede de pedra com uma abertura maior do que uma porta comum. Depois disso, finalmente viu a pessoa que perseguia. O estranho se virou seus olhares se encontrando por um momento.

— Destrua-a. — Disse o estranho.

Atordoado, mas ainda apontando a arma para o homem vestido com roupas escuras e um longo casaco preto, Wes perguntou automaticamente.

— Destruir o que?

— A droga. Isso apenas irá jogá-los nas mãos dos demônios.

Wes hesitou.

— Quem é você? Identifique-se! — Porque este homem não era um vampiro.

— Estamos do mesmo lado, bruxo! — Em seguida, ele levantou as mãos em sinal de rendição e de repente uma parede de pedra apareceu na frente dele.

— Merda!

Wes correu para a parede, apertando a mão contra, mas a rocha era sólida. Como porra o cara fez isso? Não era feitiçaria, porque com certeza, o estranho não era um bruxo. No entanto, ele reconheceu Wesley como um. Ele era sobrenatural. Isso era certo.

Mas o que era?

Wes abaixou a cabeça, quando algo chamou sua atenção. Ele olhou para a pedra na frente dele e se



concentrou nas ranhuras em sua superfície. Então viu: alguém esculpiu um punhal no pedregulho. Uma perfeita e linda adaga antiga. Wes traçou o contorno com os dedos e sentiu o calor da pedra sob seu toque que, ao mesmo tempo, começou a brilhar.

— Porra!

Ele pressionou contra ela, mas o calor diminuiu, assim como o brilho. A pedra estava fria novamente. Mas a adaga ainda estava lá. E ele sabia que viu este punhal em algum lugar antes. Em algum lugar em um livro.



Capítulo 34

Lilo ouvia ansiosa enquanto Quinn falava com alguém em seu celular.

Algumas horas atrás, Blake saiu deixando-a para trás em sua casa, mesmo que quisesse ir com ele. Mas usou sua habilidade sexual para fazê-la submeter-se a seus desejos. E ainda estava furiosa com isso. Era exatamente isso o que não gostava nos homens: o seu domínio e sua própria fraqueza de ceder tão rapidamente.

E ainda por cima de tudo isso, Blake pediu a Quinn e Rose para tomar conta dela. Não que não gostasse do casal. Na verdade, gostava muito deles, mas não de ser maltratada assim. Sem que seus desejos fossem levados em consideração. E diria a Blake exatamente isso, assim que voltasse.

Quinn desligou o telefone, o colocou no bolso e caminhou de volta para a sala de estar.

— Era Oliver.

Impaciente, Lilo perguntou.

— Então? O que aconteceu?

— Eles pegaram Ronny.

Seus batimentos cardíacos aceleraram.

— E Hannah? Ela está bem?

De repente, ela sentiu a mão de Rose em seu antebraço. Lilo lhe lançou um olhar e em seguida, olhou para Quinn.

Uma expressão de pesar cruzou seu rosto.

— Sinto muito. Eles não a encontraram. Ela não estava lá.

Um soluço saiu de seu peito.

— Ah não! Ele a matou, não foi? —Era tarde demais.

— Oh não, amor. —Rose murmurou e acariciou seu braço.

— Ela está viva. — Disse Quinn, ao se aproximar.

Lilo encontrou seu olhar, mas não conseguiu pronunciar uma única palavra.

— Mas nós não sabemos onde está sendo mantida. Ainda não de qualquer maneira.

— Então como sabem que está viva?—Lilo ofegou.

Quinn suspirou.

— Ela está viva, porque eles precisam dela. —Ele trocou um olhar com sua esposa. — Acho que devemos ir para a sede. Estão trazendo Ronny para interrogatório e lá teremos mais detalhes.

Lilo assentiu. Ela não podia esperar para estar cara a cara com Ronny e lhe dizer o que pensava dele.

No momento em que chegaram ao edifício de escritórios Scanguards no distrito de Mission, um bairro movimentado

de classe trabalhadora com influências predominantemente latinas, Quinn já sabia que Blake e sua equipe chegaram com o prisioneiro.

— Eles estão começando o interrogatório. — Disse Quinn e a levou por um longo corredor, antes de abrir a porta com o cartão de identificação. — Nós podemos ver tudo daqui de cima.

Ele fez sinal para ela e Lilo entrou na sala. Parecia uma cabine de controle a partir da qual um engenheiro de som monitorava um estúdio de gravação. Apenas que o estúdio de gravação era uma sala de dois andares com nada além de uma cadeira e uma mesa no centro. Uma grande janela permitia que os ocupantes da cabine de controle vissem o que acontecia na sala abaixo, onde vários homens estavam. Microfones e alto-falantes asseguravam que o som fosse transmitido para dentro da cabine. Lilo ouviu a porta fechar atrás dela.

Quinn agora abordou o homem sentado nos comandos.

— Thomas, conhece Lilo, não é?

O homem loiro, em calça de couro, uma camiseta preta acenou e sorriu para ela. Lembrou-se dele, como o companheiro ligado por sangue de Eddie.

—Eu vi você na noite passada na reunião. Sente-se. Estão apenas começando. — Ele aumentou o volume.

Lilo tomou o assento ao lado de Thomas, enquanto Quinn e Rose permaneciam em pé atrás dela.

Olhou para baixo. Ronny estava sentado na única cadeira, enquanto John pairava sobre ele, juntamente com outro homem que viu na reunião, mas não foi apresentado a ela.

— Quem é aquele?

Rose se inclinou para ela.

— É Oliver. Nosso filho.

Quinn apertou a mão de Rose, dando-lhe um sorriso arrebatador.

— Bem, é na verdade, meu protegido. Eu o transformei, o que me faz seu senhor ou seu pai, como você quiser chamá-lo. E Rose graciosamente aceitou-o como seu filho. Ele e Úrsula, sua esposa e seu filho moram conosco.

— Oh, eu conheci Úrsula e Sebastian.

— Eles não são maravilhosos? Sabe, estavam falando sobre ter sua própria casa. Oliver com certeza pode pagar, mas eu perderia muito de Sebastian se eles se mudarem para outro lugar. Ele é um garoto tão doce. E nossa casa é grande demais para apenas nós dois de qualquer maneira. — Disse Rose.

Lilo segurou uma risada. Uma criança doce, que começava a dar problemas no momento em que saía com seus amigos.

— Ele é.

A porta para a sala de interrogatório se abriu de repente Blake seguido por Samson, entrou, juntando-se aos seus

amigos. Ela não pode se controlar e deixou que seus olhos percorressem Blake. Era todo macho, todo poder, toda confiança. Parecia quase inacessível pela maneira como entrou na sala e se aproximou de Ronny. Superior foi a palavra que veio à mente.

John e Oliver se afastaram para abrir espaço para Blake. Ele enfrentava Ronny agora, virando as costas para a janela onde Lilo estava assistindo com os outros.

— Vamos conversar Ronny, de homem para homem.

Ronny olhou para ele. — Se ela morrer, porque você está me segurando aqui, vou arrancar seu coração!

— Então é melhor você responder todas as perguntas com sinceridade e talvez...

Ronny zombou.

— Talvez o que? Nós já perdemos muito tempo. Se eu não tiver o próximo lote pronto no momento em que eles ligarem, Hannah morre.

— Então por que não começar a falar? Desde o início. — Blake se inclinou. — Quero conhecer cada porra de detalhe, você está me ouvindo? Ou serei o único a arrancar seu coração. — Como se para dar ênfase a sua ameaça, Blake levantou a mão.

Lilo ofegou. Seus dedos tinham se transformado em garras e ela não tinha dúvidas de que, se realmente quisesse arrancar o coração do indivíduo, seria uma tarefa fácil com esses instrumentos afiados.

— Não foi minha culpa. —Ronny grunhiu seus olhos selvagens, quando olhou para Blake.

Blake se moveu para trás e cruzou os braços sobre o peito. — Não foi?

— Não! Eu queria sair.

— Sair de que?

— De fazer essas coisas. Sou químico. No início, estava apenas experimentando. Você sabe, fazendo as misturas para conseguir a droga.

Lilo virou-se para Rose. — Por que não fez apenas coca?

—Medicamentos de uso humano convencional não funcionam em um vampiro. Álcool, nicotina e quaisquer outras drogas com receita ou não, não têm efeito sobre nós.

Surpresa, ela focou sua atenção de volta no interrogatório.

— O que aconteceu então?

— Bem, não funcionou. —Ronny respondeu. — Nenhuma das coisas que fabriquei me deixou alto. Eu queria jogar tudo fora, porque não havia nenhuma maneira de vender isso para um vampiro, desde que não funcionava.

— Então queria fazer uma droga que entorpecesse vampiros e vender nas ruas para ganhar dinheiro?

Ronny encolheu os ombros.

— Um cara precisa viver. Não é como se eu tivesse muitas oportunidades de emprego.

Lilo fez uma careta. Lá estava novamente: Ronny cheio de desculpas.

— Mas você não destruiu a droga. —Blake disse.

— Fui até um velho amigo. Ele acabou de sair da prisão.

— Steven Norwood. —Blake disse.

Houve um flash de surpresa em seus olhos.

— Então está em cima dele já.

Mas Blake não ofereceu quaisquer informações.

— O que Norwood quer?

— Ele precisava de dinheiro também, assim como eu. E conhecia caras que não se opunham em fazer qualquer coisa para ganha-lo. Quando disse a ele sobre a droga que queria fabricar para os vampiros, teve uma ideia. Pensou que talvez funcionasse em seres humanos e em vez de vendê-lo para os vampiros, poderíamos vender a droga para os humanos.

Blake zombou.

— Você está tentando-me dizer que vendeu esses medicamentos para os humanos que cometeram esses arrombamentos? O quão estúpido acha que eu sou?

Ronny levantou as mãos.

— Não, não é isso que estou dizendo. Esse era o plano no início, mas não deu certo. A droga não deixou os seres humanos altos, mas os colocou em um estado quase catatônico onde faziam praticamente qualquer coisa que disséssemos. —Ele engoliu em seco. — E Steven viu potencial

nisso. Uma vez que descobri como controlar o ser humano a uma grande distância, colocamos o plano em movimento.

— Espere. —Blake interrompeu. — Como você se certificou de que os vampiros pudessem controlar o ser humano a uma grande distância?

— Cada lote do medicamento é o mesmo, mas antes que ele seja administrado, o vampiro que está no comando desse humano mistura-o com seu próprio sangue. Ele cria um vínculo de curta duração através do qual o vampiro pode controlar a mente do ser humano. Isso garante que o ser humano apenas ouça seu mestre, o vampiro cujo sangue está nele. Ninguém mais pode lhe dar ordens. E controle da mente por qualquer outro vampiro não funciona.

— E sem o sangue?

— Sem ele, o ser humano fica em estado catatônico e pode ser controlado por qualquer pessoa, mesmo por outro ser humano. Tivemos que eliminar essa possibilidade, caso contrário, teria perdido o controle sobre os seres humanos que usamos.

Ronny passou a mão trêmula pelo cabelo.

— Continue. —Blake disse — O que aconteceu quando você percebeu que poderia controlar seres humanos com a droga?

— Steven achou que poderíamos controlá-los para roubar lojas e casas para nós, assim não teríamos que sujar as mãos. E poderíamos fazê-lo durante o dia. Ninguém jamais suspeitaria de nós. Isso foi bem por algum tempo, mas

realmente não testei os efeitos em longo prazo da droga e comecei a ver alguma coisa... —Ele visivelmente reprimiu algo semelhante a um soluço. — Nós continuamos com os mesmos seres humanos e eu comecei a ver o que a droga fazia no final.

— Efeitos colaterais?—Perguntou Blake.

— Poderia dizer isso. O efeito longo prazo no ser humano é devastador. Quanto maior a exposição, mais da mente do ser humano morre, como Alzheimer. É gradual no início, mas inevitável. — Ronny olhou para Blake. — Isso não era o que eu queria. Não quis mais fazê-lo. Queria sair. Mas...

— Norwood não deixou. —Blake adivinhou.

Um aceno lento.

— Eu era o único que podia fabricar o material. Os outros eram uns imbecis. Mas Norwood sabia como manter a pressão sobre mim. Ele sabia sobre Hannah.

O coração de Lilo se contraiu dolorosamente.

— Ele me confrontou, disse que iria machucar Hannah, se eu não fizesse o que ele queria.

O vídeo, Lilo se lembrou. Os dois discutiram.

Ronny continuou. —Tentei convencer Hannah de que precisávamos fugir, mas é teimosa e queria saber o porquê.

— Ela não sabia o que você estava fazendo?

Ele abaixou a cabeça. — Não. Eu não tive escolha, senão dizer a ela. Nunca vi uma pessoa tão decepcionada. Mandou-me embora. Oh Deus, estava com tanta raiva. Acho que me

odeia agora pelo que fiz pelo que eu permiti que acontecesse. —Ele fungou. — Saí, esperando que se acalmasse. Mas quando voltei algumas horas mais tarde, Hannah não estava mais lá e seu cachorro estava vagando fora do edifício.

— Você o levou para um abrigo de animais.

Ronny assentiu.

— Ela adora aquele cachorro e eu não podia cuidar dele, porque precisava encontrá-la. Mas não tive que procurar por muito tempo porque Steven ligou. Ele a colocou no telefone e então sabia que a capturou.

— Então você sabe onde eles estão escondidos. — Disse Blake.

Ronny levantou as pálpebras, os olhos cheios de lágrimas. Lágrimas vermelhas. — Steven e os outros já haviam mudado seu esconderijo para algum outro lugar logo após a nossa discussão. Eles achavam que não podiam mais confiar em mim. Conhecia seu antigo lugar e foram embora. Eu não sei onde eles foram ou onde estão mantendo Hannah.

Lilo sentiu lágrimas nos olhos. Se Ronny não sabia onde Hannah estava, como iria encontrá-la agora?

— Mas não vai matá-la. — Acrescentou Ronny. — Não enquanto eu continuar entregando as drogas.

Capítulo 35

Blake esfregou o pescoço e andou na frente de Ronny. Ele estava dizendo a verdade? Seu comportamento era sincero o suficiente, mesmo as lágrimas pareciam reais. Mas tinha que ter certeza.

Ele se virou para Samson.

— Quero Gabriel para mergulhar nas lembranças de Ronny para descobrir se está nos dizendo a verdade.

Samson assentiu até a janela espelhada. — Thomas, mande Gabriel aqui para baixo.

— Certo. — Thomas respondeu através do alto-falante.

— Estou dizendo a verdade! — Ronny gritou.

— Sim? Bem, espero que você não se importe se eu verificar isso, não é? Porque se for realmente um menino bom, então por que porra atirou em mim? Isso não se encaixa com sua pequena história. — E Blake ainda estava se sentindo um pouco irritado por quase ter morrido com uma bala de prata.

— Eu não queria fazer isso, mas foi preciso. — Ronny gritou.

— Deixe-me adivinhar: Norwood o fez fazê-lo.

— Disse que alguém estava sobre nós e que se eu não o afastasse e à mulher que estava com você, feririam Hannah.

Blake rosnou baixo e sombrio.

— Estava planejando matar Lilo também, não somente a mim? — Praticamente pulou sobre o homem, mostrando suas presas, suas mãos já ao redor do pescoço da escória, levantando-o da cadeira. — Eu deveria cortar sua garganta apenas por esse pensamento. Se você ou seus comparsas alguma vez colocarem as mãos sobre ela, vão desejar estar mortos, porque o que farei com você será tão doloroso que irá me implorar para colocar uma estaca no seu peito. Entendeu isso? Ela é minha! Ninguém toca a minha mulher!

— Blake, deixe-o! — Samson ordenou. — Gabriel está aqui.

Blake girou a cabeça para a porta que Gabriel estava fechando atrás dele. Não tinha sequer ouvido o segundo em comando entrar, de tão furioso que estava ao saber que uma das balas de Ronny foi direcionada para Lilo. Pelo menos ela não saberia. Isso era uma coisa que teria que esconder para não a aborrecer novamente.

Ele soltou a garganta de Ronny e deixou-o cair sem cerimônia para trás na cadeira. Ronny imediatamente esfregou sua garganta e tossiu.

Blake ficou de lado. — Faça o que sabe Gabriel, antes que eu perca a minha cabeça.

Gabriel curvou um lado de sua boca para cima.

— Porra e eu pensando que você já estava perdido. — Ele permaneceu de pé ao lado de Samson. — Samson irá me colocar a par de tudo rapidamente.

Blake esperou impaciente enquanto Samson retransmitida todas as informações pertinentes para Gabriel. Então ele disse.

— Sugiro que você vá tão longe como duas semanas atrás para verificar o que fez.

Com uma arrogância em seu passo, Gabriel se aproximou e parou na frente do prisioneiro, dirigindo-se diretamente a ele.

— Não vai doer.

— Infelizmente. — Blake grunhiu baixinho.

Mas seus superiores ouviram. Ambos, Samson e Gabriel, lhe lançaram olhares de reprovação, mas não iria recuar.

— Contanto que não me toque novamente... — Ronny murmurou.

— Relaxe. — Gabriel exigiu. — Vou investigar suas lembranças para verificar se o que nos disse é verdade.

Gabriel permaneceu totalmente imóvel e fechou os olhos. Blake já viu Gabriel exercer seu dom antes. Não o fazia muitas vezes, acreditando que era uma invasão de privacidade, mas de vez em quando, quando a vida de uma pessoa estava correndo risco, usava sua habilidade especial. Não havia nenhum sinal exterior de que estava fazendo

alguma coisa, o que fazia este dom tão perigoso. Não havia defesa para isso. Ele trabalhava em qualquer criatura humana ou sobrenatural. Ninguém estava a salvo.

Vários minutos se passaram, em seguida, Gabriel de repente virou-se, de frente para seus amigos. — Está dizendo a verdade. Ele tentou sair do grupo de Norwood. Existem cinco outros e também tentou avisar Hannah. Ele não a pegou. Procurou em todos os lugares por ela, até que Norwood ligou para ele e deixou-o falar com ela. E também verificou o antigo lugar de Norwood. Estava deserto. — Gabriel balançou a cabeça. — Não sabe onde o grupo se esconde agora.

— E o que viu sobre ele atirando em Lilo e em mim?— Perguntou Blake.

— Ele nos disse a verdade, Blake. O disparo não foi ideia dele. Estava desesperado para manter Hannah viva. — Gabriel suspirou. — Tenho a sensação de que fará qualquer coisa por ela.

Pela primeira vez, Blake olhou para além dos crimes Ronny que cometeu e viu apenas um homem. Um homem que amava tanto uma mulher, que mataria por ela. E porra, entendia Ronny agora.

— Merda Ronny, por que não veio até nós imediatamente? Sabia que Hannah estava trabalhando para Scanguards, você sabia o tipo de trabalho que fazemos. Poderíamos tê-lo ajudado! —Blake gritou.

— Eu estava com medo de que estivessem me observando. Não podia arriscar. Eu amo Hannah.

Blake podia entender isso também. Seus batimentos cardíacos retardaram por uma fração. — E agora? Quando deve entregar as drogas?

— Eles vão ligar para meu celular descartável informando a hora e o lugar.

Blake assentiu e virou-se para a janela espelhada da cabine de observação.

— Thomas, você pode clonar o telefone de Ronny e monitorá-lo?

— Com certeza.

Ele olhou por cima do ombro para Ronny. — Você sabe quando?

Os olhos de Ronny dispararam para o relógio na parede.

— Em duas horas.

— Certo. — Ele olhou para seus amigos. — Vamos continuar e nos preparar para qualquer eventualidade. — Eles tinham uma abundância de ferramentas no lugar para isso. — E quando ligarem para Ronny, nosso amigo aqui vai pedir que levem Hannah para o ponto de encontro.

— Assim vão suspeitar. — Ronny advertiu.

— Ela precisa estar lá, para que possamos chegar até ela. Você a quer de volta, não é?

Ronny assentiu.

— Então fará o que eu disser. — Blake respirou fundo e passou a mão pelo rosto. — Estaremos prontos.

John colocou a mão em seu ombro, apertando-o. — Nós temos tudo coberto. Por que não vai tomar um fôlego?

— Boa ideia. — Disse Samson, antes que Blake pudesse protestar. — Isso é uma ordem.

— Oh uh, Blake. — Thomas disse através dos alto-falantes.

Blake levantou o olhar para a janela, embora não pudesse ver Thomas por trás dele.

— Lilo está aqui.

— Aqui onde?

— Aqui na cabine de observação.

Ah, merda! Quanto tempo ela estava lá? Será que ouviu o que Ronny disse que uma das balas que disparou naquela noite tinha o nome dela? Mal podia imaginar como deveria estar se sentindo.

— Estarei aí em um segundo.



Lilo seguiu Blake em silêncio enquanto a levava ao seu escritório e fechava a porta. Muitos pensamentos fervilhavam em sua mente, produzindo muitas emoções conflitantes. Aborrecimento por Blake tê-la deixado para trás ainda estava

correndo por suas veias, mas agora tinha algo mais. Mas primeiro, as coisas mais importantes.

— Como vamos salvar Hannah? — Perguntou ela. — Eu ouvi tudo o que Ronny disse. Mas não ouvi o plano da Scanguards agora que sabemos que Ronny não a tem. O que faremos?

Blake estendeu a mão, mas ela apertou a mão contra o peito, empurrando-o de volta. Uma expressão cautelosa se espalhou pelo rosto dele. —Faremos o nosso trabalho. Confie em mim. Todo mundo está trabalhando nisso. No momento que Norwood ligar para Ronny, estaremos preparados para qualquer coisa que possa atirar em nós. Já fizemos isso muitas vezes antes e somos bons.

Ela respirou para se acalmar. Sim, viu a Scanguards em ação. Mas desejava poder fazer alguma coisa.

—Eu sei que você e seus amigos são bons no que fazem, mas preciso fazer alguma coisa também. Preciso ajudar também.

Ele balançou a cabeça e sorriu.

— Não há nada para você fazer. Eu sei que odeia esperar, mas talvez eu possa te distrair até a ligação chegar? —Ele sorriu e se inclinou.

Ela o empurrou de volta.

— Não tão rápido!

Ele se afastou, franzindo a testa.

— Tenho a sensação de que eu disse ou fiz algo que você não aprova.

Ela bufou.

— Por onde eu começo? — Colocou as mãos nos quadris. — Primeiro de tudo, você não pode usar o sexo para me fazer aceitar que possa sair sem mim! Eu queria vir com você.

— Eu lhe disse que era muito perigoso.

— Besteira! Quinn me disse que havia oito de vocês e um deles. Eu não teria me machucado se você tivesse me levado. Mas não, porque eu sou uma mulher, acha que pode me enrolar.

— Bem, aparentemente estou pagando por isso agora...
— Ele comentou secamente.

— Acha que isso é tudo? Eu nem sequer comecei ainda!

Ele cruzou os braços sobre o peito. — O que mais eu fiz?

— Você é dominante e cheio de si mesmo!

Ele levantou uma sobrancelha.

— Isso foi rude. E não achei que tivesse alguma objeção ao meu domínio anteriormente. Se bem me lembro, você desfrutou tremendamente quando eu...

— Eu não estou falando sobre sexo! — gritou. — Eu estou falando de você! De como se comportou naquela sala de interrogatório.

— Como eu interrogo os prisioneiros é comigo. —
Estreitou os olhos, claramente irritado agora.

Bem, assim como ela!

— Você disse para Ronny para manter as mãos longe de sua mulher. Porra Blake, você não tem direito de falar sobre mim desse jeito! Você disse a ele que eu era sua. Como se eu fosse sua propriedade!

A boca de Blake de repente se contorceu em um sorriso e deixou cair os braços.

— Então esse é o seu problema? Que eu disse a Ronny que iria matá-lo se ele a machucasse? Foi isso o que a ofendeu? —Ele riu.

Como se atrevia a rir? — Isso é sério! Eu não serei tratada como uma de suas posses! Apenas porque você é um vampiro e mais forte do que eu, acha que pode me dar ordens! Eu não aceitarei isso.

— Ah, como eu amo mulheres decididas. — Passou por ela e virou a chave na fechadura.

Ela deu-lhe um olhar suspeito.

— O que você está fazendo?

— Estou garantindo que tenhamos privacidade enquanto discutimos nosso relacionamento.

Ela engoliu em seco, a garganta ressecada.

— Relacionamento?

Ele se aproximou, forçando-a a recuar até que bateu na parede.

— Sim, nosso relacionamento. Então você acha que sou mais forte que você porque sou um vampiro? Acho que você deve ter esquecido que eu estava à sua mercê nem vinte e quatro horas atrás. Coloquei minha vida em suas mãos, confiando em você para me manter seguro. Não se lembra desse lado meu? E o que dizer sobre quando fizemos amor? Não se lembra do poder que tinha sobre mim, então?

— Poder? Eu?

— Sim você, minha valente Lilo. Tem poder sobre mim.
— Ele pegou sua mão e apertou-a no local onde seu coração estava batendo rapidamente. — Eu não estava planejando isso, mas a partir do primeiro momento em que me beijou, sabia que não podia ficar longe de você. Você tem mais poder do que pensa, porque segura o meu coração em suas mãos.

Ela balançou a cabeça. Quando Blake segurou Ronny pela garganta, viu algo que não gostou.

— Você é possessivo.

— Eu sei.

— Isso me assusta.

— Por quê?

— Porque não quero que me digam o que fazer. Eu não quero ser reprimida ou dominada. Não quero ser controlada.

— Oh Lilo, bebê. Você acha que só porque sou possessivo eu faria isso? — Ele balançou a cabeça, sorrindo

suavemente. — Um vampiro é possessivo por natureza. Mas apenas para proteger e cuidar daqueles que ama. — Ele afastou uma mecha de seu cabelo para trás da orelha e inclinou o queixo para cima com o dedo indicador. — O único lugar que eu posso mostrar de vez em quando minha dominância ou controle, é na cama e apenas para lhe dar mais prazer.

Ele abaixou a boca para a curva de seu pescoço e pressionou um beijo quente em sua pele.

— Você quer que eu demonstre? — Murmurou e puxou-a em seus braços.

— Blake...

Como ela podia ficar irritada quando ele soava tão razoável? Afinal, estava certo: viu mais de um lado dele. Não apenas o dominante, mas também aquele vulnerável. E o suave. E era esse conhecimento que a fez estremecer agora. Porque precisava admitir para si mesma que gostava de todos os lados dele, não apenas o suave. Gostava de jeito áspero e sua dominância. Mesmo que isso cheirasse a problemas.

— Lilo, eu estou apaixonado por você. — Ele levantou o rosto para encará-la. — E não sei como isso aconteceu, mas aconteceu. Tudo o que eu quero fazer é mantê-la segura e feliz. É tão errado assim?

Apixonado? Seu coração parou. Este grande vampiro mau que conseguia irritá-la como ninguém nunca antes estava apaixonado por ela?

— Blake. — Murmurou e apertou seus lábios nos dele.

Ele respondeu a seu beijo, puxando-a para mais perto e lhe roubando o fôlego, até que afastaram seus lábios alguns momentos mais tarde. Ofegante, disse.

—Agora, sobre essa demonstração...

Levantou-a e levou para o outro lado do escritório, onde apertou um interruptor na parede. No início, apenas ouviu um rangido alto, então viu algo com o canto dos olhos. Virou o olhar para ele. A parede branca com painéis estava descendo.

— Você tem uma cama Murphy¹³ em seu escritório?— Ela o encarou, incrédula.

— No meu trabalho, é necessário. Vigiar treze híbridos não é exatamente um emprego das nove às cinco. Tenho que tirar um cochilo sempre que posso. Então Samson aprovou tê-la instalada. —Ele sorriu maliciosamente. — Mas eu nunca a usei para sexo antes. Poderíamos batizá-la juntos. Que tal isso?

— Você não pode estar falando sério! Este é seu escritório.

— Eu sei que é meu escritório. Samson me disse para tomar um fôlego. Estou apenas seguindo ordens.

Apontou para a cama, que agora desceu completamente. Lençóis de aspecto limpo estavam esticados sobre o colchão. — Não acho que Samson quis dizer isso quando lhe disse para descansar.



Apesar de suas palavras, abaixou sobre o colchão e começou a se despir na frente dela.

— Confie em mim bebê, isso me dará mais energia do que muitas horas de descanso.

— Nós não podemos fazer sexo agora! Temos que nos preparar para resgatar Hannah. Precisamos estar prontos quando Ronny receber a ligação...

—... Que não será por pelo menos mais uma hora e meia, talvez duas. Minha equipe já está cuidando de tudo. Não há nada mais que possamos fazer além de esperar. —Ele piscou para ela. — Vamos matar o tempo.

— Você é incorrigível.

Ele encolheu os ombros.

— Outra das minhas muitas falhas. Tenho certeza que você vai se acostumar com isso. Agora tire a roupa, bebê!

Capítulo 36

Blake já estava nu na frente de Lilo, quando começou a tirar as roupas.

Então pensava que era possessivo? Não viu nada ainda. Ela seria tão possessiva quanto ele uma vez que fosse sua. E não podia esperar por isso. Não podia esperar para que ela o reclamasse. Mas tudo há seu tempo. Primeiro precisava cortejá-la e mostrar o que era ser amada por um vampiro.

Ele a viu despir-se, passando seus olhos sobre ela enquanto tirava as roupas até que toda aquela pele cremosa estava exposta nos lençóis. Dobrou uma perna e timidamente olhou para ele sob seus longos cílios, seu cabelo caindo sobre os ombros, atingindo os mamilos rosados. Parecia uma garota *pinup*¹⁴ e ele estava determinado a fazer com que apenas ele pudesse vê-la assim no futuro. Mas precisava jogar suas cartas direito.

Ele fixou seus olhos nela e então lentamente abaixou o olhar para seu pau, fazendo-a seguir seu olhar. Estava totalmente ereto agora, a sua dura longitude tão cheia de



sangue, que se curvava em direção ao umbigo. Suas bolas estavam contraídas e apertadas.

— Olhe o que faz comigo. —disse e envolveu sua mão ao redor de seu pau duro, dando-lhe um puxão rápido. Prê-sêmen já estava vazando na ponta.

Lilo deslocou-se, apoiando-se nos cotovelos, os seios balançando levemente com o movimento repentino.

— Isso é a demonstração de sua dominância sobre a qual estava falando?

Um lado de sua boca se curvou involuntariamente. — Você está tentando zombar de mim?

— E se estiver?

Ele entortou seu dedo. — Sente-se. Acho que você precisa de uma lição de como tratar seu homem.

Ela apertou o lábio inferior entre os dentes, mas sentou-se e chegou à beirada da cama. Blake diminuiu a distância entre eles com um passo, deixando sua virilha ao nível da cabeça.

— Agora seja uma boa menina e me chupe até que eu diga para parar. — Colocou o pau em seus lábios.

Sua língua saiu e ela passou-a sobre a cabeça de sua ereção. Ela levantou os olhos para encontrar seu olhar. — Assim?

— Então vai bancar a inocente agora, não é? Quando nós dois sabemos que mulher de sangue quente você é.

Mais uma vez passou seu pau nos lábios dela, que se separaram com um gemido, permitindo-o entrar. Ele movimentou-se para frente lentamente, dando-lhe tempo para se adaptar.

— Assim Lilo, tudo. — Ele colocou as mãos em seu cabelo e massageou seu crânio suavemente.

Ela o levou um pouco mais profundo, seu pau passando sobre a língua.

— Porra, você é boa nisso. — Ele elogiou e afastou os quadris novamente, bem lentamente.

Lilo exalou e sua respiração soprou sobre seu pau quente, fazendo-o estremecer de prazer. — Mais uma vez. — Ela murmurou e estendeu a mão para ele, envolvendo-a ao redor de sua base.

Ele segurou a cabeça dela imóvel, enquanto mais uma vez, afundava-se na boca molhada. Queria ser lento nesse momento, muito lento, para que pudesse saborear cada segundo de seu ato de amor e prolongar seu prazer.

— Olhe para mim. — Ordenou.

Ela levantou os olhos novamente.

— Eu nunca tive uma visão mais erótica do que você com meu pau na boca. — Ele não pode suprimir o gemido que subia em seu peito.

Ela sustentou o olhar e começou a se mover para cima e para baixo em sua ereção, envolvendo os lábios firmemente ao redor dele, chupando mais forte do que permitiu até agora.

Ele sentiu arrepios atrás de arrepios correndo pelo seu corpo, afastando qualquer pensamento são que poderia ter.

Lilo estava transformando-o em uma criatura conduzida apenas pela luxúria e paixão. Nada mais contava. A cada segundo seu corpo aquecia mais e ele sabia que se quisesse permanecer no controle, precisava fazê-la parar.

— Basta!—Antes que fosse tarde demais, ele recuou e saiu de sua boca.

Ela olhou para ele, os lábios em um beicinho.

— Você sempre me faz parar quando começa a ficar bom.

Ele riu.

— Boa, tentativa bebê, mas sou o único que está no comando agora. Talvez algum outro dia eu não vá impedi-la. Mas, por agora tenho outros planos.

Ele moveu os ombros dela com um leve empurrão para que se deitasse no colchão. Rolou sobre ela, alinhando seu pau em sua fenda e mergulhou dentro.

— Siiim!—Ela gritou, arqueando as costas, empurrando assim os seios para ele.

Incapaz de resistir à deliciosa oferta, ele abaixou a cabeça e colocou um mamilo entre os lábios, chupando e lambendo.

— Mais!— Ela exigiu e ondulou seus quadris.

Ele empurrou nela em um ritmo constante, enchendo-a, em seguida, retirando-se, enquanto continuava a deleitar-se

com seus seios, alternadamente provocando um, depois o outro, enquanto ela se contorcia sob ele.

Ela estava ofegante. Sua excitação pairava sobre a sala, fazendo suas narinas alargarem-se e seu pau pulsar. Mas ele não queria gozar ainda. Respirando fundo, diminuiu o ritmo para um mais suave, balançando contra ela mais gentilmente.

— Blake...

Ele levantou a cabeça de seu peito e olhou para ela. Preocupação o percorreu.

— O que está errado? O que precisa Lilo?

Ele notou que ela engolia em seco, antes que seus lábios se separassem.

— Eu quero que você me morda.

Seu coração parou e seu corpo congelou em meio ao movimento.

— O que?

Ele não poderia ter ouvido corretamente. Provavelmente estava tendo alucinações.

— Morda-me. — Ela sussurrou. — Em qualquer lugar que quiser. — Seus olhos *azuis* brilhavam com luxúria selvagem. — Eu quero saber como é.

Ele levantou a mão e correu os dedos ao longo de seu gracioso pescoço.

— Tem certeza?

Ela assentiu com a cabeça.

— Devo estar sonhando.

— Você não está. — Disse ela. — Por favor, mostre-me como é.

Lentamente, ele retomou seus movimentos, empurrando lenta e profundamente dentro dela, em seguida, saindo do mesmo jeito. Seus olhos se encontraram, ele desceu suas presas e entreabriu os lábios para mostrar a ela o que iria perfurar sua pele em um momento.

— Não vai doer. — Ele prometeu, mas hesitou. — Em qualquer lugar que eu queira?

— Qualquer lugar.

A escolha foi fácil. Ele poderia ter sempre a veia em seu pescoço, mas para a sua primeira mordida — e ele esperava que fosse apenas a primeira de muitas — queria algo especial.

Ainda deslizando para dentro e fora de sua boceta quente, abaixou a cabeça para um seio e esfregou suas presas ao longo de cada lado do seu mamilo. Ela estremeceu sob ele e instintivamente segurou ambos os pulsos dela e prendeu os braços dos lados.

— Faça-o. — Ela o encorajou.

Ele colocou as pontas de suas presas em sua pele e pressionou. Como bisturis, suas presas afundaram em sua carne profundamente e se alojando ali antes que ele sentisse a primeira gota de sangue. O rico líquido vermelho correu



pelo fundo da garganta enchendo todos seus sentidos com admiração e reverência. Mordeu outros seres humanos antes, mas afundar suas presas em Lilo era diferente. Ele de repente descobriu o que estava procurando por toda sua vida. Nada do que já provou antes era tão bom e nada depois seria melhor. Não podia se imaginar tomando sangue engarrafado nunca mais, agora que estava bebendo até saciar-se do seio lindo de Lilo.

Seu vampiro estava assumindo agora, aumentando o ritmo com o qual ele empurrava seu pau dentro dela. Estava tomando-a cada vez mais e mais rápido, enquanto ela gemia e suspirava e seu batimento cardíaco acelerava.

Ele ainda estava prendendo-a pelos pulsos, mas não podia libertá-la, porque o conhecimento de que estava à sua mercê o excitava, fazendo com que seu pau inchasse ainda mais. Lilo se movia como se tivessem feito isso mil vezes antes, seus quadris batendo contra os dele a cada estocada.

Mais e mais sangue enchia sua boca e ele sabia que era hora de parar ou tomaria demais. Tirou as presas dela e lambeu as pequenas incisões, fechando-as instantaneamente. Quando levantou a cabeça para olhá-la, viu uma mulher em êxtase com o rosto brilhando, os lábios entreabertos e gemidos saindo deles, seus olhos brilhavam com luxúria. Estava perto. E ele também.

Ajustando seu ângulo, ele mergulhou mais fundo e mais duro, seu osso pélvico batendo contra seu clitóris uma e outra vez. Até que finalmente, ficou tensa. Mais um impulso



ele estava lá com ela, enquanto ambos eram arremessados para o orgasmo. Ele capturou seu gemido com a boca e o engoliu, deixando-o bater contra seu coração.

Não poderia dizer quanto tempo demorou a descer, mas em algum momento rolou para o lado e a levou com ele, embalando-a contra o peito, dobrando uma de suas pernas sobre sua coxa, sem escorregar para fora de sua boceta encharcada.

— Não posso dizer o que isso significa para mim. — Ele murmurou contra seus lábios antes de beijá-la novamente.

— Pensei que estivesse flutuando sobre uma nuvem. Nunca senti nada tão... Tão incrível. — Ela abriu os olhos. — É sempre assim?

Ele sorriu. — Entre amantes, é assim. A mordida de um vampiro excita, mas apenas se torna verdadeiramente erótica quando acontece durante o ato sexual. Apenas a mordida se desdobra plenamente em todas suas facetas.

— Agora entendo por que uma humana deixa um vampiro mordê-la.

Ele rolou de costas, puxando-a com ele, reajustando sua virilha para assentar-se plenamente dentro dela novamente.

— Obrigado por me deixar tomar seu sangue. — Disse Blake, passando os dedos pelos cabelos. — Gostaria de poder dizer o que se sente em um momento como este. Para sentir que o que você me deu tão livremente. Sem reservas. — Ele deu um beijo em seu cabelo.

— Mas para você não é novidade. Deve ter feito isso muitas vezes antes.

Ele deslizou a mão sob seu queixo e levantou a cabeça dela para fazê-la olhar para ele.

— Lilo, eu nunca mordi uma mulher durante o sexo. Nunca experimentei isso antes. Claro, mordi humanos antes, mas nunca foi assim. Nunca enquanto fiz amor. Sem a mordida, já foi diferente do que eu já experimentei. Agora isso, Foi *fora deste mundo*. Temo Lilo, que ficarei viciado nisto e em você.

Um sorriso quase tímido cruzou os lábios.

— Então vai fazê-lo novamente?

Ele pressionou a cabeça para trás no travesseiro, fechando os olhos por um momento.

— Lilo, assim como eu poderia fazer amor com você durante todo o dia e toda a noite, gostaria de afundar meus dentes em você a cada momento. — Ele acariciou sua bochecha e traçou o contorno dos lábios. — E eu seria o homem mais feliz nesta Terra, se você me permitisse mordê-la novamente.

Ele rolou, deixando-a sob ele novamente.

— E agora, eu gostaria de lhe agradecer por sua generosa oferta. — Começou a se mover dentro dela, empurrando para trás e para frente.

Lilo ofegou.

— Mas você mal...



—... Gozou? Sim, mas tenho seu sangue dentro de mim e acho que isso está fazendo... — Sorriu e apontou para sua virilha. — É sua culpa por me pedir para mordê-la. Receio que uma mulher impertinente como você precisa de uma lição.

Ela riu.

— Como?

— Vamos discutir isso depois de seu próximo orgasmo.



Capítulo 37

— Lilo.

A voz de Blake estava perto de sua orelha. Ela abriu os olhos e sentou-se, encontrando Blake sentado na beirada da cama completamente vestido.

— Eu dormi?

Ele passou os dedos sobre sua bochecha e sorriu.

— Apenas alguns minutos. Você precisava. Eu tomei muito de seu sangue.

Na lembrança do que sentiu com isso, ela sentiu o calor aumentar em suas bochechas. Não havia nada na Terra que fosse comparável a mordida de um vampiro. Agora ela entendia porque Hannah procurou um vampiro para ser seu namorado. Era praticamente a certeza de uma vida sexual satisfeita.

— Isso é um rubor?—Ele murmurou em seu ouvido.

Ela ergueu o queixo.

— E se for?

— Então vou tomar isso como um elogio. E como um convite para fazê-lo novamente.

Uma batida na porta e o barulho da maçaneta da porta a fez girar a cabeça em direção a ela.

— Blake?—Era a voz de Wesley entrando pela porta.

— O que você quer? — Blake respondeu, levantando-se da cama.

— Por que a merda da porta está trancada? Abra, eu tenho que falar com você. É importante!

— Dê-me um minuto. — Blake deu um olhar de desculpas. —Desculpe querida. — Ele caminhou até a parede ao lado da cama e pressionou algo. Uma porta que parecia um painel se abriu. — É apenas um pequeno banheiro, mas você pode se vestir aqui, enquanto vejo o que Wes quer.

Atordoada, levantou-se e olhou para o pequeno espaço. — Você é cheio de surpresas.

Ele encolheu os ombros.

— A ideia foi de Rose. Ela cresceu no período da Regência e eles tinham passagens secretas que levavam a quartos escondidos o tempo todo. Ela imaginou que seria bom ter um lugar para me refrescar quando eu dormisse aqui de vez em quando.

— O que está levando tanto tempo?—Wes resmungou fora da porta e bateu contra ela mais uma vez.

Blake fez uma careta.

— É melhor eu falar com ele antes que ele abra de qualquer forma. — Ele fez uma pausa. — Oh e saia quando estiver pronta. Não tenho intenção de escondê-la no armário.

Ela pegou suas roupas do chão e se esgueirou para o banheiro, fechando a porta. Levou apenas alguns minutos para se limpar e se vestir. Lilo nunca foi alguém que passava um longo tempo se preparando. Além disso, estava curiosa sobre as notícias importantes de Wesley.

Quando abriu a porta e deu um passo para o escritório de Blake, ele e Wesley estavam curvados sobre a mesa com um grande livro velho aberto diante deles. Wes olhou para cima e a viu. Não pareceu se surpreender ao vê-la. Pelo canto do olho, viu que a cama estava de volta no interior da parede e esse fato a fez relaxar.

— Ei, Lilo.

— Oi, Wesley. Alguma novidade?

— Grandes.

— Vamos. —Blake encorajou-o. — Você estava dizendo...

— Quando cheguei à cabana onde eu o persegui, o homem do nada se materializou. Sabia que ele não era um vampiro, mas com certeza era algo sobrenatural, apenas simplesmente não posso dizer o que. Ele me disse para destruir as drogas porque senão elas cairiam nas mãos dos demônios. Você pode imaginar como atordoado fiquei, mas não tive tempo para interrogá-lo porquê de repente, aquela pedra se moveu justo na frente dele e ele desapareceu.

— Que pedra?

— Uma pedra maciça. E isso... —Ele apontou para algo no livro. —... Estava esculpido nela. Estou lhe dizendo que era um portal. Algum tipo de sistema de transporte. Aqui, Francine escreve sobre isso, também.

Curiosa, Lilo se juntou a eles na mesa, movendo-se ao lado de Blake. Ele deu espaço para que ela pudesse olhar para o livro, colocando simultaneamente um braço ao redor da cintura dela.

O livro parecia ser uma publicação da época de Gutenberg. Impresso em uma página que tinha *Stealth Guardians* escrito no cabeçalho e havia o desenho de uma adaga.

— Stealth Guardians¹⁵? O que é isso? —Ela perguntou.

Wes olhou para ela. — Isso é o que estamos tentando descobrir. Nunca encontramos nada parecido antes.

— Acha que tem algo a ver com Ronny e seus amigos?

— Não. — Blake respondeu com firmeza. — Se ele tivesse uma aliança com Norwood e seus homens não teriam dito a Wesley para destruir a droga. —Ele olhou para Wes. — Você tem certeza que ouviu direito?

— Posso não ter sensibilidade auditiva de um vampiro, mas não sou surdo, cara.

Lilo olhou para ele, surpresa e confusa.

— Mas por que você não tem sensibilidade auditiva de um vampiro? Nem todos os vampiros a tem?

¹⁵ Algo como Guardiões Sigilosos, Guardiões do Sigilo ou Guardiões Secretos, no original.

Wes riu.

— Oh, sim eles têm. Mas eu não sou um vampiro.

— Você não é? Mas pensei...

Wes olhou para Blake. — Você não disse? Pensei que você tivesse segredos com ela.

Blake puxou-a para mais perto dele. — Não tenho. Mas ainda tenho muito para explicar a Lilo e temo que não esteja no topo da minha lista de prioridades.

— Acho que vou ter que lembrar isso na próxima vez que quiser um favor.

— Então o que você é? — Lilo interrompeu muito curiosa para esperar mais um segundo.

— Eu sou um bruxo, claro. — Havia orgulho em sua voz. — Um dos melhores.

Ela não tinha palavras. Mas era realmente assim tão improvável? Se vampiros existiam, porque não bruxos, lobisomens e gárgulas? Por que não demônios e anjos?

— Um bruxo. — Ela murmurou para si mesma, depois deu de ombros. — Ainda tem mais novidade?

— Bem, um pouco mais de espanto teria sido bom. — Wes disse secamente. — Talvez eu esteja pedindo muito.

— Eu não quis dizer que...

Blake a apertou mais perto. — Não o agrade, Lilo. Wes está apenas buscando elogios. — Então ele virou o queixo na direção de Wesley. — Eu não tenho certeza do que você quer

fazer com esta informação Wes, mas não acho que isso irá nos ajudar a resgatar Hannah.

— Eu sei disso. Mas os caras, esses *Stealth Guardians*, têm poderes que não temos. Eles podem se tornar invisíveis e atravessar paredes.

Na revelação de Wesley, seu queixo caiu.

— Eu pensei. — Wes continuou. — Considerando que ele parecia estar do nosso lado sobre as drogas, que poderíamos torná-los nossos aliados. Com seus poderes...

— Como poderia encontrá-los?—Blake balançou a cabeça. —Não temos tempo ou recursos para gastar com isso agora.

— Mas isso pode nos ajudar.

— Pode ser, mas e se isso não acontecer? Não sabemos quem são esses guardiões. Não sabemos o que fazem ou se são amigáveis com os vampiros. Você foi o único que o viu e você é um bruxo. E se eles não forem tão pacíficos com os vampiros? —Blake balançou a cabeça novamente. — Com Hannah ainda nas mãos de Norwood, não vou correr o risco de uma distração ou acidentalmente iniciar uma guerra com uma espécie sobre a qual não sabemos nada.

— Eu não preciso de qualquer segurança. Posso fazer isso por mim mesmo. Não tiraria ninguém de seus deveres com a Scanguards para procurar os *Stealth Guardians*.

— Errado!—Blake enfiou o dedo indicador no peito de Wesley. —Você precisaria. E nós precisamos de você. Você é o

único que sabe como lançar um feitiço ou uma poção. E se não pudermos derrotar Norwood com armas convencionais? Nós precisamos de você, Wes. Eu preciso de você.

Por alguns segundos, Wes parecia em guerra consigo mesmo. Mas os argumentos de Blake tinham fundamento e junto com os elogios que Wes claramente apreciava, o fizeram concordar.

— Bem. Ficarei aqui. Mas uma vez que Hannah estiver segura, vou procurá-los.

Lentamente Blake assentiu.

— E vou apoiá-lo quando você for falar com Samson. Em última análise, ele terá que aprovar.

— Ele irá.

Sem uma batida, a porta se abriu e John apareceu.

— Hora do show. — Anunciou. — Ronny recebeu a ligação e nós não temos muito tempo. Querem que ele leve as drogas para Fort Mason em trinta minutos.

— Ele conseguiu garantias de que levarão Hannah para a reunião?

Blake a soltou, apressando-se a um armário e abrindo a porta. Dentro havia várias armas, facas e estacas.

John assentiu. — Ronny atuou como o namorado sofredor de forma muito convincente. Ele pediu para que eles a deixassem vê-la. Concordaram.

Blake agarrou várias armas e voltou para seu amigo.



— Então vamos. — Seu olhar se desviou para ela. —
Fique aqui.

— Por favor, me leve com você.

— Não, Lilo. Nós mal temos tempo suficiente para chegar lá. Não há tempo para programar as medidas de segurança para você. Fique perto do telefone. —Ele apontou para sua mesa. — Ligarei assim que souber de algo. Prometo.

Ele estava certo, claro. Ela sabia disso.

— Certo. Vou esperar.

Um sorriso rápido Blake se foi, seus amigos com ele. Agora, tudo o que podia fazer era esperar.



Capítulo 38

Eles estacionaram os carros e vans no final de um beco sem saída, rodeado por vegetação. Do outro lado havia um aterro coberto de árvores e arbustos que levavam para três grandes *piers*, um lugar de antigos armazéns que foram reformados e convertidos em um centro de arte e cultura, com exposições regulares, espaços de trabalho para os artistas e grandes eventos privados.

Blake e seus colegas desceram para o aterro, usando as árvores e arbustos como cobertura para obter uma visão geral dos armazéns e da área em volta. Além dos três grandes armazéns no cais, existia também um pequeno quartel do corpo de bombeiros logo abaixo da barragem. Mais cinco estruturas, cada uma quase tão grande quanto os armazéns, estavam em terra firme perto da água.

Blake deu a seus amigos o sinal para se espalharem. Ele trouxe um grande contingente de homens: para cada indivíduo que Norwood tinha, a Scanguards tinha três, muitos deles atiradores, que poderiam atingir um alvo a longa distância. No entanto, todos tinham que permanecer escondidos até que o inimigo se mostrasse.

John manteve-se ao lado dele, observando o ponto vermelho em seu telefone celular em movimento ao redor de um mapa.

— Ronny está entrando pela primeira porta.

Blake olhou para a distância.

— O que ele está dirigindo?

— Seu próprio carro. Nós achamos que Norwood não suspeitaria se tudo parecesse normal. Colocamos um rastreador no sapato de Ronny para se certificar de que podemos manter um olho se ele tiver que deixar o carro em algum lugar e continuar a pé.

— E as drogas?

— Ele nos disse que elas estão na forma líquida, por isso enchemos garrafas de plástico com água colorida.

— Enquanto eles não cheirarem, acho que ficará tudo bem.

— E pelo tempo que fizerem. — John acrescentou. — Já os teremos pelas bolas.

Blake ouviu um som crepitante sobre seu fone de ouvido. — Posições?

— Aqui é Wes. Minha equipe está na extremidade sul, prédios em frente B e C.

— Oliver aqui. Devemos estar no extremo norte do edifício A em cerca de sessenta segundos.

Houve uma pausa. — Amaury?

— Sim. Desculpe, tive que ajustar o volume. Meus rapazes e eu estamos estacionados atrás de algumas caixas na entrada da passarela entre os edifícios D e E. Nós temos uma boa visão para o estacionamento. Ronny está estacionando agora.

— Bom. John e eu estamos com vista para o Festival Pavilion e podemos ver a entrada para o Herbst Pavilion, também. —Várias sombras se aproximaram da parte de trás do local e lentamente, rastejaram passando pelos arbustos — Merda pode ver alguém se aproximando à leste. Alguém tem olhos sobre eles daí de baixo?

Ele trocou um olhar com John, indicando que eles tentariam pegá-los por trás caso ninguém estivesse mais perto.

As três figuras congelaram.

— Somos nós. —Samson disse de repente através do fone de ouvido. — Eu tenho Haven e Yvette comigo. Mande uma mensagem para você que nós chegamos.

Apenas então, Blake sentiu seu celular vibrar e olhou para ele. A mensagem de texto de Samson apareceu na tela.

— Apenas recebi agora. Que bom que você está aqui.

Por alguns minutos, todos permaneceram em silêncio. Blake olhou para o ponto que representava Ronny. — Amaury?—Perguntou ele através de seu microfone. — O que Ronny está fazendo?

— Esperando do lado do carro.

— Eles estão atrasados. — Disse Blake.

— Parece algo assim. — Disse John ao lado dele, franzindo a testa. — Não gosto disso.

— Sim, nem eu. — Trinta minutos não lhes deu qualquer tempo para se preparar. Eles tiveram que improvisar e Blake apenas podiam esperar que todos tomassem as decisões corretas quando fosse necessário.

— Ouvi alguma coisa. — Oliver disse de repente. — Acho que é um barco.

— Samson? Você vê algo de onde está? — Perguntou Blake.

— Definitivamente um barco se aproxima. Um pequeno barco a motor. — Samson confirmou.

— Quantas pessoas estão nele?

— Não tenho certeza. Um condutor. Mas pode haver mais escondidas no casco.

— Certo. Sharpshooters¹⁶ preparem-se! — Blake começou a emitir as suas ordens. — Todas as equipes, movam-se! — Ele apontou para John e eles desceram todo o caminho para o aterro até chegarem à área pavimentada. Comunicando-se por sinais agora, para não serem ouvidos pelos vampiros se aproximando, foram usando os prédios e carros estacionados para dar-lhes cobertura.

¹⁶ Franco atiradores. Atiradores de elite. Sniper.

Blake podia ouvir o motor da lancha desligando e sabia que o barco estava parando em algum lugar entre os edifícios A e B.

Um estrondo de repente o sacudiu.

— O que foi isso?—Ele sussurrou em seu microfone.

— Porra, não sei. —Amaury amaldiçoou.

— Vou entrar. —Blake rosnou.

— Espere!—Samson advertiu, mas Blake já estava correndo.

— Cubra-me!



Lilo andava de um lado para outro no escritório de Blake. Não havia nem mesmo uma janela para ajudá-la a distrair-se neste momento, algo que não notou até que Blake a deixou. A cada minuto, olhava para o relógio na parede. Havia, na verdade, três relógios. Um mostrava à hora atual, o segundo a contagem regressiva para o nascer do sol o terceiro para anoitecer. E quanto menos tempo tinha até amanhecer, mais nervosa ficava.

Ela desejava que alguém dissesse o que estava acontecendo. O grupo de Ronny levou Hannah com eles? O que estava acontecendo agora? Estavam todos seguros?

O toque do telefone de Blake a fez saltar. Ela correu e agarrou o receptor, com medo de que o toque fosse parar antes que pudesse chegar a ele.

— Blake?

— Lilo? Oh, graças a Deus, é você.

A voz feminina não poderia pertencer à pessoa que ela pensava. —Hannah?

— Sim Lilo, sou eu. Oh Deus! É terrível. Estou livre, mas Lilo, ele está mal. Blake está muito mal e alguns dos outros, estão mortos. Eu não sei o que fazer.

Um punho de ferro se prendeu ao redor de seu coração e apertou. —Blake? Ah não! Por favor, não! —Ela não podia passar por isso novamente. Quase o perdeu uma vez, não iria sobreviver a uma segunda vez.

— Ouça Lilo. Estou no carro de Blake. Ele está comigo. Nós estaremos na sede em um minuto. Mas não tenho força para levá-lo para dentro do prédio. Ele está muito ferido, não pode se mover por conta própria. Ajude-me!

— Estarei lá em baixo em um minuto. Por favor, Hannah, se apresse. Não posso perdê-lo.

Ela desligou o telefone e correu para a porta, abriu-a e correu para o elevador, apertando o botão várias vezes antes que as portas se abrissem. O caminho até o primeiro andar não poderia ter tomado mais do que quinze segundos, mas parecia uma eternidade. Tudo o que podia pensar era em Blake. Ele estava ferido. Precisava dela.

Oh Deus, o que aconteceu em Fort Mason? Que esses monstros fizeram com os homens de Scanguards? Quantos deles morreram? Um soluço subiu da boca do estômago até a garganta. Ela tentou forçá-lo para baixo. Blake precisava dela. Precisava permanecer forte.

Quando chegou ao primeiro andar, praticamente voou através do lobby, ignora o olhar interrogativo da mulher atrás da recepção.

Um guarda estava na porta de saída de vidro. Ele olhou para o crachá de visitante dela e balançou a cabeça enquanto passava correndo por ele e saía para a calçada. Procurou o Aston Martin de Blake, mas não podia vê-lo. Hannah não chegou ainda?

Por favor, por favor! Orou em silêncio. Não o deixe morrer.

— Lilo! Aqui!

Ela virou a cabeça para o lado e viu Hannah acenar da esquina. — Está aqui.

Lilo correu em direção à sua amiga.

— Hannah! — Nunca esteve mais aliviada ao ver a amiga. Hannah parecia exausta e desgastada, com círculos escuros sob seus olhos, seu cabelo vermelho uma confusão incontrolável e suas roupas amarrotadas.

Quando Lilo a alcançou, Hannah já estava correndo em direção ao carro, que estava estacionado no meio do quarteirão.



— Você parou em fila dupla! — Lilo falou lágrimas transborda em seus olhos. Como elas iriam levar Blake para dentro?

— Ajude-me, Lilo! — Hannah acenou para ela enquanto abria a porta do passageiro do carro de Blake. — Rápido. Ele não tem muito tempo.

Lilo correu para o carro e Hannah deu um passo para o lado, para que pudesse atender Blake. Lilo estendeu a mão e inclinou-se para o interior, mas ninguém estava sentado no banco do passageiro.

— Onde ele está?—Ela virou a cabeça para Hannah, mas já era tarde demais.

Sua amiga pressionou um pano em seu rosto. Lilo engasgou de surpresa e cheirou os vapores que emanam do pano: clorofórmio.

— Não! Socorro! — Mas ninguém ouviu os seus gritos abafados.

Lilo tentou lutar, mas toda a força escoou de seu corpo e caiu, a escuridão venceu.



Capítulo 39

Blake olhou para o ser humano que chegou no pequeno barco a motor e que calmamente andou para os braços dos vampiros esperando por ele. Com um marcador permanente alguém escreveu *Para a Scanguards* em sua camiseta branca.

— Eles enviaram um peão, porra! — Blake cuspiu fora, enquanto o homem continuava a olhar fixamente para a distância.

— Ele está drogado, assim como o outro cara. — Wesley confirmou. — Eles souberam que estávamos para chegar.

Blake chutou uma lata de lixo.

— Caralho! — Não importava o cuidado que tiveram, sempre souberam que havia uma chance de que Norwood e seus homens estivessem vigiando Ronny, embora não houvesse qualquer indicação disso. — Como vamos encontrar Hannah agora?

Vários de seus colegas grunhiram em desagrado e no meio de tudo isso, seu celular vibrou. Blake tirou-o do bolso e olhou para a tela.

Pressionando a tecla, ele disse.

— Thomas?

— Você pode falar?

— Sim, eles não vieram. Enviaram um humano drogado em seu lugar. Nenhum sinal de Hannah.

— Gostaria de poder dizer que estou surpreso, mas fui alertado de que cartão de acesso de Hannah foi fraudado para entrar na garagem.

— Você quer dizer que alguém levou seu cartão de acesso e conseguiu entrar na Scanguards? Como isso é possível? — Havia mais níveis de segurança do que apenas o cartão de acesso. — Eles teriam que ter sua impressão digital, também.

— Eu sei. É por isso que eu puxei o link de vídeo dos níveis acessados com o cartão de Hannah. Espere um pouco. — Parou por um segundo. — Obrigado Eddie. Blake, você não vai acreditar: Hannah entrou na garagem. É ela, sem dúvida. Foi para o nível do estacionamento principal e acessou o porão com a chave de emergência.

Isso não fazia sentido.

— Se ela escapou de alguma forma, então por que não foi para o escritório pessoal e relatou sua volta?

— Blake não penso que escapou. Há algo sobre ela... Eddie dê um zoom no rosto de novo... Não! Blake ela está drogada.

— Ah merda! Onde ela foi?

— Foi o que eu disse. Levou uma das chaves e passou ao nível B2. Eddie vá para a gravação de nível B2... Ali, ela sai do elevador, direto para os carros. Ah não.

— O que? — Blake gritou no telefone.

— Ela pegou seu carro. Vamos ver...

O que ela planejava fazer com seu carro?

— Ela saiu com ele. Eu não sei para onde, mas o levou da garagem cerca de vinte minutos atrás.

— Isso não faz sentido. Por que Norwood iria fazê-la roubar meu carro? Devem saber que podemos rastreá-lo com seu chip localizador. Algo não está certo.

— Vou passar por todas as filmagens de novo para ver se falta alguma coisa ou se deixou alguém entrar, mas até agora não vejo nada.

— Blake! — Ronny repente gritou, segurando o celular no ar. — É Norwood. Ele quer falar com você.

— Fique na linha, Thomas. — Blake ordenou e levou o telefone de Ronny com a outra mão, já latindo para ele. — Norwood, seu merdinha! O que você está fazendo?

— Isso é maneira de cumprimentar o homem que está na posse da sua coisa mais preciosa? — Norwood disse.

— Eu sei que você drogou Hannah. — Ele começou, mas Norwood cortou.

— Mas não estou falando de Hannah. Falo de Lilo.

O coração de Blake parou.

— Uma mulher bonita essa sua. Um pouco mole agora, mas... — Norwood continuou. — Ela acordará logo.

— Você realmente acha que vou acreditar que a tem? — Ele apertou o botão de mudo, depois passou para seu próprio telefone celular. — Thomas, corra para meu escritório e verifique Lilo. Agora!

— No caminho.

Ele desativou o mudo do telefone de Ronny e concentrou-se nas palavras de Norwood, aguarda ainda a resposta no seu próprio telefone celular.

— Gostaria de trocá-la por Ronny e as drogas. E desta vez, sem jogos. — Norwood avisou.

Enquanto isso, a voz de Thomas veio através de outro telefone. — Ela se foi, Blake. Desapareceu.

As presas de Blake desceram e suas mãos se transformaram em garras.

— Cortarei sua garganta quando encontrá-lo!

— Tantas ameaças vazias. — Norwood disse friamente. — Acho que acredita em mim agora. Então, vamos ver o quanto ela vale para você.



Blake bateu com o punho na parede de seu escritório, deixando um buraco na parede de aço. — Como isso pode

acontecer? — Ele falhou com Lilo, não a manteve segura. Estava nas mãos de um louco.

— Por que não vi isso acontecer?

John ficou em silêncio ao lado de Ronny, que parecia ter sido esmagado por este revés.

Wes colocou a mão em seu ombro, mas Blake a tirou.

— Ninguém viu isso chegando. Eles devem ter drogado Hannah para que de alguma forma ela enganasse Lilo. O guarda disse que Lilo foi correndo para fora da porta, mas não viu para onde estava indo.

Blake assentiu para si mesmo.

— Lilo é inteligente. Ela não teria caído nisto se Hannah não fosse convincente.

— Talvez fosse por isso que Hannah roubou seu carro. — Wes meditou. — E se ela precisava dele para convencer Lilo que *você* a enviou?

Por um momento, contemplou a questão.

— De qualquer maneira eles a convenceram e agora precisamos descobrir para onde a levaram. Rapidamente.

— Nós já encontramos seu carro. Mande uma equipe para lá, mas tenho certeza que apenas o esvaziaram. Hannah sabe que o carro é equipado com um rastreador GPS. Ela teria o abandonado assim que não fosse mais necessário. — Disse John.

Blake se voltou para Wes.

— Você pode usar vidência para Lilo?

— Com o que? Já foi difícil encontrar algo com o DNA de Hannah em seu apartamento. E o pouco que encontrei não me deu uma leitura sobre ela. É ainda mais difícil com Lilo. Então, a menos que você tenha um frasco de seu sangue, temo que estejam sem sorte. Alguns fios de cabelo não serão fortes o suficiente para fazer o trabalho com o cristal. —Wes encolheu os ombros.

Ronny de repente levantou a cabeça.

— Você disse que com sangue pode localizar alguém?

— Sim, posso.

— Talvez possa encontrar Norwood ou um de seus associados. A droga que está no humano da lancha possui sangue de um deles.

Wes aproximou-se dele.

— O que quer dizer?

— Mas você não pode usar vidência com os vampiros, não funciona. —Blake interrompeu. —Não estava no interrogatório de Ronny. Ele já nos disse sobre o sangue dos outros vampiros.

Wes levantou a mão.

— Deixe-me ouvi-lo. Como isso é feito?

— Bem, eu dou-lhes a droga crua, mas se ela não for individualizada, não irá funcionar a longa distância. Nós também podemos usar controle da mente. Então, se o vampiro quiser controlar ser humano a uma longa distância,

garantir que ninguém mais possa controlá-lo, precisa misturar um pouco de seu próprio sangue na droga. Como uma ligação, por assim dizer. Assim, o humano irá responder ao seu mestre, e somente a ele. —Ronny olhou para Wes, para verificar se entendeu.

— Entendi. — Wes parou e começou a andar. — Hmm. Como um pombo-correio. Inteligente. — Uma faísca apareceu em seus olhos. — Acho que tenho uma ideia.

Coração de Blake bateu mais rápido.

— Que tipo de ideia? Por favor, me diga que sabe como encontrá-los.

Wes assentiu.

— Acho que sim, mas vou precisar da ajuda de Ronny no laboratório. Onde está seu livro de receitas? Eu não o encontrei na cabana.

— Livro de receitas?

— A fórmula para a droga.

Ronny bateu com o dedo na testa.

— Esse é o único lugar que é seguro por causa de Norwood. É por isso que ainda estou vivo.

Wes assentiu.

— Bom. Blake mande esse humano drogado desta noite para mim. Pode haver uma maneira de utilizar a ligação com seu mestre. Se eu puder isolar o sangue do vampiro da droga e alterar um pouco a composição, acho que consigo uma maneira de transformá-lo em um dispositivo de rastreamento.



O peito de Blake se encheu de esperança.

— Wes, se puder fazer isso e encontrá-los, que ficarei devendo a você um grande favor.

— E desta vez vou lucrar com todos os favores que você me deve.

Blake encontrou o olhar de Wesley e assentiu. Para ter Lilo de volta, ele faria que fosse necessário.



Capítulo 40

Lilo se sentia grogue, seus membros estavam rígidos e sua cabeça doía. Ela estava saindo do transe, alguém a sacudia com ambas as mãos em seus ombros. Com dificuldade, conseguiu abrir os olhos. Na primeira tentativa, teve dificuldade para se concentrar.

— Lilo! Oh Deus, Lilo!

A voz a trouxe de volta à realidade. Em um instante, se lembrou de tudo. Seus olhos se abriram rapidamente.

Era Hannah que a sacudia para acordar. Lilo sentou na cama desconfortável.

— Hannah?

— O que eles fizeram com você? Como te pegaram? Que você está fazendo em São Francisco? — As perguntas saíram da boca de Hannah. Ela parecia perturbada, à beira das lágrimas. E ao mesmo tempo, estava diferente de como era antes. Mais animada e real.

— Você não sabe, não é?—Perguntou Lilo, agarra as mãos de Hannah e aperta-as.

— Sabe o que?

— Hannah, você me ligou na Scanguards e disse-me para descer porque Blake estava ferido. Disse que estava morrendo e que precisava da minha ajuda.

Ela balançou a cabeça.

— Lilo, eu estive aqui, presa por não sei quantos dias.

— Querida, eles a drogaram. Os homens que pegaram você fizeram uma armadilha para mim e eu marchei direto para ela.

Lágrimas subiram aos olhos de Hannah. — Oh não, Lilo! Sinto muito!

Lilo jogou os braços ao redor de sua amiga e a puxou para um abraço. — Não se desculpe. Se eu estivesse lá para você quando precisou de mim, isso não teria acontecido.

Hannah soluçou. Lilo segurou-a pelos ombros e relaxou para olhar para ela.

— Não chore. Por favor. Estou aqui agora.

— Você não deveria ter vindo para São Francisco. Agora nós duas estamos em apuros e a culpa é minha. Devia ter escutado Ronny e saído com ele.

— Ronny nos contou tudo.

— Você viu Ronny?—Seus olhos se arregalaram. — Quando?

— Blake e seus homens o capturaram.

Hannah bateu a mão sobre a boca. — Oh meu Deus!—
Então Hannah deu-lhe um olhar cauteloso. — Quanto você sabe?

Lilo suspirou. — Tudo. Ou quase tudo. Eu sei sobre a Scanguards, sobre os vampiros, a droga que Ronny está produzindo para Norwood e o perigo em que todos estão.

Hannah balançou a cabeça.

— Sinto muito, arrastei você para isso. Eu nunca quis que você tivesse que lidar com tudo.

— Nós não podemos mudar isso agora. Eu não a culpo querida, sabe disso, não é?

— Oh Lilo, não mereço você.

Lilo passou a mão pelo cabelo ruivo de Hannah.

— Blake virá.

Hannah forçou um sorriso.

— Ele é um bom homem. —Ela fungou. — Como você descobriu sobre Norwood e a Scanguards?

— Eu fui ao seu apartamento e Norwood me atacou.

— Meu Deus! Ele a machucou?

Ela balançou a cabeça.

— Blake apareceu na hora certa. Ele me salvou e Norwood fugiu. Mas estava procurando por algo. Acho que era o pendrive que você escondeu.

Hannah suspirou de alívio.

— Você achou! Esperava que alguém o fizesse. Estava com medo de Norwood me matar, então disse a ele que tinha provas que mostravam o que estava fazendo e que tinha a fórmula para a droga. Estava ciente que queria a fórmula para se livrar de Ronny então informei que se me matassem, as autoridades iria encontrá-lo.

— Mas não havia nada diferente sobre a gravação de Norwood e Ronny se transformando em vampiros. Você não pode sequer saber o que eles estão falando porque não há áudio. E nós não encontramos a fórmula para a droga também.

Hannah piscou.

— Porque não tenho nada disso. Mas Norwood não sabe.

— Eu ainda não entendo. Você não poderia saber que seria sequestrada quando escondeu o pendrive.

— Você está certa. Mas depois que acidentalmente gravei Ronny e Norwood discutindo e de Ronny me dizer que queria sair do que Norwood estava fazendo, tive uma sensação estranha. E aí escondi o pendrive. Achei que, se alguma coisa acontecesse comigo, pelo menos alguém saberia por onde começar. A Scanguards saberia.

— Mas você não sabia que Norwood iria para seu apartamento, tentando encontrar as provas que você disse que tinha? E se ele tivesse a encontrado antes de nós?

Hannah balançou a cabeça. — Eu disse à Norwood porque queria que fosse ao meu apartamento. Esperava que nesse tempo, a Scanguards percebesse que eu estava sumida

e estivesse vigiando meu apartamento. Estava contando que Norwood fosse lá e que a Scanguards o pegasse.

— Você estava certa. Mas Norwood foi capaz de escapar.
—Ela suspirou. — Blake está preocupado com você.

— Ele é um bom amigo.

— Ele me contou como se conheceram.

Hannah abaixou as pálpebras.

— Você provavelmente acha que sou impulsiva e irresponsável, mas mesmo quando Blake me disse que era um vampiro, não podia simplesmente deixá-lo morrer.

Lilo sorriu. Ela esteve em uma situação similar. E não tinha coração para isso também.

— Obrigada por salvá-lo porque se não tivesse feito isso, eu nunca o teria encontrado.

A boca de Hannah abriu.

— Você está falando sério?—Ela balançou a cabeça. — Você e Blake? Quando? Quer dizer, eu não entendo. Você não é a impulsiva. Esta sou eu. Você é tão... Tão razoável... E vê tudo através disso.

— Às vezes as coisas simplesmente acontecem. E não há nada que eu possa fazer sobre isso. Os nossos captores de alguma forma descobriram sobre mim e Blake e usaram isso contra mim. Quando você me ligou para dizer que Blake foi gravemente ferido, nem sequer parei para pensar. Apenas agi. Você estava com seu carro. Não tinha razão para acreditar

que você não estava dizendo a verdade. Estava com tanto medo de perdê-lo, Hannah.

— Mesmo agora o pensamento aperta seu coração.

— Ele virá para nós. — Disse Hannah, sua voz mais forte agora. — Mas agora que você está aqui, talvez possamos descobrir como fugir.

Pela primeira vez, Lilo deixou seus olhos vagarem ao redor sua prisão. Era uma sala grande, com teto alto, paredes de concreto nuas e um par de janelas no alto. Ambas pintadas de preto. Reforços de aço, possivelmente uma adaptação de segurança contra terremoto. Atravessavam duas das paredes. Percebia-se que isto era um quarto em um armazém. Lilo bateu o dedo nos lábios.

— O que Morgan West faria em uma situação como esta? — Perguntou Hannah, colocando o braço ao redor de seu ombro.

— Eu não tenho certeza se Morgan West é inteligente o bastante para ser mais esperto que um grupo de vampiros. Teremos que apostar o nosso dinheiro em Blake e na Scanguards.



— Todos prontos?

Blake olhou para seus amigos. Eles estavam todos de pé em uma rua atrás de um caminhão de grande porte do bairro



de Potrero Hill, entre duas autoestradas localizadas na parte norte do distrito de empresas predominantemente formado por armazéns e atacadistas. Mais acima na colina ao sul, a área estava enquadrada por um bairro residencial.

A ideia de Wesley de usar o sangue dentro do humano de Fort Mason deu certo com um encantamento. O ser humano levou-os a um grande armazém em Potrero Hill como se fosse um pombo-correio. Neste momento um funcionário da Scanguards o escoltava de volta à sede onde seria interrogado, ou melhor, onde eles limpariam sua memória enquanto Blake e seus homens se preparavam para a missão de resgate.

Graças a seus contatos na cidade, Thomas enviou o projeto do armazém a um computador em uma das vans em que eles chegaram. Mas o que realmente ajudou na elaboração das estratégias para a abordagem foi o sangue de Lilo.

Blake respirou fundo. Como mordeu Lilo apenas algumas horas atrás, seu sangue ainda era forte dentro dele. Logo que chegaram a uma quadra do armazém e saíram da van, ele a cheirou e foi capaz de identificar em qual edifício ela estava sendo mantida.

Blake olhou para seus amigos, que estavam colocando seus óculos. Eles não eram para visão noturna, os vampiros não precisam disso. Em vez disso, funcionavam como dispositivos de imagem térmica. Blake colocou nos ombros uma corda com um gancho na sua extremidade, bem como



alguns equipamentos de escalada. Em sua mochila tinha várias estacas, pistolas de pequeno calibre e munição suficiente para matar meio exército. Não deixaria nada ao acaso.

— Vocês sabem o que fazer. — Disse e virou as costas para seus companheiros.

— Tem certeza que quer fazer isso sozinho?— Perguntou John.

Blake olhou por cima do ombro. — Tenho. Se formos com armas em punho, eles terão tempo suficiente para matar Lilo e Hannah. Esperem pela minha mensagem texto.

Sem esperar pela resposta de John, Blake virou na próxima rua e caminhou em volta do quarteirão até chegar à rua atrás do armazém em que Norwood e seus comparsas estavam escondidos. Ele sabia que não tinha muito tempo. Em menos de uma hora o sol subiria e qualquer tentativa de resgate teria que ser adiada.

Foi fácil encontrar o edifício que estava diretamente atrás do armazém. O prédio tinha dois andares de altura, enquanto que o armazém tinha três níveis.

Blake avaliou o edifício de ambos os lados. Nenhuma escada de incêndio. Ele teria que fazer da maneira mais difícil. Blake levantou a corda de seu ombro e ficou pronto. Felizmente, era uma das muitas coisas que foram ensinadas durante seu treinamento na Scanguards há muitos anos: como lançar uma corda sobre um telhado e prendê-la na borda para subir.



Não foi tão fácil como parecia em todos os filmes de ação, mas em sua segunda tentativa, o gancho de quatro pontas encontrou apoio. Ele puxou a corda para se certificar de que estivesse presa e subiu. Sua força de vampiro fez a escalada fácil. Uma vez no telhado, se desprende da corda e cruzou a superfície plana até chegar à borda. Não havia janelas neste lado do edifício de tijolos vermelhos, mas havia uma lacuna de cerca de dois metros. Seria fácil saltar se os edifícios fossem da mesma altura, mas nem mesmo ele poderia saltar os cinco metros para o telhado do armazém.

Ele fez com que a corda fosse adequadamente enrolada, antes de se virar novamente, enganchando na borda do telhado do galpão como se estivesse laçando uma ovelha. Desta vez, ele conseguiu na primeira tentativa. Mais uma vez puxou a corda para se certificar de estivesse presa.

Passou parte da corda ao redor de sua mão direita, segurando um pouco mais alto com a esquerda e retrocedeu um pouco. Ele correu e saltou para parede de tijolo vermelho. Quando as solas dos seus pés bateram na parede, dobrou os joelhos, absorvendo o impacto e se firmou.

Blake respirou e ouviu. Alguém ouviu o baque contra a parede? Ele esperou mais alguns segundos, mas não ouviu nada em resposta, então subiu na corda e atingiu o telhado. Nem mesmo parando para descansar, enrolou a corda e atravessou o telhado, tomando cuidado para não pisar forte, com medo de que os ocupantes fossem ouvi-lo.



Quando chegou à borda, inalou profundamente, deixando o cheiro permear seu corpo. Lilo estava em algum lugar abaixo dele. Ele se deitou no chão e foi para frente, olhando para baixo. Havia várias janelas ao longo desta parede, uma a cerca de seis a oito metros abaixo dele. Arrastou para trás e levantou-se, pegando sua mochila para recuperar seus óculos de imagem térmica, colocando-os imediatamente. Em seguida, amarrou a corda a uma antiga chaminé a alguns metros de distância.

Blake amarrou a corda ao redor de sua cintura, dando comprimento suficiente para alcançar a janela e desceu sobre a lateral. Ele agarrou a corda com força e lançou mais e mais da mesma, até seus pés tocarem o parapeito da janela. Olhou pela janela, mas estava pintada de preto. Coisa que felizmente, não era um obstáculo para seus óculos.

Dentro do lugar, percebeu dois corpos, embora não pudesse dizer se eram vampiros ou humanos porque a assinatura de calor de qualquer espécie era a mesma. No entanto, o cheiro de Lilo era forte ali, vazando através da janela de vidros simples. Blake fez uma avaliação rápida da janela e seu mecanismo. Estava travada no meio, destinada a ser aberta na parte superior e inclinada para dentro, em vez de para fora. Um pouco inconveniente para entrar através de um espaço tão apertado, mas não totalmente impossível. Ele se preocuparia com isso depois que conseguisse abri-la.

Blake pegou uma faca em um de seus muitos bolsos e a colocou no vão entre a moldura da janela e a parede deslizando-a para a trava no meio. Quando sentiu o bloqueio,

balançou a faca até que ouviu um clique e manteve a faca no local. Verificando que a corda estava segura, soltou com uma mão estendeu a outra para a janela, empurrando seu corpo para dentro lenta e silenciosamente, até inclinar-se em um ângulo de quarenta e cinco graus nas dobradiças de fundo.

Tirou os óculos e enganchou-os em seu cinto. Estava escuro no quarto, mas mesmo sem sua visão noturna, saberia o que estava dentro: o cheiro de Lilo era mais forte aqui.

— Lilo. — Ele sussurrou.

Ele ouviu alguém se mover, então observou Lilo e Hannah aparecerem em seu campo de visão, olhando para a janela.

— Blake!—Disse Lilo.

— Shhhh. — Alertou e colocou seu dedo sobre os lábios fazendo sinal para que Lilo e Hannah se aproximarem. Tirou a mochila e passou através da abertura, antes de deixá-la cair nas mãos de Lilo.

Verificando a abertura da janela, mais uma vez segurou se na janela se equilibrou na borda, liberando a corda. Uma vez que estava sem a segurança da corda, caiu dentro do lugar, segurando a estrutura de metal da janela que estava ancorada à parede interior. Ele flexionou os joelhos e balançou as pernas na abertura, movendo seu corpo para frente no meio da sala, onde caiu. O impacto foi forte, mas ele se levantou instantaneamente.

Imediatamente, ouviu sons de dentro do armazém, mas ninguém parecia tê-lo ouvido.

Lilo e Hannah correram para ele. Lilo colocou os braços ao redor dele, a segura por um breve momento.

— Você está viva. — Ele deu um beijo em seu cabelo e estendeu a mão para o ombro de Hannah e apertou.

— Nós não temos muito tempo. — Ele murmurou.

Lilo levantou os olhos para a janela.

— Como é que chegaremos lá em cima?

— Nós não vamos. — Disse e pegou sua mochila abrindo. Blake puxou duas armas de dentro e entregou uma a Lilo e outra para Hannah. — Vocês já dispararam uma arma antes?

Lilo assentiu. Ela participou da academia de polícia várias vezes para ajudá-la escrever ficção de crime realista.

Hannah balançou a cabeça que não, então ele rapidamente mostrou-lhe como lidar com a arma.

Satisfeito, Blake alcançou a mochila novamente e puxou uma corrente de prata pesada. Mesmo através das luvas de couro com duas camadas espessas, ele podia sentir a prata, embora não o queimasse. Colocou-a no chão e pegou seu telefone celular, enviando uma mensagem de texto pré-digitada para John.

Olhando para Lilo e Hannah, disse.

— Ouçam com atenção. Em poucos minutos Norwood e seu pessoal entrará aqui e tentarão usá-las como escudo.

Quero que vocês corram para o canto da sala. —Ele apontou para o canto que, uma vez que a porta fosse aberta, seria o ponto cego da pessoa que entrava. — Mantenham suas armas prontas. Apenas atirem se um deles vier para cima de você se eu não puder tirá-lo. Compreenderam?

Ambas assentiram. Então Blake pegou a corrente do chão e caminhou em direção à porta. Próximo a ele, viu vigas de aço cruzando a parede. Perfeito.

Ele subiu até o meio da parede com a corrente nas mãos, pronto para atacar.

De repente, sua audição vampira pegou os sons da comoção no andar de baixo. Scanguards chutou a porta. Norwood e seus homens estavam finalmente conscientes de que foram emboscados.

Momento depois ouviu passos se aproximando, uma chave girou na fechadura e a porta se abriu. Um vampiro entrou correndo.

Blake deu um salto e enrolou a corrente de prata em seu pescoço. O vampiro soltou um grito abafado, alto o suficiente para alertar seus companheiros e tentou arrancar a corrente de seu pescoço. Mas Blake já estava amarrando a corrente e envolvendo ao redor do seu pescoço uma segunda vez, antes de chutá-lo na parte de trás para empurrá-lo para o chão. O vampiro lutava, chuta, grita. Ele virou a cabeça e mostrou suas presas, dando assim a Blake uma boa visão. Não era Norwood, mas um de seus companheiros. Ronny foi capaz de dar à Scanguards a maioria dos nomes dos homens de

Norwood e vários deles estavam no banco de dados. O vampiro atualmente amarrado no chão era um deles.

Blake ouviu o barulho lá embaixo. Gritos. Grunhidos. Baque alto. Seus colegas eram duros no trabalho. Ele olhou para Lilo e Hannah. Ambas saíram do canto.

— Fiquem aqui. — Ele ordenou para as mulheres e fez sinal para o vampiro no chão. — Ele não pode ficar livre.

Os olhos de Lilo de repente se arregalaram e ela levantou a arma, apontando-a na direção de Blake. — Nããão!—Ela gritou e puxou o gatilho.

Blake se lançou para o lado e rolou, levantando um segundo mais tarde, mas Lilo continuava atirando— não no local onde estava agora, mas onde ele esteve. Blake olhou por cima do ombro.

— Ah, merda!

Lilo estava esvaziando seu clipe em um vampiro que agora estava caído no chão, com uma estaca rolando para fora da sua mão. Norwood. O sangue escorria das múltiplas feridas. Finalmente, um tiro atingiu-o na cabeça e em poucos segundos, Norwood se desintegrou em pó, a bala de prata em seu cérebro o comeu vivo.

Blake levantou-se e correu para Lilo, tirando a arma vazia de suas mãos trêmulas e puxando-a em seus braços. Ela salvou sua vida uma segunda vez.

Mas não tinha tempo para agradecer, porque outro som vindo da porta o fez girar ao redor rapidamente, empurrando

Lilo para trás dele e arranca a arma das mãos de Hannah, visando à entrada do vampiro.

— Mantenha a calma. — Disse John.

Blake soltou um suspiro e baixou a arma.

— Temos quatro. Vocês?

Blake apontou para o vampiro amarrado, que estava gemendo de dor.

— Dois. Este e Norwood. —Ele inclinou a cabeça para onde o monte de pó estava.

— Então nós temos todos eles.

— Alguém machucado? — Perguntou Blake.

John sorriu e balançou a cabeça.

— Esses amadores não eram páreo para nós. Muito fácil.

Blake se voltou para Lilo e Hannah.

— Acabou. Vamos para casa.

Lilo voou em seus braços e ele estendeu um braço para puxar Hannah para o abraço.

— Eu não sei como lhe agradecer. —Hannah murmurou.

— Não me agradeça. Agradeça a Lilo. Fez todo o trabalho duro.

Lilo levantou a cabeça de seu peito.

— Eu estava com medo.



— Mas você fez de qualquer maneira. Isso é o que significa ser valente.

E nunca conheceu uma mulher mais corajosa do que Lilo.



Capítulo 41

Blake lançou um olhar por cima do ombro para ver onde Lilo estava conversando com Hannah e Delilah. A casa de Samson estava cheia até o teto com funcionários da Scanguards e suas famílias, todos celebram o resgate bem-sucedido de Lilo e Hannah a eliminação da equipe de Norwood.

— E eu fui enviado em patrulha enquanto tudo isso estava acontecia? — Grayson se queixou, quando John acabou de relatar os acontecimentos.

Blake se virou para seu protegido, embora considerando a idade de Grayson, ele realmente deveria abandonar suas funções no que se referia ao segundo filho cabeça quente de Samson. — Você queria sua própria patrulha. Ganhou isso.

— Sim, uma patrulha onde nada aconteceu. Diga-me a verdade: meu pai me atribuiu a um bairro mais seguro, não foi?

Blake levantou as mãos.

— Eu não tenho nada a ver com sua atribuição. — E ele não iria comprometer Samson ou Quinn — que lidavam com o cronograma de patrulha.

Grayson bufou.

— Você é uma grande ajuda. —Ele se virou e caminhou para longe.

Blake trocou um olhar com John, que simplesmente encolheu os ombros.

— Ainda tem muito a aprender.

— Ele é louco se acha que vou deixá-lo participar de uma missão para salvar a minha.... a vida de Lilo.

John assentiu com a cabeça e o sorriso no seu rosto de repente desapareceu.

— Você teve sorte desta vez. Nem todo mundo tem esse tipo de sorte.

Blake abaixou a cabeça, balançando-a.

— Eu sei disso. Gostaria que você tivesse uma sorte melhor. —Ele não tinha que perguntar se John ainda pensava em sua companheira vinculada por sangue todos os dias.

— Com licença. Tenho que falar com Amaury. — Disse John, em uma clara tentativa de escapar da conversa.

Blake não o impediu. Se ele perdesse a mulher que amava, não gostaria de falar sobre isso também. A única razão de Blake saber sobre a perda de John, era porque Cain informou a equipe de gestão da Scanguards sobre a tragédia no momento da transferência de John, há quatro anos.

De repente sozinho, de pé no meio da multidão, Blake procurou Lilo.

Mas antes que a encontrasse, Wesley e Samson vieram em sua direção. Samson acenou para ele e apontou o polegar para Wes. — Wes disse que você está apoiando-o nessa ideia ridícula de ir atrás desses *Stealth Guardians*, dos quais nós realmente não sabemos nada.

Blake assentiu. Ele fez um acordo com Wes e manteria a sua parte no trato.

— Se alguém pode encontrá-los e provavelmente forjar uma aliança, esse é Wes. Acredito nele. Precisamos fazer isso.

Samson olhou entre ele e Wes e fez uma careta. —Então vocês decidiram ir à mesma direção neste momento. Bem, acho que não tenho escolha. —Ele se dirigiu a Wesley diretamente. — Quero que você tome todas as precauções possíveis quando for tentar isso. Não quero perdê-lo.

Wes sorriu triunfante. — Não irá. Não posso esperar para contar a Haven.

— Contar-me o que? — A voz profunda de Haven veio do lado.

Quando Wes arrastou seu irmão para outro canto da sala, Samson se aproximou.

— Estou muito orgulhoso de você. —Samson elogiou. — A ameaça foi contida e estamos seguros novamente.

— Por enquanto. —Blake admitiu. — O que faremos com Ronny?

— Uma decisão difícil. Dois membros sobreviventes do grupo de Norwood estão a caminho da prisão em Grass

Valley, e ficarão fora por muitos anos. Luther irá certificar-se disso.

Luther, que era ligado a Katie, a irmã de Wesley, esteve uma vez preso na mesma instalação de segurança máxima. Depois de solto, ele invadiu a prisão para seguir uma pista sobre um sequestro e o conselho decidiu contratá-lo para melhorar a segurança prisional. Ele agora dividia seu tempo entre a penitenciária e a Scanguards.

— Mas Ronny é um caso diferente. — Samson continuou. — Ainda não decidi o que fazer com ele. Ele mostrou remorso e nos ajudou no final e, no entanto, também é o único que sabe a fórmula da droga e como produzi-la. A mesma coisa poderia acontecer novamente.

— É uma decisão difícil. Felizmente, não sou eu quem precisa fazer isso. — Blake respondeu.

— Sim, as vantagens de ser o chefe.

— Não gostaria de estar no seu lugar. — Blake fez uma pausa, apontando em direção a Hannah, que no momento estava conversando com Roxanne. — Ou no de Hannah. Ela visitou Ronny na prisão na noite passada.

— Ela vai se reconciliar com ele?

— Eu não perguntei.

Samson assentiu. — Bem, mesmo que isso aconteça, não vai influenciar minha decisão. Seja ela qual for, no final. Temos que pensar no bem comum. Essa é a nossa missão.

— Sim, muitas pessoas dependem de nós.

— Não vamos desapontá-los. — Disse Samson e sorriu, antes de se virar e se afastar.

Finalmente ele estava livre para se juntar a Lilo novamente. Mal a viu desde que chegaram à festa duas horas mais cedo. Quando finalmente a avistou, ela estava encurralada por Nicholas e Adam, ambos falando animadamente. Zane e Portia, que retornaram de Nova Orleans no mesmo dia, olhavam com sorrisos em seus rostos.

Blake caminhou para Lilo e colocou o braço ao redor de sua cintura, inclinando-se para levar a cabeça ao lado da dela.

— Estes arruaceiros estão incomodando?

Ela virou a cabeça para ele, sorrindo. — Eles estão apenas só...

— Olha o que Lilo nos deu!—Adam interrompeu sua voz cheia de admiração. Ele ergueu um livro que Blake reconheceu. Era um romance do caçador de recompensas Morgan West.

— Então? — Encolhe o ombro, surpreso por Adam estar tão animado com um livro. — Quer dizer, eu o leio. É ótimo, mas não sabia que você gostava de livros. Se eu soubesse...

— Mas Lilo autografou esse! — Adam abriu a capa dura, na página de título e apontou para ela. — Veja! *Para Adam e Nicholas, muito amor, Maxim Holt.*

Blake olhou para a página. Por que Lilo autografaria um livro por Maxim Holt? Virou-a em seus braços.

— Você é Maxim Holt? — Ela riu, com um brilho nos olhos. — Por que não me contou?

— Todos nós temos segredos.

— Touché. — Blake balançou a cabeça. — E eu estava me sentindo mal por elogiar a escrita de Maxim Holt na sua frente. Você deve ter dado boas risadas às minhas custas.

— Eu tenho certeza que você irá superar isso.

Atrás deles, Nicholas interrompeu.

— Quando vai escrever o próximo?

Ela se virou para olhar para o adolescente.

— Tão logo eu possa voltar ao trabalho.

As palavras se afundaram nele. Lilo tinha responsabilidades, uma carreira próspera, adoração dos fãs. E queria voltar ao trabalho. Isso significava que queria voltar para Nebraska? Ou seria capaz de convencê-la a ficar? Nada foi decidido ainda. E apesar da química entre eles dentro e fora da cama, Lilo não disse nenhuma vez o que precisava ouvir. Ele confessou seu amor por ela, horas antes que fosse levada, mas ela não fez o mesmo.

Será que não estava pronta?

Capítulo 42

Lilo apagou a luz do banheiro entrou no quarto de Blake, vestida apenas com uma camisola fina. Seus olhos caíram sobre a cama, onde Blake já estava esperando por ela, sentado com a cabeça e os ombros descansando contra a cabeceira. Seu peito estava nu e sabia que não estava usando nada por baixo dos lençóis, já que ele sempre esteve nu nos poucos dias em que passaram juntos depois do resgate dela e de Hannah.

Todos os dias com Blake pareciam melhor do que o último. Mas Lilo também sabia que nem ela nem Blake tinham levantado o assunto do que aconteceria agora, como se estivessem com tanto medo de falar sobre isso para não destruir o que tinham. Este certamente era o caso dela.

Lentamente seu olhar foi até seu rosto. Seus olhos eram como brasas, já cintilando como ouro, o vampiro dentro dele despertando. Ela agora podia dizer sempre que ele estava perto de mostrar seu lado sobrenatural, porque tinha o visto fazer a mudança muitas vezes. Uma semana atrás, estava assustada com isso, mas agora acolhia. Não, ansiava por ele. E assim como desejava seus beijos, ansiava por sua mordida. Entendia a atração agora, porque sentia fisicamente. Sentia o poder que tinha sobre ela, um poder que poderia desencadear



com um simples olhar ardente, um toque casual ou um sussurro. Este tipo de poder a teria assustado não muito tempo atrás, mas isso não acontecia mais, porque sabia que exercia o mesmo poder sobre ele.

Seu amante vampiro satisfazia cada desejo seu, antes que fosse capaz de pronunciá-lo. Sempre que eles faziam amor, sentia seu desejo por ela. Mas havia uma coisa que não disse desde a noite que foi levada. Ele não disse as palavras que proferiu tão livremente antes de fazer amor em seu escritório. Será que se arrependia de ter confessado que estava apaixonado? E se foi apenas uma sensação temporária e percebeu que não era amor depois de tudo, mas apenas luxúria?

— Você não vem para cama?

Sua voz sedutora pairou, ela se aproximou. Ele levantou o edredom, revelando uma perna nua e escorregou ao lado dele. Imediatamente, puxou-a para seu colo, fazendo-a sentar-se sobre ele.

— Há algo errado? — Ele perguntou, roçando os dedos ao longo de sua bochecha, antes de deslizá-los em seu cabelo.

Ela forçou um sorriso.

— Não. Apenas pensando que estou hospedada em sua casa por uma semana agora e talvez seja a hora... — Ela hesitou, sem saber como abordar o assunto.

Blake assentiu. — Sim, acho que é hora. — Ele deu um beijo em seus lábios. — É hora de conversarmos.



Seu coração batia de forma irregular, mas ela precisava dizer o que estava em sua mente.

— Na noite em que foi capturado, você disse que me amava. Mas não disse isso mais.

Ele procurou seus olhos.

— Você quer que eu diga novamente?

Lilo fechou os olhos. Ela não esperava essa pergunta.

Blake colocou os dedos sob o queixo para fazê-la encontrar seus olhos.

— Você não me disse de volta. Então percebi que precisava te dar mais tempo para tudo se assentar. Você é humana e precisa de mais tempo do que eu. As emoções em um vampiro são amplificadas. Quando nos apaixonamos, isso pode acontecer tão rapidamente que às vezes assusta os humanos e os preocupam. —Ele suspirou. — Quando revelou na festa que você era Maxim Holt, percebi uma coisa: você tem outra vida inteira longe de tudo isso. Percebi que não tenho o direito de levá-la para longe de sua antiga vida. Não quero pressioná-la e foi por isso que não me declarei novamente. Tudo o que posso esperar, é que se apaixone por mim com o tempo.

Seu coração saltou.

— Isso significa...

— Que eu a amo?—Ele sorriu. — Mais do que eu pensei ser capaz de amar alguém. Isso me assustou no início, mas então percebi que o meu coração estaria seguro com você. E

quando a levaram sabia que não iria sobreviver se a perdesse. O que eu sinto é real e não irá desaparecer.

Ela suspirou de alívio.

— Oh Blake!—Ela jogou os braços ao redor dele e enterrou o rosto na curva do seu pescoço.

— Talvez agora fosse um bom momento para você me dizer que me ama também. — Disse ele em seu ouvido.

Lilo levantou a cabeça e olhou para ele.

— Eu amo você, Blake.

Ele esfregou o polegar debaixo de seu olho.

— Não há necessidade de chorar por isso, bebê. Tenho certeza que poderia ter feito pior do que eu. Eu não sou uma má escolha.

Ela riu através das lágrimas.

— Lilo, há algo mais.

Ela estremeceu um pouco, o olhando de volta.

— Não fique tão assustada. É algo bom. Ou pelo menos espero que você ache que é bom.

Ele virou-se para o criado-mudo, abriu a gaveta e pegou algo de dentro. Quando a mão se levantou, estava segurando uma pequena caixa de veludo preto.

Era um sonho? Ela ofegou.

— Espere. — Ele advertiu, rindo. — Você tem que me deixar chegar a isso primeiro. — Abriu a caixa, revelando um solitário com uma pedra redonda bonita em seu meio. — Eu



liguei para todos os joalheiros na Califórnia para encontrar um diamante da cor dos seus olhos. Finalmente encontrei um, mas nem mesmo este diamante azul é tão brilhante quanto os seus olhos quando você olha para mim. Eu quero que sempre olhe para mim assim.

Ela desviou o olhar para longe do anel e encontrou seus olhos.

—Blake, eu não sei o que dizer.

— Diga sim, que quer se tornar minha esposa.

— Sim. — Ela ofegou, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Blake removeu o anel da caixa e colocou-o no seu dedo, jogando a caixa de lado. Então, puxou-a para ele e beijou seus lábios suavemente e de forma breve. Descansando sua testa contra a dela, disse. — Eu não estou pronto ainda. Há outra questão.

Sua mente imediatamente voltou para sua conversa com Delilah e Nina. Ela sabia o que estava na mente de Blake.

— A resposta a essa pergunta é sim.

Ele moveu a cabeça para trás, olhando para ela.

— Como você pode saber o que quero perguntar?

Ela sorriu e passou os dedos por seus cabelos.

— Toda vez que você afunda seus dentes em mim, eu o sinto. Além disso, seus amigos me disseram o suficiente para saber o que um vampiro que pede uma mulher para casar com ele, realmente anseia.



— E isso não assusta você?

— Eu amo sua mordida.

— Mas a ligação é mais do que apenas uma mordida. Você vai tomar o meu sangue, também. E depois há a ligação telepática.

— Ligação telepática? — Nem Delilah nem Nina mencionaram nada sobre isso.

— Sim, uma maneira para o casal vinculado se comunicar sem palavras.

Ela sorriu.

— Todo casal apaixonado não se comunica sem palavras?

Ele riu.

— Oh, eu tenho certeza que alguns deles o fazem. Mas esta comunicação é diferente. É como ouvir os pensamentos da outra pessoa. Você não seria capaz de esconder muito de mim em relação a tudo. Nem eu de você. Nós não teríamos quaisquer segredos um do outro.

Lilo se inclinou para ele.

— Eu gostaria disso.

— Uma ligação é para sempre. Apenas a morte vai cortá-la.

Ela beijou ao longo de seu queixo até a sua orelha e em seguida, para baixo de seu pescoço.

— Para sempre soa bem.

— Eu não serei capaz de tolerar sangue engarrafado por mais tempo. Terá que deixar que eu me alimente de você todos os dias.

Ela moveu-se para o outro lado do pescoço, deixando beijos ao longo de sua veia pulsante.

— Apenas se você fizer amor comigo todos os dias.

Um gemido saiu de seus lábios.

— Não tenho nenhum problema com isso. Mas precisamos de um anticoncepcional por um tempo.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele.

— Por quê?

— Eu não serei mais estéril quando você completar seu primeiro ciclo menstrual após a ligação. E tanto quanto gostaria de sentir sua barriga crescer com meu filho, quero ter você para mim por um tempo antes.

Suas palavras fizeram seu coração acelerar ainda mais.

— Você será um pai maravilhoso.

Ele riu e de repente se viu de costas com Blake sobre ela.

— Serei um marido e um amante ainda melhor. Que tal se começar agora?

— Estou aqui para isso. — Estendeu a mão entre as pernas dele. — E aparentemente, você também.

Ele puxou a camisola, empurrando mais para cima.

— Agora, posso rasgar essa coisa frágil em pedaços e comprar uma nova ou você pode levantar os braços e tirá-la. O que é que será, bebê?

Ela estremeceu com o pensamento de sua primeira sugestão e encontrou seus olhos, com os lábios entreabertos.



Blake estremeceu quando olhou para o rosto de Lilo, percebendo o que escolheu. O calor se espalhou em seu corpo e disparou em seu totalmente ereto pau.

— Você é uma garota impertinente, mas quem sou eu para negar-lhe algo? — Ele escolheu os dedos de sua mão direita para se transformar em garras. — Então você quer isso selvagem?

Seu peito arfava e seus mamilos duros pressionavam contra o tecido fino. Ela lambeu os lábios, fazendo-o gemer em resposta.

— Eu quero você, o homem e o vampiro. — Disse ela, se arqueando em direção a ele.

Em resposta, cortou a camisola, arrancando-a fora de seu corpo, enquanto corria suas garras contra sua pele suave. Quando estremeceu, a satisfação o encheu. Lilo seria seu par perfeito.

— Eu te amo, Lilo. — Murmurou contra seus lábios, e levou seu pau para as boas-vindas de sua boceta, antes que tomasse seus lábios e a beijasse.

Assim como nos dias e noites anteriores que passou com ela, encontrou seu ritmo e o ângulo perfeito para dar Lilo o prazer que ela desejava. Com cada impulso de sua ereção, o seu osso pélvico esfregava contra seu clitóris, provocando gemidos e suspiros dos lábios de Lilo. Gemidos que agora capturava com sua boca.

Ver o que podia dar a ela, o enchia de orgulho e esse sentimento fazia seu pau inchar ainda mais e suas bolas começarem a queimar com a necessidade de alívio. Mas hoje seria diferente das outras vezes que fizeram amor. Hoje eles realmente se uniriam e se tornariam um.

Respirando com dificuldade, ele soltou seus lábios e olhou para ela. Ele nunca se cansava do que via: uma mulher quase em êxtase. Quando seus olhos se encontraram, sorriu para ela e retardou seus golpes.

— É hora. — Ele murmurou e ela concordou.

Mais uma vez ele deixou seus dedos se transformarem em garras. Com um deles cortou seu ombro. O sangue escorreu dele.

— Beba Lilo. — Ele exigiu e abaixou-se para levar o ombro aos lábios dela.

Quando seus lábios tocaram sua pele e sua língua lambeu o sangue, estremeceu. Seus quadris começaram a bombear, movendo seu pau duro dentro dela.

— Mais!—Ele gritou.

Ela colocou a boca sobre a incisão e chupou.

— Oh Deus, sim. —Era isso o que faltava desde que a conheceu: tê-la bebendo seu sangue e levando-o para dentro dela, aceitando-o totalmente.

Empurrando em um ritmo constante, ele abaixou o rosto em seu pescoço. Suas presas já estavam estendidas e quando as esfregou contra sua pele, uma sacudida passou por ele.

Blake perfurou sua pele um segundo depois e dirigiu seus caninos afiados na carne de Lilo.

Ele sugou a veia gorda e deixou que o sangue rico corresse para baixo de sua garganta.

Tudo seria diferente a partir de agora. Ela era dele e ele era dela.

Sabia o que sentia agora. Sentia a aproximação de seu orgasmo como uma onda. Soltou seu controle e se entregou, culminando com ela. E mesmo quando bombeou sua semente e tremeu dentro dela, continuou tomando seu sangue.

Ele enviou seus pensamentos para ela. *Eu sou seu, Lilo, para sempre seu.*

Ela iria ouvi-lo em sua cabeça agora. Como se estivesse lá com ela, porque estava. Assim como podia senti-la agora, ela podia senti-lo.

Blake!

Ele ouviu seu nome ecoar em sua cabeça.

O que está acontecendo comigo?

Não tenha medo, bebê.



Ela se agarrou a ele, seus lábios ainda em seu ombro,
tomando dele.

Eu não tenho medo. Estou com você agora.

Irei mantê-la segura, para sempre. Ele prometeu.

Epílogo

Wesley subiu para a floresta até chegar à velha cabana que a Scanguards invadiu apenas uma semana antes. Quando a viu aparecer na escuridão, pode sentir que seu feitiço de bloqueio ainda estava no lugar. Ninguém entrou na casa, nem mesmo um animal.

Colocou sua mochila no chão, removendo o combustível que ele trouxe juntamente com uma caixa de fósforos. Não demoraria muito para destruir a casa e todos os sinais da fabricação de drogas ilegais que foram feitas ali.

Wesley abriu a porta e entrou. Um cheiro de cigarro cumprimentou-o e ficou mais forte quando chegou à cozinha. Este era o lugar onde iria começar o fogo. Olhando ao redor, reuniu alguns jornais velhos, uma tábua de madeira, alguns livros, e empilhou na mesa da cozinha. Lentamente, derramou o combustível sobre a pilha e jogou a lata vazia no chão. Ele puxou um palito da caixa e riscou nela. Uma pequena chama apareceu.

— Boa viagem. — Ele murmurou para si mesmo e jogou o fósforo na pilha.

A chama disparou instantaneamente, mas ele não esperou vê-la queimar. Virou-se e saiu da cabana. Do lado de

fora, recolheu os cristais que deixou em sua visita anterior e colocou a mochila sobre o ombro.

Ele esperou por mais alguns minutos, até que as chamas cresceram e tomaram conta da casa, quebrando as janelas e queimando através dos azulejos antigos e do telhado. Neste ponto foi preciso exercer controle sobre o incêndio, comandando-o a permanecer contido na casa. Ele entoou o feitiço e esperou que o fogo reagisse. E assim como ordenou, o fogo consumiu apenas a casa e não foi para as árvores ao redor. Não haveria um incêndio.

Wes exalou, satisfeito. A droga Höllenkraut foi destruída. Ele apenas podia esperar que ninguém jamais tentasse usar erva perigosa novamente.

Virando as costas para as brasas ardentes que restaram da velha cabana, foi na direção em que seguiu o estrangeiro uma semana antes. Graças às notas que encontrou em um dos livros de Francine, ele estava quase cem por cento certo, que perseguiu um *Stealth Guardian*, uma criatura sobrenatural que não apenas poderia tornar-se invisível, o que explicaria porque ele não foi capaz de vê-lo durante a perseguição, mas também passar através de objetos sólidos, como paredes e portas. Se a pesquisa de Francine fosse verdadeira, os *Stealth Guardians* eram uma raça benevolente que tinham como sua missão, proteger os seres humanos. Assim como a Scanguards, o que era motivo suficiente para estabelecer contato com eles e ver se poderiam ajudar uns aos outros.

Quem pensaria que um dia ele ficaria grato a Francine, a bruxa que quase o matou e seus irmãos há duas décadas? Após a morte merecida de Francine, ele teve a clarividência de apropriar-se de qualquer um dos seus bens relacionados com feitiçaria. Os livros e as ferramentas dela tornaram-se a base para sua busca na recuperação dos seus poderes. Uma busca que ele alcançou. Embora nunca pudesse perdoar verdadeiramente Francine, ele poderia apreciar sua pesquisa e sua dedicação ao ofício.

Não demorou muito até chegara cabana na qual o estrangeiro desapareceu. Tudo estava quieto. Ainda assim, ele entrou com cautela. O interior estava vazio. Wes puxou uma lanterna do bolso e a apontou para a pedra. No início não pode ver o punhal esculpido na pedra, mas quando mudou a luz, o reconheceu. Ele não imaginou.

Segundo o livro de Francine, o portal, funcionava como uma espécie de transportador era aberta apenas com o toque de um *Stealth Guardian*. No entanto, Wesley experimentou uma variedade de magias que poderia desbloquear todos os tipos de fechaduras e ele sabia exatamente o que está fechadura em particular queria. Ele próprio tinha que se tornar a chave. Era a única maneira de entrar. Mas estava preparado.

Cantando baixinho, Wes colocou-se em um transe, incidindo sobre o rosto do estranho que gravou em sua mente. Ele sentiu os músculos faciais se moverem, a pele mudar e esticar, as mãos abrindo e fechando, a mudança de sua respiração.

— Eu sou você. — Ele continuou seu mantra. — Eu sou você. Eu sou você.

Gentilmente colocou a mão sobre a escultura. Abaixo dela, sentiu o calor. Descobriu-a mais quente a cada segundo, mas não se atreveu a abrir os olhos, não se atreveu a distrair-se. Apenas pensou no estranho e que era como ele.

Algo de repente se deslocou sob a sua mão e um segundo depois, não sentiu nada. Ele abriu os olhos. A pedra foi embora.

Sem perder um momento, entrou no portal que se abriu diante dele e olhou ao redor para quaisquer botões ou sinais, qualquer coisa que pudesse lhe dizer como operar o portal e fechar a abertura.

Mas não havia nada. As paredes do lado de dentro da porta eram lisas, livre de recortes.

Como iria chegar a qualquer lugar agora? Foi como quando viajou com alguns de seus colegas de faculdade e acabou seu dinheiro, ficando preso. Onde foi? Sim, em algum lugar na costa leste.

De repente, a pedra se moveu e fechou a abertura. Ele foi arremessado para o ar, flutuando, perdendo o equilíbrio.

— Ah, merda!

Mas já era tarde demais agora. O portal estava em operação.

Ele apenas podia esperar que não acabasse no inferno.



Fim

Sobre a Autora

Tina Folsom nasceu na Alemanha e tem vivido em países de língua inglesa por mais de vinte anos. Os últimos treze, em São Francisco, onde está casada com um americano.

Tina sempre foi um pouco andarilha: depois de viver em Lausanne, na Suíça, brevemente trabalhou em um navio de cruzeiro no Mediterrâneo, em seguida, viveu um ano em Munique, antes de se mudar para Londres. Lá, tornou-se contadora.

Mas depois de oito anos, decidiu mudar-se para o exterior.

Em Nova York, estudou arte dramática na Academia Americana de Artes Dramáticas e logo se mudou para Los Angeles, um ano depois, para prosseguir os estudos em roteiros. E foi onde ela conheceu seu marido, que seguiu para São Francisco três meses após o primeiro encontro com ele.

Em São Francisco, Tina trabalhou como contadora fiscal e até abriu sua empresa própria, trabalhando no mercado imobiliário.

No entanto, ela sentia falta de escrever.

Em 2008, escreveu seu primeiro romance e nunca mais olhou para trás.



Ela sempre amou vampiros e decidiu que vampiros e romances paranormais eram a sua vocação.

Atualmente possui trinta romances em Inglês, e mais de duas dezenas em outros idiomas (espanhol, alemão e francês) e continua a escrever, bem como ter os seus romances traduzidos.

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).